

DIANE ACKERMAN

# O ZOOLOGICO DE VARSÓVIA

A HISTÓRIA REAL DO CASAL QUE SALVOU CENTENAS DE  
JUDEUS E ANIMAIS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

DIANE ACKERMAN

# O ZOOLOGICO DE VARSÓVIA

A HISTÓRIA REAL DO CASAL QUE SALVOU CENTENAS DE  
JUDEUS E ANIMAIS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Tradução  
Vera Ribeiro

 Harper  
Collins  
RIO DE JANEIRO, 2017



Título original: THE ZOOKEEPER'S WIFE: A WAR STORY

Copyright © 2007 by Diane Ackerman.  
Copyright da tradução © Casa dos Livros Editora LTDA.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua da Quitanda, 86, sala 218, Centro - 20091-005  
Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A166z

Ackerman, Diane  
Zoológico de Varsóvia / Diane Ackerman ; tradução Vera Ribeiro. -- 2. ed. -- Rio de Janeiro : HarperCollins, 2017.  
il.

Tradução de: The Zookeeper's wife: a war story  
ISBN: 9788595081031

1. Żabiński, Jan, 1897-1974. 2. Żabiński, Antonina, 1908-1971. 3. Holocausto judeu (1939-1945) - Polônia. 4. Guerra Mundial, 1939-1945. 5. Varsóvia (Polônia) - Relações étnicas. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

17-39844

CDD: 940.5318350943841  
CDU: 94(438.11)'1939/1945'

17/02/2017 20/02/2017

# Sumário

Dedicatória

Nota da autora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24  
Capítulo 25  
Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28  
Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32  
Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Detalhes  
Bibliografia  
Ficha técnica

*Para Antonina e sua família,  
humana e animal.*

## Nota da autora

Jan e Antonina Żabiński eram os encarregados cristãos do Jardim Zoológico de Varsóvia que, horrorizados com o racismo de Hitler, aproveitaram a obsessão dos nazistas com animais raros para salvar mais de trezentas pessoas condenadas. A história deles desapareceu por entre as frestas da “grande” História, como às vezes acontece com os atos de compaixão radical. Mas, na Polônia dos tempos de guerra, quando até entregar um copo d’água a um judeu sedento era punível com a morte, o heroísmo dos dois se destaca de forma ainda mais espantosa.

Ao contar sua história, apoiei-me em muitas fontes detalhadas na bibliografia, mas sobretudo nas lembranças (“baseadas em meu diário e minhas anotações soltas”) da “mulher do diretor do zoológico”, Antonina Żabińska, repletas do encanto sensual do zoo; nos seus livros infantis autobiográficos, como *Life at the Zoo*; nos livros e recordações de Jan Żabiński; e nas entrevistas concedidas por Antonina e Jan a jornais publicados em polonês, hebraico e iídiche. Ao dizer o que Antonina ou Jan *pensaram, se perguntaram* ou *sentiram*, sempre me remeto a seus escritos ou entrevistas. Também me baseei em fotografias de família (foi assim que fiquei sabendo que Jan usava o relógio em seu cabeludo pulso esquerdo e que Antonina tinha uma queda por vestidos de bolinhas); em conversas mantidas com Ryszard, o filho do casal, com várias pessoas do Jardim Zoológico de Varsóvia e com varsovianas que foram contemporâneas de Antonina e também trabalharam na Resistência; em escritos de Lutz Heck; em artefatos vistos em museus, como o dramático Museu do Levante de Varsóvia e o eloquente Museu do Holocausto, em Washington; nos arquivos do Museu Zoológico Estadual; nas memórias e cartas compiladas por um grupo secreto de arquivistas da época da guerra, que esconderam (em caixas e latões de leite) documentos que hoje residem no Instituto Histórico Judaico de Varsóvia; em depoimentos prestados a um programa singular de Israel, o Justo Entre as Nações, e ao esplêndido Projeto Shoah; e em cartas, diários, sermões, memórias, artigos e outros escritos de cidadãos do Gueto de Varsóvia. Estudei o modo como o nazismo esperava não apenas dominar nações e ideologias, mas alterar os ecossistemas do mundo, extinguindo espécies de plantas e animais (inclusive seres humanos) naturais de alguns países, ao mesmo tempo que empenhava enormes esforços em proteger outros animais e habitats ameaçados e até em ressuscitar espécies extintas, como a vaca selvagem e o bisão-da-floresta. Estudei atentamente guias sobre animais selvagens e plantas oriundas da Polônia (explorar o mundo natural polonês proporcionou um fluxo contínuo de pequenos assombros), guias dos costumes, da culinária e do folclore poloneses, e livros sobre drogas, cientistas, armas e outros temas nazistas. Deleitei-me estudando o hassidismo, a Cabala e o misticismo pagão do início do século XX, as raízes ocultistas do nazismo e algumas questões de ordem prática, como a história social e política polonesa e as cúpulas de abajures bálticos da época.

Também devo muito aos conhecimentos de minha inestimável assessora polonesa, Magda Day, que passou seus primeiros 26 anos de vida em Varsóvia, e de sua filha, Agata M. Okulicz-Kozaryn. Numa viagem à Polônia, colhi impressões na floresta de Białowieża e no próprio Jardim Zoológico de Varsóvia, onde passei o tempo circulando pelo antigo casarão e retracando os passos de Antonina nas ruas circundantes. Sou particularmente grata ao dr. Maciej Rembiszewski, atual diretor do Jardim Zoológico de Varsóvia, e a sua esposa, Ewa Zabonikowska, por sua generosidade de tempo e de espírito, e também à equipe do zoológico, por seu conhecimento, seus recursos e sua acolhida. Agradeço ainda a Elizabeth Butler pela ajuda incansável e sempre bem-humorada, e ao professor Robert Jan van Pelt por sua crítica criteriosa.

Cheguei a esta história, assim como a todos os meus livros, por um caminho muito pessoal: meus dois avós maternos vieram da Polônia. Fui intimamente influenciada pelos relatos da vida cotidiana polonesa feitos por meu avô, que cresceu em Letnia, um subúrbio de Przemyśl, e partiu antes da Segunda Guerra Mundial, e por minha mãe, que teve parentes e amigos vivendo escondidos ou nos

campos de concentração. Meu avô, que morava numa pequena fazenda, partilhou comigo histórias populares transmitidas ao longo de gerações.

Uma delas fala de um vilarejo com um pequeno circo cujo leão morrera subitamente. O diretor do circo perguntou a um judeu idoso e pobre se ele se disporia a fingir que era o leão, e o homem concordou, porque precisava do dinheiro. O diretor lhe disse: “Você só tem que usar a pele do leão e ficar sentado na jaula, e as pessoas acreditarão que você é um leão.” E assim fez o homem, resmungando com seus botões: “Que empregos estranhos já tive em minha vida!” Nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por um ruído. Ele se virou bem a tempo de ver outro leão entrar em sua jaula e fitá-lo com expressão faminta. Trêmulo, amedrontado e sem saber como se salvar, o homem fez a única coisa em que conseguiu pensar — entoou vociferantemente uma oração em hebraico. Mal havia enunciado as primeiras palavras desesperadas, *Shema Yisroel* (Ouve, ó Israel), quando o outro leão se juntou a ele, dizendo *adonai elohenu* (o Senhor nosso Deus), e os dois falsos leões concluíram juntos a oração. Eu não podia imaginar quão estranhamente relevante seria essa história popular para o presente relato histórico.



# Capítulo 1

VERÃO, 1935

Ao amanhecer, num bairro dos arredores de Varsóvia, a luz do sol inundava os troncos das tílias em flor e escalava as paredes brancas de um casarão de estuque e vidro da década de 1930, onde o diretor do zoológico e sua mulher dormiam numa cama entalhada em bétula branca, uma madeira clara que era usada em canoas, abaixadores de língua e cadeiras Windsor. À esquerda deles, duas janelas altas coroavam um parapeito tão largo que uma pessoa podia sentar-se, com um pequeno radiador embaixo dele. Tapetes orientais aqueciam o parquet, onde tiras de madeira juntavam-se, oblíquas como plumas repetidas, e uma poltrona de bétula completava um canto do quarto.

Quando uma brisa levantou a cortina de *voile* o bastante para que a luz granulosa se espalhasse sem lançar sombras, alguns objetos que mal se faziam visíveis começaram a ancorar Antonina no mundo sensorial. Logo, logo, os gibões começariam a berrar, e depois viria um pandemônio com o qual ninguém conseguiria dormir, nem um estudante atento, nem um recém-nascido. E, com certeza, não a mulher do diretor do zoo. Todas as tarefas domésticas de praxe a aguardavam dia após dia, e ela era habilidosa com a comida, o pincel ou a agulha. Mas também tinha no zoológico seus próprios problemas a resolver, problemas às vezes insólitos (como tranquilizar um filhote de hiena), que desafiavam sua formação escolar e seus dons naturais.

Seu marido, Jan Żabiński, em geral levantava mais cedo, vestia calças e camisa de mangas compridas e punha um relógio no cabeludo pulso esquerdo, antes de descer pé ante pé. Alto e esguio, de nariz forte, olhos escuros e ombros musculo-sos de trabalhador braçal, tinha o corpo meio parecido com o do pai dela, Antoni Erdman, um engenheiro ferroviário polonês que vivia em São Petersburgo e viajava a trabalho por toda a Rússia. Como Jan, o pai de Antonina tivera uma senhora força mental, o bastante para fazer com que ele e a mãe dela, Maria, fossem fuzilados como membros da *intelligentsia* nos primórdios da Revolução Russa de 1917, quando Antonina tinha apenas nove anos. E, tal como seu pai, Jan era uma espécie de engenheiro, embora as conexões que promovia fossem entre pessoas e animais, e também entre as pessoas e sua natureza animal.

Já meio calvo, com uma coroa de cabelos castanho-escuros, Jan precisava de um chapéu para evitar as queimaduras de sol no verão e o frio no inverno, e é por isso que, nas fotografias tiradas ao ar livre, em geral ele aparece com um chapéu “diplomata”, que lhe confere um ar de sóbria determinação. Algumas fotos em recinto fechado o captaram sentado à sua escrivaninha ou num estúdio de rádio, com o queixo tenso de concentração, parecendo um homem fácil de irritar. Mesmo quando estava escanhado, uma sombra escura de barba lhe cobria o rosto, especialmente na depressão entre o nariz e a boca. O lábio superior cheio, de borda bem desenhada, exibia os picos perfeitos que as mulheres costumam criar com delineador labial: uma boca em “arco de Cupido”; era seu único traço feminino.

Depois da morte dos pais de Antonina, sua avó a pusera na escola em horário integral, estudando piano no conservatório da cidade, e a menina também havia frequentado a escola em Tashkent, no Uzbequistão, formando-se aos quinze anos. Antes do fim do ano, as duas se haviam mudado para Varsóvia, e Antonina tivera aulas de línguas estrangeiras, desenho e pintura. Lecionara um pouco, fora aprovada num exame para o cargo de arquivista e trabalhara na Faculdade de Agricultura de

Varsóvia, onde tinha conhecido Jan, um zoólogo onze anos mais velho, que havia estudado desenho e pintura na Academia de Belas-Artes e compartilhava com ela a paixão por animais e arte animalista. Em 1929, quando o cargo de diretor do jardim zoológico ficara vago (o diretor fundador tinha morrido depois de dois anos), Jan e Antonina abocanharam a oportunidade de criar um novo zoo e passaram a vida entre os animais. Em 1931, os dois se casaram e se mudaram para o outro lado do rio, passando a residir em Praga, um distrito industrial rude, com sua própria gíria de rua e habitado pela comunidade mais pobre e inculta, porém situado a apenas quinze minutos de bonde do centro da cidade.

Em épocas anteriores, os zoológicos eram de propriedade particular e conferiam *status*. Qualquer um podia montar um armário de curiosidades, mas era preciso ter recursos e uma certa loucura para reunir o maior dos crocodilos, a tartaruga mais velha, o rinoceronte mais pesado e a águia mais rara. No século XVII, o rei Jan III Sobieski mantivera muitos animais exóticos na corte, e os nobres endinheirados às vezes abrigavam coleções de animais selvagens em suas propriedades, como sinal de riqueza.

Fazia anos que os cientistas poloneses sonhavam com um grande jardim zoológico na capital, capaz de rivalizar com qualquer outro da Europa, em especial os da Alemanha, cujos zoos majestosos eram famosos no mundo inteiro. As crianças polonesas também clamavam por um zoológico. A Europa gozava de uma herança de contos de fadas repletos de animais falantes — alguns quase reais, outros deliciosamente falsos —, que atiçavam as fantasias infantis e transportavam os adultos para seus locais prediletos da infância. Antonina ficava contente por seu zoológico oferecer um leque precioso de criaturas fabulosas, no qual as páginas dos livros ganhavam vida e as pessoas podiam conversar com animais ferozes. Poucas pessoas um dia veriam pinguins em estado selvagem, deslizando de barriga encosta abaixo, em direção ao mar, ou três porcos-espinhos nas Montanhas Rochosas canadenses, enroscados como gigantescas bolotas de pinheiro, e ela achava que encontrá-los no zoo dava aos visitantes uma visão mais ampla da natureza, personalizando-a e lhe conferindo hábitos e nomes. Ali vivia o *mundo selvagem*, aquele belo monstro feroz, enjaulado e tratado com amizade.

Toda manhã, ao chegar o alvorecer no zoológico, um estorninho soltava um *pot-pourri* de canções roubadas, cambaxirras distantes ensaiavam uns arpejos e os cucos piavam monotonamente, como relógios enguiçados na marcação da hora. De repente, os gibões começavam a gritar toques de alvorada tão malucos que os lobos e os cães de caça punham-se a uivar, as hienas, a regougar, os leões, a rugir, os corvos, a crocitar, os perus, a gorgolejar, o rinoceronte, a roncar, as raposas, a ganir, e os hipopótamos, a grunhir. Em seguida, os gibões passavam para duetos em que os machos acrescentavam guinchos suaves entre um grito e outro, enquanto as fêmeas soltavam sucessões de notas longas em seu “grande chamado”. O jardim zoológico abrigava diversos casais, e os de gibões entoavam à tirolesa canções formais completas, com abertura, coda, interlúdios, duetos e solos.

Antonina e Jan haviam aprendido a viver conforme o tempo sazonal, e não o mero tempo cronológico. Como a maioria dos seres humanos, eles se submetiam aos relógios, mas sua rotina nunca era propriamente rotineira, uma vez que se compunha de realidades compatíveis, uma sintonizada nos animais, a outra, nos seres humanos. Quando os horários se chocavam, Jan voltava tarde para casa e Antonina acordava no meio da noite, para ajudar no parto de animais como a girafa (sempre complicado, porque a mãe pare de pé, o filhote desce de cabeça e a mãe não quer ajuda nenhuma). Isso fatalmente trazia uma novidade a cada dia e, embora os problemas pudessem ser desgastantes, imprimiam na vida de Antonina pequenos e bem-vindos momentos de surpresa.

Uma porta de vidro no quarto dela abria-se para um amplo terraço no segundo andar, localizado nos fundos da casa e acessível pelos três quartos e por um estreito depósito que eles chamavam de sótão. De pé no terraço, Antonina podia observar os talos das sempre-vivas e avistar os lilases, plantados junto às seis janelas altas da sala de estar, para captar a brisa do rio e levar o aroma para dentro de casa. Nos dias amenos de primavera, os cones arroxeados dos lilases balançavam como incensórios e um aroma doce e entorpecente entrava a intervalos, deixando o nariz descansar um pouco entre esses chamados fragrantes. Empoleirada naquele terraço, aspirando o ar no nível dos ginkgos e das píceas, qualquer pessoa se tornava uma criatura das copas das árvores. Ao amanhecer, milhares de prismas orvalhados ornamentavam os juníperos enquanto os olhos corriam pelos galhos carregados de um carvalho e pela Casa dos Faisões, até serem desviados para a entrada principal do zoológico, a uns cinquenta metros dali, na rua Ratuszowa. Atravessando-a, entrava-se no parque Praski, como faziam muitos varsovianos nos dias quentes, quando as borlas cremosas e amarelas das tílias drogavam o ar com o aroma entorpecedor do mel e a rumba das abelhas.

Tradicionalmente, as tílias captam o espírito do verão — *lipa* significa tília, e *Lipiec* quer dizer julho. Antes sagradas para a deusa do amor, elas se tornaram o refúgio de Maria com a chegada do cristianismo e, nos santuários de beira de estrada sob as tílias, os viajantes ainda lhe fazem orações pedindo sorte. Em Varsóvia, as tílias dão vida a parques e cercam cemitérios e mercados; fileiras de tílias altas, com seus capacetes de folhas, ladeiam as avenidas. Reverenciadas como servas de Deus, as abelhas atraídas por elas fornecem hidromel e mel para a mesa, além de velas de cera para os ofícios religiosos, razão por que muitas igrejas plantavam tílias em seus pátios. A ligação entre as abelhas e a Igreja tornou-se tão forte que, em certa época, na virada do século XV, os aldeões de

Mazowsze aprovaram uma lei que condenava à morte os ladrões de mel e os que vandalizassem as colmeias.

Na época de Antonina, os poloneses tinham sentimentos menos violentos, mas continuavam zelosos com as abelhas, e Jan mantinha algumas colmeias na extremidade mais recuada do zoológico, aninhadas como cabanas tribais. As donas de casa usavam o mel para adoçar o café gelado, preparar o *krupnik*, vodca quente com mel, e assar o *piernik*, um bolo semiadocicado de mel e especiarias, ou os *pierniczki*, biscoitos também de mel e especiarias. Tomavam chá de tília para aliviar o resfriado ou acalmar os nervos. Nessa estação, toda vez que Antonina atravessava o parque, a caminho do ponto de bonde, da igreja ou do mercado, passava por corredores que exalavam uma intensa fragrância de flores de tília e cochichavam meias verdades — na gíria local, *lipa* também significava *mentirinha*.

Do outro lado do rio, a silhueta da Cidade Velha erguia-se das brumas do amanhecer como um punhado de frases escritas com tinta invisível — primeiro só os telhados, cujas telhas curvas de terracota se superpunham como asas de pombo, e depois um andar de casas geminadas em tons de verde-azulado, rosa, amarelo, vermelho, cobre e bege, que ladeavam as ruas calçadas de pedra que levavam à praça do Mercado. Na década de 1930, um mercado ao ar livre também servia ao distrito de Praga, perto da fábrica de vodca da rua Żąbkowska (Dente), projetada para se assemelhar a um castelo achatado. Mas ele não era tão festivo quanto o da Cidade Velha, onde dezenas de barraqueiros vendiam produtos agrícolas, artesanato e comida sob toldos amarelos e marrons, as vitrines das lojas exibiam o âmbar do Báltico e, por alguns *groschen*, um papagaio adestrado adivinhava a sorte do freguês, tirando-a de uma pequena caneca cheia de rolinhos de papel.

Logo depois da Cidade Velha ficava o grande bairro judeu, cheio de ruas tor-tuosas, mulheres de peruca e homens com cachos junto às costeletas, danças religiosas, uma mistura de dialetos e aromas, lojas minúsculas, sedas tingidas e prédios de telhado plano, nos quais as sacadas de ferro, pintadas de preto ou verde-musgo, erguiam-se umas acima das outras, como camarotes de teatro, repletos não de pessoas, mas de vasos de tomates e flores. Lá também se podia encontrar um tipo especial de *pierogi*, um *kreplach* grande e durinho de mastigar: bolinhos do tamanho de um punho, recheados com carne condimentada e guisada com cebola, antes de serem fervidos, assados e finalmente fritos, com esta última etapa deixando-os dourados e firmes como uma rosca.

Coração da cultura judaica do Leste Europeu, o bairro oferecia aos israelitas cinemas e teatros, jornais e revistas, artistas e editoras, movimentos políticos, esportes e clubes literários. Durante séculos, a Polônia havia concedido asilo a judeus que fugiam de perseguições na Inglaterra, na França, na Alemanha e na Espanha. Algumas moedas polonesas do século XII chegaram até a trazer inscrições em hebraico, e diz uma lenda que os judeus achavam a Polônia atraente porque o nome do país soava como o imperativo hebraico *po lin* (“descanse aqui”). No entanto, o antissemitismo ainda perpassava a Varsóvia do século XX, uma cidade de um milhão e trezentas mil pessoas, um terço das quais eram judias. Elas se instalavam sobretudo no bairro judeu, mas também moravam em zonas mais elegantes de toda a cidade, embora, em sua maioria, conservassem os trajes, a língua e a cultura que lhes eram característicos, algumas nem sequer falando polonês.

Numa típica manhã de verão, Antonina se debruçava sobre o parapeito largo da parede do terraço, onde as telhas cor de damasco, tão frias que acumulavam orvalho, umedeciam as mangas de seu roupão vermelho. Nem todos os urros, gemidos, zurros e roncões ao redor dela se originavam do lado de fora — alguns provinham das entranhas subterrâneas do casarão, outros de sua varanda, do terraço ou do sótão. Os Żabiński dividiam a casa com animais recém-nascidos que tinham ficado órfãos ou com animais doentes, e também com bichos de estimação, e a alimentação e educação dos hóspedes competia a Antonina, cujos pupilos animais clamavam por ser alimentados.

Nem mesmo a sala de estar do casarão era vedada aos animais. Com suas seis vidraças nos janelões altos, que poderiam ser facilmente confundidas com pinturas da paisagem, o salão comprido e estreito embotava as fronteiras entre o interior e o exterior. De um lado a outro do cômodo, uma grande estante de madeira exibia livros, revistas, ninhos, plumas, pequenos crânios, ovos, chifres e outros objetos, em suas muitas prateleiras. Um piano erguia-se sobre um tapete oriental, ao lado de algumas poltronas dispersas, meio quadradas e com almofadas de tecido vermelho. No canto mais quente, na outra extremidade, tijolos marrom-escuros enfeitavam uma lareira, e o crânio de um bisão, desbotado pelo sol, descansava sobre o console. Havia poltronas dispostas ao lado das janelas, onde a luz da tarde se derramava.

Um jornalista que visitou o casarão para entrevistar Jan ficou surpreso ao ver dois gatos entrarem na sala, o primeiro com um curativo na pata e o segundo com uma bandagem na cauda, seguidos por um papagaio que usava um cone metálico no pescoço e, mais atrás, um corvo manco, com uma asa quebrada. A casa era um alvoroço de animais, o que Jan explicava com simplicidade: “Não basta fazer pesquisas à distância. É convivendo com os animais que se aprende sobre seu comportamento e sua psicologia.” Nas rondas diárias que ele fazia de bicicleta pelo zoológico, um grande alce chamado Adam ia gingando logo atrás, como um companheiro inseparável.

Havia algo de alquímico em conviver tão intimamente com criaturas como filhotes de leão, de lobo, de macaco e de águia, enquanto os cheiros, os ruídos e as vozes dos bichos se misturavam com os odores do corpo humano e da cozinha, com a conversa e as risadas das pessoas, numa família mista de companheiros de toca. No começo, cada novo membro da família dormia ou comia segundo

seus horários anteriores, mas, aos poucos, os animais começavam a viver em sincronia, à medida que seus ritmos se tornavam mais próximos. Menos a respiração, e por isso, à noite, o ritmo sonolento do inspirar e bufar criava uma cantata zoológica difícil de transpor para uma pauta musical.

Antonina se identificava com os animais, fascinada com a maneira como seus sentidos testavam o mundo. Ela e Jan logo aprenderam a se mover devagar perto de predadores como os gatos selvagens, porque os olhos muito próximos lhes dão uma percepção exata em profundidade, e eles tendem a se agitar com movimentos rápidos, feitos a um ou dois pulos de distância. Animais habitualmente predados, como cavalos e cervos, gozam de uma visão panorâmica (para avistar os predadores que se aproximam de mansinho), mas entram em pânico com facilidade. A águia pintada manca, que estava presa no porão, era, essencialmente, um par de binóculos alados. Os filhotes de hiena eram capazes de detectar a aproximação de Antonina na completa escuridão. Outros animais sentiam-na aproximar-se, saboreavam seu cheiro, ouviam o mais leve farfalhar de seu roupão, sentiam o peso de suas passadas fazendo vibrar minimamente as tábuas do piso e detectavam até as partículas de poeira que ela deslocava no ar. Antonina invejava esse leque de sentidos antigos e apuradíssimos; um ser humano dotado desses talentos corriqueiros seria chamado de feiticeiro pelos ocidentais.

Antonina adorava sair momentaneamente de sua pele humana e espiar o mundo pelos olhos de cada animal, e muitas vezes escrevia a partir desse ponto de vista, no qual intuía as apreensões e o conhecimento deles, inclusive o que estariam vendo, sentindo, temendo, intuindo e recordando. Quando ela entrava no campo de percepção dos bichos, dava-se uma transmigração de sensibilidades e, tal como os filhotes de lince que ela criara com as próprias mãos, Antonina podia perscrutar um mundo de seres ruidosos e bamboleantes,

*...de pernas pequenas ou grandes, que andavam de chinelos macios ou sapatos sólidos, silenciosos ou barulhentos, com um cheiro leve de tecido ou um cheiro forte de graxa para calçados. Os chinelos macios de tecido moviam-se com calma e delicadeza, não batiam nos móveis e era seguro chegar perto deles (...) chamavam “ki-chi, ki-chi” [até] uma cabeça com um cabelo louro felpudo aparecer e um par de olhos atrás de grandes lentes de vidro se inclinar. (...) Não demorava muito para o bicho perceber que os chinelos macios de pano, a cabeça louca felpuda e a voz aguda eram todos um mesmo objeto.*

Mergulhando com frequência nessas escapadas de si mesma e alinhando seus sentidos com os deles, Antonina cuidava de seus tutelados com uma curiosidade afetuosa, e alguma coisa nessa sintonia os deixava à vontade. Sua insólita capacidade de acalmar animais incontrolláveis granjeou-lhe o respeito dos tratadores e do marido, que, mesmo acreditando que a ciência seria capaz de explicá-lo, achavam estranho e misterioso esse dom de Antonina. Jan, um cientista dedicado, atribuía a sua mulher as “ondas metafísicas” de uma empatia quase xamanística em matéria de animais: “Ela é tão sensível que quase consegue ler o pensamento deles. (...) *Transforma-se* neles. (...) Tem um dom preciso e muito especial, um jeito raro de observar e compreender os animais, um sexto sentido. (...) É assim desde que era pequena.”

Na cozinha, todas as manhãs, Antonina servia-se de uma xícara de chá preto e começava a esterilizar mamadeiras de bebê e bicos de borracha para os caçulas da família. Como enfermeira do zoo, ela tivera a sorte de adotar dois filhotes de lince de Białowieża, a única floresta primitiva que restava em toda a Europa, um ecossistema que os poloneses chamavam de *puszcza*, palavra evocadora de antigos bosques não corrompidos por mãos humanas.

Atravessada sobre o que hoje constitui a fronteira entre a Bielorrússia e a Polónia, Białowieża unia os dois países no nível das galhadas e dos mitos e, tradicionalmente, servira a ambos como uma famosa área de caça para reis e czares (que ali mantinham um requintado pavilhão de caça), região que, na época de Antonina, passara a ser do interesse de cientistas, políticos e caçadores ilegais. O maior animal terrestre da Europa, o bisão-europeu (ou “florestal”), travava combates em seus bosques, e seu declínio contribuiu para instigar o movimento conservacionista polonês. Como polonesa bilíngue, nascida na Rússia e que voltara à Polónia, Antonina sentia-se à vontade nesse istmo verde que ligava regimes diferentes, caminhando à sombra de árvores de meio milhão de anos, ali onde a floresta se fechava, íntima como um carrapato — um organismo frágil, inteiramente equipado, sem fronteiras visíveis. Acres prístinos de floresta virgem, declarados intocáveis, criavam um reino que os aviões sobrevoavam a milhas de altitude, para não assustar os animais nem macular a folhagem. Erguendo os olhos por entre os paraquedas abertos das copas das árvores, o visitante podia avistar um avião distante, inclinando-se como uma avezinha silenciosa.

Embora proibida por lei, a caça ainda existia e deixava órfãos de mãe alguns animais pequenos, os mais raros dos quais costumavam chegar ao jardim zoológico em engradados com os dizeres “animal vivo”. O zoo funcionava como um bote salva-vidas e, nos meses de abril, maio e junho, a temporada de parição de crias, Antonina ficava à espera de filhotes caprichosos e ranhetas, cada qual com sua dieta e seus costumes especiais. Em circunstâncias normais, o lobinho de um mês

seria cuidado pela mãe e por membros da família até os dois anos. O filhote de texugo, asseado e sociável, reagia bem às longas caminhadas e se alimentava de insetos e ervas. Os filhotes de javali listrado apreciavam devidamente todas as sobras da mesa. O filhote de veado-nobre era alimentado na mamadeira até meados do inverno e, com as pernas esparramadas, escorregava pelos assoalhos de madeira.

Os favoritos de Antonina eram Tofi e Tufa, os filhotes de lince com três semanas de nascidos que precisaram ser amamentados na mamadeira por seis meses e só se tornaram realmente independentes depois de cerca de um ano (e que, mesmo nessa idade, gostavam de passear de coleira e guia pela rua mais movimentada de Praga, deixando os transeuntes boquiabertos). Por restarem tão poucos lince selvagens na Europa, Jan fora pessoalmente a Białowieża buscar os filhotes, e Antonina se oferecera para criá-los dentro de casa. Quando o táxi de Jan chegou ao portão principal, numa noite de verão, um guarda correu para ajudá-lo a carregar um caixotinho de madeira que os dois levaram até o casarão, onde Antonina aguardava, ansiosa, com mamadeiras de vidro esterilizadas, bicos de borracha e leite morno. Quando eles levantaram a tampa, duas bolotas de pelo malhadas olharam com raiva para os rostos humanos, sibilaram e começaram a morder e arranhar qualquer mão que se aproximasse.

— As mãos humanas os assustam, com todos esses dedos em movimento — orientou Antonina, baixinho. — E nossas vozes altas, e a luz forte da lâmpada.

Os filhotes tremiam, “semimortos de medo”, escreveu ela em seu diário. Com delicadeza, ela segurou um dos dois pela nuca, frouxa e quente, e, ao levantá-lo da palha, o filhote ficou pendurado, molenga e quieto; Antonina pegou o outro.

— Eles gostam disso. A pele repuxada lembra os maxilares da mãe a carregá-los de um lugar para outro.

Quando ela os depôs no chão da sala de jantar, os dois chapinharam para lá e para cá, explorando a nova paisagem escorregadia por alguns minutos, e depois se esconderam embaixo de um armário, como se fosse uma projeção de pedra, enfurnando-se aos poucos nas frestas mais escuras que conseguiram encontrar.

Em 1932, seguindo a tradição católica polonesa, Antonina escolheu um nome de santo para seu próprio filho recém-nascido, Ryszard, ou Ryś, para abreviar — a palavra polonesa correspondente a lince. Embora não fizesse parte da brigada “quadrúpede, felpuda ou alada” do zoológico, seu filho ingressou na família como mais um filhote brincalhão, que balbuciava e se agarrava como um macaco, engatinhava como um urso e ficava mais branco no inverno e mais escuro no verão, feito os lobos. Um dos livros infantis de Antonina descreve três pequerruchos da família aprendendo a andar ao mesmo tempo: filho, leão e chimpanzé. Achando todos os jovens mamíferos adoráveis, do rinoceronte ao gambá, ela mesma reinava como uma mãe mamífera, protetora de muitos outros filhotes. Não era uma imagem extravagante numa cidade cujo símbolo antiquíssimo era metade mulher, metade animal: uma sereia brandindo uma espada. Como disse Antonina, o jardim zoológico transformou-se rapidamente em seu “reino verdejante de animais, na margem direita do rio Vístula” — um Éden ruidoso, ladeado pela silhueta urbana e pelo parque.

## Capítulo 2

— **É** preciso deter o Adolf — insistiu um dos tratadores. Jan sabia que ele não se referia a Hitler, mas a “Adolf, o Sequestrador”, apelido dado ao líder dos macacos *rhesus*, que vinha travando uma guerra com a fêmea mais velha, Marta, cujo filho ele tinha roubado e dado a sua companheira favorita, Nelly, que já tinha seu próprio bebê. — Isso não está certo. Cada mãe deve alimentar o seu bebê, e por que privar a Marta do filhote dela, só para dar dois à Nelly?

Os outros tratadores forneciam boletins sobre a saúde dos animais mais conhecidos do zoológico, como a girafa Rose, Mary, a cadela de caça africana, e Sahib, o potro do zoológico infantil, que andara se infiltrando no pasto com os ariscos cavalos Przywalski. Às vezes, os elefantes tinham herpes na tromba e, nas situações de cativeiro, é sabido que um retrovírus aviário ou uma doença como a tuberculose passam facilmente dos seres humanos para papagaios, elefantes, guepardos e outros animais, e depois voltam para os humanos — especialmente na era pré-antibióticos de Jan, quando uma infecção grave podia atacar brutalmente uma população, fosse ela humana ou animal. Isso significava chamar o veterinário do zoo, o dr. Lopatynski, que sempre chegava em sua motocicleta estrepitosa, usando jaqueta de couro e um boné grande, com orelheiras compridas e esvoaçantes, e com as bochechas avermelhadas pelo vento e o pincenê empoleirado no nariz.

O que mais se poderia discutir nas reuniões cotidianas? Numa antiga fotografia do zoológico, Jan aparece ao lado de um cercado semi-escavado para hipopótamos, parcialmente escorado por pesadas vigas de madeira em formato de costelas, do tipo usado para curvar os cascos dos navios. A vegetação ao fundo sugere que era verão, e toda a escavação teria que estar concluída antes de a terra endurecer, o que pode acontecer já desde outubro na Polônia, de modo que é provável que ele exigisse relatórios sobre o andamento dos trabalhos e atormentasse o mestre de obras. Os roubos eram outra fonte de preocupação e, como o comércio de animais exóticos florescia, havia guardas armados fazendo a patrulha, dia e noite.

A visão grandiosa que Jan tinha do jardim zoológico transparece em seus muitos livros e programas de rádio; ele esperava que um dia seu zoo pudesse criar a ilusão dos habitats naturais, nos quais inimigos naturais compartilhassem cercados sem conflito. Para essa miragem de trégua primitiva, era preciso recuperar muitos hectares de terra, cavar fossos interligados e instalar encanamentos hidráulicos de forma criativa. Jan planejava um zoológico inovador, de importância mundial, no coração da vida social e cultural de Varsóvia, e, a certa altura, chegou até a pensar em lhe acrescentar um parque de diversões.

As preocupações básicas dos jardins zoológicos, tanto antigos quanto modernos, incluem manter os animais saudáveis, mentalmente sãos, em segurança e, acima de tudo, contidos. Os zoológicos sempre enfrentaram fujões engenhosos, coriscos pernudos como as cabras-das-pedras, que são capazes de saltar sobre a cabeça de um homem e aterrissar num ressalto de pedra do tamanho de uma moedinha. Potentes e robustos, com suas costas arqueadas, esses pequenos antílopes nervosos pesam apenas uns vinte quilos, mas são ágeis e saltam na ponta dos cascos verticais como bailarinas na ponta dos pés. Basta assustá-los para que eles saiam pipocando em círculos pelo cercado e, possivelmente, pulem a cerca — e, como todos os antílopes, eles *saltam*. Diz a lenda que, em 1919, um birmanês inventou o equivalente humano mais próximo dos animais saltadores — uma vara de pular, a ser usada por sua filha, Pogo, para atravessar as poças d’água a caminho da escola.

Depois que a onça-pintada quase saltou por cima do fosso do atual Jardim Zoológico de Varsóvia, o dr. Rembiszewski mandou instalar uma cerca elétrica, do tipo que os fazendeiros usam para dar choques nos cervos e afastá-los de sua lavoura, só que feita sob encomenda e muito mais alta. Já havia cercas elétricas na época de Jan, e é bem possível que ele tenha levantado o preço de uma delas e discutido sua viabilidade, dada a disposição do cercado dos grandes felinos.

Todos os dias, depois do café da manhã, Antonina ia ao prédio do escritório do zoológico para aguardar os visitantes ilustres, porque, além de dirigir a casa e cuidar dos animais doentes, ela recebia os convidados eminentes da Polônia e do exterior, assim como a imprensa ou os representantes do governo. Servindo de guia, ela entretinha as pessoas com histórias e curiosidades tiradas de livros e das conversas com Jan, ou observadas em primeira mão. Enquanto caminhavam pelo zoo, os visitantes vislumbravam versões de charcos, desertos, bosques, campinas e estepes. Algumas áreas permaneciam à sombra, outras eram inundadas pela luz do sol, e as árvores, moitas e pedras estrategicamente dispostas protegiam dos ventos açoitadores do inverno, capazes de arrancar o telhado de um galpão.

Antonina começava pelo portão principal na rua Ratuszowa, de frente para uma avenida longa e reta, ladeada por cercados em que a primeira coisa a captar a atenção dos visitantes era um bamboleante lago cor-de-rosa — flamingos saltitantes, com seus joelhos vermelhos curvados para trás e a boca parecendo uma bolsinha preta de moedas. Não tão vívidos quanto os flamingos em estado selvagem, que ganham uma coloração rosa-coral por causa da ingestão de crustáceos, eles eram atraentes o bastante para serem os recepcionistas do zoológico, e cheios de espalhafatosos rosnados, grunhidos e grasnadas. Logo adiante ficavam as gaiolas de aves do mundo inteiro: barulhentos seres exóticos de plumagem colorida, como mainás, araras, marabús e grouns-coroados, e também aves nativas, como o minúsculo mocho-pigmeu e o enorme bufo-real, capaz de capturar um coelho com suas garras.

Pavões e pequenos cervos perambulavam livremente pelo zoológico, afastando-se quando as pessoas se aproximavam, como que empurrados por uma onda invisível. No alto de um morrinho relvado, uma fêmea de guepardo tomava sol, enquanto seus filhotes pintados saltitavam e lutavam ali por perto, ocasionalmente distraídos pelos cervos e pavões circulantes. Por mais tentadoras que essas presas soltas pudessem ser para os leões, hienas, lobos e outros predadores enjaulados, elas também mantinham aguçados os seus sentidos e acrescentavam a seu dia uma tensão carnal. Cisnes negros, pelicanos e outras aves aquáticas e pantaneiras fluviavam num lago em forma de dragão. À esquerda, cercados abertos revelavam um bisão-da-floresta pastando, antílopes, zebras, avestruzes, camelos e rinocerontes. À direita, os visitantes observavam tigres, leões e hipopótamos. Depois, seguindo a trilha de cascalho, eles faziam a volta, passando pelas girafas, répteis, elefantes, macacos, focas e ursos. O casarão ficava quase escondido entre as árvores, ao alcance dos pios que vinham dos aviários, pouco antes de se chegar aos macacos, à direita dos pinguins.

O habitat das estepes incluía cães selvagens africanos, canídeos agitados de pernas compridas, sempre a correr, abanando a cabeça larga e farejando tudo com desconfiança, enquanto giravam as orelhas grandes e espetadas. Seu nome científico, *Canis pictus* (cão pintado), sugere a beleza da pelagem, marcada ao acaso por manchas amarelas, pretas e vermelhas. Mas não sugere sua ferocidade nem sua resistência: eles são capazes de arrastar uma zebra em fuga ou perseguir um antílope por quilômetros. O jardim zoológico se gabava de ter os primeiros na Europa, o que era uma verdadeira preciosidade, ainda que os lavradores da África os vissem como uma peste perversa. Em Varsóvia, eles eram os pitorescos donos do espetáculo, não havendo dois com a pelagem igual, e sempre se juntava uma aglomeração diante deles. O zoológico também criou as primeiras zebras Grewyi, nativas da Abissínia, que a princípio têm um aspecto conhecido, até a pessoa se dar conta de que, ao contrário das zebras típicas, elas são mais altas e de riscas mais densas, com tiras estreitas que convergem verticalmente em torno do corpo e correm horizontalmente pelas pernas, descendo em riscas até os cascos.

E havia também Tuzinka, ainda coberta pela penugem dos filhotes, uma de apenas doze elefantes já nascidos em cativeiro. Daí seu nome, que vinha de *tuzin*, o termo polonês correspondente a “dúzia”. Antonina servira de parteira para Kasia quando ela dera à luz Tuzinka, às 3h30 de uma fria madrugada de abril. Em seu diário, ela descreveu Tuzinka como um embrulho gigantesco, o maior filhote de animal que ela já vira, com peso de 110 quilos, pouco mais de 90 centímetros de altura, olhos azuis, penugem preta, orelhas feito pétalas de amor-perfeito e um rabo que parecia comprido demais para o corpo — um recém-nascido trôpego e confuso, caindo no bazar sensorial da vida. Seus olhos azuis tinham piscado com a mesma surpresa que Antonina já vira nos olhos de outros animais recém-nascidos — aparvalhados, fascinados, mas intrigados com toda a luz e o barulho.

Para mamar, Tuzinka colocava-se embaixo da mãe, com os joelhos traseiros dobrados, levantando a boca macia. A expressão de seus olhos era um sinal de que não existia nada no mundo além do fluxo de leite morno e da tranquilizadora pulsação da mãe. Foi assim que os fotógrafos a captaram, em 1937, para um cartão-postal em preto e branco que se tornou um souvenir popular, o mesmo acontecendo com um filhote de elefante feito de pano e acolchoado. Fotos antigas mostram visitantes encantados, estendendo a mão para Tuzinka e sua mãe, que retribui esticando a tromba por cima de um pequeno fosso, circundado por pininhos de metal. Como os elefantes não pulam, uma trincheira com menos de dois metros de profundidade e outros tantos de largura, estreitando-se na parte inferior, é suficiente para contê-los, desde que eles não encham o fosso de lama e o atravessem patinando, como já houve alguns que fizessem.

Os cheiros dos animais criavam a paisagem olfativa do jardim zoológico, alguns sutis, outros quase enjoativos, a princípio. Isso se aplicava especialmente aos postes sinalizadores olfativos das hienas, animais que viram a bolsa retal pelo avesso e expelem uma pasta fedorenta, conhecida no

meio como “manteiga de hiena”. Cada anúncio malcheiroso dura cerca de um mês e se espalha facilmente, e um macho maduro cria uns 150 por ano. Além disso, existe a exibição de dominação do hipopótamo, que consiste em defecar projetando seu rabo curto, o que atira fezes para todo lado. Os machos de boi-almiscarado borrifam-se habitualmente com a própria urina e, como os leões-marinhos retêm o alimento em deterioração entre os dentes, seu hálito fede a um metro de distância. O kakapo, um papagaio de plumagem negra que não voa e tem um chocante olho branco e bico alaranjado, cheira a um estojo velho de clarinete. Durante o período de acasalamento, os elefantes machos segregam uma potente substância de cheiro adocicado de uma pequena glândula perto de cada olho. As penas da alca-de-crista têm cheiro de tangerina, especialmente no período de acasalamento, quando as alcas corteadoras enfiam o bico na nuca pungente umas das outras. Todos os animais telegrafam códigos olfativos tão característicos quanto seus chamados e, passado algum tempo, Antonina se acostumou com o aroma denso de seus avisos — ameaças biológicas, paqueras e propagandas.

Antonina convenceu-se de que as pessoas precisavam ter mais contato com sua natureza animal, mas também de que os animais “anseiam pela companhia humana, buscam a atenção humana”, numa ânsia que é recíproca. Seu trânsito imaginário pelo *Umwelt* dos animais bania o mundo humano por um período, num reino de ameaças de uso da força e de luta em que os pais subitamente desapareciam. Brincar de perseguir e derrubar os filhotes de linco, alimentá-los na mão, abandonar-se às lambidas rugosas que eles davam em seus dedos, com a língua quente, e ao pisoteio insistente de suas patas, enquanto a terra de ninguém entre o selvagem e o domesticado se abrandava ainda mais, tudo isso a ajudou a criar um laço com o jardim zoológico que ela descreveu como “eterno”.

O zoo também ofereceu a Antonina um púlpito em defesa da conservação, uma espécie de ministério ambulante, de evangelização à margem do Vístula, como quem fizesse uma turnê por deuses menores, e ela proporcionava aos visitantes uma ponte singular para a natureza. Mas primeiro eles tinham que atravessar a ponte com jeito de gaiola que cruzava o rio e entrar no lado mais selvagem da cidade. Quando ela lhes contava histórias cativantes sobre lincos e outros animais, o vasto borrão verde da terra entrava brevemente em foco como um rosto ou tema singulares, um ser nomeado. Ela e Jan também estimulavam diretores de cinema e teatro a gravar filmes e montar eventos musicais e peças no zoológico, além de emprestarem animais para os papéis dos espetáculos, quando solicitados — e os filhotes de leão eram os mais populares. “Nosso zoológico era cheio de vida”, escreveu ela. “Tínhamos uma porção de visitantes: jovens, amantes de animais e simples visitantes. Tínhamos muitos parceiros: universidades da Polônia e do exterior, o Ministério da Saúde polonês e até a Academia de Belas-Artes.” Pintores locais desenharam os cartazes *art déco* estilizados do zoo, e os Żabiński convidavam toda sorte de artistas para ir até lá desenhar a imaginação.



## Capítulo 3

Um dia, em sua ronda de bicicleta pelo zoológico, Jan deixou o alce Adam pastando na grama e nas moitas e entrou no viveiro aquecido de pássaros, que recendia a feno úmido e lima-da-pérsia. Ali, havia uma mulher baixinha parada junto a uma gaiola, movimentando os cotovelos para imitar os pássaros, que ajeitavam as penas com o bico e faziam pose. Com seu cabelo preto e ondulado, o corpo compacto e as pernas finas saindo da bainha do guarda-pó, ela própria quase se qualificava para ser posta numa gaiola. Balançando num trapézio no alto, um papagaio com estrabismo divergente entoava num tom estríduo: “*Como é seu nome? Como é seu nome?*” E, com voz melodiosa, a mulher esganiçava de volta: “*Como é seu nome? Como é seu nome?*” O papagaio se inclinou e a olhou fixo, depois virou a cabeça e a encarou com o outro olho.

— Bom dia — disse Jan.

*Dzień dobry.* É a maneira como os poloneses iniciam os diálogos mais formais. A mulher se apresentou como Magdalena Gross, nome que Jan conhecia bem, já que as esculturas de Gross eram encomendadas tanto por poloneses ricos quanto por admiradores internacionais. Ele não sabia que a artista esculpia animais, e a própria Magdalena também não, até esse dia. Tempos depois, ela diria a Antonina que, em sua primeira visita ao jardim zoológico, ficara tão cativada que suas mãos tinham começado a modelar o ar, e por isso ela havia decidido levar seus instrumentos e partir para um safári, e o destino a levava àquele local com pássaros alinhados como trens futuristas. Jan beijou-a de leve na mão, como era o costume polonês, e disse que seria uma honra se ela considerasse o zoo como seu estúdio ao ar livre, e os animais como seus modelos irrequietos.

Segundo todos os testemunhos, Antonina, alta, esguia e loura, parecia uma valquíria em repouso, enquanto Magdalena, judia, baixa e morena, vibrava de energia. Antonina a viu como um leque cativante de contradições: enfática, mas vulnerável, atrevida, mas modesta, impulsiva, mas extremamente disciplinada, uma pessoa empolgada com a vida — o que talvez tenha sido o que mais atraiu a mulher do diretor, que não era tão estóica ou solene quanto Jan. As duas compartilhavam a paixão pela arte e pela música, além de um senso de humor parecido, e tinham idades próximas e amigos em comum — e assim começou o que viria a ser uma amizade importante. O que será que Antonina servia a Magdalena quando as duas se juntavam para o chá? A maioria das varsovianas oferece chá preto e doces aos convidados, e Antonina cultivava rosas e fazia muitos potes de conservas, de modo que, em algum momento, é provável que tenha preparado a tradicional iguaria polonesa que consiste em rosquinhas macias, recheadas com uma camada de geleia de pétalas de rosas e revestidas de uma cobertura espelhada de laranja com cheiro de queimado.

Magdalena confidenciou que andava se sentindo estagnada e sem inspiração, vazia de ideias criativas, quando um dia lhe sucedeu entrar no zoológico e ver um espantoso bando de flamingos saltitantes. Logo adiante vagava uma panóplia onírica de animais ainda mais estranhos — formas fabulosas e tonalidades mais sutis do que qualquer pintor seria capaz de misturar. O espetáculo a impactou com toda a força de uma revelação e inspirou uma série de esculturas de animais que viriam a conquistar a aclamação internacional.

O ZOO ESTAVA COM UMA APARÊNCIA magnífica no verão de 1939, e Antonina começou a fazer planos complexos para a primavera seguinte, quando ela e Jan teriam a honra de receberem em Varsóvia a reunião anual da Associação Internacional de Diretores de Jardins Zoológicos. Mas isso significava trazer ao limiar da consciência alguns medos sísmicos, do tipo *se o nosso mundo ainda estiver intacto*. Quase um ano antes, em setembro de 1938, quando Hitler se apoderara dos Sudetos — uma parte da Tchecoslováquia que fazia fronteira com a Alemanha e era predominantemente povoada

por alemães —, a França e a Inglaterra haviam aquiescido, mas os poloneses tinham ficado inquietos com suas próprias terras fronteiriças. O território alemão cedido à Polônia durante 1918-1922 incluía o leste da Silésia e a região antes conhecida como Corredor Pomerânio — um ato que havia efetivamente separado o leste da Prússia do restante da Alemanha. O importante porto alemão de Gdańsk, no Báltico, fora declarado “Cidade Livre”, aberta a alemães e poloneses.

Um mês depois de invadir a Tchecoslováquia, Hitler exigiu a devolução de Gdańsk e o direito de construir uma estrada extraterritorial pelo Corredor. As disputas diplomáticas do começo de 1939 levaram ao antagonismo em março, quando Hitler ordenou secretamente que seus generais “lidassem com a questão polonesa”. Aos poucos, as relações entre a Polônia e a Alemanha se desintegraram, e os poloneses despertaram para os presságios da guerra — uma ideia apavorante, mas não nova. A Alemanha havia ocupado a Polônia tantas vezes, desde a Idade Média, mais recentemente em 1915-1918, que a luta entre eslavos e teutões havia alcançado o *status* de uma tradição patriótica. Amaldiçoada por sua localização estratégica no Leste Europeu, a Polônia fora invadida, saqueada e recortada muitas vezes, vendo suas fronteiras avançarem e recuarem; as crianças de alguns vilarejos aprendiam cinco línguas, só para poder falar com os vizinhos. A guerra não era algo em que Antonina quisesse pensar, principalmente depois que sua última experiência de guerra lhe roubara ambos os pais, e por isso, como a maioria dos poloneses, tranquilizava-se com a sólida aliança que o país mantinha com a França, que possuía um exército poderoso, e com a proteção prometida pela Inglaterra. Otimista por natureza, ela se concentrava em sua vida afortunada. Afinal, em 1939, não eram muitas as polonesas que podiam dar graças por um casamento feliz, um filho saudável e uma carreira satisfatória, e muito menos por uma profusão de animais que ela via como enteados. Sentindo-se abençoada e cheia de animação, Antonina levou Ryś, sua babá idosa e Zośka, a cadela são-bernardo, para Rejentówka, uma popular cidadezinha de veraneio, no começo de agosto, enquanto Jan permaneceu em Varsóvia para supervisionar o zoo. Ela também decidiu incluir Koko, uma idosa cacatua cor-de-rosa propensa a tonteiras, que caía com frequência do poleiro. Visto que Koko tinha o hábito nervoso de arrancar as penas do peito, Antonina pôs-lhe no pescoço um cone de metal que funcionava como um megafone para os chilreios da ave, e torceu para que “o ar fresco da floresta e a possibilidade de comer raízes e gravetos silvestres” pudesse curá-la de seus males e lhe devolvesse a plumagem colorida. Os lincês, já então inteiramente crescidos, ficaram para trás, mas ela carregou consigo um recém-chegado, um filhote de texugo chamado Borsunio (Texuguinho), que era pequeno demais para ficar desassistido. Mais do que tudo, Antonina queria tirar Ryś de Varsóvia, repleta de conversas sobre a guerra, para um último verão de diversões inocentes no interior, tanto para ele quanto para ela.

A casa de campo dos Żabiński aninhava-se num pequeno vale na floresta, a pouco mais de seis quilômetros de uma inchação larga do rio Bug e a apenas alguns minutos de seu pequeno afluente, o Rządza. Antonina e Ryś chegaram num dia quente de verão, com o aroma da resina dos pinheiros no ar e com ondas de acácias e petúnias em flor, quando os últimos raios do sol iluminavam os topos das árvores antigas e a escuridão já havia descido nos pontos mais baixos da floresta, onde a música estrídula saída do peito das cigarras misturava-se com os pios descendentes dos cucos e com o zumbir das famintas fêmeas de mosquitos.

Um minuto depois, numa das varandinhas, ela pôde submergir na sombra de uma videira perfumada, que “tinha o aroma de suas flores pálidas, quase imperceptível, porém melhor que o da rosa, do lilás e do jasmim, do que a mais doce fragrância — o lupino dourado dos campos”, enquanto “a poucos passos do mato alto ficava (...) a muralha da floresta, majestosa, com o verde novo dos carvalhos, cortado aqui e ali pelas bétulas brancas...” Ela e Ryś mergulharam na serenidade verdejante que parecia estar a anos-luz de Varsóvia, uma imensa, interna e pessoal distância, não a apenas alguns quilômetros. Não havendo nem mesmo um rádio no chalé, a natureza proporcionava as lições, as notícias e as brincadeiras. Um famoso passatempo local envolvia entrar na floresta para contar os choupos.

Todo verão, o chalé os esperava com pratos, panelas, uma banheira, lençóis e um grande excesso de mantimentos secos, e eles levavam o conjunto de personagens humanos e animais que o transformava de bangalô em teatro burlesco. Depois de instalarem o grande suporte da gaiola na varanda e alimentarem a cacatua com pedacinhos de laranja, Ryś prendeu uma corda no texugo e tentou ensiná-lo a andar com a guia, o que ele fez, só que de marcha a ré, puxando o menino com velocidade. Como os outros animais de seu círculo, Borsunio afeioou-se a Antonina, que se referia a ele como seu “filho de criação” e o ensinou a atender quando chamado pelo nome, a chapinhar com a família no rio e a subir na cama dela para tomar sua mamadeira. O texugo aprendeu sozinho a arranhar a porta da frente, quando queria sair para fazer suas necessidades, e tomava banho reclinado na banheira, como uma pessoa, espalhando água ensaboada no peito com os dois braços. Em seu diário, Antonina registrou como os instintos de Borsunio misturavam-se com os costumes humanos e com sua personalidade singular. Escrupuloso com a higiene, por exemplo, ele cavou um buraco de cada lado do chalé para fazer suas necessidades, e voltava galopando de longas caminhadas quando precisava usá-los. Um dia, porém, quando não conseguiu encontrá-lo, Antonina verificou todos os esconderijos que o texugo habitualmente usava para seus cochilos diurnos — uma gaveta no armário de roupa de cama, entre o lençol e o edredom da cama dela, a mala da babá de Ryś —, sem obter sucesso. No quarto de Ryś, ela se abaixou para espiar embaixo da cama e avistou

Borsunio empurrando o troninho de seu filho para fora, subindo no urinol esmaltado de branco e usando-o para a finalidade a que ele se destinava.

Quase no fim das férias de verão, dois amigos de Ryś, Marek e Zbyszek (filhos de um médico que morava do outro lado do parque Praski), passaram por lá quando voltavam para casa, vindos da península de Hel, no mar Báltico, cheios de novidades sobre os muitos navios atracados no porto de Gdynia, os peixes defumados, os passeios de barco e todas as mudanças ocorridas na zona à beira-mar. Sentada na penumbra da sala de estar, enquanto a noite caía de mansinho a seu redor, Antonina entreouviu os meninos nos degraus da varanda, falando de suas aventuras de verão, e se deu conta de que, para Ryś, o mar Báltico que ele visitara três anos antes só existia, provavelmente, como uma lembrança confusa, que incluía o bater das ondas e o calor vítreo da areia ao meio-dia.

— Você nem pode acreditar em como eles esburacaram a praia! No ano que vem, não vai haver um civil por lá — disse Marek.

— Mas por quê? — perguntou Ryś.

— Para construir fortificações, para a guerra!

Seu irmão mais velho lançou-lhe um olhar severo, e Marek pôs o braço nos ombros de Ryś e disse, com ar displicente:

— Mas quem é que se importa com a praia? Em vez disso, fale do Borsunio.

E assim, a princípio gaguejando um pouco, depois ganhando animação e velocidade, Ryś começou a falar de piratas da floresta e das traquinagens de Borsunio, culminando na noite em que o texugo virara um balde de água gelada que estava na cabeceira em cima de uma vizinha adormecida, em cuja cama ele se havia enfiado, e os garotos caíram juntos na gargalhada, rolando de rir.

“É bom ouvi-los dar risadas”, pensou Antonina, “mas essa farpa perpétua espetando o Ryś — a guerra — ainda é uma ideia obscura para ele. O Ryś só associa palavras como *torpedo* e *fortificações* com brinquedos, com os barcos bonitos que ele faz flutuar nas baías em volta dos fortes de areia que constrói na praia do rio Rzadzą. E há aquela brincadeira encantadora de caubóis e índios em que ele atira pinhas com o arco e flexa... mas a outra possibilidade, a da guerra *real*, essa ele ainda não compreende, graças a Deus”.

Os meninos mais velhos achavam, tal como Antonina, que a guerra pertencia ao mundo dos adultos, não ao das crianças. Ela intuiu que Ryś estava ansioso por crivá-los de perguntas, mas não queria parecer bobo ou, pior ainda, um garotinho, e por isso calou-se quanto à granada invisível caída a seus pés, que todos temiam que explodisse.

“Que assunto para ser levantado pela boca inocente das crianças!”, refletiu Antonina, contemplando os rostos bronzeados dos três meninos, que brilhavam à luz de um grande lampião a óleo. “Roçada pela tristeza” no que tangia à segurança deles, ela se perguntou, mais uma vez: “Que acontecerá com eles se a guerra começar?” Era uma pergunta que ela vinha negando, contornando e reformulando já fazia meses. “Nossa república dos animais”, acabou admitindo para si mesma, “fica na cidade polonesa mais movimentada e mais cheia de atividade, como um pequeno Estado autônomo defendido pela capital. Vivendo atrás de seus portões, como que numa ilha isolada do resto do mundo, parece impossível que as ondas maléficas que se vêm derramando pela Europa possam inundar também a nossa pequena ilha”. Enquanto a escuridão se infiltrava em tudo, apagando os contornos, Antonina sentiu-se atormentada por uma angústia sem causa precisa; por mais que ansiasse por remendar o tecido da vida do filho no instante em que os buracos apareciam, ela só podia aguardar o desdobrar dos acontecimentos.

Ela queria que os últimos idílios do verão fossem bem aproveitados, e assim, na manhã seguinte, organizou uma brigada de caça aos cogumelos, com prêmios e homenagens para quem apanhasse mais mísscaros, boletos-doces e champignons-de-Paris, que ela planejava armazenar em potes. Se realmente eclodisse a guerra, espalhar cogumelos em conserva no pão, durante o inverno, encheria todos de lembranças do chalé, de nadar no rio, das travessuras de Borsunio e de dias melhores. O grupo percorreu uns seis quilômetros até o rio Bug, com Ryś sendo carregado nos ombros em alguns momentos, Zośka trotando ao lado e Borsunio levado numa mochila. Parando nas campinas pelo caminho, eles fizeram piqueniques e jogaram futebol, com Borsunio e Zośka servindo de goleiros, embora o texugo tenha travado uma batalha feroz com a bola de couro, cravando-lhe os dentes e as garras.

Na maioria dos fins de semana do verão, Antonina deixava Ryś no interior com a babá e voltava a Varsóvia para passar uns dias a sós com Jan. Na quinta-feira, 24 de agosto de 1939, o mesmo dia em que a Grã-Bretanha renovou sua promessa de ajudar a Polônia, caso a Alemanha a invadisse, Antonina fez sua visita habitual a Varsóvia, onde, com grande choque, viu baterias antiaéreas circundando a cidade, civis cavando trincheiras e erguendo barricadas e, mais inquietante do que tudo, cartazes anunciando um recrutamento iminente. Ainda na véspera, Ribbentrop e Molotov, ambos ministros das Relações Exteriores, haviam estarrecido o mundo ao revelar que a Alemanha e a União Soviética tinham assinado um pacto de não agressão.

“A única coisa que separa Berlim de Moscou é a Polônia”, pensou ela.

Nem Antonina nem Jan conheciam as cláusulas secretas do pacto, que já rachavam a Polônia ao meio após uma invasão em duas etapas, fazendo a partilha de suas desejadas terras agrícolas.

“Os diplomatas são ladinos. Talvez isso seja apenas um blefe”, disse consigo mesma.

Jan sabia que a Polônia não dispunha de aviões, armas ou equipamento bélico capazes de competir com a Alemanha, de modo que ele e Antonina começaram a conversar seriamente sobre a possibilidade de mandar Rys para um local mais seguro, alguma cidade que não fosse de interesse militar, se é que isso existia.

Antonina sentiu-se como quem “desperta de um longo sonho, ou entra num pesadelo” — de um modo ou de outro, um terremoto psíquico. Passando férias longe do tumulto político de Varsóvia, recolhida num casulo “na ordem serena e regular da vida dos lavradores, na harmonia das dunas de areia branca e dos salgueiros-chorões”, tendo cada dia enriquecido por animais excêntricos e pelas aventuras de um garotinho, quase lhe fora possível ignorar os acontecimentos mundiais, ou, pelo menos, manter-se otimista em relação a eles, ou até obstinadamente ingênua.

## Capítulo 4

VARSÓVIA, 1º DE SETEMBRO DE 1939

Pouco antes do amanhecer, Antonina acordou com o som distante de cascalho descendo por um ducto de metal, o que seu cérebro decifrou prontamente como sendo motores de aviões. *Tomara que sejam aviões poloneses em manobra*, rezou, enquanto se encaminhava ao terraço e vasculhava um estranho céu sem sol, encoberto como nunca lhe sucedera vê-lo até então, não por nuvens, mas por um brilho espesso branco-dourado, que pairava baixo sobre o chão como uma cortina, mas que não era névoa nem fumaça e se estendia de uma ponta à outra do horizonte. Como veterano da Primeira Guerra Mundial e oficial da reserva, Jan tinha passado a noite de serviço, mas Antonina não sabia onde, apenas “num lugar fora do zoológico”, nos cânions da cidade para além do fosso imaginário do Vístula.

Ela ouviu “o zumbir de aviões, dezenas, talvez até centenas”, soando como “a rebentação distante, não uma rebentação calma, porém aquela em que as ondas estouram na praia durante a tempestade”. Ouvindo por mais um instante, ela detectou o zumbido revelador e não sincronizado dos bombardeiros alemães que, numa época posterior da guerra, os londrinos jurariam ter ouvido resmungar: *Onde está você? Onde está você? Onde está você?*<sup>1</sup>

Jan voltou para casa às oito da manhã, agitado e trazendo apenas fragmentos de informações.

— Esses não são os exercícios de manobras de que nos falaram — disse ele. — São bombardeiros, esquadrilhas da Luftwaffe escoltando o Exército alemão que vem chegando. Temos que ir embora de imediato.

Com Ryś e sua babá seguros em Rejentówka, eles decidiram seguir primeiro para Zalesie, um vilarejo mais próximo onde moravam seus primos, mas ficaram esperando por notícias mais atualizadas no rádio.

Esse era o primeiro dia do ano letivo para as crianças polonesas, um dia em que as calçadas deveriam estar fervilhando de uniformes e mochilas escolares. Do terraço, o casal viu soldados poloneses correndo em todas as direções — pelas ruas, por cima de gramados e até para dentro do zoo —, erguendo barreiras de balões, alinhando canhões antiaéreos e empilhando longas balas negras de canhão afiladas numa das pontas, como fezes de animais.

Os animais do zoológico pareciam desconhecer o perigo. O fogo em pequenas proporções não os assustava — fazia anos que eles confiavam na visão de fogueiras domésticas —, mas se alarmaram com a súbita enxurrada de soldados, porque os únicos seres humanos que viam de manhã cedo eram os cerca de doze tratadores, com seus uniformes azuis, que em geral lhes levavam comida. Os lincos começaram a produzir um som entre o rugido e o miado, os leopardos emitiram notas graves, como ruídos de descarga, os chimpanzés guincharam, os ursos zurraram feito asnos e a onça-pintada souou como se tossisse para expulsar alguma coisa entalada na garganta.

Às nove horas, eles souberam que, para justificar a invasão, Hitler havia encenado um falso ataque à cidade fronteiriça alemã de Gleiwitz, onde soldados das SS, vestidos com uniformes poloneses, tomaram uma estação de rádio local e transmitiram uma falsa convocação às armas contra a Alemanha. Embora se exibissem cadáveres de prisioneiros (usando uniformes poloneses) aos jornalistas estrangeiros importados para testemunhar os acontecimentos, como prova das

hostilidades, ninguém se deixou enganar pela farsa. Ainda assim, nem mesmo uma trapaça desse tipo poderia ficar sem resposta, e, às quatro horas da madrugada, o encouraçado alemão *Schleswig-Holstein* bombardeou um depósito de munição perto de Gdańsk, e o Exército Vermelho da Rússia começou a se preparar para invadir pelo leste.

Antonina e Jan fizeram as malas às pressas e partiram a pé pela ponte, na esperança de chegar a Zalesie, do outro lado do rio Vístula e apenas uns dezenove quilômetros a sudeste. Quando se aproximaram da praça Zbawiciel, o ronco dos motores soou mais alto e os aviões surgiram no céu, aparecendo nos espaços entre os telhados como imagens de uma lanterna mágica. As bombas desceram assobiando e atingiram algumas ruas à frente do casal, com a fumaça negra precedendo o estalejar das telhas de estuque estilhaçadas nos telhados e o som áspero de tijolos e reboco desmoronando.

Toda bomba cria um cheiro diferente, dependendo de onde bate, do que vaporiza com o calor e do que o nariz detecta em sua dilaceração, à medida que as moléculas se misturam com o ar e flutuam soltas. Nesse momento, o nariz é capaz de captar dez mil aromas distintos, desde o cheiro de pepino até o da resina de violinos. Quando uma padaria era atingida, a nuvem de poeira que se elevava recendia a fermento azedo, ovos, melado e centeio. Os odores mesclados de cravo, vinagre e carne queimada indicavam um açougue. Carne chamuscada e pinho significavam que uma bomba incendiária havia explodido casas como uma fogueira quente e rápida, e que as pessoas dentro delas haviam morrido depressa.

— Temos que voltar — disse Jan, e os dois passaram correndo pelos muros da Cidade Velha e atravessaram a ponte de metal que assobiava.

Novamente no jardim zoológico, Antonina anotou: “Fiquei tão abatida que não consegui fazer nada. Pude apenas ouvir a voz de Jan orientando sua equipe: “Tragam uma carroça com cavalos, carreguem-na com mantimentos e carvão, embalem roupas quentes e vão embora já...””

PARA JAN, O ENIGMA DE DESCOBRIR uma cidade livre de qualquer interesse militar era uma equação carregada de incógnitas para as quais ele não estava preparado, pois nem ele nem Antonina haviam pensado que os alemães invadiriam a Polônia. Tinham-se preocupado, mas haviam concordado em que “era só o medo se manifestando”: havia um cerco privado, não sinais de uma guerra iminente. Antonina ficou pensando em como eles podiam ter-se enganado tanto, e Jan se concentrou em esconder a família em algum lugar seguro, enquanto ele permaneceria no zoológico para cuidar dos animais pelo maior tempo possível, e aguardaria ordens.

— Varsóvia logo será fechada — ponderou ele —, e o Exército alemão está avançando pelo leste, de modo que acho melhor você voltar para o chalé de Rejentówka.

Antonina refletiu sobre isso e resolveu, apesar de alguns receios:

— Sim, pelo menos é um lugar que conhecemos e que o Ryś associa a tempos felizes.

Na verdade, ela estava desnorteada, mas continuou a fazer as malas. Confiando no palpite de Jan, subiu numa carroça carregada para o que poderia ser uma longa ausência e partiu depressa, antes que as estradas ficassem cheias demais.

A cidadezinha de veraneio de Rejentówka distava apenas uns quarenta quilômetros dali, mas Antonina e o cocheiro gastaram sete horas no trajeto, dividindo a estrada de terra com milhares de pessoas, quase todas a pé, já que os automóveis, os caminhões e a maioria dos cavalos tinham sido confiscados pelos militares. Mulheres, crianças e homens idosos apressavam-se num transe preocupado, fugindo da cidade com o que podiam carregar, uns empurrando carrinhos de bebê, carroças e carrinhos de mão, outros carregando malas e filhos pequenos, porém a maioria usando várias camadas de roupa, com mochilas, bolsas e sapatos jogados nos ombros ou pendurados no pescoço.

Ladeando a estrada, choupos, pinheiros e píceas altos equilibravam entre seus galhos grandes bolas marrons de erva-de-passarinho, e cegonhas de plumagem preta e branca aninhavam-se no alto dos postes telefônicos, ainda engordando para seu árduo voo para a África. Pouco depois, os campos lavrados cobriam como uma colcha os dois lados da estrada, com os cereais reluzindo e os pendões apontando para o céu. Antonina escreveu sobre o suor brotando em filetes e sobre a respiração abafada, no ar carregado de poeira.

O ronco distante de uma tempestade transformou-se numa nuvem de mosquitos no horizonte, depois em aviões alemães que se aproximaram em segundos, engolindo o céu, voando baixo e causando pânico entre as pessoas e os cavalos. Sob uma sarivada de balas, todos correram por entre as nuvens de poeira que se erguiam do chão; os mais infelizes tombaram e os de relativa sorte fugiram sob o fogo disperso das metralhadoras. Corpos de cegonhas, sabiás-de-asa-vermelha e gralhas-calvas encheram a estrada, junto com galhos de árvores e mochilas caídas. Levar um tiro era um mero acaso e, durante sete horas, Antonina escapou dessa probabilidade, mas não sem que se gravassem em sua memória as cenas dos mortos e agonizantes.

Pelo menos, seu filho, em Rejentówka, foi poupado dessas imagens tão difíceis de esquecer, sobretudo para uma criança pequena, cujo cérebro, atarefado em recolher amostras do mundo, aprendia o que esperar e costurava essas verdades num trilhão de ligações. *Prepare-se para este*

*mundo pelo resto da vida*, diz o cérebro da criança a si mesmo, *um mundo de destruição e insegurança*. “O que não mata fortalece”, escreveu Nietzsche no *Crepúsculo dos ídolos*, como se a vontade pudesse ser temperada como uma espada de samurai, que é aquecida e malhada, curvada e novamente forjada até se tornar indestrutível. Mas, no metal de um garotinho, que é que o malho produz? Mesclada à preocupação de Antonina com o filho estava a indignação moral pelo fato de os alemães, “nesta guerra moderna, tão diferente das guerras que já conhecemos, permitirem a matança de mulheres, crianças e civis”.

Com o assentar da poeira, o céu azul ressurgiu e ela notou dois caças poloneses atacando um pesado bombardeiro alemão, acima de uma campina. De longe, a geometria da cena parecia familiar, como cambaxirras furiosas afugentando um falcão, e as pessoas davam vivas toda vez que os caças espetavam o bombardeiro com tufos de fumaça. Com certeza, uma força aérea com toda essa agilidade poderia repelir a Luftwaffe, não é? Fiapos de dourado faiscaram à luz do sol cadente e, súbito, o bombardeiro expeliu uma fonte de chamas vermelho-sangue e despencou no chão, descrevendo uma curva fechada. Em seguida, uma água-viva branca flutuou acima dos picos dos pinheiros: era o piloto alemão, balançando sob seu paraquedas, descendo lentamente de um céu azul como as centáureas.

Assim como muitos poloneses, Antonina não percebeu a magnitude do perigo, preferindo confiar numa força aérea polonesa que se gabava de ter pilotos esplendidamente treinados e famosos por sua coragem (sobretudo os da Brigada de Caças que defendia Varsóvia), cujos caças PZL P.11, obsoletos e numericamente inferiores, não se equiparavam aos Stukas Junkers JU-87 da Alemanha, velozes e fáceis de manobrar. Os bombardeiros Karas da Polônia se aproximavam dos tanques alemães tão lentamente, em voos baixos, que se tornavam presas fáceis dos ataques antiaéreos. Antonina não sabia que a Alemanha vinha testando uma nova forma de guerra com armas combinadas, que viria a se chamar *Blitzkrieg* (guerra-relâmpago), um ataque-com-tudo-o-que-tiver — tanques, aviões, cavalaria, artilharia, infantaria — para surpreender e aterrorizar o inimigo.

Quando finalmente chegou a Rejentówka, Antonina deparou com uma cidade-fantasma, da qual os veranistas tinham sumido, onde as lojas haviam cerrado as portas para a temporada e até a agência do correio estava fechada. Exausta, com os nervos em frangalhos e suja, ela entrou no chalé, circundado por árvores altas e um silêncio luminoso, num cenário que parecia conhecido e seguro, cheio dos aromas mesclados de terra úmida, ervas dos prados e gramíneas silvestres, madeira em estado de putrefação e óleo de pinheiro silvestre. É fácil imaginá-la dando um abraço apertado em Ryś e cumprimentando sua babá; jantando trigo-sarraceno, batatas e sopa; desfazendo as malas, tomando banho e ansiando pela rotina de um verão comum, mas incapaz de acalmar os nervos ou aplacar sua sensação de mau presságio.

Nos dias seguintes, eles se postaram muitas vezes na varanda, vendo ondas de aviões alemães, a caminho de Varsóvia, enegrecerem o céu em formações alinhadas como cercas vivas. A regularidade a perturbou: todos os dias, havia um enxame de aviões às cinco horas da manhã e outro depois do crepúsculo, sem que Antonina soubesse exatamente quem eles haviam bombardeado.

A paisagem local também parecia estranha, já que Rejentówka não era um lugar que eles visitassem no outono, sem veranistas nem bichos de estimação. As tílias altas haviam começado a assumir uma coloração de bronze, os carvalhos se coloriam do marrom-escuro do sangue pisado e algumas folhas verdes sobreviviam nos áceres, onde bicudos-vespertinos de papo amarelo se alimentavam de sementes aladas. Ao longo das estradas arenosas, brotavam das moitas de sumagreda-virgínia ramos aveludados, lembrando chifres de veado, e drupas cônicas vermelhas, cobertas de penugem. Chicórias-azuis, tabuas-largas marrons, brancas julianas-dos-jardins, cardos-selvagens cor-de-rosa, piloselas alaranjadas e varas-de-ouro amarelas, todas sintonizavam os prados com o outono, num quadro que se alterava a cada vez que a brisa vergava os talos, qual mão deslizando sobre um tapete felpudo.

No dia 5 de setembro, Jan chegou de trem, com o rosto sombrio, e encontrou Antonina “muito deprimida e confusa”.

— Ouvi boatos de que uma ala do Exército alemão, que está invadindo pela Prússia Oriental, logo chegará a Rejentówka — contou-lhe ele. — Mas a frente ainda não chegou a Varsóvia e, aos poucos, as pessoas estão se habituando aos ataques aéreos. Nosso Exército certamente protegerá a capital a qualquer preço, de modo que podemos muito bem voltar para casa.

Embora ele não soasse totalmente convencido, Antonina concordou, em parte porque Jan era um bom estrategista, cujos palpites costumavam se confirmar, mas também por pensar em como a vida seria mais fácil se eles pudessem ficar juntos, dividindo o consolo, as preocupações e os temores. Mas tornar a viajar pela estrada principal estava fora de cogitação.

À noite, eles embarcaram num trem lento, com as janelas escurecidas, e chegaram no alvorecer dos civis, a hora amanhacenta antes de o sol se derramar no horizonte, no intervalo entre o ataque aéreo noturno e o matinal. Segundo Antonina, havia cavalos à espera deles na estação, e os dois cavalgaram para casa, fascinados com o cotidiano — a calma, o ar úmido, as sebes de ásteres, as folhas coloridas, os eixos rangentes, o bater dos cascos nas pedras do calçamento — e, por um breve período, resvalaram para o passado pré-mecanizado, mergulhando numa calma prístina em que a guerra lhes pareceu amortecida e irreal, apenas um brilho remoto como a Lua.

No portão principal de Praga, os danos sofridos tornaram a deixar Antonina totalmente desperta, como se tivesse levado uma bofetada. As bombas haviam rasgado o asfalto, as granadas tinham arrancado pedaços grandes dos prédios de madeira, rodas de canhões haviam cavado sulcos nos jardins, velhos salgueiros e tílias tinham galhos quebrados balançando. Ela abraçou Ryś com força, como se a desolação diante de seus olhos fosse comunicável. Infelizmente, o zoológico margeava um rio com pontes movimentadas, um alvo primordial dos alemães, e, como ali havia estacionado um batalhão polonês, tornara-se um alvo esplêndido, repetidamente atingido por dias a fio. Abrindo caminho por entre os destroços, eles caminharam até o casarão e seu pátio cheio de crateras deixadas pelas bombas. Os olhos de Antonina baixaram para os canteiros esmagados pelos cascos dos cavalos, e ela os fixou nos cálices pequenos e delicados das flores pisoteadas no chão, “como lágrimas coloridas”.

Logo depois do nascer do sol, o dia e a batalha começaram a esquentar. Parados na varanda da frente, eles foram surpreendidos pelo eco abissal de explosões roucas e de vigas de ferro se partindo. De repente, o chão tremeu e andou sob seus pés, e os dois correram para dentro, apenas para deparar com o tremor das traves do telhado, dos pisos e das paredes. O gemido dos leões e o uivo dos tigres elevaram-se da grande casa dos felinos, onde Antonina sabia que as mães, “enlouquecidas de medo, agarravam os filhotes pela nuca e andavam de um lado para outro nas jaulas, buscando, aflitas, um lugar seguro em que escondê-los”. Os elefantes soltavam barridos desvairados, as hienas soluçavam numa espécie de riso assustado, interrompido por soluços, os mabecos ganiam e os macacos *rhesus*, insanamente agitados, brigavam uns com os outros, cortando o ar com seus gritos histéricos. Apesar do tumulto, os funcionários continuavam a levar água e comida para os animais e a verificar as grades e trancas de suas jaulas.

Nesse ataque da Luftwaffe, meia tonelada de bombas destruiu a montanha dos ursos polares, destroçando paredes, fossos e barreiras e soltando os animais apavorados. Quando um pelotão de soldados poloneses deparou com os ursos em pânico, salpicados de sangue e circulando em volta de sua antiga moradia, fuzilou-os de imediato. Em seguida, temendo que leões, tigres e outros animais perigosos também pudessem escapar, os soldados resolveram matar os mais agressivos, inclusive o elefante macho, Jaś, o pai de Tuzinka.

Observando da varanda da frente, Antonina tinha uma boa visão da área em que os soldados poloneses se reuniram, perto de um poço, com diversos funcionários do zoológico aglomerados a seu redor, um chorando, os outros taciturnos e calados.

“Quantos animais eles já terão matado?”, perguntou a si mesma.

Os acontecimentos se desdobravam sem que houvesse tempo para protestar ou lamentar, e os animais sobreviventes precisavam de ajuda, de modo que ela e Jan se juntaram aos tratadores, alimentando, medicando e acalmando os animais da melhor maneira possível.

“Os humanos podem ao menos carregar o que é essencial e continuar em movimento, continuar improvisando”, refletiu Antonina. “Se a Alemanha ocupar a Polônia, que acontecerá com a delicada forma de vida do jardim zoológico? (...) Os animais do zoo estão numa situação muito pior do que a nossa”, lamentou, “porque são totalmente dependentes de nós. Transferir o zoo para um local diferente é inimaginável; ele é um organismo complexo demais. Mesmo que a guerra eclodisse e acabasse depressa, as consequências seriam terríveis”, disse Antonina a si mesma. Onde eles encontrariam comida e dinheiro para manter o zoológico em operação? Mesmo tentando não imaginar o pior, ela e Jan compraram suprimentos extras de feno, cevada, frutas secas, farinha, pão desidratado, carvão e lenha.

No dia 7 de setembro, um oficial polonês bateu à porta da frente e ordenou formalmente que todos os homens saudáveis se unissem ao Exército que estava combatendo na frente noroeste — o que incluía Jan, de 42 anos — e que todos os civis deixassem imediatamente o jardim zoológico. Antonina fez as malas depressa e tornou a atravessar o rio com Ryś, dessa vez para ficar com a cunhada na zona oeste da cidade, num apartamento do quarto andar da rua Kapucyńska nº 3.



## Nota

<sup>1</sup> Vale lembrar que a frase em inglês "*Where are you?*" soa como um "ueerrr-arr-uu" muito próximo do zumbido, que não se reproduz na sonoridade da frase em português. (N.T.)

## Capítulo 5

À noite, no pequeno apartamento da rua Kapucyńska, Antonina ouviu um novo barulho: o malho da bigorna da artilharia alemã. Em algum outro lugar, mulheres da idade dela estariam entrando calmamente em boates e dançando ao som da orquestra de Glenn Miller, músicas animadas com nomes como “String of Pearls” e “Little Brown Jug”.<sup>2</sup> Outras dançariam ao som do recém-inventado *jukebox* em bares de beira de estrada. Casais estariam contratando babás e indo ao cinema, para ver os novos lançamentos de 1939: Greta Garbo em *Ninotchka*; *A regra do jogo*, dirigido por Jean Renoir; Judy Garland em *O mágico de Oz*. Famílias estariam rodando de carro pelo interior, para ver as folhas de outono e comer torta de maçã e bolinhos de milho em festivais da colheita. Para muitos poloneses, a vida se transformara num restolho, aquilo que sobra depois que a evaporação retira o sumo do original. Durante a ocupação, todos perderam os muitos temperos da vida cotidiana, aprisionados numa realidade em que só as coisas básicas tinham importância, e estas drenavam quase toda a energia, tempo, dinheiro e ideias de cada um.

Como outras mães do reino animal, Antonina ficou desesperada por encontrar um esconderijo seguro para seu filhote, “mas, ao contrário delas”, escreveu no diário, “não posso carregar o Ryś nos dentes até um ninho seguro”. E também não podia permanecer no apartamento da cunhada, no quarto andar: “E se o prédio desabar e não conseguirmos fugir?” Talvez fosse melhor, resolveu ela, reinstalar-se no térreo, onde uma lojinha vendia cúpulas de abajur — isso, bem entendido, se conseguisse vencer os donos a acolhê-la.

Ela pegou Ryś, desceu os quatro lances de escada no escuro e bateu a uma porta que se abriu e revelou duas senhoras idosas, a sra. Caderska e a sra. Stokowska.

— Entrem, entrem — disseram elas, dando em seguida uma rápida olhadela para o corredor e trancando depressa a porta.

Um estranho continente novo, meio recife de coral, meio planetário, descortinou-se à entrada de Antonina numa loja atravancada, que recendia a tecido, cola, tinta, suor e mingau de aveia sendo preparado. Uma miscelânea de cúpulas pendia do teto, algumas encaixadas em zigurates, outras aninhadas como pipas exóticas. Prateleiras de madeira continham rolos de tecido que lembravam rocamboles, armações de metal, ferramentas, parafusos, rebites e bandejas reluzentes de remates, separados por substância: vidro, plástico, madeira, metal. Nessas lojas daquela época, as mulheres costumavam à mão novas cúpulas de tecido, consertavam cúpulas antigas e vendiam algumas feitas por terceiros.

Ao percorrerem a loja, os olhos de Antonina devem ter visto luminárias populares na década de 1930, época em que a decoração de interiores no Báltico ia do estilo vitoriano ao *art déco* e ao modernista, e incluía cúpulas de abajur como estas: seda cor-de-rosa em forma de tulipa, enfeitada com brocado de crisântemos; *chiffon* verde com aplicações de renda e cetineta branca; pregueados cor de marfim com formas geométricas; painéis de um amarelo vivo, no formato do chapéu de Napoleão; octaedros de metal perfurado com imitações de pedras preciosas lapidadas, inseridas em torno da barra; mica muscovita de tom âmbar-escuro, coroando um globo de gesso ornamentado com arqueiros *art nouveau* perseguindo um veado; uma cúpula de vidro vermelho-alaranjado, com protuberâncias tipo pele de galinha e uma barra de pingentes de cristal, abaixo da qual pendia uma gôndola de bronze adornada com volutas de hera. Um vidro vermelho muito em moda, conhecido como *gorge-de-pigeon* e frequentemente usado nas taças de vinho europeias da época de Antonina, brilhava num tom cereja-escuro quando o abajur estava apagado e, quando aceso, emitia um brilho da cor de uma laranja sanguínea recém-descascada. Era tingido com sangue-de-pombo, um elixir também usado para avaliar os rubis de alta qualidade (entre os quais as melhores gemas se assemelhavam ao sangue mais fresco).

Ryś chamou a atenção da mãe para o extremo oposto da sala, onde, para surpresa dela, sentavam-se mulheres e crianças desgrenhadas da vizinhança, cercadas por cúpulas.

— *Dzień dobry, dzień dobry, dzień dobry* — disse Antonina, cumprimentando uma a uma as mulheres.

Alguma coisa no clima aconchegante da loja de cúpulas de abajur atraía os desabrigados e apavorados para aquele lugar dirigido por senhoras avoengas, que se dispunham a dividir sua despensa, seu carvão e sua cama. Como observou Antonina:

*Essa loja e oficina de cúpulas era como um ímã para inúmeras pessoas. Graças àquelas duas velhinhas miúdas e encantadoras, que eram extremamente calorosas, cheias de amor e bondade, sobrevivemos a essa época terrível. Elas eram como a luz morna das noites de verão, e as pessoas dos andares de cima, gente sem teto vinda de outros locais, de prédios destruídos e até de outras ruas, juntavam-se como mariposas atraídas pelo calor que circundava as duas senhoras.*

Antonina ficava deslumbrada ao ver aquelas mãos enrugadas distribuírem alimento (basicamente mingau de aveia), doces, um álbum de cartões-postais e alguns joguinhos. Todas as noites, quando as pessoas escolhiam um canto para dormir, ela estendia um colchão sob a moldura sólida de uma porta e protegia Ryś com o próprio corpo, e roubava umas nergas de sono como quem caísse num poço, enquanto seu passado ia se tornando mais idílico e mais distante. Ela tivera inúmeros planos para o ano seguinte, mas agora se perguntava se sobreviveria com o filho mais uma noite, se viveria para rever Jan, se seu filho comemoraria outro aniversário. “Todos os dias de nossa vida eram cheios de reflexões sobre o presente terrível, e até sobre nossa morte”, escreveu ela em suas memórias, acrescentando:

*Nossos aliados não se encontravam aqui, não nos ajudavam — nós, poloneses, estávamos inteiramente sós, [quando] um ataque inglês aos alemães poderia fazer cessar o bombardeio constante de Varsóvia. (...) Recebíamos notícias muito deprimentes sobre nosso governo polonês — nosso marechal Śmigły e alguns membros do governo haviam fugido para a Romênia, onde tinham sido capturados e presos. Sentiamo-nos traídos, chocados, de luto.*

Quando a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, os poloneses ficaram radiantes, e as estações de rádio passaram dias seguidos tocando incessantemente os hinos nacionais francês e inglês; entretanto, em meados de setembro, não houvera qualquer alívio do bombardeio implacável e da artilharia pesada. “Vivíamos numa cidade sitiada”, escreveu Antonina, incrédula, em suas memórias — uma cidade cheia de bombas sibilantes, explosões impactantes, o trovão seco dos desmoronamentos e gente faminta. Primeiro desapareceram algumas comodidades rotineiras, como a água e o gás, depois, os jornais e o rádio. Quem se atrevia a sair à rua só o fazia às carreiras, e as pessoas arriscavam a vida ao entrar numa fila para conseguir um pouco de carne de cavalo ou de pão. Durante três semanas, Antonina ouviu tiros zunindo sobre os telhados, de dia, e bombas soando as paredes nas trevas, à noite. Silvos arrepiantes precediam terríveis explosões, e Antonina se apanhou ouvindo cada assobio até o fim, temendo o pior, e depois soltando um suspiro ao ouvir explodir a vida de outra pessoa. Sem intenção, ela avaliava a distância e sentia alívio por não ter sido o alvo da bomba, e quase de imediato vinha o assobio seguinte, e mais uma explosão.

Nas raras ocasiões em que se aventurava a sair, ela entrava numa guerra que parecia um filme, com fumaça amarela, pirâmides de escombros, montes de pedra lascada onde antes houvera edifícios, cartas e frascos de remédio levados pelo vento, gente ferida e cavalos mortos, com as pernas em ângulos estranhos. Mas nada era mais irreal do que isto: no alto pairava algo que a princípio lembrava a neve, mas não se mexia como os flocos: subia e descia delicadamente, sem chegar ao chão. Mais sinistra do que uma nevasca, uma nuvem bizarra e macia da penugem dos travesseiros e edredons da cidade rodopiava de leve acima dos edifícios. Certa vez, no passado longínquo, um rei polonês havia repellido os invasores turcos prendendo grandes aros cobertos de penas às costas de cada soldado. Quando eles galoparam para a batalha, o vento soprou pelas asas falsas com o farfalhar alto de um tornado, assustando os cavalos do inimigo, que fincaram os cascos no chão e se recusaram a avançar. Para muitos varsovianos, essa tempestade de penas parecia haver invocado a matança daqueles cavaleiros, os anjos da guarda da cidade.

Um dia, depois que um projétil carregado despencou sobre seu prédio e ficou preso no teto do quarto andar, Antonina esperou pela explosão que não veio. Nessa noite, enquanto as bombas espalhavam rolos de fumaça pelo céu, ela levou Ryś para o porão de uma igreja próxima. Depois, “no silêncio estrangulado da manhã”, tornou a levar o filho para a loja de luminárias. “Sou como a nossa leoa”, disse aos outros, “movendo medrosamente meu filhote de um lado da jaula para outro”.

Não vinha nenhuma notícia de Jan e a preocupação não a deixava dormir muito, mas ela disse a si mesma que o decepçionaria se não salvasse os animais que restavam no zoológico. Será que eles sequer continuavam vivos, pensou, e que os adolescentes encarregados de cuidar deles realmente

conseguiriam cumprir sua tarefa? Não parecia haver escolha: mesmo doente de medo, ela deixou Ryś com a cunhada e se obrigou a atravessar o rio, em meio ao tiroteio e às bombas. “É assim que se sente um animal caçado”, pensou, apanhada no tumulto, “não como um herói, apenas movido por um impulso louco de chegar em casa a salvo, custe o que custar”. Antonina lembrou-se da morte de Jaś e dos grandes felinos, fuzilados à queima-roupa pelos soldados poloneses. Visões de seus instantes finais a torturaram, talvez acompanhadas por um pavor mais difícil de dissipar: e se aqueles tivessem sido os mais afortunados?

## **Nota**

<sup>2</sup> Títulos que se traduziriam por "Fio de pérolas" e "Jarrinha marrom". (N.T.)

## Capítulo 6

Os bombardeiros alemães atacaram Varsóvia em 1.150 surtidas, devastando o jardim zoológico, que ficava próximo dos canhões antiaéreos. Nesse dia claro, o céu se abriu, o fogo sibilante foi arremessado com estrondo, explodiram jaulas, fossos esguicharam e barras de ferro guincharam ao serem arrancadas. Construções de madeira desabaram, sugadas para o chão pelo calor. Estilhaços de vidro e de metal mutilaram indiscriminadamente pele, plumas, cascos e escamas, enquanto as zebras corriam, estriadas de sangue, bugios e orangotangos aterrorizados disparavam aos gritos para as árvores e as moitas, cobras rastejavam soltas e crocodilos apoiavam-se nas patas curtas e saíam trotando em velocidade. As balas rasgavam as redes do aviário e os papagaios subiam em espirais, como deuses astecas, e despencavam no chão, enquanto outros pássaros tropicais escondiam-se nos arbustos e nas árvores, ou tentavam voar com as asas chamuscadas. Alguns animais, escondidos em suas jaulas e bacias, foram engolfados por ondas sucessivas de chamas. Duas girafas ficaram mortas no chão, com as pernas retorcidas, chocantemente horizontais. Respirar o ar pesado chegava a doer, e ele fedia a madeira, palha e carne queimadas. Os macacos e as aves, com seus gritos infernalmente agudos, criavam um coro extraterreno, tendo ao fundo uma percussão estrídula de tiros e explosões de bombas. Ecoando pelo zoo, o tumulto certamente soava como dez mil Fúrias erguendo-se do inferno para desconjuntar o mundo.

Antonina e um punhado de tratadores correram pelo terreno, tentando salvar alguns animais e libertar outros, ao mesmo tempo que se esquivavam de ser igualmente feridos. Correndo de uma jaula para outra, ela também se preocupou com o marido que lutava no *front*, “um homem corajoso, um homem de consciência; se nem os animais inocentes estão seguros, que esperança tem ele?” E, quando Jan voltasse, o que encontraria? Depois, outra ideia chocou-se com essa: onde estava Kasia, a mãe elefanta, uma das favoritas do casal? Antonina enfim chegou ao cercado de Kasia, apenas para descobri-lo arrasado e a elefanta desaparecida (já morta por uma bomba, como Antonina saberia mais tarde), mas ainda pôde ouvir Tuzinka, a elefantinha de dois anos, barrindo ao longe. Muitos macacos tinham morrido num incêndio do pavilhão ou sido fuzilados, e outros guinchavam enlouquecidos, precipitando-se por entre as moitas e árvores.

Milagrosamente, alguns animais sobreviveram no zoológico e muitos escaparam pela ponte, entrando na Cidade Velha enquanto a capital ardia em chamas. Algumas pessoas, corajosas o bastante para ficar à janela, ou infelizes o bastante para estar do lado de fora, assistiram ao desdobrar de uma alucinação bíblica, à medida que o zoo escoava pelas ruas de Varsóvia. Focas gingavam pelas margens do Vístula, camelos e lhamas vagavam pelas vielas, com os cascos escorregando nas pedras do calçamento, avestruzes e antílopes trotavam ao lado de raposas e lobos, e tamanduás-bandeira gritavam *hatchi, hatchi*, precipitando-se por cima dos tijolos. Os moradores locais viram um borrão de couro e pelagens felpudas passando em disparada por fábricas e prédios residenciais, correndo para os campos de aveia, trigo-sarraceno e linho dos arredores, bracejando por córregos, escondendo-se em escadarias e galpões. Submersos em seus charcos, os hipopótamos, as lontras e os castores sobreviveram. De algum modo, os ursos, os bisões, os cavalos Przywalski, os camelos, as zebras, os lincos, os pavões e outras aves, os macacos e os répteis também escaparam.

Antonina escreveu sobre ter feito um jovem soldado parar perto do casarão e perguntado:

— Você viu um texugo grande?

O rapaz respondeu:

— Um texugo passou muito tempo batendo e arranhando a porta do casarão, mas, como não o deixamos entrar, ele desapareceu no mato.

“Pobre Borsunio”, lamentou-se Antonina, imaginando os apelos assustados do bicho de estimação da família à porta da casa. Passado um instante, sua mente turvou-se com o pensamento de “tomara que ele tenha conseguido fugir”, o calor e a fumaça recomeçaram e Antonina deu meia-volta,

correndo para verificar os cavalos de crina espinhada da Mongólia. Os outros cavalos e burros — inclusive o pônei de seu filho, Figlarz (Travesso) — jaziam mortos pelas ruas, mas, sabe-se lá como, os raros cavalos Przywalski tremiam de pé em suas pastagens.

Antonina finalmente deixou o jardim zoológico, atravessou o parque Praski, entre fileiras de tílias aureoladas de fogo, e voltou para a loja de cúpulas de abajur em que ela e o filho estavam abrigados no centro da cidade. Embotada e exausta, tentou descrever os rolos de fumaça, as árvores e a grama arrancadas, os prédios e carcaças salpicados de sangue. Depois, ao se sentir um pouco mais calma, foi até um edifício de pedra na rua Miodowa nº 1 e subiu a escada para um pequeno escritório cheio de pessoas agitadas e pilhas de documentos, um dos redutos secretos da Resistência, onde encontrou um velho amigo, Adam Englert.

— Alguma notícia?

— Ao que parece, nosso Exército está sem munição e suprimentos, discutindo a rendição formal — disse ele, em tom lúgubre.

Em suas memórias, Antonina escreveu que o ouviu falar, mas as palavras flutuaram para longe; era como se o cérebro dela, já sufocado pelos horrores do dia, tivesse expedido um *non serviam* e se recusasse a absorver mais coisas.

Sentando-se pesadamente num sofá, ela se sentiu grudada ao assento. Até aquele instante, não se permitira acreditar que seu país pudesse realmente perder a independência. De novo. Se a ocupação não era novidade, tampouco o era a expulsão do inimigo, mas fazia 21 anos desde a guerra anterior com a Alemanha — a maior parte da vida de Antonina —, e essa perspectiva a deixava zozna. Durante dez anos, o zoológico havia parecido um principado independente, protegido pelo fosso do Vístula, com uma vida cotidiana que constituía um quebra-cabeça apropriado para sua sensibilidade voraz.

De volta à loja de cúpulas, ela contou a todos a triste notícia que ouvira de Englert, que não combinava com os animados pronunciamentos do prefeito polonês Starzyński pelo rádio, nos quais ele acusava os nazistas, oferecia esperança e convocava todos a defenderem a capital a qualquer preço.

“Ao lhes dirigir a palavra neste momento”, dissera ele numa das ocasiões, “vejo-a pela janela em toda a sua grandeza e glória, envolta em fumaça, avermelhada pelas chamas: a gloriosa, invencível e combativa Varsóvia!”

Intrigadas, as pessoas se perguntavam em quem acreditar, se no prefeito, proferindo um discurso público, ou nos membros da Resistência. Nestes, com certeza. Numa outra transmissão, Starzyński chegara a usar os verbos no pretérito: “Eu queria que Varsóvia fosse uma grande cidade. Acreditava que seria grandiosa. Meus parceiros e eu traçamos planos e fizemos esboços para uma grande Varsóvia do futuro.” À luz dos tempos verbais de Starzyński (seriam eles um lapso?), a notícia de Antonina soou mais verdadeira e todos se sentiram desanimar, enquanto as proprietárias da loja se esgueiravam por entre as mesas, acendendo pequenos abajures.

Passados alguns dias, depois da rendição de Varsóvia, Antonina estava sentada à mesa com os outros, com fome, porém deprimida demais para comer o pouco alimento à sua frente, quando ouviu uma batida firme na porta. Ninguém mais fazia visitas, ninguém comprava luminárias nem consertava cúpulas quebradas. Ansiosas, as donas da loja entreabriram a porta e, para assombro de Antonina, lá estava Jan, com um ar exausto e aliviado. Seguiram-se os abraços e beijos, e depois ele se sentou à mesa e lhes contou sua história.

Ao deixarem Varsóvia, semanas antes, na noite de 7 de setembro, Jan e seus amigos tinham seguido o rio e caminhado em direção a Brześć, às margens do Bug, como parte de um exército-fantasma à procura de uma unidade a que se juntar. Não encontrando ninguém, eles finalmente se haviam separado e, em 25 de setembro, Jan pernoitara em Mienie, numa fazenda cujos proprietários conhecia de verões passados no chalé de Rejentówka. Na manhã seguinte, a empregada o acordara para perguntar se ele poderia traduzir o que estava dizendo um oficial alemão que havia chegado durante a noite. Qualquer encontro com um nazista era perigoso e, enquanto se vestia, Jan havia procurado preparar-se para dificuldades e pensar nas hipóteses possíveis. Ao descer a escada, com a falsa confiança de um hóspede legítimo, ele mantivera o olho no oficial da Wehrmacht parado na sala, que discutia questões de abastecimento com os donos da casa. Quando o nazista se virou para olhá-lo, Jan foi tomado pela incredulidade e se perguntou se estaria vendo uma miragem produzida por seu coração descompassado. No mesmo instante, porém, a surpresa surgiu no rosto do oficial, que sorriu. Ali estava o dr. Müller, um colega integrante da Associação Internacional de Diretores de Jardins Zoológicos, que dirigia o zoo de Królewic (cidade da Prússia Oriental conhecida como Königsberg antes da guerra).

Rindo, Müller disse: “Só conheço bem um único polonês, você, meu amigo, e o encontro aqui! Como foi que isso aconteceu?” Como oficial de suprimentos, Müller tinha ido à fazenda em busca de comida para seus soldados. Ao ouvir dele o relato sobre a catástrofe de Varsóvia e do zoológico, Jan quis voltar imediatamente e Müller se ofereceu para ajudar, mas avisou que os homens poloneses da idade de Jan não estavam seguros nas estradas. O melhor plano, sugeriu ele, seria prender Jan e levá-lo para Varsóvia como seu prisioneiro; e, apesar da cordialidade do passado, Jan ficou inquieto, sem saber se podia confiar em Müller. Fiel à sua palavra, no entanto, o alemão retornou após a rendição de Varsóvia e conduziu Jan até o ponto mais interno da cidade a que se atreveu a levá-lo.

Torcendo para se reencontrarem em dias melhores, os dois se despediram e Jan se esgueirou por entre as ruínas da cidade, sem saber se conseguiria chegar à rua Kapucyńska, a Antonina e a Rys — se é que eles ainda estavam vivos. Por fim, encontrou o prédio de quatro andares e, quando a primeira batida não trouxe nenhuma resposta, “quase desmaiou de pavor”.

Nos dias subsequentes, a incômoda quietude de Varsóvia tornou-se enervante, e Jan e Antonina decidiram dar uma fuga pela ponte até o zoológico, dessa vez sem bombas nem atiradores a fustigá-los. Vários dos antigos tratadores também tinham voltado e retomado suas tarefas habituais, como uma espécie de brigada fantasma trabalhando num vilarejo semimassacrado, onde agora a guarita e as instalações eram pilhas de carvão, e onde as oficinas, a casa dos elefantes e ainda outros habitats e cercados inteiros também haviam queimado ou desmoronado. E o mais estranho de tudo era que muitas barras das jaulas tinham-se derretido em formas grotescas, que lembravam a obra de soldadores de vanguarda. Jan e Antonina caminharam até o casarão, chocados com um cenário que parecia ainda mais surrealista do que antes. Embora a casa tivesse sobrevivido, suas janelas altas tinham sido estilhaçadas pelas explosões das bombas e havia partículas finas de vidro por toda parte, como areia, misturadas com a palha esmagada do período em que os soldados poloneses se haviam abrigado ali, durante os ataques aéreos. Tudo precisava de conserto, especialmente as janelas, e, como as vidraças eram uma mercadoria rara, os dois resolveram usar chapas de compensado por algum tempo, embora isso significasse deixá-los ainda mais encerrados.

Primeiro, porém, eles iniciaram uma busca por animais feridos, vasculhando o terreno, procurando até em esconderijos improváveis; ecoavam vivas toda vez que alguém achava um animal preso sob os escombros, confuso e faminto, mas vivo. Segundo Antonina, muitos cavalos mortos do Exército jaziam com a barriga inchada, os dentes à mostra e os olhos arregalados de pavor. Todos os cadáveres precisavam ser enterrados ou talhados no matadouro (com a carne de antílopes, veados e cavalos sendo distribuída aos famintos da cidade), mas isso não era algo que Jan e Antonina pudessem enfrentar, de modo que eles deixaram a tarefa para os tratadores e, ao anoitecer, exaustos e abatidos, com a casa inabitável, voltaram para a rua Kapucyńska.

No dia seguinte, o general Rommel fez um pronunciamento no rádio, exortando os soldados e cidadãos de Varsóvia a aceitarem a rendição com dignidade e a manterem a calma, enquanto o Exército alemão marchava por sua cidade vencida. Sua transmissão encerrou-se com esta frase: “Confio em que a população de Varsóvia, que lutou bravamente em defesa da cidade e manifestou seu profundo patriotismo, aceite a entrada das tropas alemãs pacificamente, com honradez e serenidade.”

“Talvez seja uma boa notícia”, disse Antonina a si mesma, “talvez seja a paz, finalmente, e uma oportunidade de reconstrução”.

Depois de uma manhã chuvosa, as massas espessas de nuvens se moveram e o sol morno de outubro começou a se infiltrar, enquanto soldados alemães patrulhavam todos os bairros, enchendo as ruas com o bater dos saltos pesados das botas e a algaravia de uma língua estrangeira. Depois, sons diferentes infiltraram-se na loja de cúpulas de abajur, mais sibilantes e transparentes: as vozes de um aglomerado de homens e mulheres poloneses. Antonina viu “um grande organismo fluindo lentamente” em direção ao centro da cidade e gente saindo aos poucos dos prédios para se juntar à multidão.

— Para onde vocês acham que eles estão indo?

O rádio lhes informou onde Hitler se preparava para passar as tropas em revista, e ela e Jan sentiram a mesma força osmótica puxá-los para a rua. Para onde quer que Antonina olhasse, via destruição. Em suas anotações, ela descreveu “prédios guilhotinados pela guerra, com os telhados desaparecidos, sentados em poses distorcidas em algum ponto dos quintais vizinhos. Outros edifícios pareciam tristes, dilacerados pelas bombas do teto ao porão”. Eles a fizeram pensar em “pessoas constringidas com seus ferimentos, tentando encontrar um modo de esconder as lacerações no abdômen”.

Depois, Antonina e Jan passaram por prédios encharcados de chuva, sem reboco, com os tijolos vermelho-sangue expostos, exalando vapor sob o sol morno. Ainda havia incêndios ardendo, entranhas de casas fumegando, enchendo o ar com tanta fumaça que os olhos lacrimejavam e a garganta ficava apertada. Hipnotizada, a multidão crescente fluiu para o centro da cidade, e nos filmes de arquivo é possível vê-la ladeando as ruas principais, por onde os soldados alemães vitoriosos marchavam numa torrente contínua de uniformes cinzentos, cor de metal, com seus passos ecoando como cordas que açoitassem painéis de madeira.

Jan virou-se para Antonina, que lhe parecia prestes a desmaiar.

— Não consigo respirar — disse ela. — É como se estivesse me afogando num mar cinzento, como se eles estivessem inundando a cidade inteira, lavando nosso passado e nosso povo, varrendo tudo da face da Terra.

Imprensados na multidão, os dois assistiram à passagem de tanques e canhões reluzentes e de soldados de rosto corado, alguns com olhares tão provocativos que Jan teve de desviar o rosto. O teatro de fantoches, uma arte popular na Polônia, não era apenas para crianças, e muitas vezes lidava com temas satíricos e políticos, como havia acontecido na Roma antiga. Alguns filmes antigos mostram o que os moradores locais talvez achassem irônico: uma ruidosa banda de metais precedendo levadas de vistosos soldados de cavalaria e batalhões emproados, com Hitler um pouco



mais adiante, reinando numa plataforma na avenida, passando a tropa em revista com uma das mãos erguida, como um marionetista que manobrasse cordas invisíveis.

Representantes dos principais partidos políticos da Polônia já estavam reunidos na caixa-forte de um banco, com o objetivo de aprimorar a Resistência, que por pouco não se iniciou com êxito: explosivos colocados sob a plataforma de Hitler deveriam destruí-lo em pedaços, mas, no último minuto, um funcionário alemão deslocou o bombardeador para outro lugar e ele não pôde acender o pavio.

A cidade não tardou a se contrair em espasmos nas mãos dos alemães: os bancos fecharam, os salários desapareceram. Antonina e Jan mudaram-se de volta para o casarão, mas, sem dinheiro ou mantimentos, vasculharam os restos deixados pelos soldados poloneses que ali se haviam alojado, em busca de comida. A nova colônia alemã era governada pelo advogado pessoal de Hitler, Hans Frank, um integrante de primeira hora do Partido Nazista e jurista eminente, atarefado em revisar as leis alemãs de acordo com a filosofia nazista, em especial as leis raciais e as concernentes à Resistência. Em seu primeiro mês no exercício do cargo, o governador-geral Frank declarou que “qualquer judeu que [saísse] do distrito a que eles foram confinados” seria morto, como também o seriam “as pessoas que deliberadamente [oferecessem] esconderijos a esses judeus. (...) Os instigadores e os que prestarem auxílio estarão sujeitos à mesma punição que os criminosos; as tentativas serão punidas do mesmo modo que os atos efetivamente realizados”.

Pouco depois, ele expediu o “Decreto de Combate a Atos Violentos”, que impôs a pena de morte a qualquer pessoa que desobedecesse às autoridades alemãs, praticasse atos de sabotagem ou incêndios premeditados, possuísse revólveres ou outras armas, atacasse um alemão, violasse o toque de recolher, possuísse rádios, negociasse no mercado negro, tivesse panfletos da Resistência em casa ou deixasse de denunciar os transgressores contumazes que o fizessem. Desrespeitar as leis ou deixar de delatar os transgressores, por ação ou observação, eram crimes igualmente passíveis de punição. Sendo a natureza humana como é, a maioria das pessoas não queria se envolver, de modo que poucos foram denunciados, e um número ainda menor foi denunciado por não denunciar terceiros, algo que poderia transformar-se rapidamente numa absurda cadeia de desinclinação e inação. Em algum ponto entre o fazer e o não fazer, a consciência moral de cada um encontra seu próprio nível; a maioria dos poloneses não arriscou a vida pelos fugitivos, mas também não os denunciou.

Hitler autorizou Frank a “explorar implacavelmente essa região como zona de guerra e país a ser saqueado, e reduzir a uma pilha de escombros sua estrutura econômica, social, cultural e política”. Uma das principais tarefas de Frank consistiu em matar todas as pessoas influentes, como professores, sacerdotes, proprietários de terras, políticos, advogados e artistas. Em seguida, ele começou a rearranjar grandes massas da população: num período de cinco anos, 860.000 poloneses foram desalojados e reassentados; 75.000 alemães apossaram-se de suas terras; 1.300.000 poloneses foram despachados para a Alemanha como mão de obra escrava; e 330.000 foram simplesmente fuzilados.

Com coragem e engenhosidade, a Resistência polonesa viria a sabotar as máquinas alemãs, descarrilar trens, explodir pontes, imprimir mais de 1.100 periódicos, fazer transmissões pelo rádio, lecionar em escolas secundárias e faculdades secretas (frequentadas por 100.000 estudantes), ajudar judeus a se esconderem, fornecer armas, fazer bombas, assassinar agentes da Gestapo, resgatar prisioneiros, montar peças teatrais em segredo, publicar livros, realizar proezas de resistência civil, convocar seus próprios tribunais e fazer mensageiros irem e virem de Londres, onde se encontrava o governo exilado. Sua ala militar, o Exército Nacional, incluiu, no auge de suas atividades, 380.000 soldados, entre eles Jan Żabiński, que disse posteriormente a pessoas que o entrevistaram: “Desde o começo estive ligado ao Exército Nacional, na área do jardim zoológico.” Por mais confusa que deva ter sido a vida durante a ocupação, o Estado polonês clandestino, mais unido pela língua do que pelo território, lutou sem parar durante seis anos.

Essencial para a força da Resistência era sua política de não manter contatos com os superiores, bem como o uso infalível de pseudônimos e criptônimos. Se ninguém conhecesse seus superiores, a captura não poria o núcleo em risco; e, se ninguém soubesse o nome verdadeiro de ninguém, os sabotadores seriam difíceis de achar. As sedes da Resistência deslocavam-se pela cidade e as escolas migravam de uma igreja ou apartamento para outros, enquanto um bando de mensageiros e gráficas ilegais mantinham todos informados. O Movimento Camponês da Resistência adotou o lema “Tão pouco, tão demorado e tão ruim quanto for possível”, e tratou de sabotar as entregas feitas aos alemães e de desviar mantimentos para pessoas das cidades, declarando repetidas vezes a entrega dos mesmos cereais ou produtos de pecuária, superfaturando as vendas e perdendo, destruindo ou ocultando convenientemente os mantimentos. As pessoas que faziam trabalhos forçados no programa secreto de fabricação de mísseis alemães, em Peenemünde, urinavam nas peças eletrônicas para corroê-las, estragando os mísseis. A Resistência coordenava tantas células que qualquer um podia encontrar seu nicho, independentemente da idade, do grau de instrução ou da coragem. Jan tinha um pendor para o risco, o qual mais tarde disse a um repórter considerar excitante, acrescentando, com seu jeito contido, que aquelas apostas que aceleravam sua pulsação eram muito parecidas com “jogar xadrez — ou eu ganho, ou eu perco”.

## Capítulo 7

Com o outono, o frio começou a penetrar por baixo das portas e por frestas minúsculas e, à noite, ventos roucos açoiavam o telhado plano do casarão, enfunavam qualquer persiana de madeira empenada e assobiavam pelo terraço murado. Apesar dos prédios e jardins em desalinho, o zoológico acomodou seus poucos animais restantes para o inverno, mas nada se parecia com o que tinha sido antes da guerra, muito menos os quadros sazonais da vida do zoo. O ritmo dos dias costumava mudar drasticamente quando ele entrava em seu período de hibernação: as alamedas, normalmente repletas com até dez mil pessoas durante as férias de verão, ficavam quase desertas; algumas pessoas visitavam a Casa dos Símios, os elefantes, as ilhas dos predadores ou a piscina das focas. Mas as longas colunas de crianças de escola, esperando em fila para montar nos lhamas, pôneis, camelos ou pedalinhos, evaporavam-se. Animais delicados, como os flamingos e os pelicanos, arriscando-se a sair para um breve período de exercício todos os dias, marchavam cautelosamente em fila indiana pelo chão congelado. À medida que os dias se encurtavam e os galhos das árvores se despiam, a maior parte dos animais permanecia dentro de locais fechados, enquanto o tom do zoológico passava da algazarra para o resmungo, durante o período conhecido no ramo como *estação morta* — uma fase de repouso dos animais e recuperação dos seres humanos.

Mesmo em sua condição diminuída dos tempos de guerra, o zoológico resistiu como uma complexa máquina viva, na qual um parafuso frouxo ou uma engrenagem danificada podia desencadear uma catástrofe, e um diretor não podia se dar ao luxo de deixar escapar um parafuso enferrujado ou o nariz escorrendo de um símio, esquecer-se de travar ou ajustar o aquecimento de um prédio, não notar a barba muito embaraçada de um bisão. Tudo isso se tornava duplamente sério durante os vendavais, os temporais ou as geadas.

Agora faltavam todas as mulheres que antes costumavam recolher as folhas caídas, os homens que isolavam os telhados e as paredes dos estábulos com palha, os jardineiros que cobriam as rosas e os arbustos ornamentais para protegê-los das geadas. Outros ajudantes de uniforme azul deveriam estar lotando os porões de beterrabas, cebolas e cenouras e enchendo os silos de forragem até a borda, para que os animais tivessem durante o inverno uma abundância de *vitaminas* (termo cunhado em 1912 pelo bioquímico polonês Casimir Funk). Os celeiros deveriam estar transbordando de feno, os depósitos e despensas, de aveia, farinha, trigo-sarraceno, sementes de girassol, abóboras, ovos de formiga e outros produtos essenciais. Deveria haver caminhões trazendo carvão e coque, bem como um ferreiro consertando ferramentas quebradas, trançando arame e lubrificando os cadeados. Na carpintaria, deveria haver homens consertando cercas, mesas, bancos e prateleiras, além de fazer portas e janelas para novos prédios quando o solo ficasse macio, na primavera.

Em condições normais, Antonina e Jan estariam preparando o orçamento para o ano seguinte, aguardando a chegada de novos animais e lendo relatórios, em escritórios com vista para o rio e para as casas de cumeeiras altas da Cidade Velha. O departamento de imprensa estaria organizando palestras e concertos, e haveria pesquisadores preparando lâminas e fazendo exames.

A estação morta, embora nunca fosse um período fácil do ano, em geral oferecia asilo seguro num mundo privado e protegido, onde todos contavam com despensas bem providas e encomendas permanentes de alimentos, e confiavam em sua autonomia. A guerra solapou todas três.

— A cidade ferida está tentando alimentar seus animais — assegurou Antonina a Jan, certa manhã, ao ouvir um barulho de vozes e cascos de cavalo e ver duas carroças rangendo até o portão, carregadas de sobras de frutas e cascas de legumes, vindas de cozinhas, restaurantes e casas. — Ao menos não estamos sozinhos.

— Não. Os varsovianos sabem que é importante salvar sua identidade — respondeu Jan —, todos os componentes da vida que os elevam e os definem, e isso, felizmente, inclui o zoológico.

Mesmo assim, Antonina escreveu que sentiu o chão desaparecer sob os pés quando o governo de ocupação resolveu mudar a capital para Cracóvia, assinalando que, como cidade provincial, Varsóvia já não precisava de um jardim zoológico. Tudo que ela pôde fazer foi esperar pela *liquidação*, uma palavra abominável que sugeria a desintegração de criaturas que sua família conhecia como indivíduos, não como uma massa coletiva de peles, asas e cascos.

Apenas Antonina, Jan e Ryś permaneceram no casarão, sem muita comida, fosse qual fosse o preço, com pouco dinheiro e sem emprego. Antonina fazia pão todos os dias e contava com legumes retirados da horta e conservas feitas com gralhas, corvos, cogumelos e bagas silvestres. Os amigos e parentes em vilarejos dos arredores enviavam alimentos periodicamente, às vezes até toucinho e manteiga, luxos raramente vistos na cidade devastada; e o homem que costumava entregar carne de cavalo no zoológico antes da guerra agora lhes fornecia um pouco de carne.

Um dia, no fim de setembro, um rosto conhecido apareceu de uniforme alemão à sua porta: um antigo guarda do Jardim Zoológico de Berlim.

— Fui enviado diretamente pelo diretor Lutz Heck, com os cumprimentos dele e um recado — disse o homem, em tom formal. — Ele deseja lhes oferecer ajuda e está aguardando meu telefonema.

Antonina e Jan se entreolharam, surpresos, sem saber ao certo o que pensar. Conheciam Lutz Heck das reuniões anuais da Associação Internacional de Diretores de Jardins Zoológicos, uma pequena claque de altruístas, pragmatistas, evangelistas e patifes. No começo do século XX, havia duas principais escolas de pensamento em matéria de como cuidar de animais exóticos. Uma era adepta da criação de habitats naturais, da paisagem e do clima que cada animal encontraria em sua terra natal. Os ardorosos defensores dessa visão eram o professor Ludwig Heck, do Zoológico de Berlim, e seu filho mais velho, Lutz Heck. A visão oposta afirmava que, deixados por conta própria, os animais exóticos se adaptariam a um novo ambiente, independentemente de onde se situasse o jardim zoológico. O líder desse campo oposto era o filho mais novo do professor Lutz, Heinz, diretor do Jardim Zoológico de Munique. Influenciado pelos Heck, o Zoológico de Varsóvia fora projetado para ajudar os animais a se aclimatarem, mas também oferecia habitats convidativos. Foi o primeiro jardim zoológico polonês a não apinhar os animais em pequenas jaulas; ao contrário, Jan procurava adaptar cada cercado ao animal e, na medida do possível, reproduzir seu modo de vida no ambiente natural. O zoológico também se orgulhava de ter uma boa fonte natural de água (poços artesianos), sistemas sofisticados de drenagem e uma equipe bem treinada e dedicada.

Nas reuniões anuais, às vezes as diferenças ideológicas degeneravam em brigas, mas todas as famílias de diretores se orgulhavam de seus jardins zoológicos e lidavam com preocupações e paixões similares, e com isso prevalecia uma irmandade de conhecimentos compartilhados e bem-estar, apesar das barreiras linguísticas. Outros diretores não falavam polonês, Jan não falava alemão com fluência e Antonina falava polonês e um pouco de russo, francês e alemão. Mas surgiu uma espécie de esperanto (uma invenção polonesa) que se apoiava maciçamente no alemão e no inglês, acompanhado por fotografias, desenhos à mão livre, vozes de animais e gestos. As reuniões anuais davam a impressão de ser reencontros de amigos e, como a mais jovem entre as esposas dos diretores, Antonina os cativava com sua inteligência e sua aparência graciosa e esguia; e eles viam Jan como um diretor enérgico e decidido, cujo zoológico vicejava e era abençoado com crias raras.

Heck sempre fora cordial, especialmente com Antonina. Mas, em seu trabalho no zoológico, e agora em sua política, era obcecado com as linhagens consanguíneas, inclusive a ariana, e, pelo que Jan e a mulher tinham ouvido dizer, tornara-se um nazista ardoroso e poderoso, que tinha no *Reichsmarshal* Hermann Göring e no ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, convidados frequentes em sua casa e companheiros de caçadas.

— Somos gratos pela oferta do professor Heck — disse Antonina, educadamente. — Por favor, transmita-lhe nossos agradecimentos e diga que não precisamos de ajuda, já que o zoológico está destinado a ser *liquidado*.

Ela sabia muito bem que, como o zoólogo de mais alta patente no governo de Hitler, era bem possível que o próprio Heck fosse o homem encarregado da liquidação.

No dia seguinte, para surpresa do casal, o guarda voltou e disse que Heck planejava visitá-los em breve, e, quando o rapaz se foi, os dois se perguntaram o que fazer. Não confiavam em Heck, mas, por outro lado, ele tinha uma queda por Antonina e, em tese, como colega na direção de zoológicos, deveria solidarizar-se com a situação deles. Num país ocupado, no qual muitas vezes a sobrevivência dependia de contar com amigos em posições de destaque, cultivar a amizade de Heck fazia sentido. Antonina achou que o alemão gostaria da ideia de ser seu protetor, um cavaleiro medieval como Parsifal — um ideal romântico para conquistar o coração dela e provar sua nobreza. Ao se perguntar se essa aproximação significava uma ajuda ou um prejuízo, ela sentiu a mente tomada por uma agressividade felina: “Pelo que sabemos, pode ser que ele esteja apenas se divertindo conosco. Os grandes felinos precisam de ratos com que brincar.”

Jan defendeu a possível boa vontade de Heck: sendo também diretor de um zoológico, Lutz Heck amava os animais, passara a vida a protegê-los, e sem dúvida se solidarizava com as perdas sofridas por seus colegas. E foi assim, hesitando entre a esperança e o medo, que o casal passou a noite anterior à primeira visita de Heck.

Depois do toque de recolher, os poloneses já não podiam passear sob um toldo de estrelas. De suas janelas e sacadas, ainda conseguiam observar as Perseidas de agosto, seguidas pelas chuvas de

meteoros do outono — as Dracônidas, as Oriônidas e as Leônidas —, mas graças a todas as bombas e à poeira, a maioria dos dias ficou nublada, com pores do sol tumultuados e uma garoa antes do amanhecer. Ironicamente, a guerra de amplo alcance, que criava campos de batalha grotescos e poluição, também inspirava deslumbrantes efeitos celestes. Agora, os meteoritos que caíam velozes à noite evocavam imagens de bombas e tiros de canhão, por mais que suas caudas lembrassem pipas. Houvera época em que os meteoros tinham figurado numa categoria mental distante de tudo o que era tecnológico, como viajantes de reinos longínquos em que as estrelas faiscavam como arame farpado revestido de gelo. Em tempos remotos, a Igreja Católica havia batizado as Perseidas de *lágrimas de são Lourenço*, porque elas ocorriam perto do dia que homenageava o santo, porém a imagem mais científica de bolas de neve sujas, puxadas por ondas invisíveis, vindas das bordas do sistema solar e atiradas na terra, evocava sua própria magia sagrada.

## Capítulo 8

Lutz Heck assumiu a direção do Jardim Zoológico de Berlim, no lugar de seu ilustre pai, em 1931, e começou quase de imediato a remodelar a ecologia e a ideologia do zoo. Para coincidir com a Olimpíada de 1936, realizada em Berlim, inaugurou um “Zoológico Alemão” — uma exposição que homenageava os animais selvagens do país, inclusive com uma “Rocha do Lobo” no centro, cercada por recintos para ursos, lincos, lontras e outras espécies nativas. Essa ousada manifestação patriótica, que frisava a importância dos animais conhecidos e mostrava que não era preciso ir aos confins da Terra para encontrar espécies exóticas, transmitiu uma mensagem louvável, e, se ele inaugurasse sua exposição hoje em dia, seus motivos não seriam questionados. Dada a época, entretanto, assim como o ultranacionalismo de sua família, ficou claro que ele queria agradar seus amigos nazistas, contribuindo para o ideal das raças superiores da Alemanha. Uma fotografia de 1936 mostra Heck e Göring numa caçada em Schorfheide, a grande reserva florestal de Heck na Prússia; e, no ano seguinte, o diretor do zoológico filiou-se ao Partido Nazista.

Como caçador de grandes animais, Heck passou os melhores momentos da vida buscando o perigo e a aventura, viajando várias vezes por ano a fim de recolher animais para seu zoológico — e, quem sabe, pôr na bagagem um par de cabeças de carneiro selvagem para sua parede — ou ficar cara a cara com uma urso-parda gigantesca e furiosa. Ele adorava caçadas de alto risco, especialmente na África, as quais recapitulava em cartas pitorescas, escritas à luz da lanterna, sentado num tamborete de acampamento perto de uma fogueira generosa, enquanto leões rugiam nas trevas, invisíveis, e seus companheiros dormiam. “A fogueira bruxuleando à minha frente”, escreveu ele, certa vez, “e atrás de mim, saindo do infinito tenebroso, os sons de uma fera invisível e misteriosa”. Sozinho, mas vagamente acossado por predadores à sua volta, ele reencenava à tinta as façanhas do dia, umas para guardar, outras para compartilhar com amigos que se encontravam num recorte diferente da realidade — na Europa, que lhe parecia estar a planetas de distância. Era frequente suas cartas serem acompanhadas por fotografias de ação: Heck laçando uma girafa, puxando um filhote de rinoceronte, capturando um *aardvark*<sup>3</sup> ou fugindo de um elefante desembestado.

Heck adorava colecionar troféus, como lembretes de um lado selvagem de seu eu que emergia na distante natureza inculta — animais vivos para exibir em seu zoo, animais mortos para empalhar, fotografias para compartilhar e emoldurar. No auge de suas viagens, ele parecia colher a própria vida, mantendo diários volumosos, tirando centenas de fotos e escrevendo livros populares (como *Animais, minha aventura*), que retratavam sua paixão pela natureza virgem e nos quais ele detalhava feitos de extraordinária bravura, estoicismo e habilidade. Heck conhecia seus pontos fortes, admirava o heroico em si mesmo e nos outros, e era capaz de contar histórias cativantes enquanto bebericava drinques nas reuniões anuais. Embora, vez por outra, ele se mitificasse, sua personalidade combinava com uma profissão que sempre atraiu pessoas movidas pela ânsia de exploração, de fuga da domesticidade, e pelo desejo de um toque de tribulação suficiente para fazê-las sentir os fios da mortalidade se esgarçarem. Sem pessoas desse tipo, os mapas ainda mostrariam uma Terra plana e ninguém acreditaria na fonte do Nilo. Às vezes, Heck matava dragões — ou melhor, seus equivalentes na vida real —, mas, *grosso modo*, ele os capturava, fotografava e exibia com entusiasmo. Passional e obstinado, quando se interessava por um animal, fosse na natureza selvagem, fosse pertencente a alguém, ele ansiava por esse espécimen, tentava todas as formas de sedução ou artifício em que conseguia pensar, e persistia até esgotar o animal ou vencer seu proprietário pelo cansaço.

Durante décadas, os irmãos Heck haviam perseguido um objetivo fantástico, uma busca que atraía Heinz, mas que apaixonava Lutz inteiramente: a ressurreição de três espécies extintas de puros-sangues — os cavalos neolíticos conhecidos como tarpans, os auroques (a forma selvagem que

foi progenitora de todas as raças europeias de gado doméstico) e o bisão-europeu, ou bisão “florestal”. Às vésperas da guerra, os irmãos Heck haviam produzido seus próprios exemplares semelhantes a auroques e tarpans, mas as cepas polonesas eram mais fiéis ao tipo original, seus evidentes herdeiros.

Somente criaturas pré-históricas serviriam, aquelas que não fossem maculadas pela miscigenação racial, e, embora Lutz esperasse ganhar influência e fama nesse processo, seus motivos eram mais pessoais — ele buscava a emoção de trazer de volta à vida animais extintos, quase mágicos, e de dirigir seu destino, caçando alguns por esporte. A engenharia genética só viria a despontar na década de 1970, mas ele decidiu usar a eugenia, um método tradicional de cruzar animais que exibissem certos traços específicos. O raciocínio de Heck era o seguinte: um animal herda cinquenta por cento de seus genes de cada um dos genitores, e até os genes de um animal extinto permanecem na combinação genética viva, de modo que, se ele concentrasse os genes, cruzando os animais que mais se assemelhassem à espécie extinta, com o tempo chegaria aos ancestrais puros-sangues. A guerra lhe deu a desculpa de que ele precisava para saquear os zoológicos e reservas naturais europeus em busca dos melhores espécimes.

Ocorre que todos os animais escolhidos por Heck vicejavam na Polônia, tinham a floresta de Białowieża por cenário histórico, e a aprovação de um zoológico polonês legitimaria seus esforços. Quando a Alemanha invadiu a Polônia, ele vasculhou as fazendas à procura das éguas que mais preservassem as características dos tarpans, a fim de cruzá-las com várias cepas selvagens, entre estas os cavalos Shetland, os árabes e os Przywalski, na esperança de reconstituir o animal ideal: os cavalos ferozes, quase impossíveis de montar, pintados com tinta ocre nas cavernas de Cro-Magnon. Heck presumiu que não seriam necessárias muitas gerações de retrocruzamento — talvez apenas seis ou oito — porque, em época muito recente, em torno de 1700, os tarpans ainda corriam pelas florestas do nordeste da Polônia.

Durante a era glacial, quando as geleiras cobriam o norte da Europa e uma tundra batida pelo vento se estendia até a zona rural dos países mediterrâneos, densas florestas e campinas férteis serviam de refúgio para grandes manadas de tarpans, que vagavam pelas baixadas da Europa Central, pastavam nas estepes do Leste Europeu e galopavam pela Ásia e pelas Américas. No século V a.C., Heródoto falara do quanto apreciava observar as tropas de tarpans pastando nas turfeiras e charcos do que é hoje a Polônia. Durante séculos, tarpans de sangue puro driblaram a esperteza de todos os caçadores e, de algum modo, sobreviveram na Europa; contudo, não restavam muitos no século XVIII, em parte porque os *gourmands* apreciavam sua carne — que tinha um sabor doce, e, o que era ainda mais atraente, era rara — e em parte porque a maioria dos tarpans havia cruzado com cavalos domésticos e gerado uma prole fértil. Em 1880, perseguida por seres humanos, a última égua tarpan despencou numa fenda profunda na Ucrânia e morreu, e os últimos tarpans em cativeiro morreram sete anos depois, no Jardim Zoológico de Munique. Nessa ocasião, a espécie tornou-se oficialmente extinta, apenas mais um capítulo nos anais da vida na Terra.

Os seres humanos domesticaram cavalos selvagens há cerca de seis mil anos, e começaram imediatamente a aprimorá-los, matando os rebeldes para comer e cruzando os mais mansos, a fim de produzir animais que se submetessem com mais facilidade à sela e ao arado. Nesse processo, reformulamos a natureza do cavalo, obrigando-o a se desfazer de sua *selvageria* animada, ingovernável e esquiva. Os cavalos Przywalski, altivos e livres, conservaram essa fúria, e Heck planejava entremear seu espírito combativo com a mistura genética do novo tarpan. A história atribui ao coronel Nikolai Przywalski, um explorador russo de ascendência polonesa, a “descoberta” desse cavalo selvagem asiático em 1879, donde o seu nome, embora, é claro, o animal fosse bem conhecido pelos mongóis, que já o haviam denominado de *tahki*. Heck introduziu em sua fórmula a energia, o temperamento e a aparência do *tahki*, mas ansiava por criaturas ainda mais antigas — os cavalos que haviam dominado o mundo pré-histórico.

Que ideal poderoso — aquele cavalo sensual e arisco, pisoteando a terra desafiadoramente, com seus cascos assertivos! Depois da guerra, Heinz Heck escreveu que ele e o irmão tinham iniciado o projeto de retrocruzamento por curiosidade, mas também por “achar que, se o homem não pode ser detido em sua louca destruição dele mesmo e de outras criaturas, ao menos é um consolo que algumas espécies de animais que ele já exterminou possam ser trazidas de volta à vida”. Mas, para que ter tarpans em que montar, se não houvesse nada digno de ser caçado?

Lutz Heck logo começou a cuidar de um punhado de bisões-europeus, inclusive os que roubou do Jardim Zoológico de Varsóvia, na esperança de que eles pudessem prosperar no santuário arbóreo de Białowieża, como tinham feito seus ancestrais. Heck imaginou os bisões galopando novamente pelas trilhas, com a luz do sol a penetrar nos ramos de carvalhos de trinta metros de altura, numa floresta palpitante de lobos, lince, javali e outras formas de caça, aos quais logo se juntariam, segundo esperava ele, manadas de cavalos antigos.

Heck também buscava um touro lendário, o auroque, que um dia fora o maior animal terrestre da Europa, conhecido por sua selvageria e vigor. Ao se derreterem as geleiras da era glacial, há cerca de doze mil anos, quase todos os mamíferos gigantes desapareceram, mas, nas florestas gélidas do norte da Europa, alguns auroques sobreviveram, e todos os tipos de gado moderno descenderam desse punhado de animais — não que os auroques fossem fáceis de domesticar há oito mil anos. Como eles estavam extintos desde cerca de 1600, o que era recente em termos evolutivos, Heck

tinha certeza de que seria capaz de reconstituí-los e, desse modo, salvar também essa espécie da “degeneração racial”. Seu sonho era que, ao lado da suástica, o touro pudesse tornar-se sinônimo do nazismo. Alguns desenhos da época mostravam o auroque e a suástica unidos num emblema de suavidade ideológica combinada com uma força feroz.

Muitas culturas antigas cultuavam o auroque, especialmente no Egito, no Chipre, na Sardenha e em Creta (cujo regente transespecífico supostamente descendia de um touro sagrado). Zeus assumia com frequência a forma de um touro, na mitologia grega, para melhor deflorar as mortais atraentes e gerar uma prole com poderes mágicos; quando raptou Europa, ele o fez sob a forma de um auroque, um grande touro negro de barba curta e gigantescos chifres apontados para frente (como os do gado *longhorn*, ou os dos capacetes dos heróis dos *Nibelungos*). Que animal seria melhor como totem do Terceiro Reich? A paixão de Heck por esse projeto era compartilhada por altas autoridades nazistas, o que deixava claro que o trabalho do zoólogo não tinha a ver apenas com a recriação de espécies extintas. Depois que Hitler subiu ao poder, os objetivos biológicos do movimento nazista geraram muitos projetos para estabelecer a pureza racial, o que justificou atos de esterilização, eutanásia e assassinato em massa. Um dos grandes cientistas do Terceiro Reich, Eugene Fischer, colega e amigo de Heck, fundou o Instituto de Antropologia, Genética e Eugenia, que favoreceu Josef Mengele e outros médicos igualmente sádicos das SS que usavam prisioneiros dos campos de concentração como cobaias.

Fascinado pela violência e pelo espírito forte e viril — naturalmente corajoso, intrépido, impetuoso, resistente, sadio, vigoroso e determinado —, Eugene Fischer acreditava que as mutações nos seres humanos eram tão destrutivas quanto as dos animais domésticos, e que a hibridação vinha debilitando a raça humana do mesmo modo que já havia descaracterizado certos animais selvagens, “belos, bons e heroicos”, fazendo perder-se o original potente na desordem genética. As raízes do nazismo alimentavam-se de um ocultismo vigoroso, que gerou a Sociedade Thule, a Germanenorden, o movimento *Völkisch*, o pangermanismo e outros cultos nacionalistas que acreditavam numa raça de homens-deuses arianos e na urgência de exterminar todos os inferiores. Eles enalteciam ancestrais sobre-humanos, cuja antiga dominação gnóstica tinha levado sabedoria, poder e prosperidade aos arianos na era pré-histórica, até eles serem suplantados por uma cultura estranha e hostil (a saber, judeus, católicos e maçons); esses ancestrais teriam codificado seu saber salvador em formas crípticas (por exemplo, runas, mitos e tradições), as quais só poderiam ser decifradas, em última instância, por seus herdeiros espirituais.

Esse ideal de pureza racial veio realmente a florescer com Konrad Lorenz, um cientista agraciado com o Prêmio Nobel e altamente respeitado nos círculos nazistas, que compartilhava a crença popularizada por Oswald Spengler em seu livro *A decadência do Ocidente* (1920) — a convicção de que as culturas estão inevitavelmente fadadas ao declínio —, mas não seu pessimismo. Ao contrário, Lorenz voltou-se para a domesticação de animais como um exemplo de como as culturas entravam em declínio, por meio do cruzamento aleatório entre cepas robustas e ordinárias, e defendeu uma solução biológica: a higiene racial, uma “política racial deliberada e de base científica”, na qual a destruição seria prevenida pela eliminação dos tipos “degenerados”. Lorenz usou indiscriminadamente os termos *espécie*, *raça* e *Volk* [povo], e alertou para o fato de que, “muitas vezes, o corpo *volkish* [étnico, popular] saudável não ‘nota’ como está sendo permeado por elementos de decadência”. Descrevendo essa decadência como o câncer dos povos fisicamente feios e afirmando que a meta de todo animal era a sobrevivência da espécie, Lorenz invocou um mandamento ético que disse apoiar-se na Bíblia — “Amarás o futuro de teu *Volk* [povo] acima de tudo” — e conclamou a uma divisão das pessoas entre as que tinham “pleno valor” e as de “valor inferior” (o que incluía raças inteiras e qualquer pessoa nascida com deficiências mentais ou físicas), expurgando os fracos, tanto nos seres humanos como nos animais.

Heck concordava, não aspirando a nada menos do que recriar o mundo natural da Alemanha, através de sua limpeza, refinamento e aperfeiçoamento. Como fiel convicto do nazismo desde seus primórdios, ele caiu nas boas graças das SS, impregnou-se das crenças de Fischer e Lorenz sobre a pureza racial e se tornou um favorito de Hitler e, especialmente, de Hermann Göring, seu protetor ideal. Nessa utopia sanitária, a tarefa de Heck era, essencialmente, reinventar a natureza, e ele encontrou em Göring um protetor generoso e muito endinheirado. À guisa de retribuição, Heck queria oferecer-lhe o domínio do maior tesouro natural da Polônia, a fantástica e imemorial reserva na fronteira polonesa com a Bielorrússia: Białowieża. Como reconhecia Heck, ela constituiria a dádiva suprema para um homem que imprimia seu brasão na maioria de suas posses e gostava de se vestir com “trajes pseudomedievais, com gibões de couro compridos e justos, botas macias de cano alto e volumosas camisas de seda, e de marchar pela casa e por sua propriedade carregando uma lança”. Muitos aristocratas ocupavam cargos elevados no Partido Nazista, e a maior parte do alto-comando possuía pavilhões de caça ou propriedades rurais, de modo que uma faceta importante do trabalho de Heck era confiscar as melhores reservas de caça e supri-las de animais de maneiras inéditas. Pontilhada de castelos medievais e herdeira da única floresta primitiva da Europa, a Polônia se orgulhava de ter parte das melhores áreas de caça do continente. Fotografias anteriores à guerra situam Göring em seu pavilhão de caça, suntuosamente decorado, a nordeste de Berlim, numa propriedade que se estendia até o Báltico e incluía uma reserva particular de 6.500 hectares, que ele encheu de alces, cervos, javalis, antílopes e outros tipos de caça.

Em termos mais gerais, os nazistas eram amantes ardorosos dos animais, bem como ambientalistas que, ao chegarem ao poder, promoveram a ginástica e a vida saudável, viagens regulares para o campo e amplas políticas sobre os direitos dos animais. Göring se orgulhava de patrocinar santuários de animais selvagens (“pulmões verdes”) como áreas de recreação e de conservação, e de abrir grandes estradas ladeadas por vistas panorâmicas. Isso atraiu Lutz Heck, assim como muitos outros cientistas de renome mundial, como o físico Werner Heisenberg, o biólogo Karl von Frisch e o projetista de mísseis Wernher von Braun. Durante o Terceiro Reich, os animais tornaram-se nobres, míticos, quase angelicais — inclusive os seres humanos, é claro, desde que não fossem eslavos, ciganos, católicos ou judeus. Embora as cobaias humanas de Mengele pudessem ser operadas sem nenhum analgésico, um exemplo notável da zoofilia nazista foi que, certa vez, um biólogo eminente foi punido por não dar anestesia suficiente a minhocas durante um experimento.



## Nota

<sup>3</sup>*Orycteropus afer*, também conhecido como jimbo, porco-formigueiro, porco-da-terra etc. (N.T.)

## Capítulo 9

Com o blecaute em vigor e mortos quase todos os animais, o alvorecer já não se anunciava derramando luz no quarto e acionando o coral extraterreno do zoológico. Acordava-se na escuridão e no silêncio, com as janelas do quarto vedadas por chapas de compensado e quase todas as vozes de animais ausentes ou abafadas. Numa quietude tão densa, os sons do corpo tornavam-se audíveis, escutando-se o palpitar do sangue e os foles dos pulmões. Numa escuridão tão profunda, vaga-lumes dançavam diante de olhos voltados para eles mesmos. Se Jan se vestisse ao lado da porta do terraço, Antonina não o enxergaria. Se ela estendesse a mão para o outro lado da cama, batesse no travesseiro e o encontrasse vazio, talvez ficasse tentada a se deter em lembranças da vida no zoológico antes da guerra, perdida na lucidez onírica de seus livros infantis. Nesse dia, porém, Antonina precisava cuidar de suas tarefas, porque ainda havia alguns animais a alimentar, Rys a vestir para a escola e a casa a ser preparada para a visita de Heck.

Antonina escreveu achar Heck “um verdadeiro romântico alemão”, ingênuo em suas ideias políticas e talvez presunçoso, mas cortês e imponente. Ela se sentia envaidecida com sua atenção e soube por um amigo em comum que o fazia lembrar-se de seu primeiro grande amor, ou assim ele jurava. O caminho dos dois raramente se cruzava, mas ela e Jan tinham visitado o Jardim Zoológico de Berlim algumas vezes, e Heck lhes mandara fotografias tiradas em expedições, acompanhadas por cartas cordiais em que elogiava o trabalho do casal.

A mulher do diretor enfiou um dos vários vestidos de bolinhas que gostava de usar em ocasiões sociais (alguns com gola de renda ou franzida). As fotografias quase sempre a mostram coberta de pontinhos miúdos, parecidos com os dos lincês, ou de grandes bolas claras contra um fundo preto ou azul-marinho, que realçava a cor de seu cabelo.

Da varanda, Jan e Antonina puderam ver o carro de Heck cruzar o portão principal — e sem dúvida já deviam ter montado um sorriso quando ele chegou.

— Olá, meus amigos! — disse o alemão, saltando do carro. Alto e musculoso, com o cabelo penteado para trás e um bigode escuro e bem cuidado, ele agora usava um uniforme de oficial nazista, e o efeito foi impactante, apesar de esperado, já que o casal estava acostumado a vê-lo em trajes civis, ou com roupas do zoológico ou de caça.

Ele e Jan trocaram um caloroso aperto de mão e, em seguida, Heck segurou a mão de Antonina e a beijou. Podemos ter certeza disso, já que tal era o costume, mas não de *como* esse “verdadeiro romântico alemão” a teria beijado. Informalmente ou com um floreio? Deixando os lábios tocarem a pele ou fazendo-os pairar a milímetros de distância? Tal como um aperto de mão, um beijo na mão pode refletir sentimentos sutis — uma saudação à feminilidade, um coração trêmulo, uma obediência a contragosto, uma fração de segundo de devoção codificada.

O alemão e Jan devem ter discutido a criação de animais raros, particularmente os que tinham especial interesse para Heck, cuja missão na vida — alguns diriam obsessão — combinava lindamente com o desejo nazista de cavalos puro-sangue para montar e animais de sangue puro para caçar.

Em matéria de animais raros, Jan e Lutz compartilhavam o amor pelos naturais da Polônia, especialmente o grande e lanudo bisão-europeu (*Bison bison bonasus*), primo barbudo do búfalo norte-americano (*Bison bison*) e o animal terrestre mais pesado da Europa. Como especialista reconhecido nesses bovinos, Jan desempenhava um papel-chave na Sociedade Internacional para Preservação do Bisão-europeu, fundada em Berlim em 1923, tendo como primeiro projeto a localização de todos os bisões-europeus restantes em jardins zoológicos e coleções particulares. A Sociedade encontrou 54, a maioria além da idade de reprodução, e, em 1932, Heinz Heck levantou o *pedigree* desses animais no primeiro Livro de Registro do Bisão-europeu.

Tempos depois, Antonina escreveu que, quando Heck rememorou suas reuniões antes da guerra e o quanto eles tinham em comum, tornando a elogiar os esforços do casal no jovem zoológico, ela se sentiu esperançosa. Por fim, a conversa voltou-se para a verdadeira razão da visita de Heck, que, segundo Antonina, foi exposta assim:

— Estou lhes dando minha palavra — disse Heck, em tom solene. — Podem confiar em mim. Embora eu realmente não tenha nenhuma influência no alto-comando alemão, tentarei persuadi-los a ser clementes com o seu zoológico. Enquanto isso, levarei seus animais mais importantes para a Alemanha, mas prometo cuidar bem deles. Por favor, meus amigos, pensem em seus animais como um *empréstimo*, e eu os devolvarei a vocês imediatamente depois da guerra.

Com um sorriso tranquilizador, dirigido a Antonina, acrescentou:

— E serei pessoalmente responsável pelos seus favoritos, os lincos, sra. Žabińska. Tenho certeza de que eles encontrarão um bom lar no meu zoológico de Schorfheide.

Depois disso, a conversa passou para temas políticos sensíveis, inclusive o destino de uma Varsóvia devastada pelas bombas.

— Pelo menos, há uma coisa boa a comemorar — disse Heck. É que o pesadelo de setembro em Varsóvia acabou-se, e a Wehrmacht não tem outros planos de bombardear a cidade.

— O que você fará com todos os seus animais raros, se a guerra chegar?

— Muita gente tem me perguntado isso, assim como “O que você fará com os animais perigosos? Suponha que seus animais fujam durante um ataque aéreo”, e assim por diante. São ideias terríveis. A visão de Berlim e de meu jardim zoológico, depois de um bombardeio dos ingleses, é um pesadelo pessoal. Nem quero imaginar o que aconteceria com outros zoológicos europeus, se fossem bombardeados. Creio que é por isso que tanto me entristece ver as suas perdas, meus amigos. É terrível, e farei tudo o que puder para ajudar.

— A Alemanha já se voltou contra a Rússia...

— E com razão — retrucou Heck —, mas derrotar a Rússia é algo que não poderá acontecer sem a ajuda da Inglaterra, e, na situação atual, com a Inglaterra do lado oposto, nossas chances de vitória são muito pequenas.

Com tantas coisas em jogo, Antonina estudou Heck cuidadosamente. Quando emoções fugazes se insinuam, um rosto pode deixar transparecer medo, ou a culpa por uma mentira em formação. A guerra tinha um jeito de destruir a confiança dela nas pessoas, mas a devastação de Varsóvia e do jardim zoológico claramente perturbava Heck. Além disso, sua falta de entusiasmo pelas decisões de Hitler surpreendeu Antonina, que, a rigor, achou “muito chocantes essas palavras, vindas de um funcionário do Terceiro Reich”, sobretudo porque o Heck que ela havia conhecido antes da guerra raramente compartilhava suas opiniões políticas, e vivia falando da “infalibilidade alemã”. No entanto, ele logo estaria embarcando seus lincos e outros animais para a Alemanha, *para serem cuidados*, dissera, *como um empréstimo*, e Antonina não teve mesmo alternativa senão obedecer, manter-se cordial e esperar pelo melhor.

## Capítulo 10

O Lutz Heck que emerge dos textos que ele escreveu e dos atos que praticou é instável como um cata-vento: sedutor quando necessário, frio quando preciso, tigrino ou cativante, conforme seu objetivo. Apesar disso, é surpreendente que o zoólogo Heck tenha optado por ignorar a teoria aceita do vigor híbrido: a hibridação fortalece as linhagens. Ele devia saber que os vira-latas têm um sistema imunológico melhor e um número maior de truques em sua manga genética, ao passo que, numa espécie estreitamente uniforme, por mais “perfeita” que seja, qualquer doença que mate um animal ameaça acabar com todos os outros, razão por que os zoológicos mantêm criteriosos livros de registros sobre o *pedigree* de animais ameaçados de extinção, como os guepardos e os bisões-europeus, e procuram cruzá-los de maneira vantajosa. Seja como for, no passado distante, muito antes de alguém ser reconhecivelmente ariano, nossos ancestrais dividiam o mundo com outros tipos de hominídeos, e a hibridação entre vizinhos ocorria com frequência, produzindo rebentos mais resistentes e brutos, que vicejaram. Todos os seres humanos de hoje descendem dessa mistura robusta e falastrona, especificamente de um gargalo genético de apenas cerca de uma centena de indivíduos. Um estudo de 2006 sobre o DNA mitocondrial rastreou a origem dos judeus asquenazes (aproximadamente 92 por cento dos judeus do mundo, em 1931) até quatro mulheres, que migraram do Oriente Próximo para a Itália nos séculos II e III. A humanidade inteira tem origens que remontam à combinação genética de uma única pessoa, que alguns dizem ter sido um homem, outros, uma mulher. É difícil imaginar que nosso destino seja tão indefinido assim, mas *nós* somos maravilhas naturais.

Talvez, após décadas observando animais selvagens, Heck visse a limpeza étnica como higiênica e inevitável, um motor da reforma, substituindo uma linhagem genética por outra ainda mais adaptada, como um drama que se desdobrasse em todo o reino animal. A hipótese costumeira — usando os leões como exemplo — é que um agressor invade um bando vizinho, mata o macho alfa e trucidada seus filhotes, acasala à força com as fêmeas, assim estabelecendo sua própria linhagem, e toma o território do macho anterior. Os seres humanos, dotados de subterfúgio e negação, mas inquietos com a moral, disfarçam esses instintos em termos como *legítima defesa*, *necessidade*, *lealdade*, *bem-estar do grupo* etc. Foi o que aconteceu, por exemplo, em 1915, quando os turcos massacraram os armênios durante a Primeira Guerra Mundial; em meados da década de 1990, quando os sérvios cristãos da Bósnia começaram a exterminar os muçulmanos do país; e em 1994, em Ruanda, quando centenas de milhares de pessoas foram trucidadas (e as mulheres, estupradas) na guerra entre os hútus e os tútsis.

O Holocausto foi diferente: muito mais premeditado, metódico e de alta tecnologia, e, ao mesmo tempo, mais primitivo, como afirmou o biólogo Lecomte du Noüy em *La Dignité humaine* (1944): “O crime da Alemanha é o maior que o mundo já conheceu, porque não se deu na escala da História, mas *na escala da evolução*.” Isso não quer dizer que os seres humanos não tenham mexido com a evolução no passado — sabe-se que levamos muitos animais à extinção, e é bem possível que tenhamos feito o mesmo com outras linhagens humanas. Ainda assim, o instintivo não é inevitável: às vezes refreamos os instintos rebeldes e nem sempre nos pautamos pelas regras da natureza. Não há dúvida de que os imperativos gêmeos seguidos por Hitler, o de purificar a linhagem sanguínea e o de confiscar territórios, *pareciam corretos* a um traço antiquíssimo em pessoas como Heck, para as quais isso talvez parecesse até mesmo uma necessidade diabólica.

Heck também era um pragmatista, e as terras polonesas logo seriam reformadas pelos alemães, inclusive os jardins zoológicos. Assim, ao visitar o zoológico bombardeado de Varsóvia, ele escondeu um projeto sombrio: suas visitas eram um pretexto para roubar os melhores animais para os zoológicos e reservas florestais alemães, assim como se apoderar de recordes inestimáveis de

reprodução. Ao lado de seu irmão Heinz, ele esperava beneficiar o novo império alemão e resgatar a vitalidade perdida do ambiente natural, assim como Hitler esperava revigorar a raça humana.

Heck jurou repetidamente aos Żabiński que não tinha nada a ver com o fechamento do zoológico do casal, e que sua influência decrescente no alto-comando não bastaria para afetar as opiniões dos generais. Mas Antonina suspeitou de que ele estava mentindo, de que exercia enorme influência sobre as autoridades e de que talvez fosse até pessoalmente responsável pelo destino dela e do marido. O futuro de seu zoo condenado torturou os Żabiński, que temiam que, se ele fosse derrubado, aplanado e ocupado por construções, desapareceria entre as baixas de guerra. De qualquer modo, Jan teria que permanecer no zoológico, independentemente do que isso implicasse, porque o local servia à Resistência, cuja base no distrito de Praga, nessa época, chegava a noventa pelotões com seis mil soldados, o maior conjunto de sabotadores da cidade.

O Exército Nacional, um ramo clandestino das forças armadas polonesas que recebia ordens do governo do país no exílio, fixado em Londres, punha em campo uma hierarquia sólida, com uma rede de células dispersas e muitos depósitos de armas, fábricas de granadas, escolas, esconderijos e mensageiros, além de laboratórios para produzir armas, explosivos e receptores de rádio. Como tenente do Exército Nacional, Jan procurava disfarçar o jardim zoológico como algo que o Terceiro Reich talvez desejasse manter intacto. Os alemães tinham soldados para alimentar e adoravam carne de porco, de modo que ele procurou Lutz Heck com a ideia de iniciar uma grande suinocultura nos prédios decrepitos do zoo, ciente de que criar porcos num clima rigoroso garantiria prédios e terrenos com boa manutenção, e até uma pequena renda para uma parte da antiga equipe. Segundo o depoimento que ele deu ao Instituto Histórico Judaico de Varsóvia, recorrendo ao artifício de recolher sobras para alimentar os porcos, ele tinha a esperança de “levar bilhetes, toucinho e manteiga e transmitir recados para os amigos” no Gueto. Antonina escreveu:

*Sabíamos que [Heck] era um mentiroso e, com grande tristeza, compreendemos que já não havia esperança de salvar nosso jardim zoológico. Nessa situação, resolvemos falar com Heck sobre nosso plano seguinte. Jan queria começar uma grande criação de porcos, usando nossos prédios do zoo. (...) Mas perdemos a esperança quanto aos animais selvagens do zoológico; os alemães não estavam interessados em mantê-los vivos.*

Ela estava certa, porque, apesar de Heck haver consentido na criação de porcos, o bem-estar dos animais que não tinham “importância” suficiente para seus experimentos de criação era uma outra história. Primeiro, uma caravana barulhenta de caminhões continuou a entrar e sair por dias a fio; levou a elefanta órfã Tuzinka para Königsberg; embarcou os camelos e lhamas para Hanôver; mandou os hipopótamos para Nuremberg; despachou os cavalos Przywalski para Heinz, o irmão de Heck, em Munique; e reivindicou os lince, as zebras e os bisões para o Jardim Zoológico de Berlim. Antonina preocupou-se com o quanto essa perturbação confundiria os animais, que, ao final da jornada, enfrentariam novos cercados, novas equipes, carinhos ou gritos numa nova língua, novas rotinas, novos microclimas e novos horários de refeição. Seria preciso eles se habituarem a tudo, especialmente a novos companheiros de jaulas e novos tratadores, bem como à perda repentina de membros das manadas ou da família. E todo esse tumulto depois do choque dos bombardeios recentes e de terem sido quase incinerados. Ao escrever sobre isso, Antonina vivenciou duas vezes o sofrimento deles, como amiga humana e vítima perplexa.

Depois de levar embora todos os animais que queria para reprodução, Heck decidiu oferecer uma caçada de véspera de Ano-Novo, um antigo costume desse feriado no norte da Europa, baseado na crença pagã de que o barulho afastava os maus espíritos. Tradicionalmente, rapazes cavalgavam de uma fazenda para outra, atirando e gritando, expulsando os demônios, até serem convidados a entrar para beber. Às vezes, meninos cercavam as árvores, dando tiros de espingarda, tocando sinos e batendo em panelas e frigideiras, como participantes de um ritual de tempos imemoriais, destinado a despertar a natureza de sua sonolência e a encher as árvores de frutos e proporcionar à terra uma rica colheita.

Deturpando a tradição, Heck convidou seus amigos das SS para um raro prazer: uma caçada particular, bem ali no terreno do jardim zoológico — uma farra que combinava o privilégio com a mistura de animais exóticos que até um novato, ou um atirador bêbado, seria capaz de capturar. Em Heck, o caçador coexistia com o naturalista e, por mais paradoxal que pareça, ele era um diretor de zoo que não se importava em matar animais no zoológico de outras pessoas, se isso significasse cair nas boas graças de amigos poderosos. Heck e um bando de colegas caçadores chegaram num dia ensolarado, cheios de bebida e hilaridade, animados com as vitórias do Exército e dando risadas ao perambular pelo terreno, atirando por esporte em animais presos em cercados e jaulas. Só faltaram Göring e sua lança medieval para caçar javalis.

“Tal como um convalescente é atingido pelo retorno da febre”, escreveu Antonina em seu diário, “fomos atingidos pela matança dos animais do zoo, a sangue-frio e deliberadamente, nesse lindo dia de inverno”. Temendo o pior, ao ver os amigos de Heck chegarem bêbados, alegres e armados, ela resolveu manter Rys dentro de casa.

— Por favor, deixe eu brincar de trenó no morrinho da casa dos lhamas — implorou o menino. Confinado o dia inteiro e de mau humor, ele resmungou: — Aqui está chato e não tem ninguém pra brincar comigo.

— Que tal ficarmos no seu quarto, lendo *Robinson Crusóé*? — sugeriu Antonina. Com relutância, Ryś subiu a escada com a mãe, os dois se aninharam na cama dele e Antonina leu um dos livros favoritos do menino à luz do abajur. No entanto, sentindo a tristeza dela, Ryś ficou irrequieto, ansioso, e não conseguiu manter-se atento nem mesmo quando ela chegou aos trechos empolgantes. De repente, o som de tiros rompeu o silêncio hibernal, cada disparo seguido por seu eco, à medida que os fuzis estalavam pelo zoo, alto o bastante para se fazerem ouvir através das janelas cobertas pelo compensado.

— Mamãe, o que é isso? — perguntou o menino, assustado, puxando a manga de Antonina. — Quem está atirando?

Ela fixou os olhos na página até as letras começarem a saltar, incapaz de falar ou se mexer, com as mãos imobilizadas, segurando o livro aberto. Por mais atordoantes e instáveis que tivessem sido os meses anteriores, de algum modo ela havia aguentado, mas esse momento “de pura matança gratuita, além da política ou da guerra”, deixou-a atormentada. A selvageria não estava a serviço da fome ou da necessidade, não era uma manobra política; os animais condenados não estavam sendo escolhidos por se haverem tornado abundantes demais na natureza. Não só os homens das SS ignoravam seu valor como criaturas notáveis, com personalidades únicas, como nem sequer lhes atribuíam o medo fundamental ou a dor. Era uma espécie de pornografia, na qual o breve *frisson* de matar superava a vida dos animais. “Quantos seres humanos morrerão assim nos próximos meses?”, perguntou-se Antonina. Ver e sentir o cheiro da carnificina teria sido pior, escreveu ela, mas foi uma agonia ouvir os tiros e imaginar os animais assustados correndo e caindo. O choque dela, a traição de Heck e a sensação de desamparo deixaram-na aturdida, e ela ficou paralisada enquanto o filho a puxava pela manga. Se não podia proteger os animais que estavam sob sua guarda, como poderia proteger o próprio filho, ou sequer explicar-lhe o que estava acontecendo, quando a verdade o deixaria irremediavelmente horrorizado? Os tiros esporádicos continuaram até tarde da noite, com uma aleatoriedade que a deixou com os nervos em frangalhos, já que ela não podia se preparar, apenas estremecer a cada disparo.

“Um pôr de sol arroxeadado, muito luminoso e claro, previa vento para o dia seguinte”, escreveu ela, mais tarde. “Trilhas, avenidas e pátios congelados foram cobertos por camadas cada vez mais espessas de neve, que caía em grandes flocos e grumos caóticos. À fria luz azulada da noite, o pôr do sol tocou um dobre fúnebre para nossos animais recém-sepultos. Podíamos ver nossos dois gaviões e uma águia descrevendo círculos sobre o jardim. Quando sua gaiola fora aberta pelas balas, eles tinham voado livres, mas não queriam deixar o único lar que conheciam. Planando, eles desceram e pousaram em nossa varanda, onde esperaram por um pouco de carne de cavalo para comer. Pouco depois, até eles se transformaram em troféus, parte da festiva caçada de Ano-Novo dos oficiais da Gestapo.”

## Capítulo 11

A vida no zoológico parou por completo durante semanas, e as perdas ecoaram pelas jaulas, antes repletas dos bufos e da algazarra familiar. O cérebro de Antonina recusou-se a aceitar a triste nova realidade, enquanto em toda parte um silêncio fúnebre emudecia o zoo, e ela tentou dizer a si mesma que “não era um sono da morte, mas uma hibernação”, o repouso dos morcegos e dos ursos polares, depois do qual eles despertariam refeitos na primavera, espreguiçariam os membros imundos e procurariam comida e parceiros. Era só um tratamento de repouso durante os dias de congelação e sismos glaciais do inverno, quando o alimento sumia e era melhor dormir na toca, aquecido pela gordura armazenada no verão. O período de hibernação não era apenas para dormir; era também, tipicamente, a ocasião em que as ursas tinham seus filhotes, os quais amamentavam e afagavam com o focinho até a primavera, o tempo da maturação. Antonina se perguntou se os seres humanos poderiam usar a mesma metáfora e imaginar o tempo de guerra como “uma espécie de hibernação do espírito, quando as ideias, o conhecimento, a ciência, o entusiasmo pelo trabalho, a compreensão e o amor, todos se acumulam do lado de dentro, [onde] ninguém pode tirá-los de nós”.

É claro que o subterrâneo de sua família, a Resistência, não tinha nada de um sonolento abrigo restaurador; antes, era uma política de risco, e Antonina considerava o estado de ânimo da Resistência uma “reação de morte cerebral” compartilhada, invocada pela psique. Na verdade, não havia alternativa. Precisava-se dela para enfrentar a tristeza e o medo embrutecedores despertados pelos horrores cotidianos, como pessoas espancadas e presas nas ruas, deportações para a Alemanha, tortura nas unidades da Gestapo ou na prisão Pawiak, execuções em massa. Para Antonina, pelo menos, essa fuga, estoicismo ou dissociação — como quer que fosse rotulada — nunca chegava propriamente a dissipar a corrente subjacente de “medo, revolta e extrema tristeza”.

À medida que os alemães se apossaram sistematicamente de cidades e ruas polonesas, até falar polonês em público foi proibido; em Gdańsk, era punível com a morte. A meta nazista de obter mais “espaço vital” (*Lebensraum*) aplicava-se conspicuamente à Polônia, onde Hitler dera ordens a seus soldados para “matar sem piedade nem clemência todos os homens, mulheres e crianças de ascendência ou língua polonesas. Só assim poderemos obter o *Lebensraum* de que necessitamos”. As crianças consideradas como as que exibiam os mais fortes traços (e portanto, genes) nórdicos eram destinadas à Alemanha, para receberem novos nomes e serem criadas por alemães. Como os irmãos Heck, os biólogos nazistas acreditavam na aparência — quem apresentasse uma forte semelhança com uma espécie almejada poderia, por retrocruzamento, chegar a um ancestral puro.

A lógica racial era esta: uma raça ariana biologicamente superior tinha-se espalhado pelo mundo inteiro e, apesar do colapso de diversos impérios, restavam vestígios dos arianos entre os integrantes da nobreza, cujas feições podiam ser identificadas e colhidas em descendentes na Islândia, no Tibete, na Amazônia e noutras regiões. Trabalhando com essa teoria, em janeiro de 1939, o *Reichsführer* Himmler lançou uma Expedição Alemã ao Tibete para localizar as raízes da raça ariana, e entregou a chefia dela a um naturalista, caçador e explorador de 26 anos, Ernst Schäfer.

“Himmler compartilhava pelo menos uma paixão com Ernst Schäfer”, escreveu Christopher Hale em *Himmler’s Crusade*: “era fascinado pelo Oriente e suas religiões”, chegando até a carregar um caderno de notas “em que havia compilado homilias do texto hindu *Bhagavad Gita* (‘A canção do Senhor’). Para o homenzinho insignificante [Himmler] que se sentava no interior da venenosa teia de aranha das SS, Ernst Schäfer era um emissário de um outro mundo, misterioso e emocionante”. Himmler também alimentava um ódio profundo pelo cristianismo e, como a maior parte da Polônia era devotamente católica, todos os poloneses eram passíveis de punição.

Antonina escreveu que seu mundo parecia eviscerado, desabando em câmera lenta, e que, para uma *Blitzkrieg*, uma guerra-relâmpago, aquela “tinha muitas fases longamente arrastadas”. Os

cupons de alimentação entraram em sua vida, assim como os dispendiosos víveres do mercado negro, embora, por sorte, Antonina ainda pudesse fazer pão com a farinha que havia comprado da cunhada no outono.

No final do inverno, ela e Jan começaram a receber as primeiras remessas de porcas e, em março de 1940, teve início a suinocultura, alimentada sobretudo com sobras doadas por restaurantes e hospitais, e também com o lixo que Jan recolhia no Gueto. Exageradamente qualificados para a tarefa, os antigos tratadores cuidaram dos porcos, e os animais vicejaram, produzindo centenas de bacorinhos durante o verão, o que proporcionou carne à família e atendeu ao objetivo principal de Jan de usar o zoológico como um depósito da Resistência.

Num dia de primavera, Jan levou para casa um porquinho recém-nascido, cuja mãe acabara de ser abatida, achando que Ryś poderia gostar dele como animal de estimação, e Antonina o viu como um amontoado hirsuto de energia, difícil de alimentar na mamadeira, especialmente quando começou a engordar. Deram-lhe o nome de Moryś e, com duas semanas e meia, ele parecia “um porquinho do *Ursinho Pooh* (...) muito limpo, cor-de-rosa e liso, com uma beleza de marzipã”, escreveu Antonina. (Na Polônia, era comum as crianças ganharem porquinhos de marzipã cor-de-rosa na Páscoa.)

Moryś passou a residir no chamado sótão da casa, que era, na verdade, um *closet* comprido e estreito que compartilhava o terraço com os quartos de cima, e todas as manhãs Antonina o encontrava esperando à porta do quarto de Ryś. Quando ela a abria, o porquinho “entrava correndo, coinchando, e começava a sacudir a mão ou o pé de Ryś até ele acordar, estender a mão e lhe coçar as costas. Então, Moryś arqueava o dorso feito um gato, até parecer a letra *C*, e grunhia com grande contentamento”, emitindo um ruído baixinho, entre um ronco e um ranger de porta.

Em raras ocasiões, Moryś se arriscava a descer para uma confusão de odores e vozes, um labirinto de estranhas pernas humanas e de móveis. Em geral, o tilintar da mesa sendo posta o atraía para o alto da escada, onde ele parava e “piscava os olhos azuis e dengosos, de longos cílios brancos, observando e escutando”, escreveu Antonina. Quando alguém o chamava, ele descia os degraus de madeira polida, com cuidado, seus cascos escorregando aqui e ali, dava uma corridinha até a sala de jantar e contornava a mesa, na esperança de algum petisco, embora as sobras fossem poucas.

Toda noite, depois do jantar, Moryś e Ryś iam para o jardim colher grama e ervas para alimentar os coelhos que viviam na antiga Casa dos Faisões, o que dava a Moryś uma oportunidade de catar tubérculos e verduras. Essa cena gravou-se com um brilho intenso na memória de Antonina: o ícone de seu filho pequeno com o porquinho de estimação, brincando à luz lilás do crepúsculo: “Ryś e Moryś num campo verdejante, o que cativava a todos. Ao observá-los, podíamos esquecer os trágicos acontecimentos da guerra durante longos momentos.” Seu filho perdera tanto da infância, tantos bichos de estimação, entre eles um cachorro, um filhote de hiena, um pônei, um chimpanzé e um texugo, que Antonina reverenciava suas fugidas cotidianas com Moryś para o miniparaíso da horta.

Um dos quebra-cabeças da vida cotidiana no casarão era este: como preservar o espírito de afeição e humor numa sociedade desvairada, homicida e imprevisível? Todos os dias eles cruzavam com assassinos no terreno do jardim zoológico, a morte pairava como uma sombra sobre as atividades domésticas e da Resistência e ainda perseguia aleatoriamente as pessoas nas ruas. A ideia de segurança havia encolhido, transformando-se em partículas — um instante acolhedor, depois outro. Enquanto isso, o cérebro entoava fugas de preocupação e montava teatros mentais repletos de tragédias e vitórias, porque, infelizmente, o medo da morte faz maravilhas em matéria de concentrar o pensamento, inspirar a criatividade e aguçar os sentidos. Confiar nos próprios palpites só parece uma aposta arriscada quando se tem tempo esse *parecer*; caso contrário, o cérebro funciona no piloto automático e troca a arte elitista da análise pelas melhores e mais rápidas percepções que emergem de seus arquivos sobre o perigo, e de antigos reservatórios de truques.



## Capítulo 12

“Como pode essa barbaridade estar acontecendo no século XX?!!!!!!”, perguntou-se Antonina, num grito de incredulidade com nada menos de seis pontos de exclamação. “Não faz muito tempo, o mundo olhava para a Idade Média com desprezo por sua brutalidade, e, no entanto, aqui está ela de novo, em plena força, como um sadismo sem lei, não corrigido por nenhum dos encantos da religião e da civilização.”

Sentada à mesa da cozinha, ela preparava pacotinhos de comida para amigos do Gueto, sentindo-se grata por ninguém vasculhar a roupa ou os baldes de Jan quando ele fazia suas rondas habituais para recolher sobras para a suinocultura de Weimar. Sem dúvida ele gostava da ironia de levar comida da criação de porcos para o Gueto, e, se parecia de um certo mau gosto dar carne de porco a judeus, já que esse era um alimento tabu, fazia muito tempo que as leis dietéticas tinham sido dispensadas, e todos se sentiam gratos pela proteína, que era uma dádiva escassa dos dois lados do muro.

No começo, nem os judeus nem os poloneses absorveram a arenga completa das leis racistas, assim como não acreditaram nos rumores sinistros sobre detenções e matanças de judeus. “Enquanto não testemunhávamos esses acontecimentos em si, não os sentíamos na própria pele”, recordou Antonina, tempos depois, “podíamos descartá-los como coisas de outro mundo, sem precedentes, meros boatos cruéis, ou, quem sabe, piadas de mau gosto. Mesmo quando o Departamento da Pureza Racial iniciou um recenseamento detalhado da população judaica da cidade, ainda pareceu possível atribuir essa loucura ao famoso talento alemão para a conduta sistemática e bem organizada”, a uma minudência de burocratas. Entretanto, alemães, poloneses e judeus ficavam em três filas separadas para receber pão, e as porções racionadas eram calculadas até a última caloria diária, com os alemães recebendo 2.613, os poloneses, 669, e os judeus, apenas 184. Para o caso de alguém não compreender o que estava em jogo, o governador alemão Frank declarou: “Não peço nada aos judeus, exceto que desapareçam.”

*Verboten!* [proibido] tornou-se uma nova ordem muito conhecida, gritada pelos soldados ou pintada em letras grandes, com o dedo erguido de um ponto de exclamação, em cartazes e em jornais antissemitas como *Der Stürmer*. Ignorar essas três sílabas era passível de punição com a morte. Proferida como um latido, a palavra passava do *f* fricativo para o *b* plosivo, do nojo que saía de lábios espremidos para o veneno bufado.

À medida que as advertências e humilhações foram aumentando dia a dia, os judeus se viram proibidos de frequentar restaurantes, parques, banheiros públicos e até os bancos das praças. Marcados com uma estrela de Davi azul sobre uma faixa branca usada no braço, eles eram barrados em trens e bondes e publicamente estigmatizados, brutalizados, denegridos, estuprados e assassinados. Decretos proibiram os músicos judeus de executar ou cantar músicas de compositores não judeus, os advogados judeus foram privados de exercer a profissão, os funcionários públicos judeus viram-se despedidos sem aviso prévio nem pensão, os casamentos ou relações sexuais entre judeus e arianos tornaram-se ilegais, os judeus foram proibidos de produzir criações artísticas ou comparecer a eventos culturais, e os médicos judeus receberam ordens de abandonar a clínica (à exceção de alguns no Gueto). Nomes de rua que soavam judaicos foram trocados, e os judeus cujos prenomes pareciam arianos tiveram de substituí-los por “Israel” ou “Sara”. A expedição de licenças de casamento para os poloneses requeria um atestado de “apto para o casamento”. Os judeus não podiam contratar empregados arianos. As vacas não podiam ser inseminadas por touros pertencentes a judeus, e estes não tinham permissão para criar pombos-passageiros. Inúmeros livros infantis, como *O cogumelo envenenado*, promoviam a ideologia nazista com caricaturas antissemitas.

Para se divertir, soldados faziam judeus ortodoxos subir em barris e lhes cortavam a barba, usada por motivos religiosos, ou ridicularizavam homens e mulheres idosos, às vezes lhes ordenando que dançassem, se não quisessem ser fuzilados. Alguns filmes de arquivo mostram estranhos dançando juntos na rua, abraçando-se sem jeito, com os rostos tomados de medo, enquanto soldados nazistas batem palmas e riem. Qualquer judeu que passasse por um alemão sem curvar a cabeça e tirar o chapéu ficava sujeito a uma surra selvagem. Os nazistas lhes confiscaram todo o dinheiro em espécie e as economias, além de roubar móveis, joias, livros, pianos, brinquedos, roupas, suprimentos médicos, rádios ou qualquer outra coisa de valor. Mais de cem mil pessoas, arrancadas de suas casas, suportavam dias seguidos de trabalho braçal sem remuneração, e as mulheres judias, como uma humilhação adicional, eram obrigadas a usar sua roupa íntima como trapos para limpar o chão e os banheiros.

Depois, em 12 de outubro de 1940, os nazistas mandaram todos os judeus de Varsóvia deixarem suas casas e os tangeram para um bairro na zona norte da cidade, convenientemente situado entre a estação ferroviária principal, no Jardim Saxão, e o terminal ferroviário de Gdańsk. Tipicamente, os soldados alemães cercavam um quarteirão e davam às pessoas meia hora para desocuparem seus apartamentos, deixando tudo para trás, com exceção de meia dúzia de pertences pessoais. Somando os judeus deslocados do interior, esse decreto confinou quatrocentas mil pessoas em apenas cinco por cento da cidade, cerca de quinze a vinte quarteirões — uma área aproximadamente do tamanho do Central Park, onde o simples barulho, um “clamor tenso e constante”, como o descreveu um residente, deixava a sanidade em frangalhos. Esse vórtice de 27 mil apartamentos, onde em média quinze pessoas dividiam dois quartos e meio, de pequenas dimensões, atendeu ao objetivo nazista de abater o moral, enfraquecer, humilhar e diminuir a resistência.

Guetos judaicos tinham florescido na Europa ao longo da história e, por mais remotos ou desdenhados que fossem, tendiam a ser cheios de vida e permeáveis, permitindo que viajantes, comerciantes e a própria cultura fluíssem nas duas direções. O Gueto de Varsóvia diferiu drasticamente disso, como recordou Michael Mazar, um de seus sobreviventes: “Em Varsóvia, o Gueto já não passava de uma forma organizada de morte — uma ‘caixinha da morte’ (*Todeskätschen*), como era chamado por uma das sentinelas alemãs postadas em seus portões (...) uma cidade que os alemães viam como um cemitério.” Só os ardilosos e vigilantes sobreviviam, e ninguém se arriscava a sair de casa sem primeiro verificar a previsão de perigo. Os pedestres atualizavam as informações uns dos outros ao se cruzarem, e “a simples menção de uma ameaça, o menor gesto, podia fazer uma multidão de milhares de pessoas voltar correndo para dentro de casa, deixando a rua deserta e nua”.

Mas o mirrado tumulto da vida ainda florescia no Gueto, onde e quando podia. Norman Davies ofereceu este instantâneo das características vibrantes dos primórdios do Gueto: “Durante dois ou três anos, ele era repleto de transeuntes, riquixás e seus próprios bondes, encimados por uma estrela de Davi azul. Tinha cafés e restaurantes, um Bandeirão para Escritores no número 40 e locais de diversão. A Fotoplastikon, na rua Leszno nº 27, oferecia uma visão popular do mundo externo, exibindo uma série de fotografias de lugares exóticos, como o Egito, a China ou a Califórnia. Na calçada ficava um palhaço de nariz vermelho, tentando seduzir as pessoas a comprarem um ingresso por seis *groszy*. Na rua Leszno nº 2, o Café das Artes apresentava um espetáculo de cabaré todos os dias, além de uma série de shows de cantoras como Vera G. ou Marysdha A., o ‘Rouxinol do Gueto’, e músicos como Ladislav S. e Arthur G. Na rua Leszno nº 35, a Femina, uma casa de espetáculos musicais, montava produções mais ambiciosas de um vasto repertório polonês, que incluía a revista *Princesa das Xardas* e uma comédia oportunamente intitulada *O amor procura um apartamento*. Era tudo uma forma desesperada de escapismo. Como observou alguém, ‘o humor é a única forma de defesa do Gueto’.” Muitas das ruas mais conhecidas do Gueto traduziam-se como visões do paraíso, da abundância e da aventura: rua do Jardim, rua do Pavão, rua Fresca, rua Turbulenta, rua Nova Tília, rua do Dragão, rua do Sal, rua do Ganso, rua Brava, rua Calorosa, rua dos Licores e rua Aprazível.

A princípio, enquanto o Gueto continuou poroso, os amigos judeus dos Żabiński achavam que ele era uma colônia temporária de leprosos, ou que o regime de Hitler entraria rapidamente em colapso e a justiça prevaleceria, ou que eles conseguiriam vencer a tempestade, ou que a “solução final” significava expulsar os judeus da Alemanha e da Polônia — tudo, menos a aniquilação.

Optando por um futuro desconhecido em vez de um presente violento, a maioria dos judeus obedeceu às ordens de se mudar para o Gueto, embora alguns, opondo-se a ser tangidos como gado, tenham preferido uma vida de risco, escondendo-se no lado ariano da cidade. De acordo com Antonina, um tema lúgubre de conversa entre seus amigos de ascendência mestiça, ou casais em que um dos cônjuges era judeu, eram as leis racistas aprovadas em Nuremberg em 15 de setembro de 1935, que estipulavam quanto sangue judeu o indivíduo podia ter nas veias sem ser maculado por ele. Sven Hedin, o famoso explorador da Rota da Seda e apologista do nazismo, que ficou ao lado de Hitler no pódio na Olimpíada de 1936, foi isentado, embora seu bisavô tivesse sido rabino, coisa de que o círculo íntimo de Hitler certamente teria conhecimento.

Embora poucas pessoas tivessem antevisto as leis racistas como uma questão de vida ou morte, algumas se converteram rapidamente ao cristianismo e outras compraram documentos falsos. Temerosos de que os alemães descobrissem a ascendência parcialmente judaica de Wanda, Adam e

Wanda Englert, amigos do casal Żabiński, providenciaram um falso divórcio, seguido por uma farsa conhecida como o “Desaparecimento de Wanda”. Antes do programado desaparecimento, porém, Wanda resolveu dar uma festa de despedida para familiares e amigos íntimos, no antigo arsenal do centro da cidade, e escolheu o solstício de verão para realizar o evento.

Nesse dia santificado, o arsenal sem dúvida estaria decorado com galinhos de artemísia, uma planta alta da família do absinto, com hastes arroxeadas, folhas cinza-esverdeadas e florezinhas amarelas. Essa antiga erva era usada para desfazer feitiços e repelir feiticeiros e bruxas, especialmente no dia 23 de junho, o solstício de verão, dia associado a São João (segundo uma lenda, quando São João foi decapitado, sua cabeça caiu num canteiro de artemísias). Os lavradores poloneses supersticiosos penduravam ramos da erva sob os beirais dos estábulos para impedir que as bruxas ordenhassem as vacas durante a noite, as jovens varsovianas usavam grinaldas de artemísia no cabelo, e as donas de casa amarravam raminhos da planta nos vãos das portas e nos parapeitos das janelas para afastar os males. Durante a ocupação por demônios visíveis, uma festa realizada na noite do solstício de verão não há de ter sido uma coincidência.

No dia 22 de junho, Jan e Antonina saíram para a festa, planejando atravessar a ponte Kierbedź, o que representava uma agradável caminhada ou passeio de bonde, quando fazia bom tempo. Em fotografias antigas, a armação metálica fechada da ponte aparece como uma longa fileira de grampos, e seu desenho, imitando um entrançado de cesta, espalha no pavimento quadradinhos de luz solar. Essas pontes faziam um flauteio atonal quando o vento as atravessava, com velocidades mutáveis, e vibravam com uma música que se podia sentir, um baixo profundo que mexia com os ossos e também era produzido pelos elefantes, que falam e ouvem a uma velocidade subsônica, e que podia ser sentido pelos tratadores dos zoológicos se eles parassem perto de onde os elefantes conversavam.

Em geral, Jan e Antonina pegavam um atalho pelo parque Praski, cujo oásis urbano um dia se estendera por trinta hectares entre antigas fortificações napoleônicas. Em 1927, o novo jardim zoológico tinha absorvido cerca de metade do parque, deixando tantas árvores antigas quantas fora possível preservar, para que, ao chegarem de bonde, as pessoas primeiro passassem sob as suas copas e depois vissem o zoológico desdobrar-se com as mesmas espécies de acácias-meleiras, sicômoros-bastardos, avencas-cabelo-de-vênus e castanheiros, como prólogo e roteiro. Nessa tarde, porém, ao constatarem que não tinham cigarros, Jan e Antonina escolheram um caminho mais longo, passando pela rua Lukasiński, que circundava o parque, e entraram rapidamente numa lojinha inundada pelo cheiro adocicado do forte tabaco polonês. No instante em que iam saindo e acendendo seus cigarros, uma grande e estrondosa onda de choque atirou-os contra uma cerca, e choeram pedras por uma nuvem de solo arenoso. Na mesma hora, o ar se adensou e enegreceu e, um segundo depois, eles ouviram um motor de avião e viram uma linha fina e rosada cruzar o céu. Seus lábios se mexeram sem produzir nenhum som, e os dois se puseram de pé, trôpegos, ensurdecidos e atordoados pela explosão. Em seguida, quando as sirenes sinalizaram o fim do ataque aéreo, eles concluíram que o avião não tinha sido parte de uma esquadrilha, e sim um bombardeiro solitário, tentando destruir a ponte Kierbedź, que permanecera intacta, assim como o parque Praski. Mas uma espuma de fumaça negra soprava, subia e tornava a soprar de um bonde destroçado.

— Se tivéssemos pegado o atalho, talvez estivéssemos naquele bonde — disse Jan, enraivecido.

Um segundo pavor apossou-se de Antonina quando ela reparou na hora.

— Mas esse é o bonde que o Ryś às vezes pega na volta da escola!

Disparando pela rua, os dois se acercaram do bonde que pulsava e soltava fagulhas, arrancado dos trilhos e caído em frente à igreja católica, como um mamute fumegante, com os metais retorcidos e os cabos de aço soltos, além de cerca de cinquenta pessoas com o corpo flácido, espalhadas por dentro e por fora. “Com as lágrimas rolando, examinei as faces dos mortos, à procura do rosto de Ryś”, rememorou Antonina. Depois de vasculhar por entre a fumaça e os escombros escaldantes em busca do filho, e não o havendo encontrado, os dois correram até a escola, mas as crianças já haviam saído. Assim, voltaram em disparada, passaram pelo bonde e pela multidão que se aglomerava, cruzaram o parque Praski, precipitaram-se por entre as jaulas até o casarão, subiram correndo a escada dos fundos, irromperam cozinha adentro e vasculharam a casa inteira, gritando o nome de Ryś.

— Ele não está aqui — disse Jan, finalmente, desabando numa cadeira. Passado algum tempo, os dois finalmente o ouviram na escada dos fundos.

— Sente-se — disse Jan em tom severo, mas falando baixo, e conduziu Ryś a uma cadeira. — Onde você esteve, seu menino travesso? Esqueceu-se de que voltar direto da escola para casa é sua maior responsabilidade?

Ryś explicou que a escola acabara de liberar os alunos quando uma bomba explodiu, e então um senhor estranho, preocupado, tinha levado as crianças para dentro de sua casa, até a sirene informar o fim do ataque.

Nem é preciso dizer que Antonina e Jan faltaram à festa de Wanda, mas não perderam sua companhia, porque, logo depois, como fora planejado, ela “desapareceu” no zoológico, disfarçada de professora particular e não judia de Ryś.

## Capítulo 13

Jan e Antonina achavam o racismo nazista inexplicável e demoníaco, uma vergonha para a alma, e embora já estivessem auxiliando amigos dentro do Gueto, juraram, a despeito dos riscos, ajudar mais judeus, pois eles figuravam em lugar de destaque nas lembranças infantis de Jan e em seus compromissos de lealdade.

“Eu tinha uma dívida moral com os judeus”, disse Jan a um repórter, certa vez. “Meu pai era um ateu ferrenho, e por isso, em 1905, matriculou-me na Escola Kretshmort, que, na época, era a única escola de Varsóvia em que não se exigia o estudo da religião cristã, embora minha mãe se opusesse muito a isso, já que era católica devota. Oitenta por cento dos alunos eram judeus, e lá fiz amizade com pessoas que depois se distinguiram na ciência e na arte. (...) Quando me formei no ensino médio, comecei a lecionar na Escola Roziker”, também predominantemente judaica. Em consequência disso, Jan fizera amigos íntimos na intelectualidade judaica, e muitos de seus colegas de escola estavam morando atrás dos muros do Gueto. Embora Jan não falasse muito do pai em público, disse a um jornalista ter escolhido a zoologia “para fazer birra com meu pai, que não gostava de animais, e não os deixava entrar em nossa casa — com exceção das mariposas e das moscas, que entravam sem a permissão dele!”

Os dois tinham mais coisas em comum quando se tratava da lealdade demonstrada aos amigos judeus:

*Meu pai e eu crescemos num bairro judeu. Ele era advogado e, apesar de ter-se casado com uma moça de família riquíssima, filha de um latifundiário, ascendeu sozinho à burguesia. Foi por mero acaso que nos sucedeu crescer naquele bairro judaico pobre em Varsóvia. Desde a infância, meu pai brincava com crianças judias na rua, tratando-as como iguais. Fui influenciado por ele.*

O jardim zoológico estava longe de ser um lugar ideal para esconder refugiados. O casarão ficava perto da rua Ratuszowa, em plena vista, como um farol, cercado apenas por jaulas e reproduções de habitats naturais. Havia um aglomerado de casas de empregados e prédios da administração mais ou menos no meio do zoo, a uns mil e duzentos metros de distância; a vila era cercada por acres de terra, quase toda feita de jardins com pequenos canteiros; ao sul ficavam os trilhos da ferrovia, seguindo a margem do rio Vístula, logo adiante da cerca do zoo, e a parte norte abrigava uma zona militar, feita de pequenas construções de madeira fortemente guardadas por soldados alemães. Depois da rendição de Varsóvia, na ilha dos leões, bem no meio do zoológico, os alemães tinham construído um depósito para as armas confiscadas do Exército polonês. Outros soldados alemães também visitavam o zoo com frequência, para uma dose de paisagem verdejante e quietude, e ninguém podia prever quando ou quantos apareceriam, já que eles não demonstravam preferência por este ou aquele horário do dia. Mas chegavam num clima de quem estava de folga, não em patrulha, e, de qualquer modo, o cenário menos bombardeado do parque Praski proporcionava caminhadas mais atraentes.

É de admirar que Antonina nunca tenha desvendado um dos segredos de Jan: é que, com a ajuda dele, o Exército Nacional mantinha um depósito de munição no zoológico, enterrado perto do fosso do cercado dos elefantes. (Um pequeno cômodo revestido de madeira foi encontrado lá depois da guerra.) Ele sabia do perigo, ou até temeridade, de enterrar armas bem no centro do zoológico, a poucos passos do depósito militar alemão, mas como poderia contar isso a sua mulher? Tinha medo de que ela ficasse apavorada e insistisse em que a segurança da família vinha em primeiro lugar. Por

sorte, como achava Jan, nunca ocorreu aos alemães que um polonês pudesse ser tão raçudo, já que eles viam os eslavos como uma raça frouxa e estúpida, que só servia para o trabalho braçal.

“Conhecendo a mentalidade alemã”, ponderava Jan, “eu sabia que eles nunca esperariam nenhum tipo de atividade da Resistência num cenário tão exposto à visão pública”.

Ele sempre fugiu dos elogios e minimizou sua bravura, dizendo coisas como: “Não entendo todo esse estardalhaço. Se uma criatura está em perigo, a gente a salva, seja ela humana ou animal.” Nas entrevistas, em seus próprios escritos e nos relatos de Antonina, ele se revela naturalmente fechado, mas sociável, sumamente disciplinado, rigoroso consigo mesmo e com a família, o tipo de homem que às vezes chamamos de “controlado”, dotado da capacidade de esconder seus atos e seus sentimentos, um indivíduo com uma enorme *hart ducha* (força de vontade ou de caráter). Na Resistência polonesa, na qual ocorriam diariamente proezas acrobáticas de ousadia, Jan usava o codinome “Francisco”, em homenagem a São Francisco de Assis, padroeiro dos animais, e era conhecido por sua audácia, sangue-frio e disposição de correr riscos. Sua decisão de esconder armas e judeus bem à vista de todos, no coração de um acampamento nazista, revelou-se uma psicologia acertada, mas creio que era também uma espécie de arte de suplantar rivais que ele saboreava, uma piada particular zombeteira. Ainda assim, a descoberta teria significado a morte implacável e imediata para ele e sua família, e para quem sabe quantos outros. Ao criar uma espécie de casa de reabilitação, “uma pousada para os que fugiam do Gueto, até seu destino se decidir e eles se mudarem para novos esconderijos”, Jan descobriu que ser ateu não o protegia de um robusto senso de fatalidade e de seu próprio destino pessoal.

## Capítulo 14

No verão de 1940, um telefonema, um bilhete ou um sussurro podiam alertar os Żabiński para a chegada de “Hóspedes” secretos, ali instalados pela Resistência. Como judeus escondidos e em trânsito, nômades, não colonos, eles faziam uma parada rápida para descansar e recarregar as baterias, a caminho de destinos não designados. Os judeus de língua alemã que tinham a aparência de arianos recebiam documentos falsos de identidade e escapavam sem muita dificuldade. Os que não podiam fazer-se passar por arianos permaneciam por anos no zoológico, alguns no casarão e até cinquenta de cada vez em jaulas vazias. Muitos Hóspedes, como Wanda Englert, eram amigos ou conhecidos de longa data, e Antonina os considerava uma mesma família anfíbia. Escondê-los criava problemas, porém quem seria melhor do que curadores de um jardim zoológico para inventar camuflagens adequadas?

Na natureza, os animais herdaram truques habilidosos para se misturar com o meio ambiente; por exemplo, os pinguins são pretos no dorso e brancos na parte inferior do corpo, para que as gaivotas-rapineiras em patrulha presumam que eles são um pedaço de mar, e para que as focas-leopardos os descartem como nuvens. A melhor camuflagem para gente é mais gente, e assim os Żabiński convidavam uma enxurrada de visitas legalmente permitidas — tios, tias, primos e amigos — para temporadas de duração variável, e estabeleciam uma imprevisibilidade sistemática, uma rotina de mudanças de rostos, compleições físicas e sotaques, tendo na mãe de Jan uma visita frequente.

“Todos adoravam a mãe do Jan”, escreveu Antonina em suas memórias. “Ela possuía um temperamento gentil e gracioso, e era muito inteligente, pensava depressa, tinha a memória excelente e era muito educada e sensível. Tinha uma gargalhada sonora e um grande senso de humor.” Mas Antonina se preocupava com a sogra, porque “ela era uma delicada flor de estufa, e nosso dever era protegê-la de qualquer medo ou dor que pudessem prejudicar seu espírito ou desencadear uma depressão”.

Jan deixava esses aspectos intangíveis por conta de Antonina, que sempre havia lidado com os “animais difíceis”, e para quem a oportunidade de divertir, impressionar e, em última instância, resgatar um pai ou uma mãe era, com certeza, um atrativo visceral. Jan preferia o papel de general, espião e estrategista, principalmente quando isso significava tapear ou humilhar o inimigo.

Ao contrário de outros países ocupados, onde esconder judeus podia levar o indivíduo para a cadeia, dar guarida a um judeu na Polônia era punível com a morte imediata de quem o ajudasse, bem como da família e dos vizinhos dessa pessoa, num frenesi de matança chamado de “responsabilidade coletiva”. Mesmo assim, muitos funcionários de hospitais disfarçavam judeus adultos como enfermeiros, dopavam crianças pequenas para acalmá-las, antes de levá-las clandestinamente dentro de mochilas, e colocavam pessoas em carros fúnebres, embaixo de pilhas de cadáveres. Muitos poloneses cristãos esconderam amigos judeus durante toda a guerra, ainda que isso significasse uma redução das rações e uma vigilância e engenhosidade ininterruptas. Qualquer alimento extra que entrasse numa casa, silhuetas desconhecidas, ou murmúrios que escapassem de um porão ou um armário podiam inspirar um vizinho a fazer uma denúncia à polícia, ou a transmitir a informação ao submundo de chantagistas da cidade. Muitas vezes, os fugitivos passavam anos no escuro, mal podendo se mexer, e, quando finalmente saíam e esticavam os membros, seus músculos fracos lhes faltavam e eles tinham que ser carregados como bonecos de ventríloquo.

O jardim zoológico nem sempre era a primeira parada dos Hóspedes, especialmente os fugidos do Gueto, que podiam passar uma ou duas noites no centro da cidade com Ewa Brzuska, uma sessentona baixa, corada e meio quadrada que as pessoas chamavam de “Babcia” (Vovó). Ela era dona de uma minúscula quitanda (de cinco metros por um) na rua Sędziowske, que se estendia até a calçada, onde Ewa dispunha barris de chucrute e pickles ao lado de cestas de tomates e verduras. Os

vizinhos se aglomeravam para fazer compras e conversar, a despeito do depósito e da oficina de automóveis dos militares alemães situados bem do outro lado da rua. Todos os dias, um grupo de homens judeus era escoltado do Gueto para consertar os carros, e a Vovó despachava sua correspondência em segredo, ou ficava vigiando enquanto eles falavam com membros da família. Por perto ficavam grandes sacos de batatas, para que os pequenos contrabandistas do Gueto se escondessem atrás deles. Em 1942, os cômodos que ela possuía nos fundos tornaram-se uma filial de uma célula da Resistência, e ela guardava carteiras de identidade, certidões de nascimento, dinheiro e cupons de pão embaixo de tonéis de pepino em conserva e chucrute, escondia publicações subversivas no depósito e, muitas vezes, abrigava judeus fugidos por uma noite, alguns deles destinados ao jardim zoológico.

Antonina raramente sabia quando esperar seus Hóspedes, ou de onde eles viriam; Jan cuidava dos planos secretos e fazia a ligação com a Resistência, e, como resultado, ninguém que se escondesse no casarão adivinhava a dimensão exata de suas atividades. Ninguém sabia, por exemplo, o que ficava escondido nas latas de Nestlé ou Ovaltine que apareciam de vez em quando na prateleira acima do radiador, na cozinha.

Antonina contou que, um dia, o marido disse com ar displicente:

— Pus umas molinhas para meus instrumentos de pesquisa nessa lata. Por favor, não mexa nela nem a tire daí. Posso precisar dela a qualquer momento.

Ninguém se espantou. Jan sempre fora colecionador de pequenos apetrechos de metal — parafusos, porcas e outras quinquilharias —, embora costumasse guardá-los em sua oficina. As pessoas que o conheciam achavam esquisito esse seu *hobby*, o passatempo de um viciado em máquinas e equipamentos. Nem mesmo Antonina se deu conta de que ele estava colecionando detonadores para a construção de bombas.

Quando um jovem pesquisador do Instituto de Zoologia chegou com um grande barril de fertilizante, Jan o guardou no hospital veterinário ao lado do casarão e, volta e meia, mencionava de passagem que fulano de tal talvez fosse buscar um pouco de fertilizante para seu jardim. Só depois da guerra Antonina soube que, na verdade, o barril continha C13F, um explosivo solúvel em água, e que Jan chefiava uma célula da Resistência que era especializada em sabotar os trens alemães, enfiando explosivos nos rolamentos das rodas, de forma que, quando o trem começava a se deslocar, o explosivo detonava. (Houve um mês, em 1943, em que eles descarrilaram dezessete trens e danificaram cem locomotivas.) Durante a guerra, Antonina não soube que o marido também infectou alguns porcos com parasitas, abateu-os e preparou a carne envenenada sob a forma de almôndegas, as quais, com a ajuda de um rapaz de dezoito anos que trabalhava numa cantina do Exército alemão, foram postas nos sanduíches dos soldados.

Jan também ajudou a construir abrigos, tocas subterrâneas de importância vital. Na Polônia dos tempos da guerra, a palavra *bunker* não evocava a simples trincheira que evocaria hoje, e sim um úmido abrigo subterrâneo com respiradouros e poços de ventilação camuflados, em geral localizados à beira de um jardim ou de um parque público. O *bunker* de Emanuel Ringelblum, no número 81 da rua Grójecka, situado embaixo da estufa de um comerciante de hortaliças, era um quadrado de 28m de lado e abrigava 38 pessoas em 14 camas abarrotadas. Uma de suas companheiras de *bunker*, Orna Jagur, que, ao contrário de Ringelblum, deixou o abrigo antes que ele fosse descoberto em 1944, recordou o momento em que aspirou pela primeira vez o cheiro da vida no *bunker*:

*Uma onda de ar abafado e quente me atingiu. Lá de baixo brotava um mau cheiro feito de mofo e suor, misturado com o de roupas sujas e restos de comida. (...)*

*Alguns habitantes do abrigo estavam deitados nos catres, imersos na escuridão, e os demais sentavam-se às mesas. Por causa do calor, os homens estavam parcialmente despídos, usando apenas calças de pijama. Tinham os rostos pálidos, cansados. Havia medo e inquietação em seus olhos, e suas vozes eram nervosas e esganiçadas.*

E esse era considerado um *bunker* bem construído, cuidado por uma família carinhosa e que fornecia comida decente — um esconderijo incomumente bom.

Comparada à dele, a vida no zoológico parecia espaçosa e bucólica, se bem que amalucada, e as pessoas da Resistência referiam-se ao lugar, em código, como “A casa sob uma estrela louca”, que mais parecia uma gigantesca vitrine de curiosidades do que uma residência, e onde os que tinham sorte escapavam à observação alheia numa misturada de pessoas e animais. Os visitantes urbanos adoravam o casarão futurista e o grande parque que o abraçava, oferecendo uns dezesseis hectares de paisagens verdes onde eles podiam esquecer a guerra e fingir que estavam passando férias no interior. Como o paraíso só existe em termos comparativos, os Hóspedes fugidos do Gueto achavam a vida no casarão um pequeno Éden, inclusive com jardins, animais e uma padeira maternal (origem etimológica da palavra *paraíso*<sup>4</sup>).

Depois que anoitecia, por ordens oficiais, os Żabiński colocavam papel preto nas janelas, mas, durante o dia, a casa de dois andares, supostamente ocupada por uma família, pulsava como uma colmeia por trás das vidraças. Com todos os moradores legais a bordo — empregada, babá,

professora, parentes, amigos e animais de estimação —, a mistura de silhuetas e os barulhos estranhos pareciam normais. Escancaradamente visível, o casarão brilhava como uma vitrine, com alguns arbustos baixos crescendo a seu redor, algumas árvores adultas e os janelões altos que eram sua marca registrada. Jan montava as coisas dessa maneira propositalmente, com tudo à mostra e muito trânsito humano, seguindo a máxima que diz que *quanto mais público, menos suspeito*.

Por que tanto vidro? O casarão exibia o Estilo Internacional de arquitetura, um gênero que desconhecia a história, a cultura, a geologia ou o clima em torno de uma casa. Em vez disso, curvando-se à era das máquinas e ao futurismo, esforçava-se por chegar à simplicidade radical, sem traços de ornamentação, com prédios lisos, construídos com vidro, aço e concreto. Os expoentes da arquitetura — Walter Gropius, Ludwig Mies van der Rohe, Marcel Breuer, Le Corbusier e Philip Johnson — esperavam refletir a honestidade, a franqueza e a integridade, criando prédios de fachadas abertas, sem nada a esconder. Os lemas do movimento diziam tudo: “ornamento é crime”, “a forma segue a função”, “máquinas para morar”. Em desacordo com a estética nazista (que cultuava a arquitetura clássica), construir e viver num casarão modernista era algo que, por si só, constituía uma afronta ao nacional-socialismo, e Jan e Antonina tiravam o máximo proveito de tudo que esse estilo implicava: transparência, franqueza, simplicidade.

Nesse fluxo em que as pessoas apareciam e desapareciam, anônimas e inesperadas, era difícil identificar os Hóspedes e mais difícil ainda saber quem não estava presente e quando. Mas essa falsa inocência significava viver na corda bamba e disfarçar silenciosamente cada ruído, rastrear cada sombra. Será que um dado som se enquadrava na concordância sempre mutável da vida no casarão? Como seria inevitável, imperava na casa uma paranoia vital, como a única resposta sadia ao perigo perpétuo, enquanto os habitantes dominavam as artes marciais da dissimulação: o andar furtivo, a imobilidade, a camuflagem, a distração, a pantomima. Alguns Hóspedes se escondiam, enquanto outros ficavam em suspenso, só emergindo depois do anoitecer para andar pelo casarão em liberdade.

Um número tão grande de pessoas também significava tarefas adicionais para Antonina, que tinha uma grande família para supervisionar, porcos, aves e coelhos de que cuidar, uma horta movimentada, com suportes a fincar para os tomates e as favas, pão para fazer todos os dias, e conservas, pickles de legumes e compotas para pôr em vidros.

Os poloneses começavam a se acostumar com os sustos inesperados da ocupação, ficando com a pulsação serena num instante e disparada no outro, conforme a guerra ia reajustando seu metabolismo, em especial o nível da atenção em repouso. Todas as manhãs, eles acordavam no escuro, sem saber como seria o dia, se pesaroso, se concluído na prisão. Antonina se perguntava se viria a ser uma daquelas pessoas que desapareciam pelo simples acaso de se encontrarem num bonde ou numa igreja que os alemães escolhessem aleatoriamente, fechando as saídas e matando todas as pessoas em seu interior, para vingar algum insulto real ou imaginário.

As tarefas domésticas, por mais monótonas e repetitivas que fossem, eram tranquilizadoras, com seus movimentos conhecidos, inofensivos e automatizados. A vigilância constante tornava-se cansativa, os sentidos nunca chegavam propriamente a relaxar, os homenzinhos vigilantes do cérebro viviam patrulhando os portos da possibilidade, perscrutando as sombras e procurando ouvir o perigo, até que a mente se tornava sua própria penitente e prisioneira. Num país que vivia sob uma sentença de morte, tendo escondidos atrás das persianas os indícios sazonais, como a luz matutina ou as constelações que vagavam no céu, o tempo mudava de forma, perdia parte de sua elasticidade, e Antonina escreveu que seus dias ficavam cada vez mais efêmeros e “quebradiços, como bolhas de sabão estourando”.

Em pouco tempo, a Finlândia e a Romênia aliaram-se à Alemanha, e a Iugoslávia e a Grécia se renderam. O ataque da Alemanha a sua ex-aliada, a União Soviética, desencadeou ondas de boatos e previsões, e Antonina achou especialmente deprimente a Batalha de Leningrado, pois era sua esperança que a guerra estivesse perdendo fôlego, e não voltando a se inflamar. Vez por outra, ela ouvia dizer que Berlim fora bombardeada, que uma brigada dos Cárpatos havia derrotado os alemães, ou que o Exército alemão se rendera; porém, na maioria das vezes, ela e Jan monitoravam os conflitos nos diários, folhas de notícias e semanários secretos, impressos durante toda a guerra para manter informados os membros da Resistência. Os editores também enviavam exemplares ao quartel-general da Gestapo, “apenas para facilitar as suas investigações [e] informá-los do que pensamos de vocês (...)”.

Era comum aparecerem soldados alemães para atirar nos bandos de gralhas que enchiam o céu feito cinza, antes de pousarem nas árvores. Quando eles iam embora, Antonina saía furtivamente e recolhia os corpos, os quais limpava e cozinhava, preparando um patê que seus convivas presumiam ser de faisão, uma iguaria polonesa. Certa vez, quando as senhoras elogiaram essa conserva excelente, Antonina riu consigo mesma: “Por que estragar o apetite delas com meros detalhes da denominação zoológica?”

O clima emocional do casarão oscilava entre extremos, com ondas de relaxamento seguidas pela espuma da ansiedade, conforme as pessoas tentavam equilibrar as amenidades pastorais de um momento com as notícias deprimentes de outro. Quando a vida cintilava na conversa e em meio à música tocada ao piano, Antonina driblava momentaneamente a guerra e até sentia prazer, sobretudo nas manhãs de neblina em que o centro da cidade desaparecia e ela podia se imaginar



noutras terras ou noutra era. Sentia-se grata por isso, escreveu ela em seu diário, já que a vida na loja de luminárias da rua Kapucyńska fora marcada por uma garoa interminável de tristeza.

Era frequente os membros da Resistência passarem por lá, e, às vezes, jovens de 12 a 17 anos, dos grupos de escoteiros e bandeirantes. Notáveis antes da guerra, esses grupos juvenis tinham sido considerados ilegais a partir da ocupação nazista, mas, sob a égide do Exército Nacional, auxiliavam a Resistência como soldados, mensageiros, assistentes sociais, bombeiros, motoristas de ambulância e sabotadores. Os escoteiros mais jovens praticavam pequenos atos de sabotagem, como rabiscar nos muros da cidade “A Polônia vencerá!” ou “Hitler é o Homem da Carrocinha!” (um trocadilho com o nome do ditador), crime passível de punição por fuzilamento; também se tornavam portadores secretos de correspondência, enquanto os mais velhos chegavam até a assassinar oficiais nazistas e resgatar prisioneiros da Gestapo. Todos ajudavam no casarão, cortando lenha, carregando carvão e alimentando o fogo na fornalha. Alguns entregavam batatas e outros produtos da horta a esconderijos da Resistência, usando riquixás puxados por bicicletas, que foram veículos populares durante a ocupação, quando os táxis desapareceram e todos os carros passaram a pertencer aos alemães.

Como seria inevitável, Ryś entreouvia os escoteiros murmurando segredos atraentes e achava frustrante não poder fazer parte daquilo, quando todos os outros tinham empolgantes tarefas de capa e espada a executar. Quase desde o nascimento, ele fora escolado nos perigos do ambiente e informado de que eles eram reais, não um faz de conta nem histórias de ficção. Avisado de que não devia dizer uma só palavra sobre os Hóspedes a ninguém, nunca, fosse quem fosse, ele sabia que, se cometesse um deslize, ele próprio, seus pais e todas as outras pessoas de casa seriam assassinados. Que fardo pesado para uma criança pequena! Por mais intrigante e excitante que se tornasse seu mundo, com uma miscelânea de pessoas e dramas excêntricos, ele não se atrevia a contar nada a ninguém. Não é de admirar que ficasse mais ansioso e preocupado a cada dia que passava, destino este que Antonina lamentou em suas memórias; mas, o que ela podia fazer, quando todos os adultos também estavam ansiosos e preocupados? Como seria inevitável, Ryś tornou-se seu próprio grande pesadelo. Se deixasse escapar o nome de um Hóspede ou um segredo da Resistência ao brincar, sua mãe e seu pai seriam fuzilados, e, mesmo que ele sobrevivesse, ficaria inteiramente sozinho, e a culpa seria *sua*. Como ele não podia confiar em si mesmo, evitar os estranhos, especialmente as outras crianças, tornou-se o mais sensato. Antonina notou que ele sequer tentava fazer amizades na escola e, ao contrário, voltava correndo para casa para brincar com o porquinho Moryś, com quem podia conversar o quanto quisesse e que jamais o trairia.

Moryś gostava de brincar do que eles chamavam de “brincadeira do susto”, na qual o porquinho fingia assustar-se com algum sonzinho insignificante — como Ryś fechando um livro ou mexendo em alguma coisa na mesa — e partia em disparada, com os cascos escorregando no piso de madeira. Segundos depois, grunhia contente junto à cadeira de Ryś, pronto para tomar outro susto falso e fugir.

Por mais que Antonina pudesse desejar uma infância normal para seu filho, os acontecimentos já haviam enferrujado essa possibilidade, e a vida cotidiana continuava a ser corroída. Uma tarde, alguns soldados alemães viram Ryś e Moryś brincando no jardim e foram até lá investigar; não tendo medo dos humanos, Moryś trotou diretamente para eles, para um grunhido e uma coçada. E então, enquanto Ryś assistia, horrorizado, os homens arrastaram o porquinho, aos guinchos, para ser abatido. Arrasado, Ryś chorou por dias seguidos, inconsolável, e durante meses se recusou a entrar no quintal, nem mesmo para buscar verduras para os coelhos, as galinhas e os perus. Com o tempo, ele tornou a se aventurar no mundo do jardim, porém nunca mais com a mesma descontração radiante.

## Nota

<sup>4</sup>A autora se refere à origem etimológica que aproxima a forma grega *paradeisos* (parque cercado) e o termo avéstico *pairi-daēza* (parede em volta); o sufixo deste último (do indo-europeu *dheigh*, amassar barro) resultou no inglês antigo *dōēge* e no germânico *daigj ðn* (padeiro, o que faz massa de pão); deles deriva o moderno *dough* (massa de pão ou de confeitaria). O composto do inglês antigo *hl ðēfdige* significava “senhora/dona da casa”, “a que faz o pão”, donde a “padeira maternal”. (N.T.)

## Capítulo 15

1941

A criação de porcos sobreviveu apenas até a metade do inverno, porque, mesmo nas construções com aquecimento central do jardim zoológico, que um dia haviam abrigado elefantes e hipopótamos, os animais continuavam a precisar de uma forração quente de palha. Por perversidade, ao que parecia, o “diretor dos matadouros” que financiava o zoo teve reuniões amáveis com Jan e escutou seus apelos, mas lhe recusou o dinheiro para comprar palha.

— Isso não faz o menor sentido! — disse ele depois a Antonina. — Não consigo acreditar na idiotice dele!

Antonina ficou surpresa, porque, com a escassez de víveres, os porcos transformavam-se em ouro sobre patas; e quanto é que podia custar a palha, afinal?

— Tentei tudo em que pude pensar para fazê-lo mudar de ideia — contou-lhe Jan. — Não entendo. Ele sempre foi nosso amigo.

— Ele é um idiota preguiçoso e teimoso! — declarou Antonina.

À medida que as noites trouxeram um frio de rachar e o gelo criou uma plumagem sobre as vidraças das janelas, os ventos cortaram a casca das construções de madeira e tiraram a vida dos leitões. Seguiu-se uma epidemia de disenteria, que matou grande parte do rebanho restante, e o diretor dos matadouros fechou a suinocultura. Além de ser enfurecedor por princípio e de privar o casarão de carne, isso também prejudicou as idas de Jan ao Gueto, supostamente para buscar restos de comida. Passaram-se meses até ele saber da verdade: em conluio com outro oficial subalterno, o diretor dos matadouros havia conspirado para alugar o jardim zoológico a uma empresa alemã de plantas medicinais.

Num dia de março, uma turma de trabalhadores chegou ao zoológico com serras e machados e começou a desmembrar as árvores, ceifando canteiros de flores, derrubando arbustos decorativos e arrancando as preciosas roseiras do portão principal. Os Żabiński tentaram gritar, implorar, subornar e ameaçar, mas de nada adiantou. Aparentemente, as ordens nazistas exigiam a erradicação do jardim zoológico, arrancando não só as ervas daninhas, mas também as flores, porque, afinal, aquelas eram apenas plantas eslavas, que mais valeria usar como fertilizantes para os saudáveis produtos fitoterápicos alemães. Em geral, os imigrantes procuram recriar parte de sua terra natal (especialmente a culinária) nos locais em que se reinstalam, mas esse *Lebensraum* não se aplicava apenas às pessoas, percebeu Antonina, e incluía também os animais e plantas alemães; por meio da eugenia, os nazistas pretendiam riscar os genes poloneses do planeta, arrancar suas raízes, esmigalhar suas roseiras e tubérculos, substituir suas sementes pelas deles, exatamente como Antonina tinha temido um ano antes, após a rendição de Varsóvia. Talvez eles achassem que soldados superiores precisavam de alimentos superiores, que a biologia nazista afirmava só poderem brotar de sementes “puras”. Se o nazismo ansiava por uma mitologia privada, por sua própria botânica e biologia, nas quais as plantas e animais exibissem uma antiga linhagem, não diluída pelo sangue asiático ou do Oriente Médio, isso significava começar do zero, substituindo milhares de lavradores poloneses e das chamadas colheitas e animais poloneses e judeus por seus equivalentes alemães.

No fim de semana, por acaso, Danglu Leist, o presidente alemão de Varsóvia e um devoto dos jardins zoológicos, chegou para uma visita com sua mulher e sua filha, e pediu ao antigo diretor do zoo que os guiasse num passeio pelo local e os ajudasse a imaginar o zoológico antes da guerra. Caminhando com eles, Jan comparou os microclimas do Jardim Zoológico de Varsóvia com os de Berlim, Monáheim, Hamburgo, Hagenbeck e outras cidades, para grande deleite de Leist. Em seguida, conduziu os convidados ao roseiral destruído, perto do portão principal, onde lindos arbustos crescidos, arrancados sem o menor cuidado, jaziam partidos numa pilha, como baixas de guerra. A mulher e a filha de Leist lamentaram aquele desperdício de beleza, o que alimentou a raiva do presidente.

— O que vem a ser *isto*? — perguntou ele.

— Não é obra minha — respondeu Jan, calmamente, com a mescla exata de angústia e indignação. Falou com os convidados sobre a criação de porcos destruída e sobre a empresa alemã de ervas medicinais que estava alugando o zoológico do diretor dos matadouros.

— Como é que o senhor pôde deixar isso acontecer? — exclamou Leist, furioso com Jan.

— Que pena! — lamentou a mulher dele. — Eu gosto tanto de rosas!

— Ninguém perguntou a *mim* — desculpou-se Jan, em voz baixa, dirigindo-se à mulher de Leist e deixando implícito que, se a culpa não era sua, devia ser uma obra irresponsável do marido dela.

A mulher lançou um olhar severo para Leist, que protestou, zangado:

— Eu não estava sabendo de nada!

Antes de sair do zoológico, ele ordenou que Jan comparecesse a seu escritório às dez horas da manhã seguinte, para se reunir com o vice-presidente polonês de Varsóvia, Julian Kulski, que seria obrigado a explicar esse escândalo. Quando os três se encontraram no dia seguinte, constatou-se que Kulski não tinha o menor conhecimento desse arranjo, e o presidente Leist cancelou prontamente o acordo de locação, prometeu punir os transgressores e pediu orientação a Kulski sobre a melhor maneira de utilizar o zoológico sem destruí-lo. Ao contrário de Leist, Jan sabia da ligação de Kulski com a Resistência e, quando o vice-presidente propôs uma horta popular com lotes individuais, Jan sorriu, impressionado com um plano que atendia ao duplo propósito de alimentar os residentes locais por um custo barato e retratar os nazistas como governantes compassivos. As pequenas hortas não destruiriam a essência do jardim zoológico, mas aumentariam a influência de Kulski. Leist aprovou e, mais uma vez, Jan mudou de carreira — de diretor do zoológico a gerente de suinocultura e, agora, administrador de hortas. O cargo ligou Jan ao Departamento de Parques e Jardins de Varsóvia, o que lhe conferiu um novo passe de entrada no Gueto, dessa vez para inspecionar sua flora e seus jardins. Na verdade, havia pouquíssima vegetação no Gueto, apenas um punhado de árvores perto da igreja da rua Leszno, e certamente nenhum parque ou jardim, mas ele agarrava qualquer pretexto para visitar os amigos, “para manter seu moral elevado e entrar clandestinamente com comida e notícias”.

Muito tempo antes, às vezes Antonina acompanhava Jan em visitas ao famoso entomologista dr. Szymon Tenenbaum, à mulher dele, a dentista Liona, e à filha do casal, Irena. Quando meninos, Jan e Szymon tinham frequentado a mesma escola, tornando-se amigos que adoravam rastejar por valas e espiar embaixo de pedras, pois já então Szymon era um apaixonado por insetos. O besouro do tipo escaravelho se transformara em seu deus-sol, sua especialidade e sua mania. Já adulto, ele começara a viajar pelo mundo e a colecionar exemplares nas horas vagas e, ao publicar um estudo em cinco volumes sobre os besouros das ilhas Baleares, havia ingressado nas fileiras dos expoentes da entomologia. Durante o ano letivo, ele trabalhava como diretor de uma escola judaica de ensino médio, mas colecionava muitos espécimens raros em Białowieża no verão, quando os besouros abundavam e qualquer tronco de árvore oco podia esconder um minúsculo *Pompeii*. Jan também gostava de insetos e, em certa ocasião, havia conduzido um estudo extenso sobre as baratas.

Mesmo no Gueto, Szymon continuava a escrever artigos e colecionar insetos, espetando seus exemplares em vitrines de madeira marrom-escura com frente de vidro. Entretanto, quando os judeus haviam recebido a ordem inicial de se mudar para o Gueto, Szymon se preocupara com a maneira de proteger sua grande e valiosa coleção e havia perguntado a Jan se ele a esconderia no casarão. Por sorte, em 1939, quando as SS fizeram uma batida no jardim zoológico e roubaram mais de duzentos livros valiosos, muitos microscópios e outros equipamentos, por algum motivo deixaram escapar a coleção de Tenenbaum, com meio milhão de espécimens.

Os Żabiński e os Tenenbaum tornaram-se amigos ainda mais íntimos durante a guerra, quando a catástrofe da vida cotidiana os aproximou muito. A guerra não apenas separava as pessoas, refletiu Antonina em suas memórias, mas também podia intensificar amizades e promover romances; cada aperto de mão abria uma porta ou norteava um destino. Casualmente, em função da amizade com os Tenenbaum, os Żabiński conheceram um homem que, sem saber, ajudou a consolidar a ligação de Jan com o Gueto.

Numa manhã de domingo, durante o verão de 1941, Antonina viu uma limusine parar em frente ao casarão e dela emergir um civil alemão corpulento. Antes que o homem pudesse tocar a campainha, ela correu para o piano da sala e começou a martelar os acordes altos e saltitantes de “Vá, vá, vá para Creta!”, de *La Belle Hélène*, de Jacques Offenbach, como sinal para que os Hóspedes se esgueirassem para seus esconderijos e ficassem calados. A escolha de compositor feita por Antonina diz muito sobre a personalidade dela e o clima do casarão.

Judeu teuto-francês, Jacques Hoffmann era o sétimo filho de um chantre da sinagoga, Isaac Judah Eberst, que, por alguma razão, um dia decidira adotar o nome de sua cidade natal, Offenbach. Isaac tivera seis filhas e dois filhos, e a música havia animado a vida de toda a família, o que levava Jacques a se tornar um virtuose do violoncelo e um compositor que tocava em cafés e salões elegantes. Amante da diversão e satírico, Jacques não conseguia resistir a uma brincadeira pessoal ou musical, e irritar as autoridades era seu passatempo favorito — ele foi multado tantas vezes pelas peças que pregava no solene Conservatório de Paris, que houve semanas em que não recebeu salário algum. Ele adorava compor danças populares, inclusive uma valsa baseada numa melodia da sinagoga, o que escandalizou seu pai. Em 1855, abriu seu próprio teatro de espetáculos musicais, “dada a impossibilidade contínua de fazer com que minha obra fosse produzida por qualquer outra pessoa”, disse, com ironia, e acrescentou que “a ideia de uma música realmente alegre, animada e espirituosa — em suma, a ideia de música que tenha vida — vinha aos poucos sendo esquecida”.

Offenbach escreveu farsas, sátiras e operetas imensamente populares, que cativaram a elite e eram cantadas nas ruas de Paris: uma música atrevida e brincalhona, que zombava das pretensões, da autoridade e da idealização da Antiguidade. E ele próprio era uma figura pitoresca, de pincenê, suíças e roupas chamativas. Parte da razão por que sua música confundia tanta gente era o fato de, como observou o crítico musical Milton Cross, ela haver surgido num “período de repressão política, censura e violação das liberdades pessoais”. Enquanto “a polícia secreta invadia a vida privada dos cidadãos, (...) o teatro se entregava à alegria, à insolência e à zombaria jocosa”.

Transbordante de humor farsesco e lindas melodias, *La Belle Hélène* é uma ópera cômica muito espirituosa e vivaz, que conta a história da bela Helena, cujo marido maçante, Menelau, entra em guerra com os troianos para vingar o rapto dela. O drama caricatura os governantes propensos à guerra, questiona a moral e celebra o amor de Helena e Páris, que querem desesperadamente fugir para um mundo melhor. O primeiro ato termina quando o oráculo de Pítia diz a Menelau que ele deve ir à Grécia, e então o coro, Helena, Páris e quase todo o elenco o enxotam com uma melodia desinibida e galopante, que diz: “Vá, vá, vá para Creta!” Sua mensagem é subversiva, ridicularizando os suseranos e defendendo a paz e o amor — o que era o sinal perfeito para as Helenas e Páris do casarão. Melhor ainda, tratava-se de um compositor judeu, numa época em que tocar música judaica era um crime passível de punição.

Jan foi atender a porta.

— O ex-diretor do zoológico mora aqui? — perguntou o estranho.

Minutos depois, entrou na casa.

— Meu nome é Ziegler — disse, e se apresentou como o diretor da Superintendência do Trabalho do Gueto de Varsóvia, o órgão que, em tese, encontrava trabalho para os desempregados dentro e fora do Gueto, mas que, na prática, organizava turmas de operários, deportando os mais qualificados para servir em fábricas de armamentos como a usina siderúrgica dos Krupp, em Essen, e pouco fazia para ajudar o vasto número de trabalhadores famintos, subempregados e amiúde doentes que o governo nazista havia criado.

— Venho na esperança de examinar a notável coleção de insetos do jardim zoológico, a que foi doada pelo dr. Szymon Tenenbaum — disse Ziegler. Ao ouvir a execução animada de Antonina ao piano, abriu um largo sorriso e acrescentou: — Que ambiente alegre!

Jan conduziu-o à sala de estar.

— Sim, nossa casa é muito musical — disse. — Gostamos *muito* de Offenbach.

Aparentemente meio a contragosto, Ziegler admitiu:

— É, bem, Offenbach era um compositor superficial. Mas temos que admitir que, de modo geral, os judeus são um povo talentoso.

Jan e Antonina trocaram olhares ansiosos. Como é que Ziegler sabia da coleção de insetos? Tempos depois, Jan lembrou-se de ter pensado: “Certo, acho que chegou a hora, este é o dia do juízo final.”

Ao ver a confusão dos dois, Ziegler disse:

— Vocês estão surpresos. Deixem-me explicar. Fui autorizado pelo dr. Tenenbaum a examinar sua coleção de insetos, a qual vocês parecem estar guardando para ele em sua casa.

Jan e Antonina ouviram, desconfiados. Diagnosticar o perigo tornara-se uma arte, como desmontar bombas não deflagradas — um tremor na voz, um erro de julgamento, e o mundo explodiria. O que estaria planejando Ziegler? Se quisesse, ele poderia simplesmente pegar a coleção de insetos, ninguém o deteria, portanto era inútil mentir sobre a estarem guardando para Szymon. Eles sabiam que tinham que responder depressa, para não levantar suspeitas.

— Ah, sim — disse Jan, com falsa descontração —, o dr. Tenenbaum deixou a coleção conosco antes de se mudar para o Gueto. Nossa casa é seca, porque temos aquecimento central, entende? A coleção dele poderia ser facilmente danificada num cômodo frio e úmido.

Ziegler balançou a cabeça, com ar entendido:

— É, eu concordo — disse, acrescentando também ser entomologista, um entomologista amador que achava os insetos dotados de um fascínio interminável. Aliás, fora assim que havia conhecido o dr. Tenenbaum; mas ocorre que Lonia Tenenbaum também era sua dentista.

— Eu estou sempre com o Szymon Tenenbaum — continuou, com ar satisfeito. — Às vezes pegamos meu carro e vamos aos arredores de Varsóvia, onde ele encontra insetos em bueiros e

valas. É um excelente cientista.

O casal levou Ziegler ao porão do prédio da administração, onde as caixas retangulares rasas erguiam-se nas prateleiras como uma coleção de livros antigos, cada qual encadernado em madeira marrom envernizada, com ensabladuras articuladas, tampos de vidro, pequenos trincos de metal e um simples número em cada lombada, em vez de um título.

Ziegler tirou das prateleiras uma caixa após outra e as segurou contra a luz, onde elas ofereceram uma visão panorâmica dos coleópteros terrestres: besouros verdes iridescentes como gemas preciosas, recolhidos na Palestina; besouros-tigre de coloração azul metálica e tufo de pelo nas pernas; besouros *Neptunides* vermelho-e-verdes, de Uganda, que emitiam um brilho de fitas de cetim; esguios besouros da Hungria com manchas de leopardo; o *Pyrophorus noctilucus*, um besourinho marrom mais luminoso do que um vaga-lume, de brilho tão intenso que alguns nativos sul-americanos aprisionavam diversos numa lanterna para iluminar as cabanas, ou os amarravam nos tornozelos para iluminar seu caminho à noite; ptilídeos, os menores besouros conhecidos, com asas que eram meros pedúnculos com pêlos minúsculos nas bordas; besouros-de-chifre machos, de coloração verde-oliva e vinte centímetros de comprimento, provenientes da Amazônia (onde os nativos os usavam como colares), cada um exibindo armas medievais de combate como um chifre gigantesco em forma de espada, curvado na cabeça de cima para baixo, e outro menor, denteado, curvado para cima, ao encontro do primeiro; fêmeas de besouro-de-chifre, também gigantescas, porém sem chifres, com o dorso recoberto por uma fina penugem vermelha; escaravelhos egípcios iguais aos entalhados em lápides de câmaras mortuárias; lucanídeos com enormes mandíbulas que lembravam a galhada dos cervos; besouros com antenas compridas e enroscadas, balançando acima da cabeça como cabos de bondes ou cordas de laçar; besouros-tartaruga de tonalidade azul-escura, cheios de covinhas, que lubrificavam sessenta mil pequenas cerdas amarelas nas solas dos pés, para se agarrar com extraordinária firmeza a folhas lisas como cera; larvas de besouro-tartaruga que usavam chapéus de palha tecidos com suas próprias fezes, cujos fios dourados eram extrudados um a um da projeção anal; besouros-de-asa-de-rede do Arizona, com élitros laranja-acastanhados de ponta preta, cujas veias ocas formavam cristas rendadas e tinham ranhuras transversais cheias de sangue venenoso, que eles expeliam em gotas para repelir os agressores; besouros-d'água ovais, difíceis de capturar, que se deslocavam sobre a tensão superficial da água, perto das margens de riachos, e exsudavam uma seiva branca nociva; besouros meloídeos de um castanho reluzente, em geral conhecidos como “besouros vesicantes”<sup>5</sup>, cobertos de pó como a “cantárida” e carregados de cantaridina, uma toxina que, em pequenas doses, promove a ereção, e em doses apenas ligeiramente maiores, mata (dizem que o poeta Lucrécio morreu envenenado por cantaridina); joaninhas marrons, os besouros mexicanos das favas, que excretavam sangue com alcalóides pelas articulações dos joelhos para afastar os agressores; besouros com antenas encimadas por pequenas cristas, calombos, brochas, cascos, franjas ou apêndices sugadores de mel; coleópteros com a cabeça semelhante às abóboras dentuças do Dia das Bruxas; ou outros, fluorescentes, com a tonalidade azul das miniaturas de Delft.

Cada espécimen grande monopolizava um alfinete de cabeça redonda, porém os menores flutuavam uns acima dos outros, às vezes com três por alfinete. Uma bandeirinha branca na base de cada alfinete informava a linhagem em tinta azul, com graciosas maiúsculas voluteantes, seráficas letras *f* e *d*, tudo miúdo, mas legível, em letra firme e meticulosa. Era óbvio que colecionar os insetos alimentava apenas parte do interesse de Tenenbaum; ele também apreciava as horas gastas no manejo de microscópio, caneta, etiquetas, espécimens, pinças e vitrines, tudo artisticamente criado para gavetas de museus e paredes da sala de visitas, como as de um contemporâneo seu, o surrealista Joseph Cornell. Por quanto tempo Tenenbaum se haveria debruçado na devoção minuciosa de dispor delicadamente as pernas, as antenas e as mandíbulas dos insetos de forma vantajosa? Tal como Lutz Heck, Tenenbaum participava de safáris, retornando com besouros montados como cabeças de cervos sob o vidro, porém mais troféus poderiam ser pendurados nas paredes diminutas de seus cômodos do que em qualquer pavilhão de caça ou museu zoológico. O simples tempo despendido para catalogar, tratar quimicamente, preparar e espetar os exemplares era de deixar o observador humilhado.

Num aeródromo de vidro pousavam fileiras e mais fileiras de besouros-bombardeiros, capazes de esguichar no agressor um jato de substâncias químicas escaldantes, disparadas de um canhão na extremidade do abdômen. Inofensivas quando separadamente armazenadas, essas substâncias hipergólicas combinam-se numa glândula especial, criando uma poção tão volátil quanto o gás asfixiante. Mestre da defesa e das armas, o besouro-bombardeiro gira seu canhão, mira diretamente o inimigo e dispara um jato quente a quarenta quilômetros por hora — não num fluxo contínuo, mas numa saraivada de explosões diminutas. Graças ao azar de Charles Darwin, Tenenbaum sabia que o bombardeiro esguichava esse líquido fumegante (Darwin havia cometido a tolice de segurar um deles com a boca, enquanto pegava outros dois insetos). Mas o laboratório químico secreto desse besouro só viria a ser descoberto muito depois da guerra por Thomas Eisner, filho de um pai que era químico (a quem Hitler ordenou que extraísse ouro da água do mar) e de uma mãe judia que pintava quadros expressionistas. A família fugira para a Espanha, o Uruguai e, por fim, os Estados Unidos, onde Thomas se tornou entomologista e descobriu que o jato expelido pelo besouro-bombardeiro era estranhamente semelhante ao sistema de propulsão criado por Wernher von Braun e Walter

Dornberger para 29 mil bombas V-1 alemãs em Peenemünde. Os besouros-bombardeiros dispararam em silêncio, mas os jatos pulsantes das V-1, que voavam a cerca de três mil pés de altitude, soltavam um zumbido suficientemente alto para aterrorizar os moradores urbanos, quando despencavam sobre suas cabeças a 560km/h. A simples pausa do zumbido revelador indicava a morte, porque, quando o projétil chegava a seu alvo, o motor desligava subitamente e, no suspense silencioso que se seguia, despencava no chão com uma ogiva de 850 quilos. Os ingleses apelidaram essas bombas de “besouros-rabiscadores”, com isso fechando o círculo com o armamento dos besouros-bombardeiros.

O deslumbramento no rosto de Ziegler, ao examinar uma caixa arrebatadora após outra, desfez qualquer dúvida que Antonina tivesse sobre sua motivação, porque, “quando ele viu os lindos besouros e borboletas, esqueceu-se do resto do mundo”. Indo de fileira em fileira, afagando com os olhos cada espécimen e passando em revista uma legião armada atrás da outra, ele ficou fascinado.

— *Wunderbar! Wunderbar!* — murmurava consigo mesmo, repetidamente. — Que coleção! Quanto trabalho foi investido nela!

Por fim, Ziegler voltou ao presente, aos Żabiński e a seu objetivo real. Com o rosto enrubescido e uma expressão sem jeito, disse:

— Bem... o doutor perguntou se vocês podem visitá-lo. Talvez eu possa ajudar, mas...

Suas palavras se dissiparam num silêncio perigoso e convidativo. Embora ele não se arriscasse a concluir a frase, tanto Jan quanto Antonina compreenderam o que queria dizer, algo delicado demais para ser proposto. Jan respondeu de pronto que seria imensamente conveniente se ele pudesse acompanhar o alemão em seu carro até o Gueto, para ver o dr. Tenenbaum.

— Preciso fazer uma consulta urgente ao Tenenbaum — explicou, em tom profissional —, para indagar sobre a melhor maneira de impedir que o bolor prolifere nas vitrines dos insetos.

Em seguida, para eliminar qualquer suspeita, Jan mostrou a Ziegler seu passe oficial do Departamento de Parques e Jardins para entrar no Gueto, deixando implícito que o favor que estava solicitando era uma simples carona na limusine de Ziegler, nada de ilegal. Ainda encantado com a primorosa coleção que vira e decidido a fazê-la sobreviver para a posteridade, o alemão concordou e os dois partiram.

Antonina compreendeu que Jan quis ir com Ziegler porque a maioria dos portões do Gueto era fortemente guardada por sentinelas alemãs, do lado de fora, e por policiais judeus, do lado de dentro. Vez por outra, os portões se abriam para permitir a entrada de alguém que lá chegasse para tratar de assuntos oficiais, mas os passes eram valiosos e difíceis de obter, e costumavam exigir contatos e subornos. Casualmente, o prédio de escritórios na esquina das ruas Leszno e Żelazna, que abrigava a Superintendência do Trabalho dirigida por Ziegler, fazia parte do infame muro do Gueto.

Encimados por vidro moído ou arame farpado e construídos por mão de obra judia não remunerada, os dezesseis quilômetros de muro chegavam a seis metros de altura em alguns pontos e corriam em zigue-zague, fechando algumas ruas, cortando outras no sentido longitudinal e criando becos sem saída aleatórios. “A criação, a existência e a destruição do Gueto envolveram um planejamento municipal perverso”, escreveu Philip Boehm em *Words to Outlive Us: Eyewitness Accounts from the Warsaw Ghetto*.<sup>6</sup>

*...pois as plantas baixas da aniquilação foram mapeadas num mundo real de escolas e pátios de recreio, igrejas e sinagogas, hospitais, restaurantes, hotéis, teatros, cafés e pontos de ônibus. Esses locais da vida urbana (...) Ruas residenciais foram transformadas em pátios de execuções; hospitais tornaram-se centros de administração da morte; cemitérios revelaram-se áreas de manutenção da vida. (...) Durante a ocupação nazista, todos tornaram-se topógrafos em Varsóvia. Os judeus, em especial — estivessem ou não dentro do Gueto —, precisavam saber quais eram os bairros “calmos”, onde estavam ocorrendo prisões em massa, ou como navegar pela rede de esgotos para chegar ao lado ariano.*

Podia-se vislumbrar o mundo externo pelas rachaduras dos muros, além dos quais havia crianças brincando e donas de casa voltando para casa, carregadas de mantimentos. Ver a vida florescer do lado de fora do Gueto, como que pelo buraco da fechadura, transformou-se num tormento e, numa inversão inspirada, o Museu do Levante de Varsóvia (inaugurado em 2005) incluiu um muro de tijolos com o cenário inverso: buracos pelos quais os visitantes podem vislumbrar a vida cotidiana *dentro* do Gueto, graças a filmes de arquivo.

No começo, havia 22 portões, depois, 13 e, por fim, apenas quatro — todos ameaçadores e no estilo dos currais, num contraste marcante com os portões de ferro delicadamente ornamentados de Varsóvia. Havia pontes cruzando ruas arianas, em vez de água. Alguns soldados infames patrulhavam as fronteiras do Gueto, caçando as crianças que ousavam esgueirar-se pelos buracos do muro para pedir ou comprar comida do lado ariano. Como só as crianças eram pequenas o bastante para se espremer por eles, foram elas que se transformaram numa tribo de contrabandistas e negociantes arrojados, que arriscavam a vida no dia a dia como encarregadas do

ganha-pão das famílias. Jack Klajman, um garoto valente do Gueto, que sobreviveu à guerra por meio de trapaçagens e atividades clandestinas, lembrou um perverso major alemão que as crianças haviam apelidado de Frankenstein:

*Frankenstein era um homem baixo, com pernas de touro e aparência repulsiva. Adorava caçar, mas suponho que se cansou dos animais e resolveu que fuzilar crianças judias era um passatempo mais divertido. Quanto menores as crianças, mais gostava de fuzilá-las.*

*Ele vigiava a área num jipe em que fora montada uma metralhadora. Quando as crianças trepavam no muro, Frankenstein e seu ajudante alemão apareciam do nada com sua máquina mortífera. O outro homem sempre dirigia, para que Frankenstein tivesse acesso rápido à metralhadora.*

*Muitas vezes, quando não havia nenhuma criança no muro para matar, ele chamava os garotos do Gueto que porventura estivessem em sua linha de visão — bem longe do muro e sem intenção de ir a parte alguma. (...) Estava acabada sua vida. (...) Ele sacava o revólver e atirava na nuca do sujeito.*

Com a mesma rapidez com que a meninada fazia buracos no muro, os buracos eram tapados, e logo surgiam outros. Em raras ocasiões, um contrabandista mirim se esgueirava por um portão, escondido entre as pernas de uma turma de trabalhadores ou de um padre. Os muros do Gueto haviam encerrado uma igreja em seu interior, a Igreja de Todos os Santos, cujo padre Godlewski não apenas passava certidões de nascimento verdadeiras de paroquianos mortos para a Resistência, como às vezes levava clandestinamente uma criança para o lado de fora, embaixo do hábito comprido.

É fato que existiam vias de escape para os valentes que tinham amigos do outro lado, além de dinheiro para a hospedagem e as propinas, mas um anfitrião ou guardião externo como os Żabiński era essencial, porque a pessoa precisava de um esconderijo, alimentos, uma pilha de documentos falsos e, dependendo de ela viver “na superfície” ou “sob a superfície”, diferentes redes de histórias combinadas. Se a pessoa vivesse na superfície e fosse detida pela polícia, mesmo com documentos falsos, era possível que lhe perguntassem os nomes de vizinhos, familiares e amigos, que receberiam telefonemas ou seriam interrogados.

Cinco linhas de bonde atravessavam o Gueto, parando num portão de cada lado, mas, quando os bondes reduziam a velocidade nas curvas fechadas, as pessoas de dentro podiam saltar, ou as de fora podiam jogar bolsas para os passageiros. O condutor e o policial polonês no veículo tinham que ser subornados — a tarifa corrente era de dois *zlotys* —, e o sujeito rezava para que os passageiros poloneses ficassem de bico calado. Nos cantos mais distantes do cemitério judaico, situado no interior do Gueto, às vezes os contrabandistas escalavam a cerca e pulavam para um dos dois cemitérios cristãos adjacentes. Algumas pessoas se ofereciam como voluntárias das turmas de trabalho que saíam e voltavam para o Gueto todos os dias, e subornavam um vigia do portão para errar a conta do número de trabalhadores. Havia muitos policiais alemães e poloneses cooperativos vigiando os portões do Gueto, ansiosos por receber propinas, e alguns ajudavam de graça, por pura decência.

Abaixo do Gueto havia um verdadeiro subterrâneo — abrigos e passagens, alguns com banheiro e energia elétrica — no qual as pessoas tinham criado rotas interligadas entre e abaixo dos prédios. Estas levavam a outras oportunidades de fuga, como esgueirar-se por um buraco cavado no muro de tijolos ou chapinhar por esgotos cujos labirintos acabavam levando a tampas do lado ariano (embora os esgotos só atingissem 90cm a 1,20m de altura). Havia quem fugisse agarrado à parte inferior das carroças de lixo puxadas por cavalos que visitavam regularmente o Gueto, e cujos cocheiros muitas vezes introduziam víveres às escondidas, ou deixavam para trás um cavalo velho. Quem tinha dinheiro podia desaparecer numa ambulância particular ou nos rabecões que transportavam supostos convertidos para cemitérios cristãos, desde que os vigias fossem subornados para não revistar os caminhões de entrega e as carroças. Cada fugitivo precisava de pelo menos meia dúzia de documentos e mudava de residência 7,5 vezes, em média, de modo que não surpreende que, entre 1942 e 1943, a Resistência tenha falsificado cinquenta mil documentos.

Como o muro era sinuoso, a fachada do prédio de Ziegler era acessível pelo lado ariano da cidade, ao passo que sua porta dos fundos, raramente usada, abria-se para o Gueto. No prédio ao lado, havia vítimas de tifo em quarentena, e do outro lado da rua ficava uma sombria escola de tijolos de três andares, usada como hospital infantil. Ao contrário dos outros portões, esse não era policiado pela Wehrmacht, pela Gestapo ou sequer pela polícia polonesa, e sim por um simples porteiro, encarregado de abri-lo para os funcionários; por isso, o local prometia a Jan um raro acesso pouco vigiado. Esse, no entanto, não era o único edifício com uma porta do lado ariano e outra dando para o Gueto. Um cruzamento conveniente para o encontro de judeus e poloneses, por exemplo, era o prédio do Tribunal Municipal na rua Leszno, cuja porta dos fundos dava para uma passagem estreita que levava à praça Mirowski, do lado ariano. As pessoas se misturavam e sussurravam em seus corredores, negociavam joias, encontravam amigos, contrabandeavam alimentos e transmitiam



recados, ostensivamente comparecendo a procedimentos do Tribunal. Os guardas e policiais subornados viravam o rosto enquanto alguns judeus fugiam, especialmente crianças, e assim foi até o rezonamento de agosto de 1942, que finalmente declarou que o Tribunal estava fora dos limites do Gueto.

Havia também uma farmácia na rua Długa, com entradas dos dois lados do muro, na qual um cordato “farmacêutico deixava passar qualquer um que fosse capaz de lhe dar uma boa razão”, e ainda vários edifícios municipais em que, por alguns *zlotys*, às vezes os guardas deixavam as pessoas fugirem.

Quando a limusine chegou ao nº 80 da rua Leszno, à Superintendência do Trabalho, o motorista tocou a buzina, um guarda abriu o portão, o carro entrou no pátio e Ziegler e Jan saltaram. Esse prédio corriqueiro abrigava um escritório salvador de vidas, porque somente os judeus com uma carteira de trabalho que lhes permitisse trabalhar nas fábricas da Wehrmacht evitavam a deportação.

Demorando-se junto à porta de entrada, Jan agradeceu efusivamente a Ziegler em voz alta e, apesar de surpreso com essa súbita formalidade, o alemão esperou educadamente que ele terminasse, enquanto o porteiro os olhava com atenção. Jan esticou a conversa, falando sobretudo num alemão salpicado de palavras polonesas, e acabou perguntando a Ziegler, já então impaciente, sobre a possibilidade de usar essa entrada no futuro, caso tivesse alguma dificuldade com a coleção de insetos e precisasse fazer uma consulta sobre ela. Ziegler disse ao guarda que deixasse Jan entrar quando quisesse. Depois disso, os dois entraram no prédio, o alemão o conduziu a seu escritório, num andar superior, e, enquanto lhe oferecia uma turnê pelo edifício, apontou para uma outra escada que conduzia à porta do Gueto. Em vez de se dirigir diretamente ao Gueto para visitar Tenenbaum, Jan achou melhor passar algum tempo jogando conversa fora pelos escritórios poeirentos e pelos corredores estreitos da Superintendência do Trabalho, onde fez questão de cumprimentar todas as pessoas possíveis. Depois, tornou a descer e, em tom imperioso, pediu ao guarda para abrir o portão da entrada. Chamar atenção para si mesmo como um funcionário barulhento, pomposo e cheio de empáfia causaria uma impressão, ponderou ele, e era seu desejo que o guarda o gravasse na memória.

Dois dias depois, Jan voltou, usando a mesma voz grosseira para pedir que o homem lhe abrisse o portão, e o guarda o atendeu com um gesto acolhedor. Dessa vez, Jan foi direto à escada dos fundos, saiu do prédio pela porta do Gueto e visitou vários amigos, inclusive Tenenbaum, a quem relatou os acontecimentos curiosos que envolviam Ziegler.

Tenenbaum explicou que Ziegler tinha problemas dentários muito singulares e era um paciente constante da dra. Lonia; não só encontrara nela uma esplêndida dentista, como todos os seus tratamentos complexos e custosos eram gratuitos. (Ou ela não tivera alternativa nessa questão, ou tinha oferecido o tratamento gratuito para conquistar a boa vontade do homem.) Tenenbaum e Jan concordaram em explorar tanto quanto possível a paixão de Ziegler pela entomologia e discutiram assuntos da Resistência. Nessa ocasião, Tenenbaum trabalhava como diretor da escola judaica secreta de ensino médio e, apesar de Jan ter-se oferecido para tirá-lo clandestinamente do local, o cientista recusou, confiante em que ele e a família teriam uma chance melhor de sobrevivência dentro do Gueto.

E assim, Jan fez amizade com Ziegler, visitou-o em seu escritório e, numa ou noutra ocasião, foi com ele ao Gueto visitar Tenenbaum e conversar sobre insetos. Passado algum tempo, ficou conhecido como aliado de Ziegler, alguém que mantinha boas relações com o diretor da Superintendência do Trabalho; isso facilitou seu trânsito pelo portão, e ele voltou sozinho muitas vezes, para levar comida às escondidas para diversos amigos. De vez em quando, dava pequenas gorjetas ao porteiro, como era de praxe, mas não em demasia nem com muita frequência, para não levantar suspeitas.

Por fim, pareceu chegar o dia certo de usar o portão para o objetivo que Jan tivera em mente desde o início; dessa vez, ele surgiu acompanhado por um homem bem vestido e bem instruído. Como de hábito, pediu ao guarda para abrir o portão, e ele e seu “colega” saíram andando para a liberdade.

Encorajado por esse sucesso, Jan ajudou outros cinco homens a fugir, antes que o guarda desconfiasse. Segundo Antonina, um dia o guarda disse a seu marido:

— Conheço *o senhor*, mas quem é esse outro homem?

Jan fingiu-se ofendido e, “com um trovão nos olhos”, berrou:

— Eu já lhe disse que esse homem está *comigo*!

Intimidado, o guarda só conseguiu dizer, com voz débil:

— Eu sei que *o senhor* pode entrar e sair quando bem entende, mas não conheço *essa pessoa*.

Havia perigo em cada nuance. Um sinal de culpa, uma palavra errada, um excesso de intimidação, e o guarda poderia adivinhar que havia mais do que presunção em jogo e, com isso, fechar um precioso canal entre o Gueto e a cidade ariana. Enfiando rapidamente a mão no bolso, Jan disse ao porteiro, com ar displicente:

— Ah, é *isto*. Esse homem tem um passe, é claro.

E assim exibiu seu próprio passe do Departamento de Parques e Jardins para o Gueto, uma licença amarela que só era concedida a cidadãos alemães, a descendentes de alemães e a poloneses

não judeus. Visto que a confiabilidade de Jan não estava em questão, ele não precisou mostrar dois passes. Surpreso e constrangido, o guarda calou-se. Depois, Jan apertou-lhe a mão com ar bem-humorado, sorriu e disse, em tom solene:

— Não se preocupe, eu nunca transgribo a lei.

A partir daquele momento, ele não teve problemas para escoltar judeus de aparência ariana para a liberdade; infelizmente, porém, o guarda não era a única ameaça. Qualquer funcionário da Superintendência poderia aparecer quando Jan e seu suposto colega estivessem passando e denunciá-los. Infiltrar fugitivos, passando pelos soldados alemães lotados no jardim zoológico, criava um outro problema. Todavia, os Żabiński tinham concebido dois planos, que funcionaram durante toda a guerra — esconder os Hóspedes nos recônditos do casarão ou nas antigas jaulas, galpões e cercados dos animais.

Fundindo-se com os armários brancos e lustrosos da cozinha havia uma porta com a maçaneta em forma de alavanca, que conduzia a um porão comprido com quartos rudimentares. Na extremidade de um deles, Jan construía uma saída de emergência em 1939 — um corredor de três metros que se estendia como um túnel diretamente até a Casa dos Faisões (um aviário com uma pequena construção central) —, a qual se transformou numa entrada para os que iam abrigar-se no casarão e numa rota conveniente para a entrega de refeições. Jan instalou água corrente e um banheiro no porão, e os canos vindos do aquecedor do andar de cima o conservavam relativamente aquecido. Os sons vazavam com facilidade pelas tábuas do piso, de modo que, embora escutassem vozes lá do alto, os Hóspedes viviam aos sussurros.

Outro túnel, tão baixo que as pessoas tinham de andar agachadas, além de ser rodeado por uma estrutura curva de vigas de ferro enferrujadas, levava à Casa dos Leões, e alguns Hóspedes escondiam-se no galpão anexo, embora ele ficasse à distância de um grito do depósito alemão de armamentos. Assemelhando-se a um pedaço de esqueleto de baleia, o túnel tinha sido usado para proteger os tratadores que faziam os grandes felinos entrarem e saírem das jaulas.

Ziegler visitou o zoológico várias outras vezes, para admirar o notável museu de insetos e conversar com os Żabiński. Em algumas ocasiões, chegou a levar Tenenbaum em sua companhia, a pretexto de que, de vez em quando, a coleção precisava da supervisão direta de seu colecionador. Nesses dias, Tenenbaum passava horas em seu paraíso particular, ajoelhado no jardim, recolhendo mais insetos.

Um dia, Ziegler apareceu no zoológico trazendo embaixo do braço a cadela *dachshund* dourada dos Tenenbaum, Żarka.

— Pobre cadelinha — disse. — Ela levaria uma vida muito melhor aqui no zoológico.

— É claro que ela é bem-vinda, pode ficar — ofereceu-se Antonina.

Enfiando a mão no bolso, Ziegler tirou pedacinhos de salsicha para Żarka, depois colocou-a no chão e se retirou, embora a cadela o seguisse correndo e ficasse arranhando a porta, até finalmente deitar junto dela, em meio ao odor deixado pelo último ser humano a quem conhecia.

Nos dias subsequentes, Antonina encontrou-a muitas vezes nesse local, esperando que sua família reaparecesse e a levasse de volta para um circuito de formas e cheiros conhecidos. Esse casarão tumultuado tinha cômodos demais para Żarka, concluiu Antonina, com cantos escuros, degraus, labirintos e confusão; apesar das perninhas curvas e curtas, Żarka andava de um lado para outro, sem conseguir sossegar, farejando uma floresta de móveis e estranhos. Após algum tempo, acostumou-se com a vida no casarão, mas sempre se assustava com facilidade. Se os passos de alguém ou uma porta batendo rompiam o silêncio, a pele lustrosa da cadelinha sacudia nervosamente pelo corpo todo, como que tentando escapular.

Quando veio a investida do inverno, com neves altíssimas e menos odores para os cães farejarem, Ziegler fez mais uma visita. Ainda corado e gorducho e usando os mesmos óculos velhos, afagou Żarka com carinho e foi prontamente reconhecido por ela, que pulou para o seu colo e farejou seus bolsos à procura de presunto ou salsicha. Dessa vez, Ziegler não tinha nenhum petisco para Żarka e tampouco brincou com ela, limitando-se a afagá-la com tapinhas, distraído.

— O Tenenbaum morreu — disse, tristonho. — Imaginem, faz apenas dois dias que estive conversando com ele. Ele me contou muitas histórias interessantes. (...) Ontem, teve uma hemorragia interna... e acabou-se. Uma úlcera estomacal rompida. (...) Vocês sabiam que ele estava muito doente?

Não sabiam. Não houve muito mais o que dizer depois dessa notícia chocante e da tristeza de todos. Emocionado, Ziegler levantou-se tão depressa que Żarka caiu de seu colo, e se retirou abruptamente.

Depois da morte de Szymon, o casarão entrou num luto prolongado, e Antonina temeu que a mulher dele não conseguisse sobreviver ao Gueto por muito mais tempo. Jan concebeu um plano de fuga, mas onde eles a esconderiam? Por mais que desejassem ver o casarão navegar em segurança pela guerra com sua carga humana, o lugar só podia oferecer um abrigo temporário à maioria das pessoas, inclusive às esposas de amigos de infância.

## Notas

<sup>5</sup>No Brasil, há várias denominações para espécies da família dos meloídeos, entre elas burrinho, caga-fogo, caga-pimenta, cantárida, papa-pimenta, pimenta, potó etc. (N.T.)

<sup>6</sup>Não traduzido no Brasil, o livro se intitularia em português *Palavras que sobreviverão a nós: depoimentos de testemunhas oculares do Gueto de Varsóvia*. (N.T.)

## Capítulo 16

O mundo animal vive de manobras e contramanobras, desde os camaleões e peixes-leões que se fundem com o ambiente até os truques majestosos dos mamíferos. Um macaco *rhesus* que resolva não falar com os companheiros de bando sobre o melão que acabou de encontrar não precisa de uma “teoria da mente” para tapeá-los, mas apenas de uma história mentirosa que possa trazer benefícios. Se os companheiros descobrirem, ele levará uma surra, e talvez essa lição altere seus atos egoístas. Muitos animais, porém, têm pouca alternativa senão compartilhar o alimento, e convidam instintivamente os outros para a refeição. Os grandes símios (inclusive nós) montam trapaças espertas, mentem de propósito, às vezes apenas atleticamente — a título de exercício ou esporte —, há pelo menos 12 milhões de anos. Os interrogadores tarimbados são capazes de interpretar os indícios fornecidos por uma elevação da voz, pelas pupilas dilatadas, por uma redução do contato visual ou um aumento das reclamações, e também aprendem o que é “revelador”, para tentar escondê-lo.

Como zoólogo, Jan havia passado anos estudando as minúcias do comportamento animal — toda a refinada corte no acasalamento, os blefes, as ameaças, os gestos apaziguadores, as exhibições de *status* e muitos dialetos de amor, lealdade e afeição. Fazer extrapolações desses comportamentos para os dos seres humanos era um processo natural para um zoólogo tão dedicado, em especial no tocante às estratégias do engodo. Ele era capaz de adotar novas *personas* com rapidez, e esse talento lhe foi útil na vida clandestina no exército da Resistência, além de combinar com seu temperamento e sua formação.

Não só os Żabiński, mas todos os Hóspedes e visitas, tinham que cultivar a paranoia e obedecer às normas rigorosas de seu pequeno feudo, o que significava que Ryś e outras crianças da casa absorviam uma variedade de verdades. Junto com as diferentes línguas, aprendiam as lições da construção de fachadas, da lealdade tribal, da abnegação, da mentira convincente e da tapeação criativa. Como é que se forja uma aparência de normalidade? Tudo tinha que parecer indigno de nota na família, mesmo que isso significasse rotinas totalmente fictícias. *Finja que é normal*. Pela perspectiva de quem? Será que as rotinas de antes da guerra, na família de um diretor polonês de jardim zoológico, pareceriam normais a um soldado alemão em patrulha? Os alemães viam os poloneses como um povo extremamente sociável, que amiúde tinha várias gerações residindo na mesma casa, além de parentes e amigos em visita. Portanto, uma certa dose de agitação fazia sentido, mas um excesso de pessoas presentes poderia despertar suspeitas.

O atual diretor do Jardim Zoológico de Varsóvia, Jan Maciej Rembiszewski, que, quando menino, trabalhou como voluntário no zoológico de Jan (e lhe disse que também planejava dirigir um zoo quando crescesse), relembrou Jan como um patrão rigoroso, um perfeccionista, e Antonina o retratou como um pai de família exigente, incapaz de tolerar um trabalho malfeito ou pendências relativamente insignificantes. Sabemos por ela que o lema de Jan era: “A boa estratégia deve ditar as ações corretas. Nenhum ato deve ser impulsivo, mas analisado, assim como todas as suas consequências possíveis. Um plano sólido sempre inclui muitos reforços e alternativas.”

Depois da morte de Szymon, Jan foi visitar a viúva, Lonia, levando detalhes sobre um plano de fuga e a notícia de que os amigos da Resistência estavam fazendo os preparativos adequados para que, após uma breve temporada no zoo, ela pudesse desaparecer num local mais seguro no interior, quem sabe até voltando a trabalhar como dentista.

Quando Jan e Lonia chegassem ao portão de entrada da Superintendência do Trabalho, ele pretendia usar o mesmo artifício de sempre e dizer que ela era uma colega ariana que o havia acompanhado numa visita a Ziegler, visto que, àquela altura, o guarda estava acostumado com suas idas e vindas, sozinho ou com colegas. No entanto, quando os dois iam chegando à porta e ele se preparava para cruzá-la com Lonia, Jan parou, desolado ao constatar que o guarda não estava e que

em seu lugar havia uma mulher — a esposa dele, como depois se constatou. Os escritórios nos andares de cima estavam coalhados de alemães, que poderiam ser atraídos por um simples grito. A mulher pareceu reconhecer Jan, fosse por estar habituada a vê-lo da janela de um apartamento próximo, fosse porque o marido tinha descrito o “funcionário” e seu jeito meio grosseirão, mas a presença de Lonia a perturbou e a deixou agitada. Não preparada para exceções, ela se recusou a abrir o portão.

— Estávamos visitando o sr. Ziegler — explicou Jan, com firmeza.

A mulher retrucou:

— Ótimo. Eu abro o portão, se o sr. Ziegler descer e autorizar pessoalmente a sua saída.

O marido dela reagira bem à intimidação, mas Jan hesitou — como funcionaria a grosseria verbal com essa mulher? Não muito bem, decidiu. Sustentando o papel do desbocado arrogante que o marido dela conhecia, insistiu:

— Mas o que a senhora está fazendo? Venho aqui todos os dias, e o seu marido me conhece muito bem. E agora, a senhora está me *mandando* voltar lá para cima e incomodar o sr. Ziegler! Isso lhe custará caro...!

Hesitando um pouco, ainda insegura, a mulher viu o rosto de Jan ficar vermelho de raiva, enquanto ele rosnavava como um homem perfeitamente capaz de retaliação, e por fim abriu o portão em silêncio e os deixou passar. O que aconteceu em seguida deixou Jan e Lonia abalados: bem em frente, do outro lado da rua, havia dois policiais alemães, fumando, conversando e olhando na direção deles.

De acordo com Antonina, Lonia descreveu a cena, mais tarde, em palavras cheias de “pavor e numa disparada de pensamentos”:

*Tive vontade de dizer ao Jan: “Vamos sair correndo.” Eu queria fugir daquele lugar. Tinha esperança de que eles não nos detivessem! Mas Jan não sabia o que eu estava sentindo e, em vez de correr, parou e pegou uma guimba de cigarro no chão, talvez deixada na calçada por um dos dois policiais. Depois, bem devagar, deu-me o braço e fomos andando em direção à rua Wolska. Aquele momento pareceu durar um século!*

Naquela noite, ao passar pelo quarto do segundo andar, Antonina viu Lonia chorando baixinho no travesseiro, com o focinho molhado de Żarka solidariamente colado em seu rosto. Lonia vira Szymon morrer; sua filha fora descoberta pela Gestapo em Cracóvia e fuzilada; apenas a cadela *Dachshund* tinha sobrevivido como membro da família.

Passadas algumas semanas, a Resistência encontrou acomodações mais seguras para ela no interior e, quando Lonia estava se despedindo, Żarka veio correndo, com a guia na boca.

— Você tem que ficar — disse Lonia. — Ainda não temos casa.

Em suas memórias, Antonina registrou ter achado essa cena de uma tristeza desoladora, e contou que Lonia sobreviveu à guerra, mas não Żarka. Um dia, farejando o depósito dos alemães, a cadelinha comeu veneno de rato e, depois de se arrastar de volta ao casarão, morreu nos braços de Antonina.

Três semanas antes do Levante de Varsóvia, Jan deslocou a coleção de insetos de Szymon para a segurança do Museu de História Natural e, depois da guerra, Lonia a doou ao Museu Zoológico Estatal, numa de cujas subdivisões residem hoje 250 mil dos espécimens originais, numa cidadezinha a cerca de uma hora de Varsóvia, na direção norte.

Para ver a coleção de Tenenbaum, entra-se numa estradilha revestida de macadame, passando por um hotel para animais (um novo conceito inspirado nos Estados Unidos) e por uma fazenda de árvores de Natal, repleta de fileiras empinadas de píceas, até chegar a um beco sem saída arborizado, ocupado por dois prédios térreos pertencentes à Academia de Ciências da Polônia. O menor tem escritórios, o outro, uma miscelânea excedente do Museu Zoológico.

Ao entrar no vasto prédio, que parece um sótão, encontra-se uma aglomeração impressionante de milhões de espécies, entre as quais muitas curiosidades clamam por atenção, desde onças, lincos e pássaros nativos empalhados até prateleiras de potes de vidro repletos de cobras, sapos e répteis. Longas estantes e gaveteiros de madeira dividem uma parte da sala em corredores estreitos de tesouros preservados. As caixas de insetos de Tenenbaum ocupam dois armários — vinte caixas por prateleira, guardadas de pé como livros, cinco prateleiras por armário. Isso representa aproximadamente metade da coleção completa, que Jan disse a um jornalista que chegava a quatrocentas caixas, e que Antonina recordou ter oitocentas. Segundo os registros do museu, “a esposa de Szymon Tenenbaum doou (...) cerca de 250 mil espécimens depois da guerra”. No momento, as caixas permanecem intactas, mas o projeto do arquivo é retirar os insetos delas e guardá-los com muitos outros, classificados por ordem, subordem, família, gênero e espécie — todos os besouros-bombardeiros num armário, todos os ptilídeos em outro. Que triste dismantelamento seria esse! Os insetos com certeza ficariam mais fáceis de estudar, mas não a visão singular e o talento artístico dos colecionadores, que pertencem a uma exótica subordem do *Homo sapiens sapiens* (o animal que sabe e sabe que sabe).

Uma coleção de insetos é um oásis de silêncio no ruidoso clamor do mundo, isolando os fenômenos para que eles possam ser vistos sem distração. Nesse sentido, o que se coleciona não são os insetos em si, mas a profunda atenção do colecionador. Esta também é uma raridade, uma espécie de galeria que ondula pela mente e cujos verdadeiros tesouros são a perpetuação do assombro num torvelinho de distrações sociais e pessoais. “Coleção” é uma boa palavra para descrever o que acontece, porque o indivíduo passa um tempo recolhido, juntando sua curiosidade, do mesmo modo que a água da chuva se acumula. Cada vitrine contém uma amostra do extremo interesse de um colecionador singular, e é por isso, em parte, que as pessoas gostam de estudá-las, mesmo quando sabem de cor todas as características dos insetos.

Por isso, não importa realmente onde fiquem as caixas, mas Szymon teria gostado desse lugar remoto de fim de estrada, cercado por campos cultivados e vegetação densa, pululante de insetos, com uma abundância de besouros minúsculos, e onde sua dourada Żarka poderia perseguir passarinhos e toupeiras, como é prerrogativa de um *Dachshund*. Muitas vezes, é somente ao olhar para trás que reconhecemos uma coincidência ou um objeto improvável que modificou o destino. Quem poderia imaginar que a cavalgada de insetos espetados de um professor zeloso abriria o portão do Gueto para tantas pessoas?

## Capítulo 17

A paixão de Ziegler pelos insetos diferia marcadamente da doutrina nazista. Obcecado com o controle de pragas, o Terceiro Reich financiou muitos projetos de pesquisa, antes e durante a guerra, os quais se concentraram em inseticidas, venenos contra ratos e maneiras inteligentes de derrotar os insetos comedores de madeira, as traças da roupa, os cupins e outros flagelos. Himmler havia estudado agricultura em Munique, e privilegiou entomologistas como Karl Friederichs, que buscava formas de derrotar as vespas-de-serra das píceas e outras pragas similares, ao mesmo tempo que justificava a ideologia nazista como uma forma de *ecologia*, uma “doutrina do sangue e da terra”. Por essa perspectiva, matar pessoas nos países ocupados e substituí-las por alemães servia a fins políticos e ecológicos, especialmente quando primeiro se plantavam florestas para modificar o clima, como foi sugerido pelo biólogo nazista Eugene Fischer.

Visto por meio de um microscópio eletrônico (inventado na Alemanha em 1939), um piolho parece um demônio atarracado de chifres compridos, com olhos protuberantes e seis braços feitos para capturar. Flagelo das forças armadas em 1812, esse inseto teria derrotado o Grande Exército de Napoleão no trajeto para Moscou — uma lenda só recentemente confirmada pelos cientistas. “Cremos que as doenças transmitidas por piolhos causaram boa parte das mortes do exército de Napoleão”, relatou Didier Raoult, da Université de la Méditerranée, em Marselha, na edição de janeiro de 2005 do *Journal of Infectious Diseases*, com base na análise da polpa dos dentes de restos mortais de soldados descobertos em 2001 por operários da construção civil, numa sepultura coletiva perto de Vilnius, na Lituânia. Como os piolhos do corpo humano transmitiam os agentes da febre recorrente, da febre das trincheiras e do tifo epidêmico, o Grande Exército de Napoleão caiu de quinhentos mil para três mil homens, principalmente por causa da pestilência. O livro *Epidemics Resulting from Wars* [Epidemias resultantes das guerras], de Friedrich Prinzing, publicado em 1916, conta a mesma história, assinalando ainda que mais homens morreram de doenças transmitidas por piolhos na Guerra da Secessão norte-americana do que em seus campos de batalha. Em 1944, os alemães dispunham de medicamentos para reduzir a gravidade do tifo, mas não de uma vacina confiável. Tampouco as forças armadas dos Estados Unidos a possuíam, só podendo oferecer a seus soldados inoculações repetidas de tifo, que duravam poucos meses.

No Gueto, os prédios apinhados transformaram-se rapidamente em choças devastadas pela tuberculose, pela disenteria e pela fome, e o tifo infernizou o Gueto com febre alta, calafrios, fraqueza, dor, cefaleias e alucinações. *Tifo*, um nome genérico dado a doenças similares, causadas por bactérias do gênero *Rickettsia*, deriva da palavra grega *typhos*, “estupor” ou “letargia”, que descreve o embotamento mental do doente, o qual, após alguns dias, desenvolve uma erupção cutânea que aos poucos cobre o corpo inteiro. Como os piolhos disseminam a doença, apinhar pessoas num gueto tornava inevitável a epidemia e, com o tempo, o tifo tornou-se tão disseminado que, ao se cruzarem na rua, as pessoas mantinham distância umas das outras, por medo de que os piolhos pulassem para elas. Os poucos médicos que distribuíam solidariedade e atenção, na falta de nutrição e medicamentos, sabiam que a recuperação dependia exclusivamente da idade e do estado geral de saúde de cada um.

Naturalmente, isso levou à imagem de judeus pestilentos, cobertos de piolhos. “O anti-semitismo é exatamente igual ao despiolhamento”, disse Himmler a seus oficiais das SS em 24 de abril de 1943. “Livrarmo-nos dos piolhos não é uma questão de ideologia. É uma questão de higiene. (...) Logo estaremos despiolhados. Restam-nos apenas vinte mil piolhos, e depois, o assunto estará encerrado em toda a Alemanha.”

Já em janeiro de 1941, o governador alemão de Varsóvia, Ludwig Fischer, informou ter escolhido o lema “JUDEUS — PIOLHO — TIFO” para imprimir em três mil cartazes grandes, sete mil pequenos e quinhentos mil panfletos, acrescentando que “a imprensa polonesa [com patrocínio alemão] e as

estações de rádio têm participado da distribuição dessa informação. Além disso, as crianças das escolas polonesas têm sido alertadas para o perigo todos os dias”.

Depois que os nazistas recategorizaram os judeus, os ciganos e os eslavos como espécies não humanas, seguiu-se naturalmente a imagem deles mesmos como caçadores, organizando-se grupos de caça em propriedades do interior e em estações de esqui, a fim de preparar a elite nazista, por meio de esportes sangrentos, para a grandiosa caçada. Eles tinham outros modelos em que se basear, é claro, inclusive cavaleiros e médicos, mas o do caçador proporcionava as metáforas viris do buscar, perseguir, açular, capturar, estripar, caçar ratos e assim por diante.

O espectro do *contágio* claramente enervava os nazistas. Comumente, os cartazes caricaturavam os judeus atribuindo-lhes feições de ratos (já que as pulgas do rato eram os principais transmissores de doenças), e esse conjunto de imagens insinuou-se até no psiquismo de alguns judeus, como Marek Edelman, um dos líderes do Levante do Gueto, que recordou estar a caminho de uma reunião da Resistência quando foi “tomado pelo desejo de não ter rosto”, por medo de que alguém o reconhecesse e o denunciasse como judeu. E mais, ele se viu com

*um rosto repugnante, sinistro. O rosto do cartaz “JUDEUS — PIOLHO — TIFO”, ao passo que todas as outras pessoas (...) tinham rostos alvos. Eram bonitas, tranquilas. Podiam ser tranquilas, porque tinham consciência de sua alvura e beleza.*

Na política opressiva da sociedade do Gueto, repleta de contrastes sociais, os criminosos e colaboracionistas viviam bem, enquanto outros morriam de fome, e surgiu um submundo de subornos e extorsão. Os soldados alemães impunham regularmente a violência, roubavam bens e pegavam as pessoas para fazer trabalhos extenuantes e humilhantes, até que, como escreveu um morador do Gueto, “depois que os três cavaleiros do Apocalipse convocados pelo invasor — a peste, a fome e o frio — revelaram-se aquém dos judeus do Gueto de Varsóvia, os cavaleiros das SS foram chamados para concluir a tarefa”. De acordo com as cifras alemãs, eles despacharam 316.822 pessoas de Varsóvia para campos de concentração entre o início de 1942 e janeiro de 1943. Como também fuzilaram muitas pessoas no Gueto, a contagem real dos mortos foi muito mais alta.

Auxiliados por amigos do lado ariano, dezenas de milhares de judeus conseguiram fugir do Gueto antes de terminar a guerra, mas alguns celebrizaram-se por ficar, como Kalonymus Kalman Shapira, o rabino hasside do Gueto. Os sermões e o diário ocultos de Shapira, descobertos depois da guerra, revelam uma luta meio feroz com a fé — um homem imprensado entre seus ensinamentos religiosos e a história. Como podia alguém conciliar a agonia do Holocausto com o hassidismo, uma religião vibrante que ensina o amor, a alegria e a celebração? Mas um de seus deveres religiosos era curar os sofrendores de sua comunidade (o que não era uma tarefa simples, dados o sofrimento e a proibição de todos os adornos da devoção). Alguns estudiosos reuniam-se numa loja de sapateiro e discutiam os textos sagrados enquanto cortavam couro e batiam pregos, e o *Kiddush ha-Shem*, o princípio de servir a Deus, ganhou uma nova definição no Gueto, onde se transformou na “luta para preservar a vida diante da destruição”. Uma palavra similar surgiu em alemão — *überleben* —, com o significado de “predominar e permanecer vivo”: uma ideia desafiadora, sublinhada pelo fato de se tratar de um verbo intransitivo.

O hassidismo de Shapira incluía a meditação transcendental, o treinamento da imaginação e a canalização dos afetos para atingir visões místicas. A maneira ideal, ensinava Shapira, era “assistir aos próprios pensamentos, para corrigir os hábitos e traços de caráter negativos”. Um pensamento observado começa a enfraquecer, especialmente as ideias negativas, nas quais ele aconselhava os alunos a não mergulharem, e sim a examiná-las de forma desapaixionada. Se eles se sentassem à margem, observando o fluxo de seus pensamentos, mas sem se deixarem arrastar por estes, poderiam alcançar uma forma de meditação chamada *hashkatah*: silenciar a mente consciente. Shapira também pregava a “sensibilização para a santidade”, um processo de descobrimento da santidade dentro de si. A tradição hassídica incluía atentar cuidadosamente para a vida cotidiana, conforme os ensinamentos do professor setecentista Alexander Susskind: “Ao comer e beber, você experimenta a satisfação e o prazer proporcionados pela comida e pela bebida. Desperte-se a cada momento e pergunte a si mesmo, intrigado: ‘Que são esta satisfação e este prazer? Que estou saboreando?’”

O mais eloquente rabino e autor do misticismo hassídico, Abraham Joshua Heschel, deixou Varsóvia em 1939 para se tornar um importante professor do Seminário Teológico Judaico em Nova York (e, na década de 1960, um entusiástico militante da integração). Numa prosa repleta de paradoxos enigmáticos, epigramas e paralelos (“O homem é um mensageiro que esqueceu a mensagem”, “Os pagãos exaltam as coisas sagradas, os Profetas enaltecem os atos sagrados”, “A busca da razão se encerra na margem do conhecido”, “A pedra se quebra, mas as palavras são vivas”, “Ser humano é ser um problema, e o problema se expressa na angústia”), ele se sentia “fiel à presença do sublime no corriqueiro”, e era “ao fazer o finito que podemos perceber o infinito”. “Tenho um talento”, escreveu Heschel, “que é a capacidade de ficar tremendamente surpreso, surpreso com a vida, com as ideias. Para mim, este é o supremo imperativo hassídico: Não envelheça. Não fique rançoso.”



A maioria das pessoas sabe que trinta a quarenta por cento dos judeus do mundo foram mortos durante a Segunda Guerra Mundial, mas não que oitenta a noventa por cento da comunidade ortodoxa pereceram, entre eles muitos que tinham mantido viva uma antiga tradição de misticismo e meditação que remontava ao mundo dos profetas do Velho Testamento. “Na minha juventude, crescendo num meio judaico”, escreveu Heschel sobre sua infância em Varsóvia, “havia uma coisa pela qual não tínhamos que procurar: o arrebatamento. Todo momento é grandioso, ensinavam-nos, todo momento é único”.

A etimologia da palavra hebraica correspondente a “profeta”, *navi*, combina três processos: *navach* (gritar), *nava* (brotar ou fluir) e *navuv* (ser oco). A tarefa dessa meditação era “abrir o coração, desobstruir o canal entre o infinito e o mortal” e ascender a um estado de êxtase conhecido como *mochin gadlut*, a “Grande Mente”. “Só existe um Deus”, escreveu o mestre hassídico Avram Davis,

*com o que nos referimos à Unidade que abarca todas as categorias. Podemos chamar essa Unidade de oceano de realidade, e chamar tudo o que nele nada de primeiro ensinamento dos Dez Mandamentos. [E]xiste apenas uma zot, uma “istice”. Zot é a forma feminina de “isto”. A própria palavra zot é um dos nomes de Deus — a istice daquilo que é.*

Os fracos, doentes, exaustos, famintos, torturados e loucos, todos iam buscar alimento espiritual com o rabino Shapira, que o combinava com a liderança e as sopas de caridade. Como conseguia essas proezas de compaixão, mantendo-se sadio e criativo? Fortalecendo a mente e mantendo a comunhão com a natureza:

*Ouve-se a voz [do Ensino] que vem do mundo como um todo, do chilrear dos pássaros, do mugir das vacas, das vozes e do tumulto dos seres humanos; em tudo isso se ouve a voz de Deus. (...)*

Todos os nossos sentidos alimentam o cérebro e, quando ele se alimenta sobretudo de crueldade e sofrimento, como pode se manter saudável? Modifique-se deliberadamente essa dieta, faça-se um exercício mental para alterar o foco do pensamento, e o cérebro fica alimentado. A mensagem do rabino Shapira era que, mesmo no Gueto, as pessoas comuns podiam amenizar seu sofrimento dessa maneira, não apenas os monges, os ascetas ou os rabinos. É especialmente tocante que ele tenha escolhido para a prática meditativa a beleza da natureza, porque, para a maior parte da população do Gueto, a natureza vivia apenas na lembrança — ali não havia parques, pássaros nem vegetação —, e ela sofria a perda da natureza como a dor de um membro fantasma, uma amputação que desordenava os ritmos do corpo, deixava os sentidos famintos e tornava impossível para as crianças a formação de ideias básicas sobre o mundo. Como escreveu um habitante do Gueto:

*No gueto, a mãe tentava explicar ao filho o conceito de distância. “A distância”, disse ela, “é mais do que a nossa rua Leszno. É um campo aberto, e um campo é uma área grande onde a grama cresce, ou crescem espigas de milho, e, ao parar no meio dele, a pessoa não vê seu começo nem seu fim. A distância é tão grande, aberta e vazia, que o céu e a terra se encontram nela. (...) [A distância é] uma viagem contínua de muitas horas, às vezes dias e noites, de trem ou de carro, e talvez num avião. (...) O trem da ferrovia respira, sopra e engole uma porção de carvão, como os trens desenhados no seu livro, mas ele é de verdade, e o mar é um banho enorme e real, onde as ondas sobem e descem numa brincadeira interminável. E essas florestas são árvores, árvores como as das ruas Karmelicka e Nowolipie, e tantas que a gente não consegue contá-las. São fortes e eretas, com coroas de folhas verdes, e a floresta é cheia dessas árvores, árvores até onde a vista consegue alcançar, repletas de folhas, galhos e canto de pássaros”.*

Antes da aniquilação vinha o exílio da natureza, e então, só o assombro e a transcendência, ensinava o rabino do Gueto, podiam combater a desintegração psíquica do dia a dia.

## Capítulo 18

À medida que o verão se transformou em outono, bandos de piscos-chilreiros, cruza-bicos vermelhos e âmpelis começaram a voar para o sul, vindos da Sibéria e do norte da Europa por corredores celestes mais antigos do que a Rota da Seda, sobrevoando a região em esquadilhas em forma de V. Como a Polônia fica na interseção de diversas grandes rotas aéreas — ao sul da Sibéria, ao norte da África e a oeste da China —, o outono enfeitava o ar com um rendilhado de pássaros canoros migratórios e bandos de gansos espalhafatosos. Os pássaros insetívoros voavam para as profundezas da África, entre eles o papa-moscas cinzento, por exemplo, que perfazia milhares de quilômetros e sobrevoava o Saara em vôos ininterruptos de sessenta horas. Sem a necessidade de voar para tão longe, grandes garças-azuis e outras aves aquáticas instalavam-se ao longo da orla do Mediterrâneo, do Atlântico, do mar Cáspio ou do rio Nilo. As aves nômades não precisam seguir uma rota rigorosa; durante a guerra, algumas se desviaram para o leste e o oeste, evitando por completo a cidade de Varsóvia, com seu cheiro de bombas, embora grande parte da Europa fosse igualmente inóspita.

No casarão, os Hóspedes e visitantes migraram no fim do outono para cômodos mais quentes ou esconderijos mais duradouros. Os Żabiński enfrentaram seu terceiro inverno dos tempos de guerra com uma reserva tão escassa de carvão, que só podiam aquecer a sala de jantar, desde que primeiro tirassem a água dos radiadores e vedassem a escada e o segundo andar. Isso dividiu a casa em três climas: subterrâneos úmidos, térreo equatorial e quartos polares. Uma velha estufa a lenha norte-americana, tomada de empréstimo da Casa dos Leões, soltava uma fumaça irritante, mas eles se aninhavam a seu redor assim mesmo, espiando por uma portinhola de vidro as chamas vermelhas e azuis que lambiam pedaços de carvão e, periodicamente, cobriam-nos de fogo. Enquanto a chaminé entoava um hino de calor, eles desfrutavam da inexprimível magia de invocar o calor dentro de casa nos dias frígidos. Embrulhados em pele de carneiro e flanela, Jan e Ryś conseguiam dormir sob outras camadas de cobertores e edredons, depois pular da cama e permanecer aquecidos por tempo apenas suficiente para se vestirem para o trabalho ou a escola. A cozinha parecia um frigorífico, o gelo rebordava as janelas por dentro e por fora, e servir refeições, preparar a comida ou, pior ainda, lavar a roupa — qualquer tarefa que significasse mergulhar as mãos na água — eram uma tortura para Antonina, cuja pele rachava até sangrar. “Os seres humanos, com sua pele lisa, simplesmente não se adaptam ao frio rigoroso”, meditava ela, a não ser usando a inteligência, vestindo peles de animais e aprisionando fogueiras fumacentas.

Todos os dias, depois que Jan e Ryś saíam, ela amarrava um trenó, puxava um barril de sobras do matadouro para o galinheiro, e depois alimentava os coelhos com feno e cenouras tiradas da horta. Enquanto Ryś frequentava a escola da Resistência, a vários quarteirões de casa, Jan trabalhava no centro da cidade, num pequeno laboratório que inspecionava e desinfetava prédios, um trabalho subalterno que conferia alguns benefícios úteis: cupons de alimentação, uma refeição diária à base de carne e sopa, uma licença para trabalhar, uma pequena remuneração e uma coisa de valor inestimável para a Resistência — o acesso legal a todas as partes da cidade.

Como o casal não tinha combustível suficiente para aquecer as jaulas, os galpões e os três andares do casarão, todos os Hóspedes foram levados às escondidas para outros esconderijos de inverno, em Varsóvia ou nos subúrbios. A Resistência escondia alguns judeus em propriedades rurais que, em vez de serem confiscadas, tinham ficado nas mãos dos donos, a fim de produzirem alimentos para as tropas alemãs. Nelas, uma mulher ilegal podia assumir o papel de governanta, empregada, babá, cozinheira ou costureira, e um homem podia trabalhar nos campos ou no moinho. Outros podiam esconder-se como lavradores camponeses ou como professores das escolas comunitárias. Uma dessas propriedades, pertencente a Maurycy Herling-Grudziński, ficava apenas

uns oito quilômetros a oeste do centro de Varsóvia e, numa ou noutra ocasião, cerca de quinhentos refugiados abrigaram-se nela.

Mesmo depois de os Hóspedes e parentes irem embora, o casarão hibernar incluiu dois moradores excêntricos, e, segundo Antonina, o primeiro a chegar, Wicek (Vicente), pertencia a uma família aristocrática, de linhagem impecável. “Sua mãe era membro de uma famosa estirpe de coelhos prateados”, conhecidos como lebres-árticas, uma raça cujos filhotes começam tendo um pelo negro e brilhoso e vão prateando depois, empalidecendo até a adolescência. Os vendavais de outubro deixavam Wicek trêmulo de frio numa gaiola no jardim, de modo que Antonina o levou para dentro de casa, para o relativo calor da sala de jantar, durante o dia, e para a cama cheia de cobertores de Ryś, à noite. Todas as manhãs, enquanto Ryś se vestia para a escola, Wicek escorregava para fora das cobertas, saltitava pelo corredor até a escada, descia cuidadosamente os degraus estreitos, empurrava com o focinho a divisória de madeira e corria para a sala de jantar, onde se aninhava junto à porta de vidro da estufa. Ali, achatava as orelhas compridas no dorso, para aumentar o calor, esticava uma das patas traseiras e encolhia bem as outras três. Naturalmente dotado de olhos cor de âmbar, delineados de preto como hieróglifos egípcios, três camadas de pelo, patas largas como raquetes de neve e incisivos muito compridos, para mastigar musgo e líquen, ele logo desenvolveu hábitos e preferências desconhecidos na cultura dos coelhos, bem como uma personalidade bizarra, que lembrava os grifos.

No princípio, toda vez que Ryś se sentava para jantar, Wicek se enroscava nos pés do menino como um chinelo preto e felpudo, agachando-se instintivamente, como fazem as lebres nas tempestades do Ártico. Depois, à medida que foi ficando grande e musculoso, passou a saltar pela casa como uma bola de borracha e, nas refeições, pulava direto do chão para o colo de Ryś, metia as patas dianteiras na mesa e roubava a comida do garoto. Naturalmente vegetarianas, as lebres-árticas podem às vezes recorrer a cascas de árvores e pinhas, mas Wicek preferia roubar uma costeleta de cavalo ou um bife e se afastar aos saltos para devorá-los num canto escuro. Segundo Antonina, ele zunia cozinha adentro toda vez que ouvia o barulho do socador de carne, pulava num banco, saltava deste para a mesa e roubava um pedaço de carne crua, depois disparava com seu troféu e se banqueteara como uma panterinha.

Durante as festas de fim de ano, quando um amigo mandou de presente para os Żabiński uma porção de linguiça defumada, a *kielbasa*, Wicek transformou-se numa praga de dentes afiados, implorando sobras e roubando qualquer um que encontrasse comendo linguiça. Com o tempo, ele também descobriu frios escondidos em cima de um piano no escritório de Jan, perto da cozinha. Em tese, as pernas escorregadias do piano refreariam os camundongos famintos, mas não lebres famintas. Com todas as suas pilhagens, Wicek logo se transformou num bandido gordo e peludo e, sempre que a família saía de casa, tinha que prendê-lo atrás de um armário de canto, porque ele havia começado a comer suas roupas. Um dia, roeu o colarinho do paletó de Jan, pendurado numa cadeira do quarto; noutra, picotou um chapéu de feltro e roeu a bainha do casaco de uma visita. A família brincava sobre ele ser um coelho de ataque, porém, em tom mais solene, Antonina escreveu que, para onde quer que se voltasse no mundo humano ou animal, sempre deparava com “comportamentos chocantes e imprevisíveis”.

Quando um pintinho doente juntou-se à família, Antonina cuidou dele até que recuperasse a saúde, e Ryś o reivindicou como mais um bicho de estimação, dando-lhe o nome de Kuba (Jacó). Nos tempos anteriores à guerra, o casarão havia abrigado animais mais exóticos, inclusive um par de lontrinhas brincalhonas, mas os Żabiński deram continuidade a sua tradição de coexistência de pessoas e animais sob o mesmo teto, repetidamente acolhendo animais perdidos em sua vida e numa casa já sobrecarregada. Curadores de um jardim zoológico por vocação, e não por destino, mesmo durante a guerra, com a escassez de alimentos, eles precisavam permanecer entre animais, para que a vida continuasse a parecer verdadeira e para que Jan continuasse suas pesquisas sobre a psicologia animal. Segundo ele, “a personalidade dos animais se desenvolve de acordo com a maneira como eles são criados, treinados e educados — não se pode fazer generalizações a seu respeito. Como dirão as pessoas que têm cães e gatos, não há dois deles que sejam exatamente iguais. Quem podia saber que um coelho seria capaz de aprender a beijar um ser humano, abrir portas ou nos dar lembretes sobre a hora das refeições?”

A personalidade de Wicek também intrigou Antonina, que o declarou “insolente”, de uma sagacidade sobrenatural e, às vezes, até assustador. Uma lebre carnívora, predadora e beijoqueira — aquilo era matéria para contos de fadas, e um bom tema para um de seus livros infantis. Ela mantinha registros das travessuras do bichinho, observando-o agachar-se à espera, com as orelhas alertas como radares, rastreando todos os ruídos e se esforçando para decifrar os sons.

O zoológico interno criava um circo divertido de rituais, odores e ruídos, trazendo como bônus a brincadeira e o riso, o que era um tônico para todos, especialmente Ryś. Os bichos ajudavam a distraí-lo da guerra, achava Antonina, de modo que, emplumados ou quadrúpedes, com garras ou cascos, com o cheiro almiscarado dos texugos ou inodoros como um bânbi recém-nascido, todos acabavam entrando nesse zoo interno do casarão, dentro do velho Jardim Zoológico de Varsóvia: uma *matriochka* de zoológicos.

No casarão, parte do clã de Antonina molhava as pernas de mesas e cadeiras, e alguns retalhavam, roíam ou pulavam nos móveis, mas ela os apreciava como crianças ou protegidos,

dotados de isenções especiais. As regras da casa decretavam que Ryś cuidasse dos bichos de estimação, como um minidiretor de zoológico encarregado de um pequeno feudo de gnomos ainda mais carentes do que ele. Isso o mantinha ocupado com tarefas importantes, tarefas que ele era capaz de dominar, numa época em que todas as outras pessoas pareciam ter segredos e responsabilidades de adulto.

Era impossível que uma criança tão pequena compreendesse a rede de contatos sociais, compensações, trocas, altruísmo recíproco, pequenas propinas, mercado negro, subornos para comprar o silêncio, e o puro idealismo da Varsóvia dos tempos de guerra. A casa “sob uma estrela louca” ajudava todos a esquecerem o mundo ainda mais louco por alguns minutos, às vezes por horas a fio, oferecendo cada momento como uma corrente fluida de sensações, instantes de brincadeira, tarefas concentradas e vozes harmoniosas. O estado mental extasiado do viver de momento em momento surge naturalmente nas épocas de perigo e insegurança, mas é também um ritmo medicinal que Antonina cultivava para si mesma e seus familiares. Uma das coisas mais notáveis nela era a determinação de incluir brincadeiras, animais, espanto, curiosidade, deslumbramento e uma vasta chama de inocência numa casa em que todos se esquivavam dos perigos, horrores e incertezas do ambiente. Isso requer um tipo especial de bravura, que raramente é valorizado nos tempos de guerra.

Enquanto o rabino Shapira pregava a meditação sobre a beleza, a santidade e a natureza como um modo de transcender o sofrimento e preservar a sanidade, Antonina enchia o casarão com as distrações inocentes de ratos-almiscarados, galos, lebres, cães, águias, hamsters, gatos e filhotes de raposa, que atraíam as pessoas para um mundo natural intemporal, simultaneamente habitual e inédito. Prestando atenção ao ecossistema e às rotinas singulares do casarão, elas podiam repousar um pouco, enquanto as necessidades e ritmos de diferentes espécies se misturavam. As paisagens do zoológico ainda ofereciam árvores, pássaros e jardins; os doces botões das tílias ainda pendiam como pomos aromáticos; e, depois que anoitecia, a música do piano coroa o dia.

Essa mescla sensorial tornou-se mais vital à medida que foram chegando dezenas de outros Hóspedes com histórias pavorosas da brutalidade nazista, e os Żabiński os acolheram, obtendo apoio de “grupos e contatos clandestinos, alguns realmente estranhíssimos”, como os descreveu Irena Sendler (codinome “Jolanta”). Filha de um médico cristão que tinha muitos amigos judeus, ela reconfigurou seu trabalho no Ministério de Assistência Social, recrutou outras dez pessoas de orientação similar e começou a expedir documentos falsos, com assinaturas forjadas. Também arranjou um passe legal para o Gueto, através de um “posto sanitário-epidemiológico” supostamente destinado a lidar com doenças infecciosas. Na verdade, os assistentes sociais “introduziam clandestinamente alimentos, remédios, roupas e dinheiro, ao mesmo tempo que libertavam o maior número possível de pessoas, particularmente crianças”. Isso significava, em primeiro lugar, convencer os pais a lhes entregarem seus filhos, depois descobrir maneiras de tirar às escondidas as criancinhas — em sacos para transportar cadáveres, caixotes ou caixões, através do antigo tribunal ou da Igreja de Todos os Santos — e finalmente instalá-las com famílias católicas ou em orfanatos. Um pote enterrado por Irena num jardim continha as listas dos nomes verdadeiros das crianças, para que elas pudessem voltar para suas famílias depois da guerra. Era comum as freiras esconderem crianças em orfanatos dentro ou perto de Varsóvia, e algumas se especializavam em meninos de aparência semítica, difíceis de acolher, cujos rostos e cabeças eram enfaixados, como se tivessem sido feridos.

Os Żabiński recebiam a instrução, por telefone ou mensageiro, de esperar um Hóspede para uma temporada breve, e Irena os visitava pessoalmente com frequência para levar notícias, conversar ou se esconder quando seu escritório ficava sob vigilância. Mais tarde, capturada pela Gestapo e brutalmente torturada na prisão de Pawiak, ela fugiu com a ajuda da Resistência; tornou-se uma das Hóspedes favoritas do zoológico.

O governo polonês no exílio, sediado em Londres, montou uma estação de rádio e planejou missões, tomando emprestado aviões, agentes e recursos ingleses. Introduzindo clandestinamente dinheiro preso nos cintos de paraquedistas, que chegavam a conter cem mil dólares e os endereços codificados dos destinatários, agentes poloneses conhecidos como *cichociemni*, “os negros e silenciosos”, também levavam armas, estojos para fabricação de armamentos e planos. Segundo o relato de um *cichociemni*, para reduzir a dispersão ao mínimo, seu grupo saltou de noventa metros de altitude, mirando “uma cruz de flores vermelhas e brancas, impudentemente iluminada por uma grande clareira”. Sibilando por entre os pinheiros, ele aterrissou de pé e foi recebido por um homem de capacete, com quem trocou rapidamente a senha e um aperto de mão. Depois, surgiram jovens da zona rural para buscar as caixas e recolher os paraquedas, com os quais as mulheres faziam blusas e roupa de baixo. Depois de entregar uma mensagem codificada do comandante em chefe ao comandante do Exército Nacional, ele engoliu a dose regulamentar de exceldrina misturada com café, para se manter alerta, e pôs um comprimido de cianureto num bolso especial das calças, antes de ser conduzido a uma escola em que uma diretora rechonchuda lhe deu uma omelete de toucinho e tomate e o despachou ao amanhecer, para seguir seu rumo. Alguns paraquedistas ligaram-se a unidades locais e muitos lutaram no Levante de Varsóvia de 1944. Dos 365 mensageiros, 11 morreram; 63 aviões foram derrubados; e apenas cerca de metade dos 858 lançamentos de paraquedistas tiveram sucesso. Mas eles supriam uma Resistência incansável, descrita por aliados e

inimigos como a mais bem organizada da Europa — e tinha que sê-lo, já que o Terceiro Reich havia escolhido os poloneses para um castigo especial.

A essa altura, Jan estava mais profundamente engajado no trabalho da Resistência e lecionava biologia geral e parasitologia na Faculdade de Farmácia e Medicina Dentária da “universidade volante” de Varsóvia. As turmas eram pequenas e os locais de encontro eram nômades, para evitar a descoberta, flutuando de um extremo a outro de Varsóvia, em apartamentos particulares, escolas técnicas, igrejas, firmas comerciais e mosteiros, dentro e fora do Gueto. A universidade conferia diplomas de escola primária, bacharelado e pós-graduação em medicina e outras profissões liberais, a despeito da falta de bibliotecas, laboratórios e salas de aula. Uma certa ironia triste (ou talvez tenha sido otimismo) instigou os médicos do Gueto, que só podiam consolar pacientes moribundos que um pouco de alimento e alguns medicamentos teriam curado, a ensinar medicina de ponta a uma futura geração de médicos. Quando da eclosão da guerra, pensando em decapitar o país, os nazistas haviam reunido e fuzilado a maior parte da intelectualidade polonesa, e depois tinham proibido o ensino e a imprensa — uma estratégia que teve um efeito bumerangue, porque não só tornou a aprendizagem subversivamente atraente, como também liberou os intelectuais sobreviventes para concentrarem sua capacidade cerebral em proezas de resistência e sabotagem. Jornais clandestinos com um amplo público leitor circulavam dentro e fora do Gueto, onde às vezes eram empilhados em banheiros judaicos (que os alemães evitavam escrupulosamente). Nessa época de privação flagrante, floresceram bibliotecas, faculdades, teatros, concertos, e até campeonatos varsovianos secretos de futebol.

Na primavera de 1942, uma torrente de Hóspedes começou novamente a chegar ao jardim zoológico, sendo escondidos em jaulas, galpões e armários, onde tentavam criar rotinas diárias, enquanto viviam num estado de pânico contido. Versados na disposição da casa, com certeza brincavam sobre a barulheira dos passos de fulano, as crianças correndo, o deslizar de cascos e patas, as portas batendo, o telefone tocando e, vez por outra, a gritaria aguda de bichos de estimação brigando. Pelo menos, numa era do rádio, eles se haviam acostumado a colher as notícias de ouvido e a lhes acrescentar imagens mentais.

Antonina preocupava-se com sua amiga Magdalena Gross, a escultora cuja vida e arte haviam descarrilado com o bombardeio do zoológico, que era não apenas seu estúdio ao ar livre, mas também sua bússola, no sentido duplo de um reino imaginativo para seu trabalho e uma direção para sua vida. Antonina escreveu em seu diário sobre o embevecimento de Gross, sobre o quanto os animais a absorviam, até ela se perder em suas sutilezas durante horas, alheia aos frequentadores do zoo, que a observavam em silêncio. Jan, um eterno fã do que chamava de “artes plásticas”, também tinha enorme admiração pelo trabalho dela.

Tendo como especialidade as pequenas esculturas, Gross havia captado cerca de duas dúzias de animais, semelhantes à sua forma viva e divertidos, à beira de um movimento familiar ou com traços nitidamente humanos: um camelo com a cabeça jogada para trás sobre uma corcova, com as pernas afastadas, capturado em pleno ato de se espreguiçar. Um jovem lhama de orelhas espetadas, espiando uma coisa comestível. Um ganso japonês desconfiado, com o bico afilado apontando para o céu e o olho no espectador, como “uma mulher bonita, mas sem cérebro”, explicara Gross. Um flamingo de andar meio chapliniano, com o calcanhar direito levantado. Um faisão se exibindo para seu harém. Uma galinha exótica, agachando o corpo e andando depressa, “como uma compradora que só pensasse em comprar uns arenques”. Um cervo com a cabeça esticada para trás, assustado com um ruído. Uma garça de olhos brilhantes, com o bico comprido e sólido, ombros curvilíneos e o queixo mergulhado no peito grande e felpudo, que Magdalena identificava como sendo ela mesma. Um marabu alto, com a cabeça afundada entre os ombros. Um alce farejando o ar, em busca do cheiro de uma parceira. Um galo beligerante, pronto para a briga, revirando o olho zangado.

Gross buscava as insinuações da carne que eram únicas em cada animal: seu modo de posicionar os quadris e os ombros para se equilibrar, de ameaçar os rivais, de demonstrar emoção. Deleitava-se com flexões minúsculas e movia seus próprios braços e pernas para compreender a articulação dos músculos e ossos de seus modelos. Jan, que funcionava como orientador de Magdalena Gross, ficava fascinado com o projeto básico dos animais, seu centro de gravidade e sua geometria — por exemplo, o modo como uma ave equilibra sua massa baixa e lisa sobre duas pernas que parecem gravetos, enquanto o núcleo mais rico de formas e texturas de um mamífero requer o suporte de quatro pernas grossas. Com seus estudos superiores de engenharia agrícola, zoologia e belas-artes, é bem possível que ele tivesse sido influenciado pelo encantador clássico de Darcy Wentworth Thompson, *On Growth and Form* (1917), um estudo de engenharia biológica que considera temas como a arquitetura da espinha ou da pelve, que desenvolveram asas ósseas para poupar o tronco de dores. Gross levava meses criando uma escultura. Escolher entre o repertório de movimentos uma pose que pudesse encarná-lo era algo que levava tempo e exigia uma espécie de enamoramento, um êxtase de imaginação que Gross adorava. A alegria transparece em suas esculturas.

Antonina elogiava com frequência seu talento artístico e refletia sobre como Magdalena figurava na longa saga de seres humanos que retrataram animais na arte, remontando ao período paleolítico, quando, à luz de archotes, os seres humanos desenharam búfalos, cavalos, renas, antílopes e mamutes em paredes de cavernas. Eles não foram exatamente *desenhados*; às vezes, os pigmentos eram cuidadosamente soprados na parede (a atual réplica perfeita da caverna de Lascaux, feita a

laser, foi decorada com o uso dessa técnica). Fetiches animais, entalhados em galhadas e pedra, juntaram-se ao relicário, quer para o culto, quer para uso pelos caçadores em cerimônias sagradas nas cavernas. Projetando-se dos contornos naturais das paredes de calcário, os animais galopavam por ritos de iniciação, numa escuridão bruxuleante em que era fácil confundir as batidas do coração com as dos cascos.

No começo do século XX e no entreguerras, no auge do dadaísmo e do surrealismo (nenhum dos quais foi propriamente um *ismo*, e sim uma ideia sobre o papel da arte na vida e da vida como arte), a escultura de animais floresceu na arte polonesa, o que prosseguiu durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Aos olhos de Antonina, Magdalena ligava-se à fluente tradição dos animais mágicos que adornavam a arte da antiga Babilônia, Assíria, Egito, Extremo Oriente, México, Peru, Índia e Polônia.

Primeiro Magdalena fazia um molde em barro, antes de fixar um desenho em bronze, e, durante essa etapa suave e clemente, muitas vezes ela pedia a Jan para criticar os detalhes anatômicos de seu trabalho, embora ele contasse a Antonina que ela raramente errava. Cada escultura levava muitos meses para ser concluída e, em média, Magdalena produzia apenas um bronze por ano, porque estudava cada lasquinha e fibra de seu modelo, discutindo com o desenho, e era difícil deixar o manequim de barro sossegado. Uma vez, quando alguém lhe perguntou se ela gostava de sua obra acabada, ela disse: “Responderei a sua pergunta daqui a três anos.” Magdalena só esculpiu dois animais em risco de extinção — o alce e o bisão-europeu —, dedicando dois anos a este último, que foi um presente especial para Jan. É claro que os animais do zoológico não posavam — era comum alçarem voo, se afastarem com seu andar gingado ou se esconderem dela —, e os animais selvagens reservavam o estabelecimento de contato visual para as ocasiões brutas da alimentação, do acasalamento ou dos duelos. Atentar para eles acalmava Magdalena, o que os acalmava, por sua vez, e, com o tempo, eles a deixaram observá-los por períodos mais longos.

Por mais famosa que fosse Gross (seu *Bisão* e seu *Abelheiro* ganharam medalhas de ouro na Exposição Internacional de Arte de 1937, em Paris), Antonina a via como uma mulher surpreendentemente modesta, encantadoramente otimista e simplesmente apaixonada pelos animais e pela arte. Ela se lembrou de como Gross encantava seus modelos, as pessoas que os visitavam e os guardas: “Todos acolhiam de bom grado a visão dessa miúda e ensolarada ‘sra. Madzia’, com seus olhos escuros e risonhos, moldando a argila com delicadeza e entusiasmo.”

Quando os judeus receberam a ordem de se mudar para o Gueto, Gross se recusou, o que não era um destino mais fácil, pois os que viviam na superfície tinham que se disfarçar de arianos e manter a farsa o tempo todo, cultivando o linguajar polonês das ruas e um sotaque plausível. As estimativas variam, porém as mais fidedignas, de Adolf Berman (que os ajudou e manteve bons registros), encontraram quinze a vinte mil pessoas ainda escondidas já em 1944, e ele presumiu que o número tivesse sido muito maior. Em *Secret City*, um estudo sobre os judeus que viveram do lado ariano numa ou noutra ocasião, Gunnar Paulsson os estimou em aproximadamente 28 mil. Como ele disse acertadamente, com números tão altos, na verdade estamos falando de uma cidade de fugitivos inserida em outra, inclusive com seus próprios componentes criminosos (inúmeros chantagistas, extorsionários, ladrões, policiais corruptos e senhorios gananciosos), assistentes sociais, vida cultural, publicações, cafés favoritos e linguajar próprio. Os judeus escondidos eram conhecidos como *gatos*, seus esconderijos, como *melinas* (do polonês que significa “covil de ladrões”), e quando uma *melina* era descoberta, dizia-se que fora *queimada*. “Composta de 28 mil judeus, talvez 70 a 90 mil pessoas que os ajudavam e três a quatro mil *szmalcowniks* [chantagistas, do termo polonês correspondente a ‘gordura’] e outros indivíduos nocivos”, escreveu Paulsson, “[essa] população somava mais de 100 mil pessoas, provavelmente ultrapassando o tamanho da Resistência polonesa em Varsóvia, que punha em campo 70 mil combatentes em 1944”.

O mais leve descuido podia trair o disfarce de um *gato*: não saber o preço de um bilhete de bonde, digamos, ou parecer reservado demais, não receber cartas ou visitas suficientes, não participar da vida social típica de um prédio de apartamentos, como este, descrito por Alicja Kaczyńska:

*Os moradores visitavam uns aos outros (...), trocando notícias sobre a situação política e, muitas vezes, jogando bridge. (...) Ao voltar para casa à tardinha (...), eu parava diante do pequeno altar na entrada de nosso prédio. Varsóvia inteira tinha esses altares em seus portões, e Varsóvia inteira cantava: “Escuta, Jesus, como teu povo implora./ Escuta, escuta e intercede.” Os moradores de nosso edifício reuniam-se nessas orações. (...)*

Paulsson nos fala da “filha de Helena Szereszewska, Marysia, que se considerava completamente assimilada e se deslocava livremente”, e que “certa vez viu uns limões (quase impossíveis de obter durante a guerra) numa barraca de feira. Por curiosidade, perguntou o preço, e, quando o vendedor indicou o valor astronômico, ela exclamou ‘Jezu, Maria!’”, como faria uma católica polonesa. O vendedor respondeu, em tom matreiro: ‘Você os conhece há tão pouco tempo, mocinha, e já os trata pelo primeiro nome!’”

Alojada por uma senhora idosa, Gross fornecia tortas e artigos de pastelaria a diversas confeitarias, que lhe pagavam apenas o bastante para sobreviver, e se arriscava a sair do apartamento para encontrar amigos numa cafeteria receptiva aos *gatos*. Os judeus escondidos às vezes se reuniam num café no nº 24 da rua Miodowa, ou em outro na rua Sewreynów, onde podiam comer no “Centro Comunitário Católico de São José, que tinha um restaurante bem frequentado. O fato de ele ficar numa calma rua secundária e de o serviço oferecido pelas freiras ser muito agradável atraía muitos judeus para o local. (...) Ele era conhecido por quase todos os judeus escondidos em Varsóvia e proporcionava uma hora de alívio do mundo cruel lá fora”.

Toda vez que Gross saía de casa, havia sempre o risco de ser reconhecida e denunciada, mas, num clima de execuções cotidianas nas ruas e de buscas domiciliares, Antonina se preocupou ao ouvir um boato de que os nazistas tinham começado a revistar os prédios de apartamentos no bairro de Magdalena, em horários incertos, invadindo sótãos e porões para desentocar judeus escondidos.



Antonina e Jan alimentando um pássaro ferido.

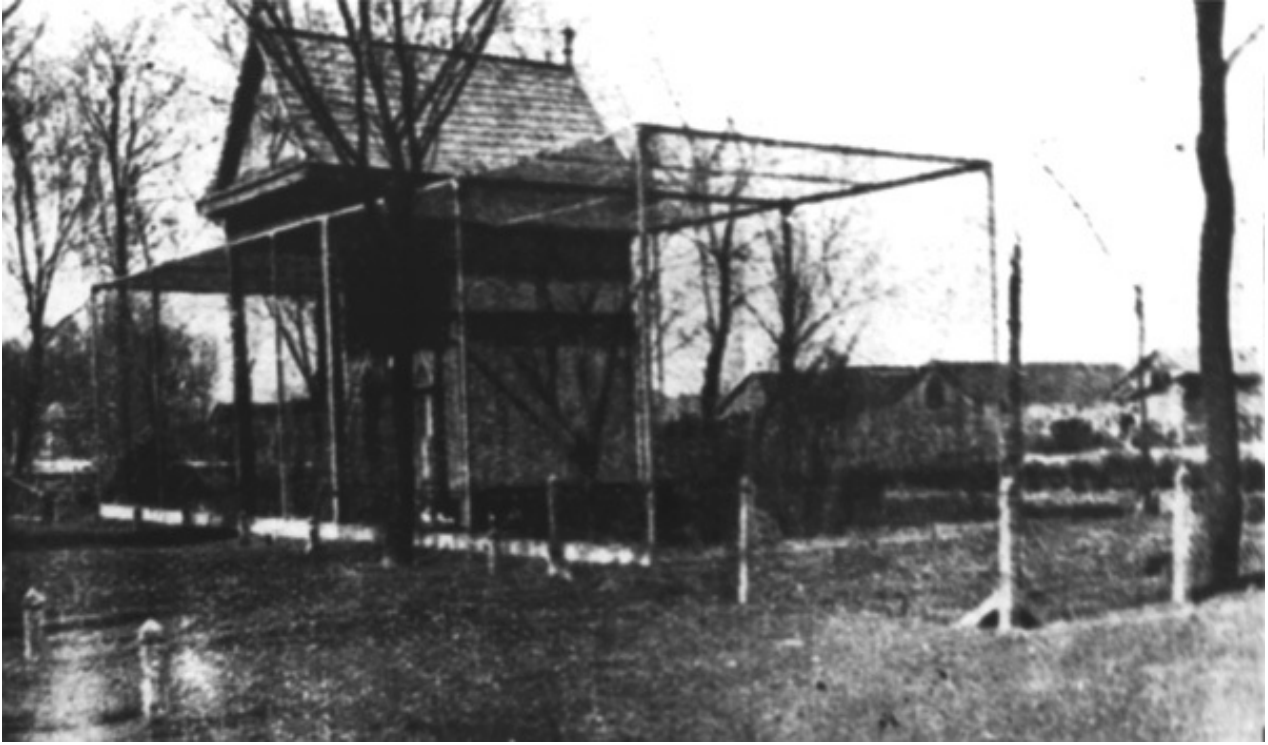




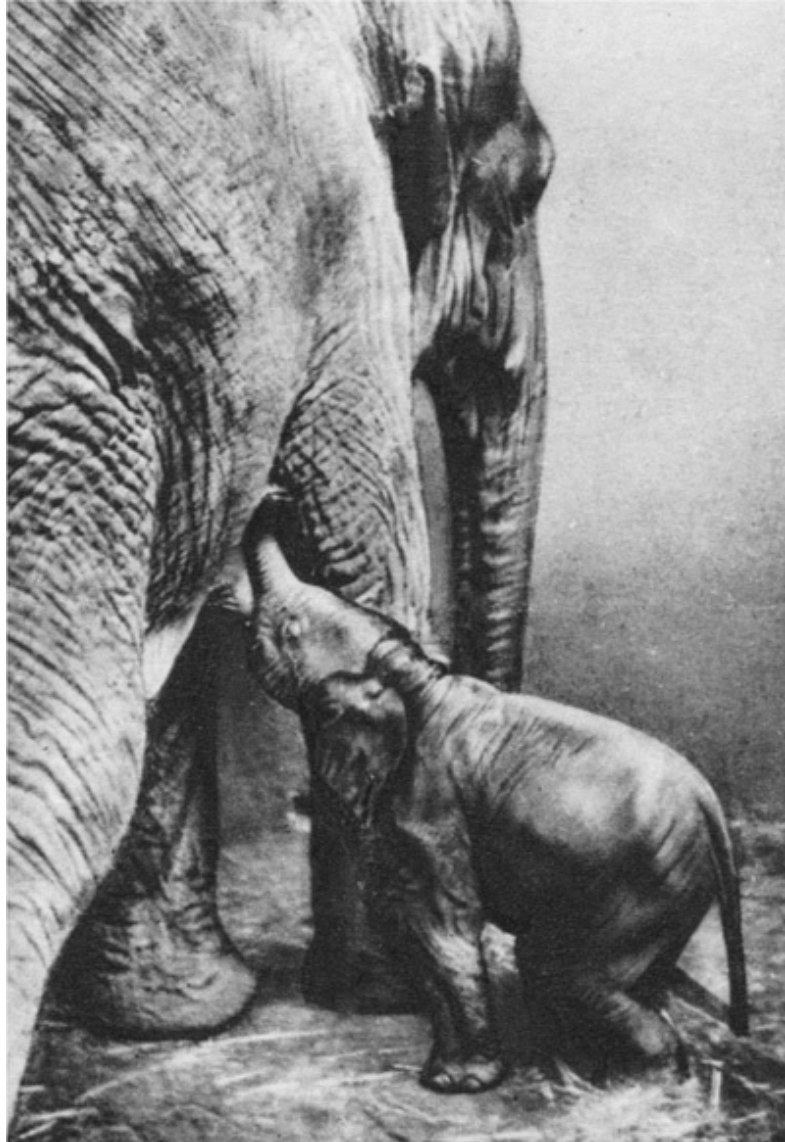
Retrato de família. Da esquerda para a direita: mãe de Jan, Antonina e Jan com Ryszard no colo.



Teresa com lince depois da guerra.



Casa dos Faisões em 1929. Durante a guerra, um túnel subterrâneo ligava a Casa dos Faisões ao casarão. Também se escondiam pessoas na Casa dos Leões.



Postal de 1937 retratando Tuzinka, décimo segundo elefante nascido em cativeiro, cujo nome vem do termo polonês *tuzin*, que significa "dúzia".



Ursos polares no zoológico, em 1938.



A certa altura, Antonina abrigou filhotes de hiena. No entanto, seus favoritos eram os pequenos lincos selvagens, que ela alimentava com mamadeira e deixava soltos pela casa. Animais órfãos e feridos logo passaram a fazer parte da família, que incluía um *hamster*, um leitão, um filhote de texugo, uma lebre, um rato-almiscarado, uma cacatua, uma gata (que cuidava de uma ninhada de raposas) e muitos outros, além de centenas de judeus escondidos.



Texugo levando Ryszard para passear.



Cavalos Przywalski, uma raridade nos zoológicos do pré-guerra.



# Kriegsgefangenenlager



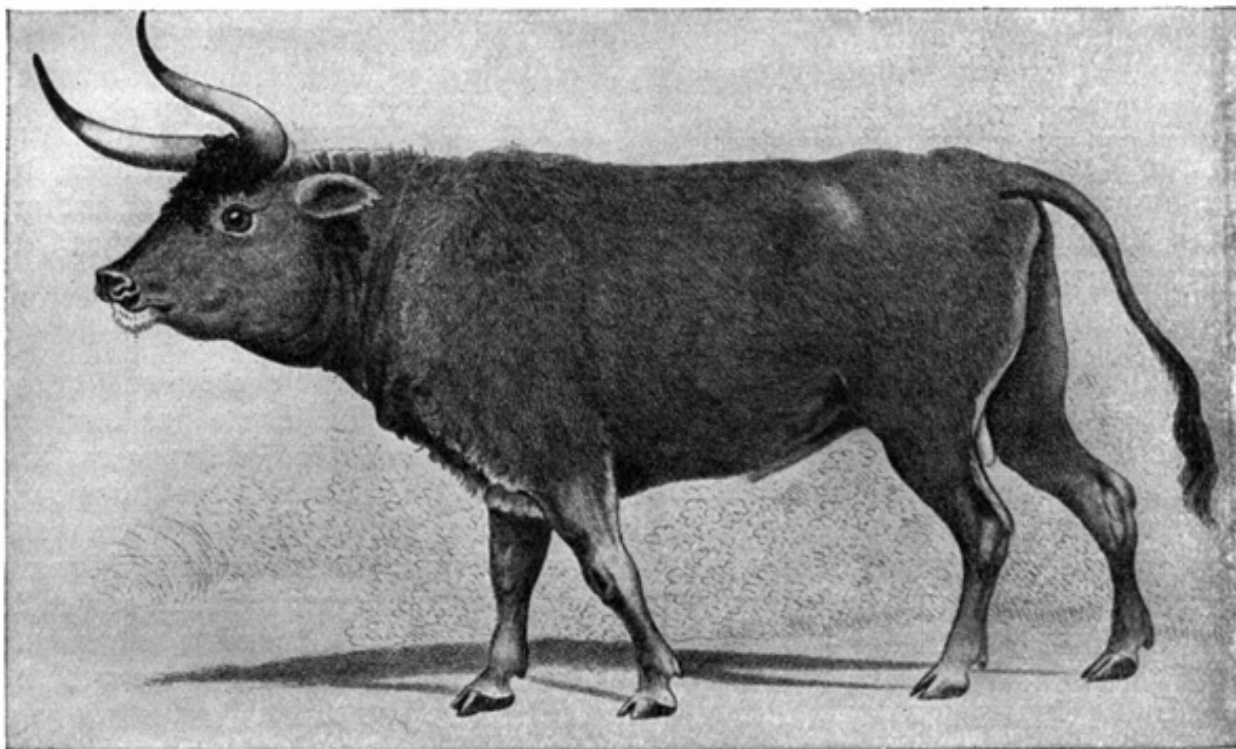
Postal enviado por Jan a Antonina do campo de prisioneiros durante a guerra. Embora não pudesse se arriscar a escrever o que quer que fosse, expressa sua condição e seu estado de espírito nesse auto-retrato.



Jan segurando um lince adulto.



Um chimpanzé, seu treinador e uma convidada.



Desenho de um auroque, um dos animais extintos que os nazistas esperavam reconstituir de modo a obter uma espécie ariana pura para caçar depois da guerra.



Casa de Jan e Antonina hoje, vista dos fundos.



Cavalos poloneses descendentes do extinto tarpam, outro animal quase mítico que os nazistas esperavam recriar. Tarpans, auroques e bisões-europeus são os animais que os caçadores do período neolítico pintaram em ocre nas paredes das cavernas.



O Pavilhão Real de Caça na Białowieża, outrora um luxuoso local de descanso de reis e czares.

## Capítulo 19

Antonina estava na cozinha, preparando massa de pão, o que era um ritual cotidiano, quando ouviu a voz agitada de Rys na porta dos fundos:

— Depressa! Estorninho! Vem cá!

Aparentemente, seu filho tinha mais um novo amigo animal, e ela gostou de sua escolha de espécie. Os estorninhos sempre a haviam encantado, com seus “bicos compridos e escuros, seus pulinhos elásticos e seus cacarejos animados”, e ela gostava de observá-los saltitando pelo chão e escavando-o à procura de minhocas, com a cauda e a cabeça em movimentos rápidos. A festa dos estorninhos sempre anunciava o fim do inverno e “a terra amolecendo a barriga para a primavera”. Os bandos de estorninhos criavam formas maravilhosas ao descrever círculos pelo céu — rédeas de tróicas, feijões, conchas em forma de cone. Virando todos ao mesmo tempo, como uma unidade, num piscar de olhos eles desapareciam, reaparecendo no instante seguinte como uma pitada de pimenta. Ao saltitar e andar ligeiros pelo chão, faziam Antonina pensar em “bufões alados”, como observou ela em suas memórias, e lhe agradou pensar em Rys apanhando um deles e fazendo amizade com o pássaro. Parada junto à pia, com as mãos na massa pegajosa, ela gritou por cima do ombro que estava grudenta demais para cumprimentar o novo tesouro do filho, mas que o faria depois. Nesse instante, a porta da cozinha se escancarou e ela compreendeu, de repente, o verdadeiro significado das palavras de Rys. Lá estava Magdalena Gross, com um velho casaco de verão e um par de sapatos surrados.

Todos os Hóspedes e amigos escondidos tinham nomes secretos de animais, e o de Magdalena era “Estorninho”, em parte por Antonina gostar muito desse pássaro, mas também porque imaginava a amiga “voando de ninho em ninho” para não ser capturada, à medida que *melinas* eram *queimadas* uma após a outra. Quem passasse não ficaria surpreso ao ouvir animais mencionados no jardim zoológico; era também inegável que isso dava uma *sensação boa* a Jan e Antonina, de que dizer os nomes dos animais de praxe ajudava-os a restabelecer um pouco de normalidade em sua vida.

Nas ruelas caóticas da Polônia ocupada, a fama da qual Magdalena havia desfrutado antes da guerra agora a punha em perigo. E se alguém do passado a visse e, por bons ou maus motivos, falasse de seu paradeiro? Os boatos têm orelhas compridas e, como diz um antigo ditado cigano, *o medo tem olhos grandes*. Com Magdalena a bordo, os outros Hóspedes tiveram que tomar um cuidado redobrado, e Magdalena não se atrevia a mostrar o rosto, muito conhecido em certos círculos poloneses. “Os olhos geralmente felizes de Madzia andam meio entristecidos agora”, escreveu Antonina em seu diário. Às vezes, ela e Jan também chamavam a escultora de “Madzia”, um apelido afetuoso da forma abrandada Magda: quando o *g* formal e duro se transforma num som suave de *j*, dá margem à transmissão de emoções ternas. “Ela sentia falta da liberdade e do estilo de vida excitante que tivera antes da guerra”, o que incluía um grande círculo de amigos no mundo das artes. Em 1934, por exemplo, Magdalena tinha ajudado Bruno Schulz, um pintor do gênero de Chagall e autor de uma prosa fantasmagórica, a encontrar uma editora para seu primeiro livro, *Sklepy Cynamonowe [Lojas de canela]*, uma coleção de contos sobre sua excêntrica família. Ela pusera o manuscrito de Schulz nas mãos de outra amiga, a romancista Zofia Nałkowska, que o tinha declarado inovador e brilhante e orientara seu caminho até a publicação.

Escondida dentro de casa durante o dia, Magdalena não podia perambular pelo zoológico para encontrar modelos, por isso resolveu esculpir Rys.

— Ele é um lince — brincou. — Devo conseguir bons resultados com essa escultura!

Um dia, quando Antonina preparava a massa do pão, Magdalena disse:

— Nisso eu posso ajudar *você*. Aprendi a fazer uns *croissants* deliciosos. Posso não ter condição de esculpir em argila agora, mas ainda sei esculpir em farinha!



Com isso, mergulhou a palma da mão numa grande tigela de massa, fazendo elevar-se uma nuvenzinha branca.

— É terrível que uma artista tão talentosa tenha que trabalhar na cozinha! — lamentou Antonina.

— É só uma situação temporária — garantiu-lhe Magdalena, afastando-a delicadamente da tigela e misturando a massa com mãos poderosas. — Talvez haja quem diga que uma mulher miúda como eu não poderia ser uma boa padreira. Ora essa! Os escultores desenvolvem uma força enorme!

Usar os músculos para amassar a argila dera-lhe ombros fortes e mãos temperadas por seu ofício. Em seu círculo, que incluía Rachel Auerbach e a poetisa judia alemã Deborah Vogel, entre outros, o que Bruno Schulz chamava de “consistência mística singular” da matéria realmente tinha importância, assim como as mãos que a manipulavam. Esse era um assunto que o grupo discutia com frequência em longas cartas reflexivas e literárias, em parte artesanalmente criadas como uma forma de arte. Poucas foram preservadas, mas, felizmente, Schulz recrutou muitas das escritas por ele para produzir contos.

Em Paris, antes da guerra, Magdalena com certeza teria estudado as vigorosas esculturas de mãos de Rodin exibidas no Museu Rodin, um prédio que parece uma caixinha de música, cercado por roseiras e esculturas musculosas. Ela sentia um orgulho justificado do modo como as mãos fortes e ágeis embalavam recém-nascidos, construía cidades, plantavam legumes, acariciavam os entes queridos, ensinavam a nossos olhos a forma das coisas — o redondo que ondulava, a areia que arranhava —, aproximavam corações solitários, ligavam-nos ao mundo, mapeavam a diferença entre o eu e o outro, prendiam-se à beleza, juravam lealdade, seduziam o alimento a sair do grão e muito, muito mais.

Magdalena temperou o casarão com “uma profusão de sol, energia e um grande ânimo”, escreveu Antonina, “o qual nunca perdeu, nem mesmo durante crises terríveis, e ela enfrentou crises horrendas em sua vida. Ninguém nunca a viu deprimida”. Às vezes, Antonina se perguntava como é que eles tinham vivido sem Magdalena até então, porque ela se tornou uma parte muito enérgica de seu clã, compartilhando a vida, as preocupações cotidianas, as agruras e inseguranças da família, ajudando nas tarefas domésticas e, sempre que eles tinham um excesso de hóspedes, cedendo sua cama e dormindo sobre um grande caixote de farinha, ou em duas poltronas encostadas uma na outra. “Tal como seu apelido, Estorninho, ela assobiava diante da dificuldade, quando muitos em sua situação teriam sucumbido ao desespero”, recordou Antonina em suas memórias. Sempre que a família esperava a visita de um estranho, Magdalena se escondia e, quando o visitante parecia perigoso, ou pior ainda, queria subir por alguma razão, Antonina a alertava com o alarme habitual de notas ao piano, ou, quando isso não era conveniente, explodindo subitamente numa canção. Ela achava Magdalena “meio moleca” e via o coro crescente de “Vá, vá, vá para Creta!”, de Offenbach, como a perfeita música de fuga para alguém tão travesso e animado.

Toda vez que Magdalena ouvia essa música, ela corria para um esconderijo, que, dependendo de seu estado de espírito, podia ser o sótão, um banheiro ou um dos grandes armários. Como confidenciou a Antonina, costumava fazê-lo rindo baixinho do absurdo da situação.

“Fico pensando”, ela às vezes brincava, “como vou reagir a essa música quando a guerra acabar! E se ela tocar no rádio? Será que correrei para me esconder? Será que sequer conseguirei *suportar* essa música sobre Menelau indo para Creta?”

Houvera época em que essa melodia animada tinha sido uma de suas favoritas, mas a guerra destrói as lembranças sensoriais, à medida que a simples intensidade de cada momento, a adrenalina em alta e a pulsação acelerada calcam mais fundo as lembranças, fixam cada pequeno detalhe e tornam os acontecimentos inesquecíveis. Embora isso possa fortalecer a amizade ou o amor, também pode macular tesouros sensoriais como a música. Ao associar uma melodia qualquer ao perigo, nunca mais se torna a ouvi-la sem que haja uma descarga de adrenalina quando a lembrança atinge a consciência, seguida por um sobressalto de medo. Magdalena tinha razão em se fazer essa pergunta. Como disse, “era uma forma terrível de destruir uma música esplêndida”.

## Capítulo 20

O outono nevado de 1942 atingiu o jardim zoológico com uma fúria especial, com o vento açoitando as construções de madeira até elas gemerem e batendo os bancos de neve até transformá-los em suflês cintilantes. O bombardeio do início da guerra havia rasgado o terreno do zoológico, confundindo os seus marcos, e depois caíra uma neve pesada, que tinha escondido uma porção de novos fossos e envolvido cercas, pedaços retorcidos de calçamento e dedos pontiagudos de metal. Sob a paisagem nevada enganosamente suave, basiliscos metálicos espreitavam por toda parte, confinando as pessoas num labirinto de trilhas abertas com pás e de pastos batidos.

O espaço de Antonina encolheu-se ainda mais, pois ela ficou entrevada pelo que parece ter sido uma flebite (ela fornece poucos indícios), uma infecção dolorosa nas veias das pernas, que tornou uma agonia caminhar e a deixou de cama desde o outono de 1942 até a primavera de 1943. Mulher incomumente ativa de 34 anos, ela detestou ficar confinada ao quarto, com roupas pesadas, abafada sob camadas de cobertores e edredons (“Senti-me muito constrangida e inútil”, queixou-se em seus escritos), quando havia uma grande família para administrar. Afinal, ela era a grande *matriochka*, a maior das bonecas de encaixar, e não apenas num sentido simbólico, porque também estava grávida. É difícil saber se houve de fato uma formação de coágulos sanguíneos em suas pernas, e se eles teriam surgido por causa da gravidez, do fumo, de varizes ou da hereditariedade. Com certeza não provieram da inatividade nem de obesidade. Mas a flebite pode ser perigosa; em sua forma mais grave, a trombose nas veias profundas, um coágulo sanguíneo se desloca para o coração ou os pulmões e causa a morte. Até a flebite branda, ou, possivelmente, a artrite reumatoide (uma inflamação das articulações), deixa as pernas vermelhas e inchadas e exige repouso absoluto, de modo que, não tendo alternativa, Antonina passou a receber a corte em seu quarto, sendo visitada por familiares, amigos e empregados.

Em junho de 1942, a Resistência polonesa recebeu uma carta escrita em código, que informou sobre um campo de extermínio em Treblinka, uma cidade não muito distante de Varsóvia. Eis uma parte do aviso:

*Titio está planejando (Deus nos guarde) realizar o casamento dos filhos também na casa de vocês (Deus não permita). (...) [E]le alugou um local próximo daí, bem próximo mesmo, e é provável que vocês não saibam nada sobre ele, e é por isso que estou escrevendo e mandando um mensageiro especial com esta carta, para que vocês fiquem informados. É verdade, e vocês devem alugar novos locais fora da cidade, para vocês e todos os nossos irmãos e filhos de Israel. (...) Sabemos com certeza que o titio está com a casa quase pronta para vocês. Vocês precisam saber disso, precisam encontrar uma saída. (...) Titio está planejando realizar esse casamento o mais rápido possível. (...) Escondam-se. (...) Lembrem-se: somos os sacrifícios sagrados, “e se restar algum até amanhã...”*

O historiador Emanuel Ringelblum (que escreveu *Polish-Jewish Relations During the Second World War* escondido num *bunker* em Varsóvia), assim como outros membros da Resistência, compreendeu exatamente o que a carta significava. A enigmática frase final referia-se às instruções da Páscoa judaica no texto do Êxodo 12:10: qualquer sobra do cordeiro sacrificial deveria ser *queimada*. Logo chegou de Chełmno a notícia de judeus que estavam sendo envenenados e mortos por gás em vagões, e refugiados provenientes de Wilno relataram massacres também em outras cidades. Tais atrocidades ainda pareciam inacreditáveis, até que um homem que havia escapado da câmara de gás, e que se escondera num vagão de carga durante todo o trajeto até Varsóvia, contou

às pessoas do Gueto o que havia testemunhado. Mas, apesar de a Resistência ter então espalhado a notícia sobre Treblinka, houve quem argumentasse que os nazistas não praticariam a mesma bestialidade numa cidade da importância de Varsóvia.

Em 22 de julho de 1942, começou a liquidação do Gueto na rua Stawki, com sete mil pessoas tangidas para a estação de trem, embarcadas em vagões vermelhos de gado, desinfetados com água sanitária, e despejadas nas câmaras de gás de Majdanek. Para esse “reassentamento no leste”, os judeus tiveram permissão de levar alimentos para três dias, todos os seus objetos de valor e quinze quilos de bagagem pessoal. Entre julho e setembro de 1942, os nazistas despacharam 265 mil judeus de Varsóvia para Treblinka, deixando apenas 55 mil no Gueto, onde uma Organização Judaica de Luta, conhecida como ZOB (Żydowska Organizacja Bojowa), surgiu e se preparou para o combate. Para acalmar os condenados pelo maior tempo possível, a estação ferroviária de Treblinka exibia os horários de chegada e partida dos trens, embora nenhum prisioneiro jamais houvesse partido. “Com grande precisão, eles começaram a atingir sua meta insana”, escreveu Antonina. “O que a princípio parecera o instinto sanguinário de um indivíduo converteu-se, em pouco tempo, num método bem concebido para destruir nações inteiras.”

Outro vizinho deles que, tal como Szymon Tenenbaum e o rabino Shapira, optou por permanecer no Gueto, quando lhe foi oferecida a possibilidade de fuga, foi o pediatra Henryk Goldszmit (pseudônimo: Janusz Korczak), que escreveu romances autobiográficos e livros para pais e professores com títulos do tipo *Como amar uma criança* e *O direito da criança ao respeito*. Para espanto de seus amigos, fãs e discípulos, Korczak abandonara suas carreiras médica e literária em 1912 para fundar um orfanato progressista para meninos e meninas de sete a catorze anos, na rua Krochmalna nº 92.

Em 1940, quando os judeus receberam a ordem de se mudar para o Gueto, o orfanato se transferiu para um clube abandonado de negociantes no “bairro dos amaldiçoados”, como Korczak o descreveu numa agenda escrita em páginas de papel fino azul, preenchidas com detalhes da vida cotidiana no orfanato, incursões da imaginação, meditações filosóficas e exames de consciência. Trata-se de um relicário de agruras impossíveis, que revela “como um homem espiritual e de grande moral lutou para proteger crianças inocentes das atrocidades do mundo dos adultos, durante um dos períodos mais tenebrosos da história”. Considerado tímido e desajeitado com os adultos, ele criou uma democracia ideal com os órfãos, que o chamavam de “dr. Pã”.

No orfanato, com inteligência, imaginação e um senso de humor autodepreciativo, ele se dedicou a uma “república das crianças” que tinha seu próprio parlamento, jornal e sistema judiciário. Em vez de socarem umas às outras, as crianças aprenderam a gritar: “Vou processar você!” E, todos os sábados de manhã, os casos do tribunal eram julgados por cinco crianças que não tivessem sido processadas naquela semana. Todos os veredictos apoiavam-se no “Código de Leis” de Korczak, a primeira centena das quais analisava o perdão. Certa vez, ele confidenciou a um amigo: “Sou médico por formação, pedagogo por acaso, escritor por paixão e psicólogo por necessidade.”

À noite, deitado no catre de sua enfermaria, com sobras de vodca e pão enfiadas embaixo da cama, ele escapava para seu planeta privado, Ro, onde um amigo astrônomo imaginário, Zi, finalmente conseguira construir uma máquina para converter a radiante luz solar em força moral. Usando-a para espalhar a paz pelo universo, Zi queixou-se de que ela funcionava em todos os lugares, exceto “naquela centelha irrequieta, o planeta Terra”, e os dois debateram se Zi deveria destruir a Terra sanguinária e fomentadora de guerras, enquanto o dr. Pã implorava por compaixão, dada a juventude do planeta.

Suas páginas azuis costuraram sensações, fantasias e ideias predatórias, mas ele não relatou acontecimentos sinistros do Gueto, como, por exemplo, as deportações para os campos de extermínio iniciadas em 22 de julho, seu sexagésimo quarto aniversário. Em vez de todo o estrépito e tumulto desse dia, ele escreveu apenas sobre “uma lua cheia maravilhosa”, brilhando sobre os desvalidos “neste bairro infausto e insano”.

Já então, como mostram as fotografias, seu cavanhaque e seu bigode tinham ficado grisalhos, havia bolsas sob seus olhos escuros e ardorosos e, embora suportasse constantemente “aderências, dores, rupturas e cicatrizes”, ele se recusou a fugir do Gueto, a abandonar as crianças, apesar das muitas ofertas de ajuda vindas de discípulos do lado ariano. Ele ganhava rugas ao ouvir as crianças famintas e sofridas compararem suas dores “como velhos num sanatório”, escreveu em sua agenda. Elas precisavam de maneiras de transcender o sofrimento, e por isso ele encorajava orações como esta: “Obrigado, Senhor Misericordioso, por ter dado perfume às flores e brilho aos vagalumes, e por fazer as estrelas do céu cintilarem.” Por exemplo, Korczak ensinou às crianças o bálsamo mental das tarefas feitas com zelo, como recolher devagar e atentamente as tigelas, colheres e pratos após uma refeição:

*Quando eu mesmo recolho a louça, posso ver os pratos rachados, as colheres tortas, os arranhões nas vasilhas. (...) Posso ver como os comensais desleixados espalham, em parte de maneira quase aristocrática, em parte grosseiramente, as colheres, facas, saleiros e xícaras. (...) Às vezes observo como os extras são distribuídos e quem se sinta perto de quem. E tenho algumas ideias. Pois, quando faço alguma coisa, nunca a faço sem pensar.*

Inventando brincadeiras bobas e os baluartes de um jogo mais profundo, um dia ele decidiu montar um drama inspirado por sua afeição pela religião oriental — *O correio*, do escritor indiano Rabindranath Tagore. Hoje essa produção assume a força de um símbolo, por ter estreado no dia 18 de julho, apenas três semanas antes de as crianças serem mandadas para Treblinka. Na peça, um menino doente, de nome Amal, sofre num quarto claustrofóbico e sonha voar para uma terra em que um médico do rei é capaz de curá-lo. No final da peça, o médico do rei aparece, cura o menino, escancara as portas e janelas, e Amal contempla um circo de estrelas. Korczak disse ter escolhido a peça para ajudar as crianças aprisionadas e aterrorizadas a aceitar a morte com mais serenidade.

Previendo a calamidade e o pavor que elas sentiriam quando chegasse o dia da deportação (6 de agosto de 1942), Korczak juntou-se às crianças no trem destinado a Treblinka, porque, em suas palavras, sabia que sua presença as acalmaria — “Não se deixa uma criança doente à noite, e não se abandonam crianças num momento como este.” Uma fotografia tirada na Umschlagplatz (praça de Transbordo) mostra-o marchando, sem chapéu e de botas militares, de mãos dadas com várias crianças, seguidos por outras 192 crianças e dez funcionários, em fileiras de quatro, escoltados por soldados alemães. Korczak e as crianças embarcaram em vagões vermelhos não muito maiores do que galinheiros, em geral apinhados com 75 adultos de pé, embora todas as crianças tenham cabido facilmente. No relato feito por Joshua Perle, que foi testemunha ocular, em *The Destruction of the Warsaw Ghetto*, ele assim descreveu a cena: “Ocorreu um milagre: duzentas almas puras, condenadas à morte, não choraram. Nenhuma delas fugiu. Ninguém tentou se esconder. Como andorinhas abatidas, elas se agarraram a seu mestre e mentor, a seu pai e irmão, Janusz Korczak.”

Em 1971, os russos deram o nome dele a um asteroide recém-descoberto, o *2163 Korczak*, mas talvez devessem tê-lo chamado de *Ro*, o planeta com que ele sonhava. Os poloneses reivindicam Korczak como mártir, e os israelenses o cultuam como um dos Trinta e Seis Justos cujas almas puras possibilitam a salvação do mundo. De acordo com a lenda judaica, esses poucos, por seu bom coração e suas boas ações, impedem que o mundo sumamente perverso seja destruído. Por causa deles, e apenas deles, toda a humanidade é poupada. Diz a lenda que eles são pessoas comuns, nem impecáveis nem mágicas, e que a maioria permanece desconhecida durante a vida inteira, embora opte por perpetuar a bondade, mesmo em pleno inferno.

## Capítulo 21

Depois da grande deportação de julho de 1942, a forma e a natureza do Gueto se modificaram, passando de uma cidade congestionada, de ruas sempre repletas, para um campo de trabalho cheio de oficinas alemãs, policiadas pelas SS. Em sua grande região sul, vastamente despovoada, conhecida como “o Gueto rebelde”, uma força especial, a *Werterfassung*, dedicou-se a salvar o que pôde dos pertences abandonados e reformou as casas desertas para uso dos alemães, enquanto os cerca de 35 mil judeus restantes foram reinstalados em blocos de apartamentos perto das oficinas, sendo escoltados por guardas na ida e volta do trabalho. Na realidade, outros 20 a 30 mil judeus “rebeldes” viviam escondidos no Gueto, mantendo-se longe dos olhos dos alemães, circulando por um labirinto de túneis subterrâneos que interligavam os prédios, e sobrevivendo como parte dessa economia labiríntica.

O outono de 1942 também anunciou um novo grupo da Resistência que os Żabiński consideraram imensamente útil: o Zegota, criptônimo do Conselho de Ajuda aos Judeus, uma célula fundada por Zofia Kossak e Wanda Kraheńska-Filipowicz, com a missão de auxiliar os judeus escondidos em casas polonesas. Embora sua denominação formal fosse comitê Konrad Zegota, não havia nenhum Konrad Zegota. Zofia Kossak (codinome “Weronika”), escritora renomada e nacionalista conservadora, circulava livremente pela alta sociedade, especialmente na aristocracia rural, e tinha amigos íntimos no clero católico. Em contraste, Kraheńska-Filipowicz, editora da revista de arte *Arkady*, era uma militante socialista, casada com um ex-embaixador da Polônia nos Estados Unidos e muito familiarizada com líderes militares e políticos da Resistência. Juntas, as duas conheciam centenas de pessoas, e as outras que recrutavam também tinham uma ampla rede de contatos profissionais, políticos ou sociais. A ideia era essa, criar uma rede humana com pessoas de todos os cantos da sociedade. Aleksander Kamiński, por exemplo, havia participado da popular Associação Polonesa de Escoteiros antes da guerra, Henryk Wolinski pertencera à Ordem dos Advogados da Polônia, e Adolf Berman, membro de esquerda do Partido Sionista e psicólogo, chefiava a Centos, uma organização dedicada ao bem-estar infantil no Gueto. O Sindicato dos Escritores, a Associação de Jornalistas da Resistência, o Comitê de Médicos Democratas e vários sindicatos, que abrangiam trabalhadores ferroviários, das linhas de bonde e do departamento de limpeza urbana, todos ajudavam o Zegota. Como assinalaram Irene Tomaszewski e Teczka Werbowska em *Zegota: The Rescue of Jews in Wartime Poland*, “as pessoas do Zegota não eram apenas idealistas, mas militantes, e os militantes, por natureza, são pessoas que conhecem pessoas”.

Ao reunir um consórcio de grupos católicos e políticos poloneses, o propósito exclusivo do Zegota era salvar, e não sabotar ou lutar, e, sendo assim, ele foi a única organização de seu tipo na Europa ocupada durante a guerra, uma organização à qual os historiadores atribuem o mérito de ter salvado 28 mil judeus em Varsóvia. Sua sede, na rua Zurawia nº 24, dirigida por Eugenia Wąsowska (encadernadora e tipógrafa) e pela advogada Janina Raabe, funcionava duas vezes por semana e também oferecia abrigo temporário a algumas pessoas em fuga. Conspirando com a Resistência polonesa, ela fornecia dinheiro e documentos falsos ao casarão dos Żabiński e vasculhava as cidades dos arredores, em busca de casas em que os Hóspedes do jardim zoológico pudessem atravessar a guerra. Muitas vezes, manter uma pessoa viva exigia colocar em risco inúmeras outras, além de pô-las à prova ininterruptamente, para resistir à propaganda e às ameaças de morte. Ainda assim, 70 a 90 mil pessoas em Varsóvia e seus arredores, ou aproximadamente um doze avos da população da cidade, arriscaram a vida para ajudar vizinhos a fugir. Além dos resgatadores e dos auxiliares da Resistência, havia criados, carteiros, leiteiros e muitos outros que não faziam perguntas sobre rostos adicionais ou bocas extras para alimentar.

Quando Marcelli Lemi-Lebkowski, um conhecido advogado e ativista, chegou ao zoológico com documentos falsos fornecidos pela Resistência e com “importantes missões clandestinas a cumprir”,

ele e seus familiares fingiram-se de refugiados do Leste que queriam alugar dois quartos, um para a esposa doente, outro para as duas filhas do casal, Nunia e Ewa. Marceli teria que morar em outro esconderijo e visitá-las de vez em quando, porque um novo homem no casarão talvez fosse difícil de explicar — mas não uma mulher doente e suas filhas. Com o aluguel pago por eles, foi possível comprar coque para aquecer os quartos do segundo andar, o que significou que mais pessoas puderam se alojar no casarão, entre elas Marek e Dziuś, dois rapazolas que serviam no Grupo Juvenil de Sabotagem do Exército da Resistência. Os meninos tinham deixado flores em memória das vítimas em locais frequentemente usados por soldados alemães para fuzilar poloneses, bem como escrito em muros e cercas “Hitler perderá a guerra! A Alemanha vai morrer!” — ofensas mortais.

Naquele inverno, alguns inquilinos legais de confiança pagaram aluguel, mas o casarão acolheu sobretudo pessoas perdidas entre dois mundos e fugitivas da Gestapo. Com o tempo, os Hóspedes incluíam Irena Mayzel, Kazio e Ludwinia Kramsztyk, o dr. Ludwig Hirszfeld (especialista em doenças contagiosas), a dra. Roza Anzelówna, do Instituto Nacional de Higiene, a família Lemi-Lebkowski, a sra. Poznańska, a dra. Lonia Tenenbaum, a sra. Weiss (mulher de um advogado), a família Keller, Marysia Aszer, a jornalista Maria Aszerówna, Rachel Auerbach, a família Kenigswein, os médicos Anzelm e Kinszerbaum, Eugenia Sylkes, conhecida como “Genia”, Magdalena Gross, Maurycy Fraenkel e Irene Sandler, entre muitos outros — segundo Jan, cerca de trezentos, ao todo.

Como se em suas veias corresse tinta invisível, os judeus e poloneses perseguidos só apareciam dentro de casa depois do horário de expediente, e então os Hóspedes e inquilinos fundiam-se numa única família. Como resultado, as tarefas cotidianas de Antonina aumentaram, mas ela também contou com mais ajudantes e gostou de ter por perto as duas mocinhas Lemi-Lebkowska, não tardando a descobrir o quanto elas entendiam do trabalho doméstico e treinando-as “rigorosamente” nas habilidades de uma dona de casa.

Um jardim zoológico sem animais equivalia a um desperdício de terras para os nazistas, que resolveram construir na propriedade uma fazenda de criação de animais para aproveitamento das peles. Não só as peles aqueceriam os soldados alemães que combatiam na frente oriental (eles já haviam confiscado todas as peles dos judeus do Gueto para esse fim), como o excedente poderia ser vendido para ajudar a financiar a guerra. Com vistas à eficiência, os nazistas encarregaram um polonês de dirigir a criação: Witold Wroblewski, um solteirão maduro, acostumado a morar sozinho com animais de fazendas de criação. Como o pária do *Frankenstein* de Mary Shelley, ele observava com inveja as pessoas no interior do casarão confortável e aquecido, “cheio de luz e do cheiro de pão assando”, como depois contou a Antonina. Um dia, para surpresa e aflição de Jan e sua mulher, Witold chegou à sua porta e, sem qualquer mesura ou discussão, declarou que ia se mudar para o casarão.

A sorte favoreceu os Żabiński, que logo descobriram que o “Homem das Raposas”, como passaram a chamá-lo, era um polonês criado na Alemanha, que se solidarizava com a missão dos dois e merecia confiança. De longe o ser humano mais excêntrico do casarão, ele chegou com uma gata, Balbina, e com o que Antonina descreveu como “vários periquitos inseparáveis”, porém sem mais nada — nenhum pertence pessoal. Isso tornou mais rápido o trabalho de transferi-lo para o antigo escritório de Jan, e Witold pagou com coque e carvão, extremamente necessários para aquecer a casa. Embora isso decerto atrapalhasse sua vida de empresário, o Homem das Raposas não suportava calendários nem relógios, nomes de rua ou números, e às vezes dormia no chão, entre a escrivaninha e a cama, como se o cansaço o tivesse simplesmente abatido e não lhe restasse energia para dar nem mais um passo. Quando os outros moradores souberam que ele fora pianista profissional antes da guerra, Witold ingressou no círculo íntimo dos Żabiński, porque, como Magdalena gostava de dizer, “a casa sob uma estrela louca respeita os artistas acima de tudo”. Embora todos insistissem para ele tocar, Witold sempre se recusava, até que um dia, exatamente à uma hora da madrugada, emergiu de seu quarto, aproximou-se do piano pé ante pé e, de repente, pôs-se a tocar sem parar até amanhecer. Depois disso, Magdalena organizou recitais regulares de piano à noite, depois do toque de recolher, e o Chopin e o Rachmaninoff de Witold constituíram uma esplêndida mudança dos compassos frenéticos de “Vá, vá, vá para Creta!”.

Antonina escreveu várias vezes sobre a gata cinzenta do Homem das Raposas, que ela descreveu como apropriadamente promíscua (“sempre se casando, como uma boa gata normal”). No entanto, toda vez que Balbina tinha filhotes, o Homem das Raposas os tirava do cesto e os substituíam por raposas recém-nascidas, para que Balbina as amamentasse. Antonina não diz o que acontecia com os gatinhos, que talvez servissem de alimento para os onívoros cães-guaxinins (criados por sua pele cinzenta, com marcas semelhantes às dos guaxinins). De acordo com os criadores, a fêmea da raposa só deveria amamentar alguns filhotes de cada vez, para garantir que todos desenvolvessem uma pelagem espessa e saudável; usar Balbina como ama de leite para os filhotes extras pareceu a Witold uma solução ideal, se bem que meio malvada. “O primeiro dia era sempre o pior para ela”, escreveu Antonina. “Ela podia jurar que tivera gatinhos, mas, no segundo dia, sabia que isso era apenas sua imaginação.”

Compreensivelmente confusa com o cheiro estranho e os rosnados dos filhotes, a gata descobria que as raposinhas tinham um apetite voraz e que, depois de muitas lambidas e mamadas, finalmente começavam a ter o cheiro dela, embora suas tentativas reiteradas de lhes ensinar as artes felinas

geralmente fracassassem. Miando em volta delas “num tom de voz muito distinto (...), para lhes ensinar como os gatos normais deviam falar”, Balbina nunca as convencia a miar também, e seus regougos altos frequentemente a assustavam. “Em seu coração de gata, ela se envergonhava de os filhotes regougarem”, refletiu Antonina, acrescentando que as raposinhas eram umas desbocadas “geniosas”. Mas dominavam os ágeis saltos felinos para cima das mesas, armários e estantes altas, e era comum os moradores do casarão encontrarem um filhote de raposa, enroscado como uma terrina de sopa bávara, dormindo em cima do piano ou de uma cômoda.

Preferindo alimentos vivos, Balbina caçava todos os dias do lado de fora para alimentar sua prole, arrastando diligentemente para casa passarinhos, coelhos, arganazes e ratos, mas, como não tardava a descobrir, precisava caçar ininterruptamente para saciar a fome incessante dos filhotes. Do lado de fora, ela ia na frente — uma gatinha magra, seguida por raposas com o triplo de seu tamanho, de focinhos compridos e caudas pretas e felpudas, que terminavam numa flor branca. Balbina as ensinava a espreitar as presas, agachada como uma esfinge, e a saltar sobre a caça, e, quando um filhote fugia, ela miava com severidade, até a raposinha trotar obedientemente de volta para o rebanho. Toda vez que viam uma galinha, as raposas a espreitavam, rastejando de bruços, depois pulavam em cima dela com seus dentes afiados e a dilaceravam, rosnando ao comer, enquanto Balbina mantinha distância e observava.

Depois de “dar à luz” várias ninhadas de raposinhas, por mais cansativo e confuso que fosse, Balbina acabou se acostumando com o jeito esquisito dos filhotes, que se tornavam meio gatos, enquanto ela virava meio raposa. Enaltecendo as boas maneiras da gata, que nunca atacava os outros moradores da casa, Antonina escreveu: “É como se ela tivesse seu próprio código moral.” Balbina poupava os periquitos do Homem das Raposas, mesmo quando ele os soltava da gaiola; o coelho Wicek não lhe apetecia, nem o frangote Kuba; ela não se dava o trabalho de caçar um ou outro camundongo invasor e, quando um pássaro perdido voava para dentro de casa (um mau presságio), fitava-o com um olhar preguiçoso. Mas houve um recém-chegado que reacendeu os instintos ferozes de Balbina.

Na primavera, um vizinho levou um órfão estranho para o zoológico majestoso de Ryś — um filhote barrigudo de rato-almiscarado, de pelo castanho brilhante, barriga bege-amarelada, cauda escamosa e comprida e minúsculos olhos pretos. As patas dianteiras, munidas de dedos, ajudam os ratos-almiscarados a construir abrigos, segurar a comida ou cavar tocas; quando eles nadam, as patas traseiras palmadas funcionam como remos resistentes de canoa. E, o que talvez seja o mais estranho, quatro dentes incisivos, afiados como um cinzel, projetam-se para fora das bochechas e dos lábios, de modo que o rato-almiscarado consegue comer talos e raízes, juncos e tifa embaixo d’água, sem abrir a boca.

Antonina achou essa criatura fascinante e lhe deu uma grande gaiola na varanda, à qual acrescentou uma bandeja de vidro usada na revelação de fotografias, tirada de uma antiga câmara escura, para servir de piscina, já que os ratos-almiscarados são nadadores natos. Ryś deu ao animal o nome de Szczurcio (Ratinho), e o bicho não tardou a aprender seu nome e a se adaptar ao divertido casarão, passando os dias dormindo, comendo ou chapinhando na água. Os ratos-almiscarados selvagens não são fáceis de domesticar, mas, em poucas semanas, Szczurcio já deixava Ryś abrir a gaiola, carregá-lo no colo e afagar ou coçar sua pelagem. Quando Szczurcio dormia, Balbina rondava a gaiola feito um puma, procurando um jeito de entrar. Acordado, ele a atormentava, ao brincar o tempo todo na banheirinha e lhe salpicar água, o que ela detestava. Ninguém sabia por que o rato-almiscarado era tão tentador para Balbina, mas qualquer pessoa que alimentasse Szczurcio ou limpasse sua gaiola tinha que trancar a porta depois, usando fios retorcidos de arame.

Antonina gostava de observar a “toalete requintada” de Szczurcio: toda manhã, ele enfiava o rosto na água e roncava com vigor, soprava o ar pelo nariz, borrifava água no rosto com as patas molhadas, como um homem que se preparasse para fazer a barba, e passava um bom tempo se lavando. Depois, entrava na banheira e se estendia de bruços, virava de costas e rolava várias vezes. Por fim, saía da água e sacudia o pelo como um cachorro, soltando enormes borrifos. Estranhamente, era comum ele escalar a parede da gaiola e se sentar no poleiro como sua ocupante anterior, a cacatua Koko. Ali, usando os dedos, ele penteava cuidadosamente o pelo, retirando a água. Os visitantes achavam meio esquisito ver um rato-almiscarado empoleirado e se limpando como um pássaro, mas o casarão abrigava uma turma bizarra, mesmo nos tempos mais tranquilos, e Szczurcio tornou-se o novo bichinho favorito de Ryś. Depois de suas abluções matinais, ele comia cenoura, batata, dentes-de-leão, pão ou cereais, embora, sem dúvida, ansiasse pelos ramos, cascas de árvores e ervas dos charcos com que os ratos-almiscarados se desenvolvem.

Quando Szczurcio ficou grande demais para a banheirinha, Antonina a substituiu por um pote gigantesco que, em certa época, Jan tinha usado num estudo sobre baratas. Szczurcio pulou dentro do pote quando ele chegou e espadanou água com tamanha descontração, que Antonina transferiu sua gaiola para a cozinha, onde o piso era de lajotas de cerâmica e a água fresca ficava mais à mão.

— Sabe, mamãe — disse Ryś, um dia —, o Szczurcio está aprendendo a abrir a gaiola. Ele não é bobo!

— Acho que ele não é tão esperto assim — retrucou Antonina.

Szczurcio passava horas mexendo no arame, segurando as pontas com os dedos e tentando desenroscá-las, e, após uma noite de trabalho astuto, finalmente conseguiu desatar o arame e levantar a porta de correr, descer por uma perna de cadeira até o chão, escalar o cano de água, chacoalhando, e deslizar para dentro da pia da cozinha, que lembrava um charco. Depois disso, pulou para cima do fogão, trepou num aquecedor morno e adormeceu. Foi lá que Rys o achou de manhã. Devolvendo-o a sua gaiola, o menino fechou a porta e deu nós ainda mais apertados no arame.

Logo cedo, no dia seguinte, Rys correu pela casa até o quarto de Antonina, gritando assustado:

— Mamãe! Mamãe! Cadê o Szczurcio? A gaiola dele está vazia! Não o acho em lugar nenhum! Será que a Balbina o comeu? Tenho que ir para a escola e o papai está trabalhando! Ajude!

Ainda acamada, Antonina não podia ajudar muito nessa crise do amanhecer, mas delegou ao Homem das Raposas e à empregada, Pietrasia, a tarefa de organizar um grupo de busca, e eles vasculharam obedientemente todos os armários, sofás, poltronas, cantos, botas — qualquer buraquinho em que um rato-almiscarado pudesse esconder-se —, sem o menor sucesso.

Como não podia acreditar que o bichinho tivesse simplesmente “evaporado, feito cânfora”, Antonina desconfiou de algum ato de violência praticado por Balbina ou Żarka, e mandou levarem a gata e a cadela à sua cama, para uma inspeção rigorosa. Ali, apalpou com cuidado a barriga das duas, à procura de protuberâncias suspeitas. Se elas tivessem comido um bicho tão grande — quase do tamanho de um coelho —, com certeza ainda estariam com a barriga estufada. Mas não, as duas estavam magras como sempre, de modo que ela declarou a inocência das detidas e as libertou.

De repente, Pietrasia entrou correndo no quarto.

— Venha depressa! — gritou. — À cozinha. O Szczurcio está na chaminé do fogão! Acendi o fogo, como faço todas as manhãs, e ouvi um barulho terrível!

Usando a bengala, Antonina levantou-se da cama devagar, sobre as pernas inchadas, desceu a escada cuidadosamente e gingou até a cozinha.

— *Szczurcio, Szczurcio* — chamou, meigamente.

Houve um barulho de pés arrastando na parede. Quando uma cabeça coberta de fuligem brotou da chaminé, Antonina segurou o fujão pelas costas e o puxou para fora, com os bigodes cheios de gordura e as patas dianteiras chamuscadas. Com delicadeza, ela o banhou com água morna e sabão, várias vezes seguidas, tentando retirar a gordura de cozinha do pelo do animal. Depois, passou uma pomada em suas queimaduras e o repôs na gaiola.

Rindo, Antonina explicou que o rato-almiscarado construía seu abrigo empilhando plantas e lama num monte, e depois escavando uma toca abaixo do nível d’água. Esse rato-almiscarado queria um abrigo, e não uma gaiola, disse ela, e quem poderia culpá-lo por criar um mundo de imitação? Ele havia até entortado os queimadores de metal, para criar uma rota mais fácil para a chaminé.

Quando Rys voltou da escola, à tarde, ficou radiante ao encontrar Szczurcio outra vez na gaiola e, no jantar, enquanto as pessoas levavam a comida para a mesa, regalou todas com as aventuras do bichinho na chaminé do fogão. Uma garotinha riu tanto, que tropeçou ao vir da cozinha e derramou uma tigela inteira de sopa quente na cabeça do Homem das Raposas e em Balbina, que estava sentada em seu colo. Dando um pulo da cadeira, o Homem das Raposas partiu correndo para seu quarto, seguido pela gata, e fechou a porta. Rys correu atrás dele, espiou pelo buraco da fechadura e foi sussurrando relatórios regulares:

— Ele tirou o paletó!

— Está secando o paletó com a toalha!

— Agora, está enxugando a Balbina!

— Está enxugando o rosto!

— Ooooh! Não! Ele abriu a gaiola dos periquitos!

Nesse momento, Magdalena não suportou mais o suspense e abriu a porta. Lá estava o Homem das Raposas, o concertista da casa, parado feito uma coluna no meio do quarto, com os periquitos descrevendo círculos em volta de sua testa, feito bichinhos de carrossel. Depois de alguns minutos, pousaram na cabeça dele e começaram a catar seu cabelo, puxando e comendo os fios de macarrão. O Homem das Raposas finalmente notou a multidão parada à porta, calada e ansiosa, à espera de uma explicação.

— Seria uma pena desperdiçar uma comida tão boa — disse ele sobre a cena bizarra, como se tivesse descoberto a única coisa óbvia a fazer.



## Capítulo 22

INVERNO DE 1942

O tempo costuma deslizar com um ronronar incoerente, mas, no casarão, sempre se acelerava ao se aproximar a hora do toque de recolher, quando ocorria uma espécie de solstício e o sol se detinha no horizonte do dia de Antonina, fazendo os minutos avançarem com a lentidão de mímicos: um, depois uma pausa prolongada, depois outro. Como qualquer um que não chegasse em casa antes do toque de recolher corria o risco de ser detido, espancado ou morto, esse horário adquiria uma majestade pagã. Todos conheciam histórias pavorosas do toque de recolher, como a de um amigo de Magdalena, o pintor e escritor Bruno Schulz, fuzilado por um oficial vingativo da Gestapo em 19 de novembro de 1942. Outro oficial da Gestapo, Felix Landau, que admirava os quadros macabros e meio masoquistas de Schulz, dera-lhe um passe para sair do Gueto e pintar afrescos de contos de fadas nas paredes do quarto de seu filho. Um dia, Landau matou um dentista judeu protegido por Günther, outro oficial, e, quando Günther avistou Schulz na zona ariana, depois da hora do toque de recolher, andando para casa com uma bisnaga embaixo do braço, fuzilou-o, a título de retaliação.

Quando todos chegavam em segurança, Antonina comemorava mais um dia sem infortúnios, outra noite não destroçada pelos monstros nos labirintos da cidade. O crepúsculo do toque de recolher atormentava Ryś, de modo que a mãe o deixava ficar acordado e esperar a chegada de todos; depois disso, ele podia dormir tranquilo, com seu mundo intacto. Os anos de guerra e toques de recolher não tinham alterado isso; ele continuava a esperar com aflição a volta do pai, tão indispensável quanto a da Lua. Em respeito a isso, Jan ia direto ao quarto de Ryś, tirava a mochila e passava alguns minutos sentado, conversando sobre o dia e, muitas vezes, tirando do bolso algum pequeno tesouro. Uma noite, a mochila estava bojudá como se contivesse arcos de ferro.

— O que é que tem ali, papai? — perguntou Ryś.

— Um tigre — disse Jan, fingindo-se amedrontado.

— Não brinque, o que tem ali, de verdade?

— Eu já lhe disse: um animal *perigoso* — respondeu o pai, em tom solene.

Antonina e Ryś viram-no retirar uma gaiola de metal que continha uma coisa felpuda, com o formato de uma cobaia anã, de coloração quase toda castanha, com bochechas brancas e manchas nas laterais, como um cavalo Sioux.

— Se quiser ficar com ele, é seu! — disse Jan. — Ele é filho do casal de *hamsters* que tenho no Instituto de Higiene. Mas, se eu o der a você, você não vai dá-lo de comer à *Balbina*, vai? — brincou.

— Papai, por que você fala comigo como se eu fosse uma criancinha? — retrucou Ryś, ofendido. Já tivera toda sorte de bichos de estimação, argumentou, e nunca fizera nenhuma maldade com eles.

— Desculpe — disse Jan. — Cuide bem dele, e fique de olho, porque é o único sobrevivente de uma ninhada de sete. Infelizmente, os outros foram mortos pela mãe, antes que eu pudesse impedir.

— Que mãe horrorosa! Por que você fica com ela?

— Todos os *hamsters* têm esse instinto cruel, não é só a mãe dele — explicou Jan. — O marido é capaz de matar a mulher. As mães expulsam os filhotes da toca e não se importam mais com eles. Eu não quis privar os filhotes do leite materno cedo demais, só que, infelizmente, calculei mal o melhor

momento e só consegui salvar esse. Não tenho tempo para cuidar dele no laboratório, mas sei que você fará um ótimo trabalho.

Antonina escreveu que ela e Jan tinham dificuldade de decidir quanto dizer a uma criança pequena sobre o lado amoral e impiedoso da natureza para não assustar o menino (a guerra já trazia sustos suficientes), mas também achavam importante que ele conhecesse a vida real e aprendesse os costumes naturais dos bichos, explicavelmente cruéis ou inexplicavelmente bondosos.

— Li muitas histórias sobre os *hamsters* — disse Ryś, decepcionado —, e tinha certeza de que eles eram bichos bonzinhos e trabalhadores, que juntavam grãos para o inverno...

— Sim, é verdade — disse Jan, em tom tranquilizador. — Eles hibernam no inverno, como os texugos, mas se por acaso acordam com fome durante o inverno, podem comer os grãos e dormir de novo até a primavera.

— Mas agora é inverno, então, por que esse *hamster* está acordado?

— Os animais se comportam de maneira diferente no mundo selvagem. Nós fazemos os cativos viverem segundo horários que não lhes são naturais, porque isso nos facilita o trabalho de cuidar deles, mas perturba seus ritmos de sono normais. Apesar de este *hamster* estar acordado, está com a pulsação e a respiração muito mais lentas do que estarão quando o verão chegar. Você mesmo pode verificar isso: se cobrir a gaiola, ele adormecerá quase no mesmo instante.

Ryś jogou um cobertor sobre a gaiola e o *hamster* rastejou para um canto, agachou-se para se acomodar, enfiou a cabeça no peito, cobriu o rosto com as patas dianteiras e caiu num sono profundo. Com o tempo, Antonina o considerou um serzinho “muito egocêntrico” e “um glutão barulhento”, que “preferia sua própria companhia e gostava da vida fácil”. Numa casa tão porosa, onde o tempo dos animais e dos seres humanos rodopiava em conjunto, fazia sentido identificar a passagem dos meses não pela estação ou pelo ano, mas pela permanência de um visitante influente, fosse ele bípede ou quadrúpede. Para Antonina, a chegada do *hamster* “deu início a uma nova era em nossa Arca de Noé, a qual depois chamamos de ‘Era do *Hamster*’”.

## Capítulo 23

Aproximou-se o novo ano, 1943, com Antonina ainda quase sempre acamada, e, decorridos três meses, a tensão do confinamento e a falta de exercício tinham abatido seu corpo e seu espírito. Ela costumava manter a porta do quarto aberta, para poder participar, ainda que remotamente, da agitação da casa, de sua mistura de odores e sons. No dia 9 de janeiro, ao visitar Varsóvia, Heinrich Himmler condenou mais oito mil judeus ao “reassentamento”, porém, àquela altura, todos compreendiam que “reassentamento” significava morte e, em vez de fazerem fila como lhes ordenavam, muitos se escondiam, enquanto outros emboscavam os soldados e disparavam pelos telhados, criando atritos suficientes para cercear as deportações por vários meses. Surpreendentemente, o tosco serviço telefônico continuou a funcionar, inclusive para alguns *bunkers*, embora seja difícil imaginar por que os alemães permitiam isso, a menos que achassem que eletricitistas espertos seriam capazes de montar telefones ilegais de qualquer maneira, ou que a Resistência tinha seus próprios técnicos em telefonia.

Um dia, antes do alvorecer, os Żabiński foram acordados não por um coro de gibões e araras, como era frequente, mas por um telefone tocando e uma voz que parecia vir do outro lado da Lua. Maurycy Fraenkel, um amigo advogado que morava no Gueto agonizante, perguntou se poderia “visitá-los”.

Embora fizesse um bom tempo que não recebia notícias dele, pelo menos em uma ocasião Jan o tinha visitado no Gueto, e o casal o conhecia como o “amigo mais querido” de Magdalena, de modo que concordou prontamente. Antonina registrou que depois disso vieram várias horas enervantes para Magdalena,

*que ficou com os lábios roxos e o rosto tão branco, que chegamos a ver muitas sardas, normalmente quase invisíveis. Suas mãos fortes e sempre atarefadas estavam trêmulas. O brilho desaparecera de seus olhos, e só podíamos ler um pensamento doloroso em seu rosto: “Será que ele conseguirá fugir e vir para cá?”*

Ele fugiu, sim, mas chegou como um espécimen retorcido, curvado como uma gárgula do Outro Lado, como as pessoas às vezes se referiam ao Gueto, usando essa expressão em iídiche, *sitre akhre*, para designar o mundo sombrio habitado por demônios, e no qual os zumbis usavam “uma casca ou uma carapaça que cresceu em torno de uma centelha de santidade, mascarando sua luz”.

O peso insuportável da vida no Gueto o tinha aleijado fisicamente — a cabeça pendia baixa entre os ombros recurvados, com o queixo apoiado no peito, e a respiração era arfante. Inchado e vermelho por causa do frio, o nariz luzia em contraste com o rosto doentio e pálido. Quando entrou em seu novo quarto, numa espécie de estado de sonambulismo, Maurycy puxou uma poltrona de junto do guarda-roupa para o canto mais escuro, onde se sentou dobrado para frente, encolhendo-se ainda mais, como quem tentasse tornar-se invisível.

— Vocês concordam em me receber aqui? — perguntou, baixinho. — Vão correr perigo... Aqui é tão sossegado. Não consigo entender.. — E foi só o que conseguiu dizer, antes que sua voz se extinguísse.

Antonina se perguntou se o sistema nervoso do advogado, adaptado ao tumulto da vida no Gueto, teria achado enervante aquele mergulho repentino na calma e no silêncio, se isso lhe estaria drenando mais energia do que fizera o mundo aflito do Gueto.

Nascido em Lwów, Maurycy Paweł Fraenkel tinha paixão por música clássica, contava muitos compositores e maestros entre seus amigos, e muitas vezes organizara pequenos concertos particulares. Quando jovem, tinha estudado direito e se mudado para Varsóvia, onde conhecera

Magdalena Gross, por cujo talento sentia grande admiração, tendo-se tornado primeiro seu protetor, depois, seu amigo íntimo e, por último, seu namorado. Antes da guerra, ela o tinha levado ao jardim zoológico, que ele adorava, e Maurycy ajudara os Żabiński a comprar diversos vagões de cimento para usar nas reformas do zoo.

Maurycy logo se acostumou com a vida do outro lado do rio, longe do Gueto lúgubre, e, quando se aventurava a sair dos cantos e das sombras, Antonina escreveu que sua coluna parecia esticar-se um pouco, embora nunca completamente. Ele tinha um senso de humor sarcástico, apesar de nunca dar gargalhadas altas, e um enorme sorriso lhe iluminava o rosto, até seus olhos se espremerem e piscarem por trás das lentes grossas dos óculos. Antonina o achou

*calmo, bondoso, agradável e gentil. Não conseguia ser agressivo, assustador nem desagradável, nem por um segundo. Por isso é que se mudara para o Gueto ao receber essa ordem, sem pensar duas vezes. Depois de experimentar a plenitude da tragédia de estar lá, tentara cometer suicídio. Por sorte, o veneno que usara estava velho demais para surtir efeito. Depois disso, sem nada a perder, ele tinha decidido arriscar uma fuga.*

Sem documentos, Maurycy não podia registrar-se em parte alguma, de modo que, oficialmente, deixou de existir por um longo período, vivendo entre amigos, mas desolado e fantasmagórico, como um dos desaparecidos. Tinha perdido muitas vozes: a do advogado, a do empresário, a do amante, e não era de admirar que achasse difíceis a fala e até a coerência.

Enquanto Antonina continuou doente, Maurycy passava horas sentado junto a sua cama, recuperando aos poucos o equilíbrio espiritual, julgava ela, assim como a energia para voltar a falar. O que mais lhe pesava era o risco colossal que ele criava por sua simples presença, e muitas vezes ele se referia à ameaça de 15 de outubro de 1941, feita pelo governador Frank — o decreto de que todos os poloneses que escondessem judeus seriam mortos. Todo judeu que recebia ajuda tinha que lidar com esse problema doloroso, inclusive a dúzia dos que se escondiam no casarão e os outros das jaulas dos animais, porém Maurycy ficava especialmente aflito por acrescentar um fardo à vida dos Żabiński. Uma coisa era *ele* se expor ao perigo, como disse a Antonina, mas a ideia de espalhar uma epidemia de medo pelo zoológico, que era o centro de tantas vidas, acumulava em seus ombros mais culpa do que ele podia suportar.

No quarto de Antonina, as prateleiras e gavetas embutiam-se em paredes brancas e a cama se aninhava numa alcova rasa, da qual se projetava como um pír bem estofado. Todos os móveis eram de bétula-branca, árvore abundante na Polônia, sólida e durável — uma madeira clara cujas fibras variavam de lisas a flamejantes, exibindo aqui e ali alguns nós castanhos, assim como finos vestígios marrons de insetos que um dia haviam atacado o câmbio da árvore viva.

No lado sul do quarto, junto às janelas altas, uma porta de vidro se abria para o terraço que circundava a casa e, no lado norte, três portas brancas levavam ao corredor, ao sótão e ao armário em que os Hóspedes se escondiam. Em vez das maçanetas de alavanca das outras portas do casarão, o armário tinha uma fechadura alta e, embora seu interior oferecesse pouco espaço, um Hóspede podia encolher-se nele, entre a maciez dos tecidos e o perfume reconfortante de Antonina. Como o armário se abria para os dois lados, como um baú de mágico, as pilhas de roupas escondiam a porta oposta, por qualquer lado que se olhasse. Em matéria de alçapões de segurança, ele servia bem, especialmente porque a porta que dava para o corredor começava uns trinta centímetros acima do piso, o que sugeria apenas um armário raso, que uma pilha de roupa lavada ou uma mesinha podiam facilmente disfarçar.

Um dia, sentado na cadeira junto à cama, Maurycy ouviu a empregada, Pietrasia, subindo a escada, e foi se esconder no armário, aninhado entre os vestidos de bolinhas de Antonina. Quando Pietrasia saiu do quarto, ele emergiu em silêncio e tornou a se sentar, mas, antes que Antonina pudesse dizer uma palavra, a empregada abriu a porta e entrou às pressas, com uma pergunta sobre os assuntos domésticos que esquecera de fazer. Ao ver um estranho, parou de estalo, respirou fundo e se benzeu freneticamente.

— Então, a senhora continuará a tomar o ácido salicílico — disse Maurycy a Antonina, em tom doutoral, e, segurando seu pulso com delicadeza, acrescentou: — E agora, vou verificar sua pulsação.

Mais tarde, Antonina escreveu que sua pulsação acelerada não era difícil de sentir, e que a dele mesmo havia latejado nas pontas de seus dedos.

Pietrasia examinou os rostos de ambos, viu que estavam calmos e abanou a cabeça, confusa. Resmungando que devia estar com algum problema de visão ou ter tido um blecaute, saiu do quarto, esfregando a testa e abanando a cabeça escada abaixo.

Antonina chamou Ryś e disse:

— Por favor, vá buscar o casaco e o chapéu do *doutor* e deixe-o sair de casa pela porta da cozinha, para que a Pietrasia o veja ir embora. Depois, chame-a para dar uma olhada nas galinhas. Entendeu?

Ryś piscou os olhos, pensou um pouco e disse, abrindo um sorriso:

— Vou dizer a ela que, hoje de manhã, deixei sem querer uma galinha sair, e que a gente precisa achá-la. Aí, o *doutor* pode voltar de fininho pela porta do jardim. Vai funcionar.

— Obrigada por ser tão inteligente — disse-lhe Antonina. — Agora, ande logo!

Desse dia em diante, Maurycy só circulou pela casa à noite, depois de a empregada ter ido embora, quando ele podia rondar em segurança pelo térreo, com quem andasse numa tundra proibida. Todas as noites, Antonina o via perambular de um lado para outro na sala, devagar e com reverência, para “não esquecer como se anda”, explicava. Num ou noutro momento, parava para dar uma espiada no *hamster* com que fizera amizade, antes de se juntar aos outros Hóspedes para o concerto de piano do Homem das Raposas.

Uma noite, entre um e outro prelúdio de Rachmaninoff, o Homem das Raposas chamou Maurycy de lado e lhe disse:

— Doutor, sou ruim com a papelada, e parte dela está em alemão, uma língua que não falo nada bem. Meu negócio das peles vem crescendo e preciso muito de um secretário. Será que o senhor poderia me ajudar?

Maurycy confiara a Antonina, certa vez, que, recluso e usando um nome desconhecido, ele se sentia um fantasma. Essa oferta do Homem das Raposas significava que ele poderia tornar a ser real, com documentos e mobilidade e, melhor do que tudo, com *status* de residência no casarão, como empregado da fazenda de cultivo de peles. Tornar-se real era um feito nada insignificante, já que ter uma ocupação trazia uma abundância de carteiras e documentos oficiais de identidade — documentos falsos de trabalho, certidão de nascimento, passaporte, cartão de registro, cupons e passes. Seus novos papéis declararam que ele era Paweł Zieliński, secretário oficial da fazenda de criação de animais para aproveitamento das peles, e com isso ele voltou a se ligar à família como inquilino, o que também significou que não tinha que se esconder no armário do segundo andar, um espaço que passou a ficar disponível para outro Hóspede. Tornar-se real também trouxe mudanças psicológicas. Maurycy dormia num sofá no térreo, no quarto estreito do *hamster*, contíguo à sala de jantar, em meio à farfalhada de seu bicho de estimação favorito, e Antonina notou que todo o seu humor começou a mudar.

Maurycy lhe contou que, todas as noites, preparava sua cama devagar, com uma felicidade que não conhecera desde a ocupação, comprazendo-se com os gestos simples de dobrar com cuidado seu único terno, por mais puído que estivesse, e de colocá-lo numa cadeira ao lado de sua própria estante, ocupada pelo punhado de livros que ele conseguira salvar de sua vida antiga, numa casa em que podia dormir sem ser molestado, cercado por uma família substituta cuja presença acolchoava sua vida.

Para inúmeras pessoas, o Gueto havia apagado o misticismo sutil da vida cotidiana — componentes subliminares tranquilizadores como a privacidade, a capacidade de ação e a confiança, que permitem à pessoa deitar-se à noite e se entregar facilmente ao sono. Em meio à inocência dos *hamsters*, Maurycy dormia perto de seus livros, com documentos que lhe conferiam o *status* de um ser real e, melhor do que tudo, sob o mesmo teto que sua querida Magdalena. Encontrar o amor não demolido, com espaço bastante para existir e com seu coração ainda flexível, deu-lhe esperança, achou Antonina, e até uns rebeldes “momentos de prazer e alegria, sentimentos que ele havia perdido na vida do Gueto”.

Em 2 de fevereiro de 1943, o Sexto Exército alemão rendeu-se em Stalingrado, na primeira grande derrota da Wehrmacht; entretanto, passadas apenas três semanas, os judeus que trabalhavam nas fábricas de armamentos em Berlim foram despachados de trem para Auschwitz e, em meados de março, o Gueto de Cracóvia foi liquidado. Entrementes, a Resistência continuou a desferir toda sorte de ataques, 514 desde o dia 1º de janeiro; e, em 18 de janeiro, começou a primeira resistência armada no Gueto de Varsóvia.

Durante esse período de convulsões sísmicas, mais e mais moradores do Gueto desaguaram no convés do casarão, onde chegavam castigados pelo mau tempo, “como almas naufragadas”, escreveu Antonina em seu diário. “Sentimos que nossa casa não era um barco leve e frágil, dançando em ondas revoltas, mas um submarino do capitão Nemo, deslizando pelas profundezas do oceano em sua jornada para um porto seguro.” Enquanto isso, a tormenta da guerra fustigava com violência, amedrontando todos e “lançando uma sombra sobre a vida de nossos Hóspedes, que tinham fugido da entrada dos crematórios e do limiar das câmaras de gás” e precisavam de algo mais do que um refúgio. “Precisavam desesperadamente até da esperança de existência de um porto seguro, de que os horrores da guerra um dia acabariam”, enquanto vagavam pelo estranho casarão a que até os donos se referiam como arca.

Manter o corpo vivo à custa do espírito não fazia o estilo de Antonina. Jan confiava em táticas e subterfúgios, e ela, em viver com a maior alegria possível, dadas as circunstâncias, embora permanecendo vigilante. Assim, por um lado, ambos carregavam consigo, em todas as ocasiões, um comprimido de cianureto, mas, por outro lado, incentivavam o bom humor, a música e o clima de descontração. Na medida do possível, a vida deles era de uma resistência suportável, às vezes até festiva. Com certeza, em resposta às frustrações inevitáveis trazidas pela vida em espaços restritos, os Hóspedes deviam proferir aquelas famosas maldições em iídiche, que vão dos temas mais vividamente descritivos (“Que você urine vermes verdes!”, ou “Tomara que um quartel desabe em cima de você!”) até os mais floreados:

*Que você tenha mil casas  
com mil quartos em cada casa  
e mil camas em cada quarto.  
E que durma toda noite  
numa cama diferente, num quarto diferente,  
numa casa diferente, e levante toda manhã  
e desça uma escada diferente,  
e entre num carro diferente,  
dirigido por um chofer diferente,  
que o leve a um médico diferente  
— e que ele também não saiba qual é o seu problema!*

Não obstante, “tenho que admitir que a atmosfera de nossa casa era bem agradável”, confessou Antonina em seu diário, “às vezes até quase feliz”. Isso contrastava nitidamente com a textura da vida e com o clima até mesmo dos melhores esconderijos da cidade. Por exemplo, Antonina e Jan conheciam bem Adolf Berman, e é muito provável que tenham lido a carta que ele recebeu, em novembro de 1943, de Judit Ringelblum (a mulher de Emanuel), que falou do clima num *bunker* apelidado de “Kryisia”:

*Aqui reina uma depressão terrível — uma sentença de prisão por tempo indefinido.  
Um desamparo atroz. Talvez você possa nos animar com notícias gerais, e talvez possa  
arranjar para que até o último dos que nos são mais chegados esteja conosco.*

Dividindo um quarto, o *hamster* e Maurycy pareciam divertir-se um com o outro, e Antonina notou a rapidez com que os dois se tornaram companheiros.

— Sabe de uma coisa? — disse-lhe Maurycy, um dia. — Gosto tanto desse bichinho, que acho que, já que meu novo nome é Paweł [Paulo], o dele devia ser Piotr [Pedro]. Assim poderemos ser dois discípulos!

Todas as noites, depois do jantar, Maurycy soltava Piotr no tampo polido da mesa, onde o *hamster* corria de um prato para outro, catando migalhas até ficar com as gordas bochechas pesadas. Então, Maurycy o pegava com uma das mãos e o levava de volta para a gaiola. Com o tempo, Piotr passou a confiar nele o bastante para flutuar pela casa no tapete da palma de sua mão. O par tornou-se inseparável, e os moradores do casarão passaram a se referir a Paweł e Piotr, coletivamente, como “os Hamsters”.

## Capítulo 24

Na primavera de 1943, Heinrich Himmler desejou oferecer a Hitler um incomparável presente de aniversário, um presente que o elevasse acima de todos os outros nas graças do ditador. Himmler, que comumente mantinha conversas íntimas com a fotografia de Hitler e se empenhava em ser seu melhor e mais fiel servo, seria capaz de laçar a Lua e embrulhá-la para presente, se pudesse. “Por ele eu faria qualquer coisa”, disse a um amigo, certa vez. “Acredite, se Hitler me dissesse para fuzilar minha mãe, eu o faria e me sentiria orgulhoso por sua confiança.” Como presente, ele jurou liquidar os judeus que restavam no Gueto de Varsóvia no dia 19 de abril, o primeiro do Pessach, uma festa importante do calendário judaico, e também véspera do aniversário de Hitler.

Às quatro horas da manhã, pequenas patrulhas e pelotões de assalto alemães entraram cautelosamente no Gueto e apanharam alguns judeus a caminho do trabalho, mas, de algum modo, os judeus conseguiram fugir e os alemães se retiraram. Às sete da manhã, o general de brigada Jürgen Stroop, comandante de uma brigada das SS, voltou com 36 oficiais e 2.054 soldados, e tropejou direto para o centro do Gueto com tanques e metralhadoras. Para sua surpresa, deparou com barricadas ocupadas por judeus, que revidaram o fogo com pistolas, diversos fuzis, uma metralhadora e muitos “coquetéis molotov” — garrafas de gasolina tampadas por trapos em chamas. Fazia pouco tempo que os finlandeses tinham copiado a ideia da granada engarrafada dos nacionalistas de Franco, que a haviam improvisado durante a Guerra Civil Espanhola de 1936-1939, época em que os coquetéis servidos antes do jantar tinham entrado em voga nas altas rodas. Quando a Rússia invadiu a Finlândia, os finlandeses, num gesto sarcástico, deram à bomba o nome do ministro das Relações Exteriores, Vyacheslav Mikhailovich Molotov. Apesar de vastamente superados em número e mal equipados, os judeus do Gueto conseguiram manter os nazistas afastados até o anoitecer, e de novo no dia seguinte, quando os soldados reapareceram com lança-chamas, cães policiais e gás venenoso. Desse momento em diante, 1.500 guerrilheiros revidaram os ataques em todas as oportunidades.

O que Himmler havia planejado como um massacre embrulhado para presente transformou-se num cerco que durou quase um mês, até que, por fim, os alemães resolveram queimar tudo — prédios, *bunkers*, esgotos e todas as pessoas que estivessem neles. Muitas morreram nos incêndios, algumas se renderam, outras se suicidaram, e um pequeno número fugiu para contar e escrever sobre esse apocalipse. Os jornais clandestinos convocaram os cristãos poloneses a ajudar os judeus em fuga a encontrarem abrigo, e os Żabiński os atenderam prontamente.

“Ali perto, do outro lado do muro, a vida corria como de hábito, como na véspera, como sempre”, escreveu um sobrevivente. “As pessoas, os cidadãos da capital, se divertiam. Viam a fumaça que se elevava dos incêndios durante o dia e as chamas à noite. Havia um carrossel que girava sem parar ao lado do gueto, com as crianças dançando em círculos. Era encantador. Elas estavam felizes. Meninas do interior em visita à capital andavam no carrossel, olhando para as chamas do gueto”, rindo e pegando as folhas de cinzas que flutuavam em direção a elas, ao som alto da música do parque de diversões.

Por fim, no dia 16 de maio, o general de brigada Stroop enviou a Hitler um relatório orgulhoso: “O Gueto de Varsóvia não existe mais.” De acordo com o *Boletim Econômico da Resistência* de 16 de maio de 1943, cem mil apartamentos foram incendiados, bem como dois mil locais de trabalho, três mil lojas e uma vintena de fábricas. No fim, os alemães só capturaram nove fuzis, 59 pistolas e várias centenas de bombas caseiras de diversos tipos. Sete mil judeus foram fuzilados no ato, 22 mil foram embarcados para os campos de extermínio de Treblinka ou Majdanek, e milhares de outros foram para campos de trabalho forçado. Para alcançar esses números, os alemães tiveram apenas 16 mortos e 85 feridos.

À medida que todos no casarão acompanhavam as notícias do Levante do Gueto, Antonina registrou seu estado de espírito como “eletrizado, estarrecido, desamparado e orgulhoso”. No começo, eles souberam que bandeiras polonesas e judaicas tinham sido içadas acima do Gueto, e depois, conforme aumentaram a fumaça e o barulho do fogo de artilharia, souberam por seu amigo Stefan Korboński, membro do alto escalão da Resistência, que a Organização Judaica de Luta e a União Judaica de Luta — apenas setecentos homens e mulheres — estavam travando uma batalha heroica, mas “os alemães retiraram, assassinaram ou queimaram vivos dezenas de milhares de judeus. Dos três milhões de judeus poloneses, não restam mais de dez por cento.”

E então, num dia terrível, uma chuva cinzenta depositou-se sobre o jardim zoológico, uma chuva longa e lenta de cinzas carregadas pelo vento oeste, vindas do bairro judaico em chamas do outro lado do rio. No casarão, todos tiveram amigos presos na armadilha daquela etapa final de aniquilação dos 450 mil judeus de Varsóvia.

No dia 10 de dezembro, pouco antes do toque de recolher, e depois que Jan chegara mais uma vez em casa em segurança e Pietrasia já havia saído, Antonina convocou a família, o Homem das Raposas, Magdalena, Maurycy, Wanda e os outros à mesa do jantar para uma sopa borche noturna — uma sopa de beterraba luminosa e vermelha, que refletia a luz das velas e se acumulava como um clarete numa grande colher de prata. Apesar do frio em torvelinho, que lembrava *djins* de neve sob os postes de iluminação da rua, o casarão tinha carvão suficiente para manter todos aquecidos naquele inverno. Na cozinha, depois do jantar, enquanto trocava a água da banheira de Szczurcio, Ryś ouviu uma batida leve na porta. Com cuidado, abriu-a, e depois correu agitado para a sala de jantar, para contar a notícia a seus pais:

— Mãe, a filha da Zibelina e a família dela estão aqui!

Intrigado, o Homem das Raposas baixou o jornal. A fazenda de peles não criava zibelinas, um animal pequeno que se assemelha ao *vison*.

— Esta casa é completamente maluca! — exclamou. — Vocês usam nomes de bichos em gente e nomes de gente em bichos! Nunca sei se é de pessoas ou animais que estão falando. Quem ou o que é essa “Zibelina”? Não sei se é um nome, um codinome, um sobrenome de pessoa ou um nome de animal. É tudo confuso demais! — E se levantou dramaticamente, retirando-se para seu quarto.

Antonina correu à cozinha para receber em casa as novas zibelinas: Regina Kenigswein, seu marido Samuel e os dois filhos do casal, Miecio, de cinco anos, e Stefcio, de três. O caçula, Staś, que ainda não tinha um ano, fora para uma casa de crianças abandonadas dirigida pelo padre Boduen, porque eles haviam temido que o choro do bebê pudesse chamar atenção. Regina também estava “carregando um bebê sob o coração”, como dizia o provérbio — estava grávida do quarto filho.

No verão de 1942, durante as deportações em massa para os campos de concentração, com as passagens do tribunal fechadas e as rotas de fuga pelo labirinto de esgotos ainda não mapeadas, Samuel tinha pedido a um amigo católico, Zygmunt Piętak, que o ajudasse a fugir com sua família e a encontrar refúgio do lado ariano. Uma rede complexa de amigos, conhecidos e acasos preparava a maioria das fugas do Gueto, e não tinha sido diferente com os Kenigswein. Samuel e seu amigo Szapse Rotholc tinham ingressado na força policial do Gueto e, mais que depressa, feito amizade com guardas alemães solidários ou gananciosos e com contrabandistas poloneses. À noite, carregando os filhos sedados em sacos, os Kenigswein haviam subornado os guardas e escalado o muro do Gueto. A princípio, tinham sido instalados num apartamento alugado para eles por Piętak, onde se haviam escondido até o fim de 1943. Durante todo esse tempo, Piętak tinha sido seu único contato com o mundo externo, visitando-os com frequência para levar comida e artigos de primeira necessidade. Contudo, quando seu dinheiro acabou e eles foram despejados, Piętak perguntou se Jan poderia acolher a família enquanto a Resistência encontrava um abrigo para ela noutro lugar.

Antonina conhecia Regina, filha de um certo sr. Zibelina (Sobol, em polonês), que fora fornecedor de frutas para os animais do jardim zoológico antes da guerra — um homem bondoso, de ombros recurvados, que usava sempre o mesmo velho colete desbotado e se esfalfava sob os cestos pesados de frutas e legumes. Apesar da carga, ele costumava encontrar espaço nos bolsos para mimos e presentes extras, como cerejas para os macacos ou uma maçã amarela para Ryś. Mas a verdadeira ponte entre a família Zibelina e os Żabiński tinha sido o filho do sr. Zibelina, que pertencia às turmas de trabalhadores do Gueto e às vezes escapulia de seu local de trabalho e corria até o zoológico, onde os Żabiński lhe davam batatas e outros legumes para levar clandestinamente para casa. Um dia, ele havia explicado que fora remanejado para outra turma de trabalhadores que ficaria *dentro* do Gueto, e tinha implorado a Antonina que convencesse seu patrão alemão a deixá-lo continuar a trabalhar do lado de fora. Antonina o fizera, registrando depois: “Talvez esse *Arbeitsführer* fosse um bom homem, ou talvez tenha apenas ficado chocado quando eu lhe disse que, sem a comida que o Sobol levava para o Gueto, sua família morreria de fome. Usando um polonês muito bom, o homem disse que eu devia ser ‘mais cuidadosa’. Mas o jovem Sobol teve permissão para continuar trabalhando fora do Gueto, e levou comida para seus familiares durante mais de um mês.”

Não só os Żabiński haviam conhecido Regina quando pequena, como tinham ido a seu casamento, e Jan havia trabalhado com o marido dela, Samuel, na construção de *bunkers*. Pugilista famoso, Samuel Kenigswein costumava lutar nos clubes esportivos Macabeus e Astros, em Varsóvia, além de ser um carpinteiro experiente, que ajudara o Zegota a criar e reformar esconderijos. Durante a guerra, a arquiteta Emilia Hizowa, uma figura central do Zegota, inventou paredes falsas que se



abriam deslizando ao toque de um botão, e os operários as instalaram em apartamentos por toda a cidade, onde os residentes tomavam o cuidado de não bloqueá-las com móveis. O estratagema funcionou: os apartamentos bem-arrumados passavam por honestos e não chamavam atenção.

Quando os Kenigswein chegaram ao zoológico, suas agruras comoveram Antonina profundamente: “Fitei-os com lágrimas nos olhos. Aqueles pobres pintinhos, com os olhos cheios de medo e tristeza, retribuíram meu olhar.” Os olhos de Regina, em especial, deixaram-na perturbada, porque eram “os olhos abatidos de uma jovem mãe condenada à morte”.

Antonina escreveu que se sentiu dilacerar internamente, num cabo de guerra entre a compaixão e o egoísmo, e com uma espécie de embaraço por poder fazer muito pouco por eles, sem pôr em risco a si mesma e a sua família. Enquanto isso, onde dormiriam os Kenigswein? Durante vários dias, eles ficaram na Casa dos Leões, depois Regina e os meninos se mudaram para o casarão, passando pelo túnel da Casa dos Faisões. Antonina achou um casarão quente de pele de carneiro e umas botas para Samuel e, antes do anoitecer, ele se esgueirou para a Casa dos Faisões e ficou trancado lá dentro. Na manhã seguinte, antes que a empregada chegasse, Regina e os filhos mudaram-se em silêncio para um quarto no segundo andar, onde viriam a passar dois meses. Quando Antonina elogiou os meninos por fazerem tão pouca confusão ou barulho, soube que uma escola secreta do Gueto lhes havia ensinado brincadeiras para fazer em áreas pequenas, as maneiras mais silenciosas de se mover e um jeito de deitar devagarzinho, com o menor número possível de movimentos.

A fazenda de criação de animais para produção de peles empregava muitos estranhos; às vezes, meninos desconhecidos paravam junto à cozinha, à procura de uma esmola; também eram frequentes as visitas de policiais. Mais ainda, a empregada não era realmente de confiança, e os Żabiński não podiam contar-lhe por que seu apetite havia aumentado de repente. Como não podiam roubar comida da cozinha sem que ela notasse, aproximavam-se dela com ar faminto, de prato vazio na mão, e pediam para repetir pela segunda, terceira ou quarta vezes. Na condição de empregada, não competia a ela tecer comentários sobre essa mudança robusta nos hábitos alimentares, mas, de vez em quando, Antonina a ouvia resmungar: “Não acredito no que essa gente come! Nunca vi nada igual!” Quando ela não estava olhando, Ryś subia e descia, pé ante pé, com pratos e vasilhas, um atrás do outro. Às vezes, Jan ou Antonina lhe diziam: “É preciso alimentar os leões”, os “faisões” ou os “pavões”, e assim por diante, e Ryś levava comida para os Hóspedes enjaulados. Mas, em nome da segurança, Antonina despediu a empregada e a substituiu por uma mulher chamada Franciszka, cunhada de um velho amigo de Jan, pessoa em quem eles confiavam, embora nem mesmo ela jamais soubesse de todos os planos de existência e resistência do jogo de xadrez tridimensional da vida no casarão.

## Capítulo 25

1943

Em meados de dezembro, Jan conseguiu novas acomodações para os Kenigswein com Feliks Cywiński, um engenheiro e ex-oficial de carreira que havia combatido a seu lado na Primeira Guerra Mundial e que, nessa ocasião, trabalhava em estreita colaboração com ele na Resistência. Casado e com dois filhos, Cywiński escondeu muita gente em seus apartamentos de n<sup>os</sup> 19 e 21 da rua Sapieżyńska, bem como no de sua irmã, no de seus pais e na loja de estofados de um amigo (que a fechou por algum tempo, supostamente para reforma). Ali, ele chegou a alimentar dezessete pessoas, fornecendo panelas e pratos separados para as que seguiam a dieta *kosher* e levando remédios e um médico da Resistência, quando necessário. Um comitê secreto, o “Comitê Coordenador de Médicos Democratas e Socialistas”, criado em 1940, incluía mais de cinquenta médicos que cuidavam dos doentes e feridos, e também publicava seu próprio periódico mensal, no qual desbancava a propaganda nazista sobre a pureza e as doenças raciais. Uma vez por mês, Cywiński deslocava os judeus que escondia para o jardim zoológico ou algum outro esconderijo, a fim de poder convidar vizinhos e amigos a sua casa e provar que nada tinha a esconder. Quando o dinheiro acabou, Feliks endividou-se, vendeu sua própria casa e usou o lucro para alugar e mobiliar mais quatro apartamentos para esconder judeus. Como aconteceu com os Kenigswein, era comum seus protegidos chegarem do zoológico e passarem apenas um ou dois dias, enquanto se providenciavam documentos e se encontravam outras moradias.

A mudança dos Kenigswein criou um novo problema para Antonina e Jan: como transferir tantas pessoas sem chamar atenção. Antonina resolveu diminuir os riscos, pintando o cabelo deles de louro, já que muitos alemães, e também poloneses, presumiam que todos os louros tinham ascendência escandinava e que todos os judeus tinham o cabelo escuro. Essa falácia persistiu, mesmo quando circularam piadas sobre o bigode não ariano de Hitler e seu cabelo preto. Por fotografias e comentários de Jan, ficamos sabendo que, em algum momento, Antonina descoloriu seu próprio cabelo castanho, mas isso significou apenas clareá-lo um pouco, e não transformá-lo de negro em citrino, de modo que ela consultou um amigo barbeiro, que lhe deu vidros de água oxigenada pura e uma receita. Ela precisava da receita porque, como enfatizou Emanuel Ringelblum, “na prática, constatou-se que as louras platinadas despertavam mais desconfiança do que as morenas”.

Um dia, Antonina levou os Kenigswein para o banheiro do segundo andar, trancou a porta e deixou Ryś do lado de fora, montando guarda. Com bolas de algodão embebidas em água oxigenada diluída, ela esfregou uma cabeça após outra, produzindo couros cabeludos vermelhos e queimados e bolhas nos dedos, mas, ainda assim, o cabelo deles não ficava louro, nem mesmo quando ela reforçava a solução cáustica. Quando Antonina finalmente abriu a porta, suas vítimas emergiram com um cabelo vermelho-bronze.

— Mamãe, o que você fez? — perguntou Ryś, assustado. — Eles estão todos com cara de esquilos! Desse dia em diante, “Esquilos” tornou-se o codinome dos Kenigswein.

À noite, Jan escoltou os Kenigswein pelo túnel do porão até a Casa dos Faisões e de lá até o centro da cidade, para a casa de Feliks na rua Sapieżyńska. Ali, nas ocasiões de perigo, os refugiados desciam para um *bunker* cuja entrada era uma abertura camuflada no banheiro, escondida num

recesso atrás da banheira. Feliks não sabia que Regina estava grávida, até que, um dia, ela entrou em trabalho de parto e, como já passara da hora do toque de recolher, tarde demais para chamar um médico, coube a ele a função de parteira. “Meu momento mais feliz”, disse ele, numa entrevista feita depois da guerra, “foi quando uma criança literalmente nasceu nas minhas mãos. Isso foi durante a destruição final do Gueto de Varsóvia. O clima na cidade andava muito tenso e o terror campeava da maneira mais violenta, com guardas e chantagistas alemães penetrando em toda a área para vasculhá-la rigorosamente, em busca de judeus em fuga”. Feliks cuidou deles até o Levante de Varsóvia, em 1944, quando Samuel Kenigswein, veterano da Primeira Guerra Mundial, comandou seu próprio batalhão.

Noutros pontos da cidade, outros resgatadores também recorriam a truques cosméticos para disfarçar judeus, com alguns salões se especializando em artifícios mais complexos. Por exemplo, a dra. Mada Walter e seu marido abriram um notável Institut de Beauté na rua Marszałkowska, onde a sra. Walter dava aulas a judias para que parecessem arianas e não despertassem atenção.

“Lá eu vi uma dúzia de senhoras seminuas”, disse Władysław Smólski, escritor polonês e integrante do Żegota, num depoimento prestado depois da guerra. “Algumas estavam sentadas sob toda sorte de lâmpadas, e outras, com creme no rosto, eram submetidas a tratamentos misteriosos. Assim que a sra. Walter chegou, todas se reuniram em volta dela, puxaram cadeiras e se sentaram, abrindo livros. E começou aula de catecismo!”

Embora as mulheres tivessem feições semíticas, todas usavam um crucifixo ou um medalhão pendurado no pescoço, e a sra. Walter lhes ensinava orações cristãs e a maneira de se portarem de forma invisível na igreja e em eventos cerimoniais. Elas aprendiam maneiras de cozinhar e servir carne de porco, preparar pratos poloneses tradicionais e pedir a vodca chamada *bimber*, de fabricação clandestina. Tipicamente, quando parava judeus na rua, a polícia verificava a circuncisão dos homens e mandava as mulheres recitarem o Pai-Nosso e a Ave-Maria.

O mais ínfimo detalhe podia desmascará-los, e por isso a sra. Walter dirigia uma espécie de escola de magia, a magia da não detecção, que exigia a mescla exata de maquiagem da moda, gestos contidos e costumes populares poloneses. Isso significava resistir a todas as expressões judaicas — como perguntar “De que rua você é?”, em vez de “De que bairro você é?”. Eles prestavam atenção especial ao habitual e ao corriqueiro — o modo de andar, gesticular e agir em público —, os homens eram lembrados de tirar o chapéu na igreja (numa sinagoga, deviam conservá-lo na cabeça), e todos aprendiam a comemorar o dia de seu santo padroeiro, bem como os de seus amigos e familiares.

O lugar do cabelo era fora da testa, bem puxado para trás ou preso em estilos mais arianos, ao passo que as franjas, cachos ou frisados poderiam despertar suspeita. O cabelo preto precisava de descoloração, para diminuir o brilho, mas não devia ficar implausivelmente claro. Em matéria de escolha do vestuário, a sra. Walter recomendava: “Evitem o vermelho, o amarelo, o verde ou até o preto. A melhor cor é o cinza, ou uma combinação de várias cores inconspícuas. Vocês devem evitar óculos do formato que está na moda, porque eles enfatizam os traços semitas de seu nariz.” E alguns narizes marcadamente semíticos necessitavam de “intervenção cirúrgica”. Por sorte, ela trabalhava com cirurgiões poloneses (como o eminente dr. Andrzej Trojanowski e seus colegas), que reformavam narizes judaicos e operavam homens poloneses para restaurar seu prepúcio — uma cirurgia controversa e clandestina, mas de antiga tradição.

Ao longo da história, a “recomposição da pele”, como os romanos a chamavam, salvou judeus perseguidos de serem descobertos, e a Bíblia relata essa prática já desde 168 a.C., durante o reinado de Antíoco IV, quando surgiu na Judeia a moda greco-romana dos eventos esportivos em que os atletas ficavam nus, bem como dos banhos públicos. Os homens judeus com esperança de disfarçar sua ascendência só tinham duas opções: ou tentar evitar as cenas de nudismo, ou corrigir sua aparência, usando um peso especial conhecido como *Pondus Judaicus*, para esticar o prepúcio até ele cobrir a glande. Esse estiramento criava pequenas rupturas entre as células cutâneas e, à medida que se formavam novas células para cobrir as lacunas, o prepúcio se alongava. Não há dúvida de que isso levava algum tempo, doía e nem sempre era fácil de ocultar, embora as roupas da época fossem soltas. Durante a Segunda Guerra Mundial, podia-se obter o mesmo efeito cirurgicamente, mas, nem é preciso dizer, a literatura médica da era nazista não fornece detalhes sobre o procedimento.

Nos círculos interligados da vida da Resistência, Jan certamente deve ter conhecido os Walter; é bem possível que o descolorante e a receita usados por Antonina tenham vindo do salão de beleza deles. A sra. Walter e seu marido idoso escondiam cinco judeus de cada vez em sua casa, e ofereceram “uma cadeia interminável” de lições populares sobre a “boa aparência” no Institut de Beauté durante toda a guerra. Anos depois, a sra. Walter escreveu que “o fato acidental de nenhum dos habitantes ocasionais de nosso ninho, durante a guerra, ter sido vítima de alguma desgraça deu origem a uma lenda supersticiosa, que aumentou continuamente o afluxo de hóspedes”. Na verdade, explicou ela, seus atos foram a simples magia da compaixão: “O sofrimento apoderou-se de mim como um feitiço, abolindo todas as diferenças entre amigos e estranhos.”

## Capítulo 26

Quando a primavera vinha chegando, meio de lado, e a natureza hesitava entre as estações, a neve derretia e uma paisagem verde e baixa de plantas surgia durante o dia, mas, à noite, a terra voltava a se congelar e a luz da Lua cintilava nas calçadas, transformando-as em trilhas prateadas de esqui. Os animais em hibernação continuavam enroscados no subsolo, esperando em suspense. As pessoas e animais do casarão sentiam o alongamento da luz e, quando entrava uma lufada de vento, ela trazia o cheiro úmido e adocicado que sobe do solo vivo. O tênue revestimento rosado das copas das árvores prometia uma onda de brotos, num sinal certo de que a primavera se apressava a chegar, bem na hora, e o mundo animal preparava-se para sua festa de corte e acasalamento, duelos e danças, mamadas e escavação de alimento, criação e troca da pelagem — em suma, o vago e efervescente alvoroço do retorno desengonçado da vida.

Mas a primavera flutuava fora da pequena ruptura no tempo que a guerra tinha aprofundado. Para as pessoas em sintonia com a natureza e a mudança das estações, especialmente os lavradores ou os criadores de animais, a guerra prendeu o tempo no arame farpado, obrigando-os a viver pela mera cronologia, em vez do tempo real, o tempo do trigo, do lobo e da lontra.

Confinada na prisão acolchoada de sua cama, Antonina levantava-se de vez em quando para capengar pelos poucos passos dolorosos que a separavam da sacada, de onde ela descortinava uma vista ampla e podia até ouvir o possante barulho do gelo rachando no rio Vístula, uma percussão que assinalava o fim do inverno. Ficar de cama tinha feito o mundo andar mais devagar, dando tempo a Antonina para folhear suas memórias, e lhe trouxera uma nova perspectiva sobre algumas coisas, enquanto outras continuavam fora de alcance ou escapavam a sua visão. Ryś passava mais tempo sem supervisão, mas ela o considerava “mais capaz e equilibrado do que qualquer criança de sua idade deveria ter que ser”.

Crianças mais velhas, de grupos de jovens que auxiliavam a Resistência, haviam começado a chegar inesperadamente, e nem Antonina nem Ryś sabiam quem apareceria ou quando; embora Jan fosse avisado, era comum ele estar no trabalho quando os meninos chegavam feito nuvens, ou sumiam com a mesma subitaneidade. Em geral, passavam uma ou duas noites na Casa dos Faisões, depois tornavam a se fundir com o mundo subterrâneo de Varsóvia, enquanto Zbyszek, um menino que estava no topo da lista dos mais procurados pela Gestapo, deixava-se ficar por semanas. Competia a Ryś, como o residente menos conspicuo do casarão, entregar as refeições deles.

Antonina e Jan nunca falavam dos atos praticados pelos escoteiros na frente de Ryś, apesar de alguns aparecerem como visões de animais raros e desaparecerem misteriosamente, e, para espanto dela, Ryś não parecia se importar muito, apesar de sua curiosidade costumeira. Com certeza, devia ter inventado alguma história sobre eles, não é? Pensando em qual seria, Antonina lhe perguntou se ele tinha alguma ideia sobre os jovens visitantes, alguma opinião sobre Zbyszek, por exemplo.

— Ora, *mamãe* — disse Ryś, com aquele tom sofrido que as crianças reservam para os pais ignorantes —, eu sei tudo sobre isso! Um *homem* entende essas coisas naturalmente. Nunca lhe perguntei nada porque percebi que você e o Zbyszek tinham segredos que não queriam dividir comigo. Mas não dou a mínima para o Zbyszek! Agora tenho o meu próprio amigo. De qualquer jeito, se você quer mesmo saber o que eu acho do Zbyszek, acho que ele é um garoto burro!

E, com isso, Ryś disparou para fora da sala.

Antonina não ficou surpresa com o ciúme do filho, que lhe pareceu perfeitamente normal, mas Ryś andava mais reservado nos últimos tempos, pensou, e muito menos falante. Ao perceber que algo havia captado a atenção dele, perguntou-se o que o menino estaria aprontando. A única resposta que lhe veio à mente foi o novo amigo de Ryś, Jerzyk Topo, filho de um carpinteiro cuja família se mudara recentemente para um apartamento dos empregados no terreno do jardim zoológico. Antonina achava Jerzyk cortês e bem-comportado, poucos anos mais velho do que Ryś, e

habilidoso com as ferramentas — um menino que vinha aprendendo o ofício do pai. Ryś admirava sua habilidade na marcenaria, os dois tinham um interesse comum na construção de coisas e, como moravam perto, brincavam juntos todos os dias. De sua torre de vigia no segundo andar, às vezes Antonina os vislumbrava construindo formas secretas e conversando sem parar, e se sentia aliviada pelo fato de Ryś haver encontrado um novo amiguinho para brincar.

E então, um dia, depois que os meninos foram para a escola, a mãe de Jerzyk apareceu no casarão e, ansiosa, perguntou a Antonina se elas podiam ter uma conversa particular. Antonina a fez entrar em seu quarto e fechou a porta. Segundo seu relato, a sra. Topo disse:

— Os meninos não fazem ideia de que estou aqui. Não conte a eles! Na verdade, nem sei por onde começar...

Antonina sentiu um princípio de inquietação — o que seu filho teria feito?

E aí, a sra. Topo soltou tudo:

— Fiquei escutando a conversa deles... tenho certeza de que não me viram. E sei que é terrível fazer uma coisa dessas, mas, como é que eu podia evitar, quando percebi o que eles estavam tramando? Eu tinha que saber o que andavam aprontando. Assim, fiquei quieta e escutei, e levei um susto! Não sabia se ria ou chorava. Quando eles saíram, eu não sabia o que fazer, e achei melhor vir aqui conversar com a senhora. Pode ser que, juntas, possamos pensar em alguma coisa!

Antonina achou a notícia alarmante. Estaria a sra. Topo tendo uma reação exagerada às travessuras inocentes dos meninos? Esperando que sim, ela disse:

— O seu filho é muito bom menino. Tenho certeza de que não faria nada para magoá-la. E o Ryś ainda é muito pequeno... Está bem, eu posso vigiá-lo mais de perto... Mas o que foi exatamente que nossos meninos *fizeram*?

— *Ainda* não fizeram nada de errado, mas estão planejando uma coisa séria.

Antonina escreveu que “meu coração despencou nos meus pés” quando a sra. Topo explicou ter entreouvido os meninos jurarem expulsar os alemães, o que consideravam ser seu dever patriótico, primeiro escondendo uma bomba num monte alto de feno, perto do armazém de armas dos alemães, junto à cerca do zoológico.

— E embaixo do colchão do Jerzyk — prosseguiu a sra. Topo —, achei uma das toalhas da senhora, com grandes letras vermelhas dizendo “Hitler liquidado!”. Eles querem pendurar essa toalha acima do portão principal do zoológico, porque muitos alemães vêm aqui o tempo todo, e é fatal que a vejam! O que vamos fazer? Talvez o seu marido possa conversar com eles e explicar que são pequenos demais para lutar, e que, se levarem seu plano até o fim, deixarão *todos* nós em perigo... Mas o que a senhora acha que devemos fazer?

Antonina escutou em silêncio, primeiro tentando assimilar, depois analisar a notícia inquietante, que lhe pareceu a um tempo nobre e tola. Ela presumiu que Ryś devia ter tido essa ideia ouvindo a conversa dos escoteiros, que praticavam atos semelhantes de sabotagem. A essa altura dos acontecimentos, não chamar atenção para a agitação do zoológico tinha-se tornado uma arte requintada, como dormir com dinamite. Só lhes faltava os meninos içarem o que seria uma verdadeira bandeira vermelha.

Ela também se perguntou como podia ter deixado escapar essa trama de Ryś e se enganado quanto à capacidade do filho de compreender o mundo adulto das consequências, quando havia suposto que podia contar com o absoluto sigilo dele e com sua própria capacidade de avaliar a maturidade do menino. Sua raiva de Ryś e dela mesma logo se transformou em tristeza, quando Antonina percebeu que,

*em vez de elogiar a coragem e a iniciativa dele, e de lhe dizer o quanto ele me deixava orgulhosa, eu teria que castigá-lo e contar a seu pai que ele havia roubado uns explosivos, e talvez até envergonhá-lo na frente do amigo. Eu sabia que Jan ficaria furioso.*

— Sim — disse à sra. Topo —, vou pedir ao Jan para conversar com os meninos. Enquanto isso, é melhor queimar a toalha.

Naquela noite, Antonina entreouviu os dois homens da família, pai e filho, conversando baixinho, de um jeito militar formal:

— Espero que você reconheça que não o estou tratando como uma criança, mas como um soldado — disse Jan, apelando para o desejo natural do filho de ser levado a sério como gente grande. — Sou o *oficial* desta casa e o seu *comandante*. No campo de ação militar, você deve fazer *somente* o que eu mandar, nada sozinho. Se quiser continuar a ter esse tipo de relação comigo, você terá de jurar que não fará nada sem o meu conhecimento. A ação que você planejou com o Jerzyk inclui-se na categoria do “anárquico” e do “arbitrário”, e você deve ser castigado por isso, exatamente como seria no exército regular.

Mas, que castigo um pai no papel de comandante militar deveria impor a um filho pequeno no papel de soldado? O risco não tem a mesma forma aos olhos de uma criança, que também não consegue enxergar muito adiante dos acontecimentos, e o castigo só funciona quando as duas partes o consideram justo, já que a *justiça* é o padrão-ouro da infância.

Assim, Jan disse:

— Talvez você queira sugerir *como* acha que devo castigá-lo.

Rys considerou seriamente a questão.

— Você pode me bater — propôs, finalmente.

E é presumível que Jan o tenha feito, porque Antonina, ao registrar a cena em seu diário, anotou simplesmente: “E, dessa maneira pequena, nossa Resistência familiar privada deixou de existir.”

## Capítulo 27

Na primavera de 1943, Antonina finalmente se levantou da cama, em sintonia com as marmotas, morcegos, ouriços, gambás e arganazes em hibernação. Antes da guerra, ela adorava o zoológico barulhento da primavera, com todas as suas cantadas ruidosas, seus *cai-foras!* e seus aleluias, especialmente à noite, na cidade silenciosa, quando os ruídos ferozes brotavam do zoo como que saltando de um *jukebox* gigantesco. O tempo dos animais, colidindo com o tempo da cidade, produzia um ritmo desencontrado que ela adorava, e sobre o qual escrevia com frequência, como nesse devaneio de seu livro infantil sobre os lincês, intitulado *Rysie*:

*Quando a noite primaveril envolve Varsóvia num manto de trevas, e os sinais luminosos ofuscantes espalham reflexos alegres pelas ruas escuras, e quando o silêncio da cidade adormecida é interrompido pela buzina de um carro tardio, lá na margem direita do Vístula, em meio a antigos salgueiros-chorões e choupos, ouvem-se os sons secretos da natureza virgem e o rufar penetrante da selva. Escuta-se um conjunto de dança formado por lobos, hienas, chacais e dingos. O urro de um leão despertado enche de pavor a população vizinha de macacos. Pássaros assustados dão gritos aterradores nos lagos, enquanto, em sua jaula, Tofi e Tufa [filhotes de lince] entoam uma serenata saudosa. Seus miados, em notas agudas e penetrantes, elevam-se acima dos outros sons noturnos do zoológico. Longe dos cantos intocados do mundo, pensamos no domínio da Mãe Natureza, com seus segredos não revelados, ainda à espera de serem descobertos, e vivemos em meio a nossos companheiros terrestres, os animais.*

Enquanto a friagem ainda se agarrava ao ar e os músculos de Antonina sentiam-se fracos por falta de uso, ela vivera num casulo de roupas íntimas de lã, suéteres grossos e meias quentes. Manquejando pela casa com uma bengala, tivera que reaprender a andar, com os joelhos trêmulos e as coisas escorregando de seus dedos. Outra vez reduzida, depois de tantos anos, à condição da criança que dá os primeiros passos, ela se sentia mimada por Magdalena e os outros, que lhe permitiam ser uma garotinha doente, paparicada pela família, mas também se repreendia e se “sentia muito constrangida e inútil”. Durante três meses, outras pessoas tinham feito seu trabalho em seu lugar, cuidando dela, alimentando-a, e nem mesmo agora, ansiosa por voltar a seu papel no trabalho da casa, ela conseguia cuidar das tarefas. “Que espécie de mulher sou eu?”, censurou-se. Toda vez que alguém a ouvia dizer isso, Magdalena, Nunia ou Maurycy retrucavam:

— Pare com isso! Nós a estamos ajudando por puro egoísmo. O que é que faríamos sem você? Sua única tarefa é recuperar as forças. E nos dar ordens! Estamos com saudade de toda a sua energia, da sua espirituosidade e, está bem, às vezes, do seu comportamento meio biruta. Volte a nos divertir!

E assim, Antonina ria, animava-se e, pouco a pouco, dava corda no mecanismo da casa maluca, como se fosse um relógio antigo. Escreveu que eles a monitoravam constantemente, alvoroçavam-se, “não me deixavam sentir cansaço, frio, fome nem preocupação”, e, em troca, ela lhes agradeceu por “paparicá-la como nunca ninguém havia feito”. Escrever essas palavras foi o mais perto que ela chegou de se referir ao fato de ter ficado órfã. Sempre presentes por sua ausência, seus pais mortos faziam parte dos acontecimentos obscurecidos, de uma tristeza anterior às palavras, quando Antonina tinha apenas nove anos, de um fim pavoroso demais, nas mãos dos bolcheviques, para que uma criança continuasse a imaginá-lo. Pode ser que eles frequentassem suas lembranças, mas ela nunca os mencionou em suas memórias.

Os amigos de Antonina embrulharam-na em agasalhos, incentivando-a a se curar pelo repouso; abraçada por esse círculo fechado, ela foi melhorando e, em alguns momentos, “até se esqueceu da ocupação” e de sua “ânsia ininterrupta de que a guerra acabasse logo”.

Jan continuava a sair cedo de casa e a voltar pouco antes do toque de recolher e, embora os residentes do casarão nunca o vissem no trabalho, em casa ele lhes parecia irritadiço e inquieto. Para tornar vivível a vida de todos, ele conferia e tornava a conferir todos os rituais e rotinas, o que era uma responsabilidade desgastante, já que o menor caos, descuido ou impulso poderia desmascará-los. Não admira que ficasse rígido por causa desse esforço e que tenha começado a se dirigir aos outros como seus “soldados” e a Antonina como sua “suplente”. Jan dava as ordens no casarão e os Hóspedes não podiam desobedecer, mas o clima começou a se deteriorar, porque, como ditador volátil, Jan parece ter tornado tensa a vida cotidiana, gritando constantemente com Antonina, apesar dos esforços que ela fazia para agradá-lo. No diário, ela escreveu que “ele estava sempre em alerta, carregava todas as responsabilidades nos ombros e nos protegia de acontecimentos ruins, procurando verificar tudo com muito cuidado. Às vezes, falava conosco como se fôssemos seus soldados. (...) Mostrava-se frio e esperava mais de mim que das demais pessoas de nossa casa. (...) [O] clima feliz de nossa casa havia acabado”.

Em seguida, Antonina disse que nada do que fazia jamais parecia suficientemente bom, nada o levava a se orgulhar dela, e que ser uma perpétua decepção para o marido era terrível. Com o tempo, seus Hóspedes leais, aborrecidos, pararam completamente de falar com Jan, ou até de manter contato visual com ele — detestavam o modo como o homem tratava Antonina, mas, sem querer confrontá-lo, simplesmente o apagaram. Jan espinhou-se com esse protesto silencioso, queixou-se de que a desobediência civil em casa não funcionaria e perguntou por que, afinal de contas, eles estavam culpando e excluindo *a ele*.

— Ei, vocês todos! Vocês estão me ignorando, só porque eu critico a Punia um pouquinho — disse, usando um dos apelidos carinhosos que dava a sua mulher (como Gatinha Selvagem ou Gatinha do Mato). — Não mereço isso! Vocês acham que não posso dar palpite aqui em casa? A Punia nem sempre tem razão!

— Você passa o dia inteiro fora — disse Maurycy, baixinho. — Sei que a sua vida fora desta casa é cheia de toda sorte de perigos e ciladas. Mas isso também a torna interessante. A situação da Tola é diferente — continuou, usando outro apelido de Antonina. — É uma situação que me faz pensar no soldado que fica o tempo todo de serviço no campo de batalha. Ela tem que se manter alerta o tempo todo. Como é que você pode não entender isso e repreendê-la por ficar um pouquinho distraída, de vez em quando?

Numa tarde de março, a empregada gritou da cozinha:

— Ai, meu Deus! Fogo! Fogo!

Ao olhar pela janela, Antonina viu um enorme cogumelo de fumaça e chamas, um incêndio devorador na área de armazenagem dos alemães, onde uma lufada de vento espalhava o fogo feito melado pelo telhado do quartel. Antonina pegou o casaco de pele e correu para o lado de fora, para verificar os prédios do zoológico e da fazenda de criação, que estavam a uma brisa de distância das chamas.

Um soldado alemão chegou correndo ao casarão em sua bicicleta, desmontou e disse, zangado:

— Vocês provocaram esse incêndio! Quem mora aqui?

Antonina olhou para o rosto duro do rapaz e sorriu.

— O senhor não sabe? — perguntou, em tom agradável. — É o diretor do antigo Jardim Zoológico de Varsóvia que mora aqui. Sou a mulher dele. E somos pessoas sérias demais para brincadeiras como provocar incêndios.

Enfrentada com gentilezas, a raiva é difícil de sustentar, e o soldado se acalmou.

— Está certo, mas aqueles prédios ali...

— Sim. Nossos ex-empregados ocupam dois apartamentinhos. São gente boa, que eu conheço e em quem confio. Tenho certeza de que não foram eles. Por que arriscariam a vida para incendiar um monte de feno à toa?

— Bem, *alguma* coisa ateou o fogo — retrucou o soldado. — Não foi um raio. Alguém tem que ter *provocado* esse incêndio!

Antonina o fitou, com ar inocente.

— O senhor não sabe? Tenho quase certeza de quem pôs fogo ali.

O alemão, com ar espantado, esperou que ela solucionasse o mistério.

À medida que Antonina continuou, num tom amistoso de conversa, as palavras alemãs raramente usadas foram brotando de um charco profundo em sua memória:

— Os seus soldados vivem levando as namoradas para aquele lugar. Os dias ainda estão bem frios, e é aconchegante sentar no feno. É muito provável que tenha havido mais um casal por lá hoje, e que tenha fumado um cigarro, deixado uma guimba... e o senhor sabe o resto.

Apesar de seu alemão precário, o soldado a compreendeu perfeitamente e começou a rir.

Dirigindo-se à casa, os dois conversaram sobre outras coisas.

— O que aconteceu com os animais do zoológico? — perguntou ele. — Vocês tinham tido um décimo segundo elefante nascido em cativeiro, uma fêmea. Li sobre isso no jornal. Onde está ela?



Antonina explicou que Tuzinka tinha sobrevivido aos primeiros dias de bombardeio e que Lutz Heck a mandara para Königsberg, junto com alguns outros animais. Quando ela e o soldado se aproximaram da varanda, chegaram dois policiais alemães numa motocicleta com carro lateral, pararam, e seu companheiro lhes contou a história toda, ao que os homens deram uma gargalhada grosseira, e em seguida todos entraram para escrever um relatório.

Pouco depois de eles saírem, o telefone tocou. Antonina ouviu uma voz alemã severa dizer “Aqui é a Gestapo” e, logo depois, uma fala rápida demais para que a entendesse. Mas ela captou as palavras “incêndio” e “com quem estou falando?”.

— Um monte de feno pegou fogo — disse, da melhor maneira que pôde. — Um prédio foi queimado, veio o caminhão do corpo de bombeiros e já está tudo bem. A polícia alemã já esteve aqui e escreveu um relatório.

— A senhora disse que eles fizeram uma investigação? Está tudo bem? Está certo. *Danke schön*.

A mão de Antonina tremia tanto que ela teve dificuldade de repor o fone no gancho, à medida que todos os acontecimentos da hora anterior começaram a voltar numa enxurrada e que ela os reencenou mentalmente, para se certificar de ter feito e dito as coisas certas. Com a barra livre, os hóspedes saíram dos esconderijos e a abraçaram, elogiando sua coragem. Em seu diário, ela escreveu que “mal podia esperar para contar ao Jan”.

Durante o jantar, Jan ouviu a história toda, mas, em vez da aprovação esperada, ficou calado e pensativo.

— Todos sabemos que a Punia é uma menina-prodígio — disse. — Mas fico meio surpreso por estarem todos tão agitados com esse acontecimento. Ela agiu exatamente como eu esperava que agisse. Deixem-me explicar o que quero dizer, do ponto de vista psicológico.

E continuou:

— Vocês já sabem, por nossas histórias sobre o zoo antes da guerra, que, sempre que eu tinha algum problema difícil com um animal, fosse por ele estar doente, ou por ser difícil de alimentar, ou simplesmente rebelde demais, eu sempre o entregava à Punia. E tinha razão, porque ninguém é capaz de lidar tão bem com os animais. E por que estou lhes dizendo isto? Não é para fazer propaganda dela, nem para provar o quanto ela é maravilhosa, nem o quanto eu a amo, nem para fazê-la sentir-se bem. Como todos sabemos, já desde pequena, a Punia conviveu com uma porção de bichos e se identificou com eles.

— É como se ela fosse porosa — comentou ainda. — Quase consegue ler os pensamentos deles. Descobre num estalo o que incomoda os seus amigos animais. Talvez porque os trate como pessoas. Mas vocês já a viram. Num piscar de olhos, ela é capaz de perder sua natureza de *Homo sapiens* e se transformar numa pantera, num texugo ou num rato-almiscarado!

— Bem, como artista que trabalha com animais — disse Magdalena, rindo —, eu tenho um olho infalível para essas coisas, e sempre disse que ela é uma jovem leoa.

Jan prosseguiu:

— Ela tem um dom preciso e muito especial, um jeito raro de observar e compreender os animais, o que com certeza não é típico de uma naturalista sem formação especial. É uma coisa única, um sexto sentido.

Antonina escutou com orgulho o discurso surpreendente do marido, um banquete tão farto e raro de elogios que, logo em seguida, ela registrou a íntegra das palavras dele em seu diário, acrescentando: “Ele falou dos meus talentos, me elogiando na presença de outras pessoas. Isso nunca tinha acontecido!... Será que estava falando sério!? Ele me chamara de ‘boba’ tantas vezes que eu estava começando a escutar isso como um segundo nome.”

— Estou falando nisso — disse Jan — para explicar um pouco como os animais reagem em situações diferentes. Sabemos como os animais selvagens sabem ser cautelosos, com que facilidade se assustam, quando o instinto lhes diz para se defenderem. Quando eles sentem que um estranho cruzou seu território, ficam agressivos, para sua própria proteção. Mas, no caso da Punia, é como se esse instinto não existisse, deixando-a sem medo dos animais, sejam eles bípedes ou quadrúpedes. E ela também não transmite medo. Talvez essa combinação convença as pessoas ou animais próximos dela a não atacar. Especialmente os animais, que são melhores na telepatia do que os seres humanos e conseguem ler as ondas cerebrais uns dos outros.

— Quando a nossa Punia irradia um interesse sereno e amistoso pelos animais — prosseguiu —, ela funciona como uma espécie de para-raios para o medo deles, e o absorve e neutraliza. Pelo tom reconfortante da voz, pelos movimentos suaves, pela forma segura como seu olhar encontra o deles, ela transmite confiança em sua própria capacidade de protegê-los, curá-los, alimentá-los e assim por diante. Vocês entendem o que estou tentando dizer: a Punia consegue emitir ondas de tranquilidade e compreensão. Os seres humanos não são tão sensíveis quanto os outros animais quando se trata de emitir esse tipo de sinalização, mas todos são capazes de captar algumas dessas ondas invisíveis, mais ou menos, dependendo da sensibilidade de seu sistema nervoso. Acho que algumas pessoas são muito melhores na captação desses sinais, e não creio que isso tenha nenhuma ligação com a capacidade intelectual. Pode até ser que os organismos mais primitivos sejam mais receptivos. Se quiséssemos usar uma nomenclatura científica, poderíamos perguntar: que tipo de transmissora psíquica é a Punia, e que tipo de mensagem ela envia?

Jan parece ter sido influenciado por Friedrich Bernhard Marby (1882-1966), um ocultista, astrólogo e antinazista que combinava a tradição ocultista das runas nórdicas com os princípios científicos de sua época:

*...o Homem, receptor e transmissor sensível de ondas e raios cósmicos que animaram o universo inteiro, e cuja natureza e efeito específicos dependeram de influências planetárias, do magnetismo terrestre e da forma física da paisagem.*

Se estivesse vivo, hoje Jan saberia do papel dos *neurônios especulares* cerebrais, células especiais do córtex pré-motor que disparam imediatamente antes de a pessoa estender a mão para segurar uma pedra, ou dar um passo à frente, virar-se ou começar a sorrir. De forma espantosa, os mesmos neurônios disparam quando fazemos algo ou quando observamos alguém fazer a mesma coisa, e as duas situações provocam sentimentos similares. Aprender com nossos infortúnios não é tão seguro quanto aprender com os dos outros, o que nos ajuda a decifrar o mundo das intenções, possibilitando a nossa circulação social. O cérebro desenvolveu maneiras inteligentes de espionar ou ouvir a conversa alheia sobre os riscos, de adivinhar rapidamente a alegria ou o sofrimento do outro, assim como sensações detalhadas, sem recorrer a palavras. Sentimos o que vemos e vivenciamos o outro como o eu.

— O engraçado — continuou Jan — é que ela não é criança, não é boba, mas sua relação com as outras pessoas tende a ser muito ingênua; ela acredita que todos são sinceros e bons. A Punia sabe que também existem pessoas ruins à sua volta, reconhece-as à distância. Mas não consegue realmente acreditar que elas possam feri-la.

— Uma outra coisa a favor da Punia — acrescentou — é sua maneira de observar o meio que a cerca e reparar em cada pequeno detalhe. Ela viu soldados alemães encontrando-se com as namoradas naquele monte de feno e, conhecendo o rude senso de humor dos alemães, usou-o bem nessa situação específica. Não se preocupou com o fato de seu vocabulário alemão ser pobre, porque a voz e a fala dela são muito musicais e calmantes. O instinto e a intuição lhe disseram exatamente o que fazer. E, é claro, a aparência física foi o seu trunfo. Ela é alta, magra e loura, a imagem ideal da alemã, o tipo nórdico. Tenho certeza de que isso também contou muito.

Jan fez uma pausa e acrescentou:

— Mas, se vocês querem saber o que eu acho do *resultado* dessa tragicomédia, acho que os alemães consideraram muito *conveniente* a explicação da Punia sobre o incêndio que destruiu seus prédios. Isso lhes deu uma desculpa para não investigar todos os furtos que têm ocorrido por lá. O incêndio foi uma forma fácil de encobrir os crimes. Se eles quisessem *realmente* castigar alguém, as coisas não teriam sido tão fáceis para a Punia. Não quero criticar a heroína de vocês: a Punia fez um grande trabalho. Foi muito inteligente, e fico feliz por poder confiar nela, mas gosto de ver as coisas por um ponto de vista mais cético.

Jan tinha feito o quase pesadelo de Antonina parecer relativamente sem importância, e a reação dela, fria e calculista, talvez a que imaginava que teria sido a sua. Por mais talentosa e competente que fosse Antonina em tudo, ela reverenciava e respeitava o marido, sentia-se insatisfatória, muitas vezes, e tentava perpetuamente ficar à altura das expectativas dele e obter sua aprovação. Vez por outra, seguindo o exemplo do pai, Ryś dizia com rispidez que, como homem, até *ele* era capaz de compreender coisas que ficavam fora do alcance de uma mulher boboca. No entanto, Antonina deixou transparecer em seus diários que se sentia profundamente amada por Jan, Ryś e os Hóspedes, e um complemento importante para seu marido, a quem considerava rigoroso com todos, sobretudo consigo mesmo. Ela também concordava com Jan a respeito das formas sutis pelas quais todos os animais se comunicavam. Depois da minipalestra do marido sobre seu funcionamento psicológico, ela teve dificuldade de dormir. Tantos elogios diante dos amigos! Raros como a luz no inverno polonês.

“Jan tinha razão, a reação dos soldados alemães a minhas ondas telepáticas foi parecida com a dos animais do zoológico”, refletiu Antonina em seu diário. Havia em seu passado muitos episódios místicos nos quais ela tivera certeza de poder construir uma ponte invisível para os animais, levando-os a dar ouvidos a seus pedidos, a refrear o medo e a confiar nela. Segundo Antonina, suas primeiras experiências desse tipo haviam acontecido quando ela era pequena e passava todas as suas horas de folga nos estábulos, perto de vigorosos cavalos puro-sangue, mas, desde que se entendia por gente, os animais se acalmavam em sua presença. Talvez seu grau inusitado de empatia e seus sentidos alertas fizessem parte de uma sensibilidade mais animal, herdada por algumas pessoas, colorida e orientada pelas experiências infantis. Além disso, e de uma forma importante no caso de Antonina, as crianças com vínculos frágeis com os pais às vezes estabelecem um vínculo forte com a própria natureza.

Nessa noite, ela ficou acordada, pensando no fino véu que separava os seres humanos de outros animais, uma fronteira extremamente diáfana, mas que, mesmo assim, as pessoas traçavam como “uma muralha chinesa simbólica”, uma fronteira que, por sua vez, ela considerava tremeluzente, quase invisível. “Se não fosse assim, por que humanizaríamos os animais e animalizaríamos os seres humanos?”

Antonina passou horas pensando nas pessoas e nos animais e em quão pouco a psicologia animal se desenvolvera, comparada a outras ciências, como a química ou a física. “Ainda caminhamos de olhos fechados pelo labirinto do enigma psicológico”, refletiu ela. “Mas um dia, quem sabe, descobriremos os segredos do comportamento animal, e talvez um dia dominemos nossos instintos mais sombrios.”

Enquanto isso, Antonina e Jan realizaram seu próprio estudo informal durante toda a guerra, convivendo de perto com mamíferos, répteis, insetos, pássaros e uma galeria de seres humanos. “Por que”, indagou ela a si mesma, “às vezes os animais conseguem dominar seus hábitos predatórios em poucos meses, enquanto os seres humanos, apesar de séculos de refinamento, podem rapidamente tornar-se mais selvagens do que qualquer fera?”

## Capítulo 28

1943

Conforme a segurança aumentava e diminuía durante a guerra, até uma observação casual, em voz baixa, podia desencadear uma avalanche de problemas. Chegou a Antonina e a Jan a informação de que um de seus guardas poloneses do zoológico tinha avistado Magdalena e comentado que a famosa escultora estava escondida no casarão. Apesar de julgar o guarda “decente, talvez até bondoso — afinal, ele não chamou a Gestapo”, Antonina teve medo de que uma palavra descuidada chegasse aos ouvidos errados e de que o castelo de cartas do casarão desmoronasse. “Será que a Gestapo já sabe?”, perguntou a si mesma. “Será apenas uma questão de dias?”

A extorsão em larga e pequena escala, que abundava em Varsóvia, também representava uma ameaça incapacitante. Graças, em parte, à popularidade do mercado negro antes da guerra e à facilidade de ajeitar as coisas com pequenas gorjetas e subornos, Varsóvia se tornara rapidamente uma cidade apinhada de predadores e presas de todos os tamanhos, inclusive os decentes e subornáveis, os indecentemente não subornáveis, um núcleo de elementos criminosos, residentes oportunistas, pessoas atormentadas pelo medo, simpatizantes nazistas e indivíduos dispostos a correr riscos, que faziam malabarismos com sua vida e a de terceiros como se fossem tochas acesas. Assim, de momento, pareceu que o mais sensato seria esconder os Hóspedes em outro lugar. A sra. Dewitzowa, que havia lecionado junto com Jan antes da guerra, ofereceu espaço a Magdalena e Maurycy em sua casa no subúrbio, mas, passadas apenas algumas semanas, assustada, mandou-os de volta, alegando que estranhos suspeitos tinham começado a vigiar sua casa. Antonina não tinha tanta certeza. “Será que os subúrbios podem ser mais arriscados que Varsóvia?”, pensou. Talvez, mas ela suspeitou de algo mais sutil do que isso — um sintoma de como as pessoas lidavam com o medo e a insegurança.

Emanuel Ringelblum escreveu sobre uma “psicose do medo”, sentida por muitas pessoas ao pensarem em fugir para o lado ariano:

*São os perigos imaginários, [a] suposta observação pelo vizinho, porteiro, gerente ou transeunte na rua, que constituem o grande perigo, porque o judeu [...] se revela por olhar em todas as direções para ver se alguém o está vigiando, pela expressão nervosa do rosto, pelo olhar assustado de animal perseguido, que fareja algum tipo de perigo em toda parte.*

Ainda que, para os outros, Antonina comumente parecesse calma, seus textos revelam uma mulher frequentemente assaltada por preocupações e acoçada pelo medo. Ela sabia da impressão que criava como lastro do casarão, e insistia em que a atmosfera “calorosa, amistosa, quase terapêutica” da casa sugeria uma segurança que era apenas ilusória. É verdade que o casarão proporcionava aos Hóspedes um ambiente espaçoso, no qual eles não eram forçados a viver encolhidos atrás de paredes nem apinhados em subterrâneos úmidos. Mas, à medida que os nazistas impuseram uma enforcadeira mais apertada, o jogo de desviar os olhares e tapear a morte

transformou-se na arte de fazer possibilidades se materializarem e de atentar para os sinais. De acordo com o folclore polonês,

*Um quadro caindo da parede, ruídos de terra pisada sob uma janela, uma vassoura que caísse sem motivo, o tique-taque de um relógio onde não havia nenhum, uma mesa que estalava, uma porta que se abria sozinha, tudo isso prenunciava a aproximação da morte.*

Obter segurança acarretava muitos inconvenientes, como ter que fazer compras com frequência e em pequenas quantidades, para não despertar muita atenção, ou secar algumas peças de roupa dentro de casa, porque ninguém se atrevia a pendurar na corda roupas que não pudessem pertencer a nenhum de seus moradores. Inevitavelmente, o medo assaltava o humor de todos. Mas, como administradores de um jardim zoológico, os Żabiński entendiam de vigilância e de predadores; num charco de víboras, cada passo era planejado. Sendo tudo moldado pela gravidade da guerra, nem sempre ficava claro quem ou o que podia ser considerado interno ou externo, leal ou traiçoeiro, predador ou presa.

No começo, ninguém sabia do segredo custodial do zoológico, e os Żabiński tinham que arranjar alimentos extras e improvisar fugas inteiramente sozinhos. Por sorte, descobriram que uma velha amiga, Janina Buchholtz, psicóloga e aficionada das artes, era um dos membros principais do Zegota. Durante a ocupação, Janina trabalhou oficialmente como tradutora juramentada do cartório de registros públicos, o escritório em que Antonina havia passado em busca de notícias, depois de visitar o zoológico bombardeado em 1939. Por ela lidar com muitos documentos, requerimentos e petições, havia papéis derramando-se de mesas, amontoados em prateleiras, empilhados em estalagmites precárias no chão e parecendo prestes a despencar em cascatas por toda parte. Pesadelo dos burocratas, esse abarrotamento camuflava a vida real do escritório como um centro nervoso da Resistência, onde se falsificavam documentos, procuravam-se apartamentos seguros, despachavam-se mensageiros, distribuía-se dinheiro, planejavam-se atos de sabotagem e se remetiam cartas a pessoas em outros guetos. Os contatos recebiam instruções e entregavam relatórios no escritório de Janina, o que significava muito trânsito de pedestres, mas, como os Żabiński, ela aperfeiçoou a arte de esconder coisas bem à vista de todos — nesse caso, em amontoados suficientes para fazer os nazistas bisbilhoteiros se retraírem, relutando em vasculhar as pilhas empoeiradas e nunca muito estáveis. Como recordou um sobrevivente, os nazistas “almejavam criar, passo a passo, por meio de leis interligadas, um sistema de informações e documentação que inviabilizasse qualquer tipo de maquinação e localizasse todo e qualquer habitante da cidade com a precisão adequada”. Isso exigia uma complexa falsificação de identidades, documentos e comprovações de proveniência para as pessoas escondidas, porque os católicos poloneses, que moravam sobretudo em prédios de apartamentos, eram capazes de apresentar registros paroquiais e municipais de antes da guerra, inclusive certidões de nascimento, batismo e casamento, declarações de impostos, atestados de óbito e documentos sobre heranças. Ora os novos documentos significavam papéis “sólidos”, capazes de resistir às buscas da Gestapo, ora constituíam papéis pouco convincentes (chamados de *lipne*, derivado da palavra correspondente a “tília”, o que depois evoluiria para a designação de “mentirinhas”), que não resistiriam a um escrutínio mais cuidadoso. Tal como esse processo foi relatado por Gunnar Paulsson,

*Estabelecer-se como um homo novus exigia não apenas a criação de uma nova identidade, mas o rompimento de todos os laços com a identidade antiga e maculada. Assim, o indivíduo tinha que se mudar. Com isso, seu eu anterior podia desaparecer, enquanto o novo eu se registrava da maneira normal nas novas áreas. (...) [A] pessoa tinha que cancelar seu registro no cartório do antigo bairro e, em troca, receber um cupom. Depois, ela se registrava com o síndico do prédio do novo local e tornava a receber um cupom. Em seguida, os dois cupons tinham que ser levados ao cartório de registros local, dentro de um certo prazo, como prova de registro. (...) [P]ara romper a cadeia de comprovações, era necessário ter um cupom falso de cancelamento de registro, e isso exigia que houvesse um respaldo nos arquivos do cartório.*

Felizmente, era lá que Janina trabalhava, e por isso podia confeccionar identidades e plantar registros que as respaldassem. Algumas pessoas diziam ter nascido na União Soviética, ou ser filhas de poloneses muçulmanos, ou ter perdido seus documentos num incêndio da igreja antes de 1939; outras assumiam a identidade de cidadãos que residiam no exterior ou estavam mortos. Tudo isso requeria falsificação e refinamento, além da geração, inserção e alteração de registros em longas cadeias de comprovação — donde os Alpes de papel no escritório de Janina. Em 1941, quando Hans Frank decretou que se expedissem carteiras de identidade (*Kennkarte*) com números de série e impressões digitais, os escreventes conseguiram atrasá-las até 1943, e depois usar essa ocasião para criar carteiras de identidade fictícias. De repente, hordas de pessoas pareceram ter perdido seus registros. Oportunistas gananciosos e especialistas da Resistência produziram tantos

passaportes e outros documentos, que, no verão de 1943, até o escritório de Ziegler estimava que 15 por cento de todas as carteiras de identidade e 25 por cento de todas as carteiras de trabalho tinham sido forjadas. Atribui-se a apenas uma única célula do Zegota a geração de cinquenta a cem documentos por dia, papéis estes que iam desde certidões de nascimento e atestados de óbito até carteiras de identidade de oficiais subalternos das SS e da Gestapo. Janina visualizava seus clientes como pessoas “que andam em areia movediça”.

“Tenho sorte... posso fazer maravilhas”, disse ela, orgulhosamente, a sua amiga e colega Bárbara Temkin-Berman, conhecida como “Basia”, sorrindo e batendo com o nó dos dedos na mesa do café, para afastar o azar.

Alta, corpulenta e já passada da meia-idade, Janina sempre usava saias pretas que lembravam um hábito de prioresa e um chapeuzinho peculiar, com véu, amarrado embaixo do queixo, e andava com um regalo. Os óculos se equilibravam no nariz longo e fino, sobre olhos transbordantes de tanto calor humano, que era típico as pessoas se referirem a ela como “a pessoa mais bondosa que já conheci” ou “a eterna protetora dos oprimidos”.

Em sua dupla conspiração para combater os alemães e ajudar os judeus, Janina trabalhava em estreita colaboração com Basia, que fora psicóloga antes da guerra e era seu oposto físico: uma mulher miúda, magra, nervosa e volátil, que sempre usava um velho casaco cor de vinho, uma boina preta e um véu para esconder seus traços semíticos.

Janina e Basia se encontravam diariamente no escritório da rua Miodowa ou no café do número 24 da mesma rua, que era seguro para os *gatos*, e, juntas, as duas arranjavam contatos em meio a padres e freiras, ferroviários, professores, donos de barracas de feira, lojistas, empregadas domésticas, motorneiros, lavradores, empregados de salões de beleza, engenheiros, escreventes e secretárias (dispostos a apagar pessoas dos arquivos oficiais ou a expedir certidões falsas). E, é claro, contatos com um diretor de jardim zoológico e sua mulher. Um dia, Janina falou com líderes da Resistência sobre o perigo que Magdalena corria no zoo, e a resolução deles, embora inquietante, fez sentido para Antonina e Jan. Maurycy deveria permanecer no casarão e Magdalena ficaria abrigada na casa de um engenheiro amigo de Janina, que morava em Saska Kępa, na margem direita do rio, numa velha paróquia encantadora que tinha até um parque habitado por estátuas: A *bailarina*, *Ritmo* e *Banhista*, de uma nudez voluptuosa. Era um bairro de prédios públicos neoclássicos, casas modernas recém-construídas, com muitos arbustos, e mansões de vanguarda, feitas de concreto e vidro, projetadas entre as guerras.

No começo, o zoológico servira apenas de abrigo temporário, uma parada rápida numa complexa ferrovia da Resistência, e Jan e Antonina escondiam apenas amigos e conhecidos; depois, no entanto, trabalhando com Janina, “as coisas ficaram mais organizadas”, como disse Jan com seu jeito eufemístico, pretendendo dizer que, com a ajuda da Resistência, ele ampliou seus esforços e começou a correr riscos fantásticos.

De todos os Hóspedes a deixarem o casarão, “a animada Magdalena, cheia de energia e riso”, foi aquela de quem Antonina disse sentir mais falta. As duas tinham uma amizade extraordinária, juvenil e madura, íntima e profissional. Jan e Antonina admiravam Magdalena como artista, mas também a valorizavam como uma amiga vivaz, engraçada e generosa. De acordo com Antonina, perder Magdalena foi fisicamente doloroso, embora sua partida abrisse espaço para outro Hóspede, para mais uma vida salva. Os Żabiński prometeram visitá-la em Saska Kępa sempre que fosse possível, e Maurycy, que não podia circular em segurança pela cidade, perguntou a si mesmo se o adeus dos dois significaria meses, anos ou o resto da vida, e “foi especialmente sofrido para ele”.

No fim de junho de 1943, Jan e Antonina concluíram que ninguém os havia denunciado à Gestapo e, com muita cautela, recomeçaram a aceitar Hóspedes. Janina mandou-lhes uma jovem amiga sua, Aniela Dobrucka, que tinha “boa aparência”, como diziam os habitantes locais, o que significava feições arianas acentuadas, o que lhe permitira passar os dias como vendedora de pães e *croissants* na rua e as noites hospedada com uma senhora excêntrica. Antonina gostou dessa moça corajosa, de cabelos pretos, olhos azul-mar e temperamento a um tempo “meigo e meio travesso”. Tendo ido para Varsóvia de um vilarejo pobre de lavradores, Aniela havia lutado para custear seus estudos na Universidade de Lwów. Seu nome verdadeiro era Rachela Auerbach, mas ficou sepultado na vida da Resistência, onde as identidades se fundiam e as pessoas assumiam novos nomes, disfarces e ocupações, conforme a necessidade.

A emigrada polonesa Eva Hoffman escreveu de maneira comovente sobre o terremoto psíquico de ter que abandonar seu nome: “Não aconteceu grande coisa, exceto um pequeno abalo sísmico mental. A distorção de nossos nomes leva-os a uma distância minúscula de nós — mas é uma lacuna em que penetra o gnomo infinito da abstração.” Subitamente, seu prenome e o de sua irmã deixaram de existir, embora “fossem tão seguramente nossos quanto nossos olhos ou nossas mãos”. E os novos nomes eram “crachás de identificação, sinais desencarnados que apontavam para objetos que, por acaso, éramos minha irmã e eu. Dirigimo-nos a nossos assentos, num cômodo cheio de rostos desconhecidos, com nomes que nos tornavam estranhas para nós mesmas”.

Tendo tido a sorte de sair do Gueto antes dos piores momentos, Aniela dedicou a vida a surrupiar comida para pessoas famintas e a trabalhar num hospital e numa biblioteca, e fez parte da pequena elite que conhecia o segredo das bateadeiras de manteiga. Na parte do Gueto dedicada às oficinas, a carpintaria OBW (Ostdeutsche Bauwerkstätte) era dirigida por alemães que obrigaram os

proprietários judeus originais a continuarem gerenciando as operações cotidianas. Um desses irmãos, Alexander Landau, fazia parte da Resistência e contratou muitos membros dela, supostamente como artesãos formados, embora sua falta de qualificações básicas como carpinteiros nem sempre fosse fácil de esconder. A carpintaria Halmann, na rua Nowolipki nº 68, empregava outros supostos carpinteiros, e as casas que lhes foram destinadas tornaram-se o centro da Organização Judaica de Luta. Juntas, essas duas oficinas, empregando muitas pessoas, impediram que elas fossem deportadas, abrigaram outras em fuga e se tornaram sedes de escolas e o centro de muitas atividades da Resistência.

Apenas um mês depois de os alemães ocuparem a Polônia, o historiador Ringelblum concebeu a ideia de um arquivo, pois intuiu que o que estava acontecendo não tinha precedentes na história humana e que alguém deveria relatar os fatos com exatidão e atestar o sofrimento e a crueldade indizíveis. Aniela ajudou Ringelblum com os arquivos, embora Janina lesse os documentos primeiro e os escondesse por algum tempo dentro do estofamento do grande sofá de seu escritório. Depois, esse grupo secreto de arquivistas, cujo codinome era *Oneg Shabat* (porque eles se reuniam aos sábados), escondia os documentos em caixas e em batedeiras de manteiga sob a oficina de Halmann. Em 1946, vasculhando as ruínas do Gueto, sobreviventes encontraram todas essas batedeiras, com exceção de uma, repletas de relatos vividamente pormenorizados, escritos em iídiche, polonês ou hebraico, os quais hoje residem no Instituto Judaico, em Varsóvia.

Com o tempo, Aniela levou para o casarão sua amiga Genia (Eugenia Sylkes), que havia organizado escolas secretas no Gueto, combatido no Exército da Resistência e ajudado a planejar o Levante do Gueto. Acabando capturada e obrigada a embarcar num trem para Treblinka, ela e o marido haviam pulado do trem perto de Otwock, quando ele reduzira a velocidade numa linha férrea secundária para dar passagem a outro trem (alguns vagões tinham janelinhas recobertas de arame farpado que podia ser cortado, ou portas que era possível forçar). Numa entrevista concedida no pós-guerra ao *White Eagle-Mermaid* de Londres, Genia recordou que, depois do salto,

*eu estava morta de cansaço e faminta, mas com medo demais de me aproximar dos edifícios. (...) Não consegui encontrar meu marido e, bem devagar, usando as estradas vicinais, fui para Lublin. Passados dois dias, resolvi voltar para Varsóvia. Viajei com operários e cheguei à Cidade Velha de manhã cedo. Minha prima, casada com um polonês, estava escondida na casa de uma certa sra. Kowalska. Dirigi-me para lá e fui acolhida como um fantasma do outro mundo, recebi comida, tomei um banho e fui dormir. Dias depois, quando voltei a ficar de pé, eles me deram roupas e fui à rua Miodowa nº 1, procurar Janina Buchholtz, do Zegota. Lá recebi documentos e dinheiro. Mais tarde, o marido de minha prima arranjou um quarto para mim na rua Chłodna, no apartamento de um policial polonês. Só posso falar de todas essas pessoas que me ajudaram com a mais alta admiração e afeição.*

Quando o apartamento do policial se tornou inseguro, Janina a levou para o zoológico, onde, oficialmente, Genia ficou trabalhando como a costureira de Antonina que consertava roupas e, mais tarde, quando Antonina engravidou, costurava fraldas e roupas de bebê. Alta, com ar ariano e nariz arrebitado, ela poderia facilmente fazer-se passar por ariana, mas falava pouco polonês e, por isso, em público, fingia ser muda ou, às vezes, estoniana, como declaravam seus documentos falsos. Fingindo mutismo, ela se juntou a um conjunto de outras pessoas de sotaque carregado que circulavam pela cidade, silenciadas pelo indizível.

## Capítulo 29

Logo depois que as campânulas murcharam na primavera, pencas de alho-silvestre cresceram à sombra úmida das velhas árvores, com suas minúsculas flores brancas exalando um vapor adocicado que penetrava nas janelas abertas ao entardecer, e suas folhas se erguendo a mais de sessenta centímetros de altura, na disputa pela luz. Alguns agricultores faziam os carneiros pastarem entre os arbustos de alho, para aromatizar a carne, e outros xingavam quando suas vacas entravam nessas áreas por engano e mordiscavam o alho, o que maculava o leite. As pessoas do lugar usavam o alho-silvestre em poções rejuvenescedoras e em cataplasmas para reduzir a febre alta, atíçar o desejo sexual, secar a acne, regular o coração ou tratar a coqueluche. Socavam os bulbos para cozinhar e preparavam uma sopa de alho-silvestre.

“O zoológico ficou imerso na morna noite de maio”, escreveu Antonina, esboçando a cena em seu diário: “As árvores e arbustos, a casa e o terraço foram inundados por um pálido azul-esverdeado, um luar frio e impassível. Os ramos dos lilases pendiam até o chão, com pencas pesadas e esmaecidas de flores. Os nítidos desenhos geométricos das calçadas eram destacados por longas sombras escuras. Os rouxinóis entoavam repetidamente suas canções primaveris, inebriados com a própria voz.”

Uma noite, os residentes do casarão estavam sentados, ouvindo o concerto de piano do Homem das Raposas, perdendo o senso de tempo e realidade num mundo iluminado pelas sombras das velas, enquanto as constelações de notas pairavam na escuridão. “A noite silenciosa e romântica inflou-se com os acordes impetuosos do Estudo em Dó Menor de Chopin. A música nos falava de tristeza, medo e pavor, flutuando pela sala e por uma janela aberta”, relembrou Antonina.

Súbito, ela ouviu um farfalhar suave e insólito que vinha do canteiro de malvas-rosas altas junto à janela, um ruído que apenas ela pareceu decodificar entre as notas. Quando uma coruja piou, num aviso para que algo ou alguém se afastasse de seu ninho de filhotes, Antonina compreendeu o sinal e avisou discretamente a Jan, que foi lá fora investigar. Reaparecendo na porta, ele fez um gesto para que ela fosse a seu encontro.

— Preciso da chave da Casa dos Faisões — murmurou. Como dona da casa, ela guardava as chaves, que eram muitas: algumas de portas do casarão, outras de construções do zoológico, outras ainda de portas que antes haviam existido, e algumas que não serviam a nenhum propósito memorável, mas que, ainda assim, não podiam ser jogadas fora. Essa chave deve ter sido encontrada com facilidade, porque eles a usavam com frequência. Destrancar a Casa dos Faisões significava, em geral, um novo Hóspede.

Questionando-o em silêncio com os olhos, Antonina entregou a chave a Jan e os dois foram juntos para o lado de fora, onde avistaram dois garotos escondidos atrás de uns arbustos. Jan sussurrou que esses membros da ala de sabotagem da Resistência tinham ateado fogo a tanques de gasolina alemães e precisavam de um esconderijo com urgência. Tinham-lhes dito que corresse para o jardim zoológico e, sem que Antonina soubesse, Jan os havia esperado durante toda aquela noite, com uma preocupação crescente. Ao reconhecerem seus anfitriões, os meninos de repente se mostraram.

— Passamos horas escondidos nos arbustos perto da casa, porque ouvimos vozes falando alemão — disse um deles.

Jan explicou que o clima apazível atraía os policiais militares, que visitavam o zoológico para fazer longos passeios, e vários deles tinham ido embora apenas uns vinte minutos antes. Agora que não havia perigo à vista, eles precisavam entrar depressa na Casa dos Faisões. Como os faisões eram uma iguaria, Casa dos Faisões soou como algo pomposo para os meninos, e um deles brincou:

— Vamos fingir que somos uma espécie rara, não é, tenente?



— Não é nada de especial — avisou-os Jan. — Não são nem de longe acomodações de luxo. Agora só há coelhos morando no prédio. Ele fica perto da nossa casa, num ponto em que podemos ficar de olho em vocês e lhes levar comida. Mas tenho que lhes recordar: a partir do alvorecer, vocês terão que praticar o silêncio dos túmulos! — disse, e acrescentou em tom severo: — Não conversem nem fumem. Não quero ouvir um único barulho vindo de lá! Entendido?

— Sim, senhor, entendido! — disseram os dois.

Reinava o silêncio, aquele manto de silêncio que às vezes se encontra numa noite quieta e sem luar. O único som ouvido por Antonina foi o de uma chave girando numa fechadura escondida sob as parreiras-bravas na Casa dos Faisões.

Na manhã seguinte, quando Ryś levou Wicek para o jardim e foi passeando em direção ao aviário, Antonina o viu parar para afagar as orelhas compridas da lebre-ártica e dizer:

— Prepare-se, seu cavalo velho! Estamos indo à Casa dos Faisões! Portanto, lembre-se: fique bem quietinho!

Levou aos lábios um dedo que pedia silêncio, e lá se foram os dois para a pequena construção de madeira, Wicek nos calcanhares de Ryś.

Do lado de dentro, Ryś encontrou dois meninos dormindo em camas de feno, cercados por coelhos de todos os tamanhos, os quais, como duendes, estavam ocupados em observar e farejar os humanos adormecidos. Ryś trancou a porta depois de entrar, pôs no chão um cesto de algodãozinho-do-campo, sem fazer barulho, e espalhou punhados das cápsulas e talos para os coelhos comerem. Depois, pegou uma panela de sopa de macarrão com leite, um pedaço grande de pão e duas colheres.

Estudar os meninos adormecidos era irresistível para um garoto curioso sobre animais e seres humanos, de modo que Ryś aproximou mais o rosto do deles e considerou a melhor maneira de acordá-los, já que não podia bater com os pés ou as mãos nem gritar. Agachando-se, puxou a manga de um dos meninos, o que não afetou o dorminhoco exausto; tornou a puxar, sempre com mais força, e o garoto continuou a dormir. Já que a técnica manual não estava funcionando, ele experimentou uma coisa mais sutil: enchendo os pulmões de ar, soprou o rosto do menino, até que ele finalmente levantou a mão para afastar um inseto imaginário e seus olhos se abriram.

Semiconsciente e assustado, o menino pareceu ficar em pânico, e Ryś decidiu que talvez estivesse na hora de se apresentar, de modo que se inclinou para mais perto ainda e murmurou:

— Eu sou o Ryś!

— Prazer em conhecê-lo — murmurou de volta o menino, que acrescentou, enfático: — Eu sou o *Faisão*!

Era uma confusão compreensível, já que *rys* é a palavra correspondente a “lince”, e as pessoas que se escondiam no zoológico recebiam os nomes dos animais que um dia tinham morado em seus esconderijos.

— É, mas eu estou dizendo a verdade — insistiu Ryś. — Eu sou *mesmo* o Ryś, não é brincadeira. Quero dizer: Ryś o menino, e não *rys* com tufinhos de pelo nas orelhas e rabo de *fox terrier*!

— Sim, eu entendo — retrucou o outro garoto. — Eu só sou *faisão* hoje. De qualquer jeito, se você fosse um linco de verdade e eu tivesse penas, você já estaria me comendo, não é?

— Talvez não — respondeu Ryś, sério. — Por favor, não brinque... Eu trouxe o café da manhã para vocês, e um lápis e...

De repente, eles ouviram passos numa calçada próxima e pelo menos duas vozes de alemães. Ryś e o menino ficaram absolutamente imóveis.

Depois que as vozes passaram, Ryś disse:

— Pode ser que seja apenas gente indo para as hortas.

O segundo conspirador acordou, espreguiçou-se e massageou as pernas endurecidas e com câibra, enquanto o colega lhe mostrava a tigela de sopa e lhe entregava uma colher. Ainda agachado, Ryś os viu comer, esperou que acabassem e disse baixinho:

— Até logo. Não fiquem chateados. Vou trazer seu almoço e alguma coisa para ler... Vocês podem conseguir um pouco de luz por aquela claraboia pequena.

Ao sair, Ryś ouviu um menino dizer ao outro:

— Bom garoto, não é? E é muito engraçado um linco tomando conta dos *faisões*. Daria um bom conto de fadas, não acha?

Ryś voltou ao casarão e contou a Antonina tudo sobre suas aventuras com os meninos, que passaram três semanas escondidos na Casa dos Faisões, sob os cuidados de Ryś, até que os alemães desistiram da busca, novos documentos foram falsificados e se providenciou outro esconderijo. Uma manhã, Ryś não encontrou nada além dos coelhos na Casa dos Faisões e se deu conta de que os meninos tinham partido, o que tomou como uma ofensa pessoal, como amigos que o houvessem abandonado.

— Mãe, onde eles *estão*? — perguntou. — Por que foram embora? Não gostaram de ficar aqui?

Antonina explicou que eles tinham precisado partir, que a guerra não era uma brincadeira e que chegariam outros Hóspedes para preencher o vazio deixado por eles.

— Você ainda pode cuidar dos seus animais — disse ao filho, tentando consolá-lo.

— Prefiro *faisões* — choramingou ele. — Você não entende, era diferente! Eles até me chamaram de “amigo”, e não pensavam em mim como um garotinho, mas como seu guardião.

Antonina afagou o cabelo louro de Rys.

— Tem razão — disse ela —, dessa vez você foi um menino crescido e deu uma ajuda muito importante. Você entende que isso é segredo e que não deve contá-lo a ninguém, certo?

Ela viu a raiva brotar nos olhos do filho.

— Sei disso melhor do que você! — rebateu ele. — Isso não é coisa de *mulheres* — concluiu com desdém, e assobiou para Wicek.

Só restou a Antonina, tristonha, ver os dois desaparecerem entre os arbustos, cômica de que Rys teria de lidar com mais um abandono e mais um segredo que nunca poderia contar. “Quando guardo silêncio sobre meu segredo, ele é meu prisioneiro”, escrevera em tempos idos o filósofo Arthur Schopenhauer, nascido em Gdańsk, mas, “quando o deixo escapar da língua, sou prisioneiro *dele*”. Registrar os acontecimentos do dia em seu diário permitia que Antonina jogasse com o guardar segredos e o revelá-los — uma só substância, como a água, que apenas assumia formas diferentes.

## Capítulo 30

1943

Durante o verão, o carnaval dos borrachudos, nuvens de insetos atormentaram o jardim zoológico, como de praxe, e qualquer pessoa que saísse depois do crepúsculo usava mangas e calças compridas, apesar do calor. Dentro do casarão, o coelho Wicek, em busca de alguma coisa comestível, ouviu um barulho esganiçado e saltitou até a cozinha, onde achou o frangote Kuba comendo. Durante o jantar, às vezes Kuba passeava pela mesa, catando migalhas, enquanto Wicek observava à distância, até que, com um grande salto, de repente aparecia ao lado de um pedaço de pão ou uma tigela de batatas e começava a chiar, para susto do frango e grande diversão dos humanos.

Sempre que Ryś ficava acordado depois do toque de recolher, à espera de que o pai voltasse para casa, o coelho e o frango empoleiravam-se na beirada de seu edredom e o acompanhavam na vigília. De acordo com Antonina, ao som da campainha, todos três se agitavam e ficavam escutando os passos de Jan na escada do corredor, que produziam um som oco, porque a escada de madeira ficava bem acima dos degraus que levavam da cozinha ao porão, e o espaço soava como um tambor abafado.

Ryś examinava o rosto do pai, em busca de sinais de cansaço ou preocupação, e às vezes as mãos frias de Jan desembulhavam alguma comida comprada com cupons de alimentação, ou ele voltava com uma história empolgante, ou tirava outro bicho de sua mochila mágica. Depois que Ryś adormecia, Jan descia em silêncio para o térreo, enquanto o coelho pulava da cama e o frango escorregava do edredom, e os dois animais o seguiam até a mesa da sala de jantar para sua refeição da noite. Segundo Antonina, o coelho pulava inevitavelmente no colo de Jan e o frango escalava seu braço até o pescoço, onde se aninhava na gola do paletó e dormia; e, mesmo quando Antonina retirava os pratos de Jan e os substituíam por papéis e livros, os animais se recusavam a deixar o calor do regaço e da gola.

VARSOVIA SUPORTOU UM INVERNO DE FRIO brutal em 1943. Ryś pegou uma gripe forte, que se agravou numa pneumonia, e passou semanas hospitalizado, recuperando-se sem a ajuda de antibióticos pesados. A penicilina só foi descoberta em 1939, numa Grã-Bretanha então em preparativos para a guerra, e o país não podia dispensar cientistas para buscarem o tipo mais fecundo de bolor para fazer testes em seres humanos. Em 9 de julho de 1941, porém, Howard Florey e Norman Heatley voaram para os Estados Unidos num avião com as janelas escurecidas, levando uma caixinha de penicilina de valor inestimável, e foram para um laboratório em Peoria, no estado de Illinois, onde estudaram bolores exuberantes do mundo inteiro, apenas para descobrir que uma cepa de penicilina de um melão-cantalupo mofado de um mercado de Peoria, quando submersa num tanque fundo e deixada para fermentar, produzia dez vezes mais penicilina do que bolores rivais. Os testes necessários finalmente comprovaram o valor da droga como o melhor agente antibacteriano da época, mas os soldados feridos só começaram a recebê-lo no Dia D (6 de junho de 1944), e os civis e animais, só depois de terminada a guerra.

Quando Rys finalmente voltou para casa, o gelo e a neve já tinham começado a derreter no jardim primaveril, e ele pôde ajudar a capinar, revolver a terra e plantar, com Wicek (cuja pelagem passara de negra a cinza-prateada no inverno) pulando a seu lado, passo a passo, como um cão bem adestrado. O frango, já quase adulto, bicava o solo recém-revolvido, catando minhocas rosadas e gordas, e Antonina notou que as galinhas *de verdade*, as que se empoleiravam no galinheiro, tratavam Kuba como um forasteiro e o bicavam furiosamente. Mas Wicek o deixava subir em seu dorso e se aninhar bem fundo, e muitas vezes ela os via saltitando juntos pelo jardim, cavaleiro e corcel.

Antes da guerra, o jardim zoológico ondulava de uma paisagem para outra — montanhas, vales, açudes, lagos, tanques e bosques —, dependendo das necessidades de seus animais e da imaginação de Jan como diretor. No entanto, agora que o zoo ficara subordinado ao Departamento de Parques e Jardins de Varsóvia, Jan era subalterno de um burocrata que imaginava uma pululação contínua de gramados, com cada bosque, sebe ou obelisco ecoando os demais, conforme seu projeto. Para isso, ele precisava do parque Praski e, em especial, dos grandes relvados e do arboreto do zoo.

Na primavera, o diretor Müller, do Jardim Zoológico de Königsberg, ao tomar conhecimento de que o Zoológico de Varsóvia fora destruído, ofereceu-se para comprar todas as jaulas utilizáveis. Seu zoológico, embora consideravelmente menor que o de Jan, aninhava-se numa cidade fortificada, fundada por cavaleiros teutônicos e tida como inexpugnável. No final da guerra, Churchill tomaria Königsberg como alvo de um dos controvertidos “ataques terroristas” da RAF e acabaria por destruir a maior parte da cidade (inclusive o zoo), que finalmente se renderia ao Exército Vermelho em 9 de abril de 1945, tornando-se então conhecida como Kaliningrado.

Em 1943, entretanto, como o autocoroado “Pai de Varsóvia”, Danglu Leist, o presidente alemão, não queria que sua cidade fosse ofuscada por outra menor, e decidiu que Varsóvia deveria voltar a ter seu jardim zoológico. Antonina descreveu Jan como “extasiado” quando Leist lhe solicitou que submetesse um orçamento para o renascimento do zoo, assinalando que, mesmo com os animais desaparecidos, as construções destruídas e o equipamento dilapidado, o zoológico ainda prosperava no coração e nas fantasias de Jan. “À maneira da fênix”, pensou ela, o zoológico, a carreira de Jan e sua paixão por cuidar de animais poderiam finalmente voltar a florescer, e seu trabalho na Resistência só poderia beneficiar-se da correria da vida cotidiana de um zoo em funcionamento, com seu mosaico móvel de visitantes, animais e trabalhadores, em meio ao qual as aventuras do casarão poderiam tornar-se menos visíveis. O zoológico restaurado daria vida a todos os contornos do cotidiano dos Żabiński; seria perfeito. Perfeito demais, achou Jan. E começou imediatamente a analisar o plano em busca de falhas, acima de tudo a de que os poloneses vinham “boicotando todas as atividades de diversão criadas pelo inimigo”. Em condições normais, o zoológico oferecia um manancial de pesquisas e projetos, mas, temendo a intelectualidade polonesa, os nazistas só haviam permitido que permanecessem abertas as escolas primárias; todas as escolas secundárias e universidades tinham sido banidas. Abolido o papel de ensino do zoológico, ele só poderia oferecer uma pequena galeria de animais, e, com a escassez de alimentos e os mercados da cidade vazios, como poderia a instituição justificar a alimentação dos animais? Além disso, um jardim zoológico poderia prejudicar a economia da cidade, ponderou Jan, ou expô-la ao perigo, se ele não o dirigisse de acordo com os ditames alemães. Embora esses problemas parecessem insuperáveis, Antonina admirou a abnegação de Jan, a qual julgou mostrar “caráter, bravura e uma mentalidade realista”.

— É difícil dizer o que seria melhor para a cidade ou para o zoológico — disse Jan a Julian Kulski, o vice-presidente polonês de Varsóvia. — E se, daqui a cinquenta ou cem anos, alguém lesse uma história do Jardim Zoológico de Varsóvia, recriado pelos alemães para seu prazer, apesar de haver esgotado os recursos da cidade? Será que o senhor gostaria dessa nota de rodapé em sua biografia?

— Convivo diariamente com esse tipo de dilema — resmungou Kulski. — Juro que nunca teria aceitado este cargo, se toda a população de Varsóvia tivesse sido morta em 1939 e se os alemães houvessem repovoado a cidade com gente de fora. Só estou fazendo isso para servir a meu povo.

Nos dois dias seguintes, Jan redigiu cuidadosamente uma carta para Leist, na qual elogiou sua decisão de reabrir o zoológico e anexou um orçamento colossal para os recursos básicos de que a instituição precisaria. Leist não se deu ao trabalho de responder, nem Jan esperava uma resposta, mas ele também não esperava o que aconteceu depois.

De alguma forma, o diretor do Departamento de Parques e Jardins soube do proposto renascimento do zoo, que destruiria seu projeto de parques unificados, e assim, para frustrar Jan, mandou dizer aos alemães que os serviços do dr. Żabiński já não eram necessários e que seu cargo deveria ser eliminado.

Antonina não atribuiu isso a uma “antipatia ou vingança”, mas à “ideia fixa” desse diretor de deixar sua marca nos parques varsóvianos. Ainda assim, era uma medida que ameaçava Jan e seus familiares, porque qualquer pessoa *não necessária* para um empregador alemão perdia seus documentos de trabalho, o que a tornava passível de deportação para a Alemanha, para trabalhar nas fábricas de munição. Visto que o casarão pertencia ao zoológico, os Żabiński poderiam facilmente perder sua casa, muitas *melinas* e o pequeno salário de Jan. Nesse caso, o que aconteceria com os Hóspedes?

Kulski adulterou a queixa contra Jan antes que os alemães pudessem lê-la e, em vez de perder o emprego, ele foi transferido para o Museu Pedagógico, na rua Jeżuicka, um pequeno enclave

sonolento que tinha apenas um diretor idoso, uma secretária e alguns guardas, e que raramente era incomodado pelos alemães. Jan disse que seu cargo consistia sobretudo em tirar a poeira de antigos equipamentos de educação física e em preservar cartazes zoológicos e botânicos emprestados às escolas antes da guerra. Isso lhe deixou mais tempo para arquitetar planos com a Resistência e lecionar biologia na “universidade volante”. Jan também conservou um emprego de meio expediente no Departamento de Saúde, de modo que, entre um e outro, Antonina e Ryś sabiam que ele desaparecia todas as manhãs, para enfrentar sabe-se lá que riscos, e reaparecia na obscura terra de ninguém que antecedia o toque de recolher. Apesar de Antonina não saber exatamente o que ele fazia, sua imagem mental de Jan tinha um halo de perigo e perda potencial, e ela procurava banir as imagens mentais, naturalmente surgidas, em que ele era capturado ou morto. “Mas eu me preocupava com a segurança dele o dia inteiro”, confessou.

Além de montar bombas, descarrilar trens e envenenar sanduíches de carne de porco destinados à cantina dos alemães, Jan continuou a trabalhar com uma equipe de construção que criava *bunkers* e esconderijos. O Zegota também alugava cinco apartamentos apenas para refugiados, que tinham de ser regularmente supridos de mantimentos e deslocados de um local seguro para outro.

Oficialmente, como verdades enunciadas, Antonina conhecia poucas das atividades de Jan; ele raramente lhes falava delas, e a mulher raramente lhe pedia que confirmasse aquilo de que suspeitava. Antonina julgava essencial *não* saber demais sobre as atividades de guerra, os companheiros ou os planos do marido. Caso contrário, a preocupação poluiria seu humor o dia inteiro e interferiria em suas responsabilidades, igualmente vitais. Como muitas pessoas dependiam dela para seu sustento e sanidade, ela fazia consigo mesma “uma espécie de jogo de esconde-esconde”, como escreveu,  *fingindo* não saber, enquanto a vida obscura do marido pairava em torno das bordas de sua consciência. “Quando as pessoas estão constantemente no limiar entre a vida e a morte, é melhor saber o mínimo possível”, dizia a si mesma. Mas, sem ter exatamente essa intenção, elas continuavam propensas a evocar cenários assustadores, seu *páthos* ou sua salvação, como se fosse possível suportar um trauma antes de ele ocorrer, em pequenas doses toleráveis, como uma espécie de vacina. Haveria graus homeopáticos de angústia? Com truques mentais, Antonina meio que se tapeava o bastante para aguentar anos de pavor e tumulto, mas havia uma diferença entre não saber e optar por não saber o que se sabia, mas que se preferia não enfrentar. Ela e Jan continuaram a carregar sempre consigo uma pequena dose de cianureto.

Um dia, quando ligaram do escritório do governador convocando Jan, todos os ocupantes do casarão presumiram que ele seria preso e, à medida que o pânico tomou conta da casa, aconselharam-no a fugir enquanto podia. “Mas, nesse caso, quem vai proteger e sustentar todos?”, perguntara ele a Antonina, sabendo que os condenaria à morte.

Na manhã seguinte, quando ele ia saindo para o escritório do governador, depois das despedidas, Antonina murmurou o indizível: “Você está com seu cianureto?”

A reunião fora marcada para as nove horas da manhã, e Antonina jurou ter sentido a passagem lenta dos segundos, enquanto cumpria como de praxe a execução das tarefas domésticas. Por volta das duas da tarde, quando colocava batatas descascadas numa panela, ela ouviu uma voz murmurar “Punia”, ergueu os olhos, com o coração na boca, e viu Jan parado bem em frente a ela, diante da janela aberta da cozinha. Ele sorria.

— Sabe o que eles queriam? — perguntou-lhe. — Você nem vai acreditar. Quando cheguei ao escritório do governador, fui levado de carro a Konstancin, a residência particular do governador Fischer. Aparentemente, seus guardas tinham descoberto cobras em volta da casa e nos bosques vizinhos, e ficaram com medo de que membros da Resistência tivessem jogado uma porção de víboras por lá, para acabar com o governo alemão! O Leist lhes disse para entrarem em contato comigo, como a única pessoa que entendia de cobras. Bem, *provei* que elas não eram venenosas, pegando as cobras com a mão! — relatou. Depois, acrescentou em tom sombrio: — Por sorte, desta vez não precisei do cianureto.

Uma tarde, antes de sair para trabalhar, Jan pôs duas pistolas na mochila e as cobriu com um coelho recém-abatido. Quando descia do bonde no ponto do Círculo dos Veteranos, de repente se deparou com dois soldados alemães, um dos quais gritou “Mãos ao alto!” e lhe ordenou que abrisse a mochila para inspeção.

“Estou perdido”, pensou Jan. Com uma desenvoltura desconcertante, sorriu e perguntou:

— Como posso abrir a mochila com as mãos para o alto? É melhor você mesmo verificar.

Um dos soldados remexeu um pouco na mochila e viu a carcaça.

— Ah, um coelho! Para o jantar de amanhã, talvez?

— Sim. Temos que comer *alguma coisa* — respondeu Jan, ainda sorrindo.

O alemão disse que ele podia abaixar os braços e, com um “*Also, gehen Sie nach Hause!*”,<sup>7</sup> mandou-o seguir seu caminho.

Antonina escreveu que, ao ouvir Jan relatar essa escapada por um triz, as veias de sua cabeça pulsaram com tanta força, que ela sentiu o couro cabeludo se mexer. O fato de Jan parecer divertir-

se ao lhe contar a história, brincando “com o que poderia ter sido uma tragédia, transtornou-me ainda mais”.

Anos depois, Jan confessou a um jornalista que achava esses riscos atraentes e excitantes, e que sentia um orgulho militar de se livrar do medo e pensar depressa em situações de apuro. “Frio”, era assim que Antonina o descrevia, em tom elogioso. Esse traço da personalidade do marido, tão diferente da dela, parecia-lhe admirável, estranho e também humilhante, já que ela não conseguia se equiparar a seus atos de bravura. Antonina também passou por situações de perigo das quais se livrou por um triz, mas, enquanto classificava as de Jan como heroicas, via as suas como mera sorte.

No inverno de 1944, por exemplo, quando as tubulações de gás da cidade não estavam funcionando bem e não havia água quente no banheiro do segundo andar do casarão, Antonina, grávida, ansiou pelo luxo carnal de um banho fumegante. Num impulso, telefonou para Marysia e Mikołaj Gutowski, primos de Jan que moravam em Żoliborz, logo ao norte do centro da cidade, um bonito bairro à margem esquerda do Vístula que antes pertencera a monges, os quais lhe tinham dado o nome de Jolie Bord (Bela Margem). À menção da água quente, exatamente como Antonina havia esperado, a prima lhe disse que eles a tinham em abundância e a convidou a passar a noite lá. Antonina raramente deixava o casarão sozinho, até mesmo para ir ao açougue, ao mercado ou a outras lojas, mas essa raridade sibarítica a deixou tentada, de modo que, “depois de obter a permissão de Jan”, ela enfrentou a neve funda, os ventos de fevereiro e os soldados alemães, e foi para a casa dos primos num fim de tarde.

Depois de um banho prolongado, reuniu-se com eles na sala de jantar, “lindamente decorada com móveis e objetos elegantes”. Uma luz cintilante chamou-lhe a atenção: uma coleção emoldurada de minúsculas colheres de chá prateava uma parede, cada uma decorada com o emblema de uma cidade alemã diferente — suvenires baratos que os Gutowski tinham colecionado em viagens feitas antes da guerra. Terminado o jantar, Antonina foi para o quarto de hóspedes e adormeceu, mas acordou às quatro horas da madrugada com o ronco de motores de caminhão bem em frente à casa, e ouviu Marysia e Mikołaj correndo para a janela da frente. Seguiu-os e ficou parada no escuro, observando os caminhões com tetos de lona impermeável estacionados na praça Tucholski, cercados por uma grande multidão e pela polícia alemã, enquanto chegavam mais caminhões. Antonina escreveu que, ao ver os soldados enchendo-os de reféns destinados aos campos de concentração, torceu ansiosamente para que a despachassem também. Decididos a não se envolver, ela e os primos voltaram a se deitar, mas, logo em seguida, batidas fortes na porta fizeram Mikołaj descer, ainda de pijama, e Antonina se preocupou com o que sua família faria sem sua ajuda. De repente, soldados alemães postaram-se no vestibulo e lhe pediram seus documentos.

Apontando para ela, um soldado perguntou a Mikołaj:

— Por que essa mulher não está registrada aqui?

— Ela é minha sobrinha, esposa do diretor do jardim zoológico — explicou ele, em alemão fluente.

— Só veio dormir aqui porque o banheiro da casa deles está com defeito; ela veio tomar um banho e passar a noite, só isso. Está escuro e escorregadio lá fora, e não é uma boa hora para uma grávida andar na rua sozinha.

Continuando a inspecionar a casa, os soldados se deslocaram devagar de um cômodo elegantemente mobiliado para outro, trocando sorrisos de prazer.

— *So gemütlich*<sup>8</sup> — disse um deles, usando um termo que expressava uma animação prazerosa. — No nosso país, os bombardeios aéreos destruíram nossas casas.

Antonina anotou, mais tarde, que bem podia imaginar a tristeza dele. Em março, bombardeiros norte-americanos haviam despejado duas mil toneladas de bombas em Berlim e, em abril, milhares de aviões haviam combatido sobre cidades alemãs anteriormente lindas. Os soldados tinham muita *Gemütlichkeit*<sup>9</sup> por que ansiar, embora o pior ainda estivesse por vir. No fim da guerra, os Aliados fariam um bombardeio concentrado sobre as cidades alemãs, inclusive Dresden, uma sede histórica do humanismo e do esplendor arquitetônico.

Antonina ficou de lado e observou em silêncio os rostos deles, em busca de sinais de encrenca, enquanto os soldados entraram na sala de jantar, onde um dos homens avistou o desfile de colheres comemorativas alemãs na parede. Parou, chegou mais perto e seu rosto se iluminou com uma surpresa encantada, e ele chamou a atenção do colega para as fileiras de colheres perfeitamente dispostas, cada qual celebrando uma cidade diferente. Em tom cortês, o soldado disse:

— Obrigado, está tudo bem por aqui, terminamos nossa inspeção. Adeus!

E todos se foram.

Mais tarde, pensando nesses acontecimentos, Antonina depreendeu que tudo que a salvara tinham sido aqueles suvenires sentimentais e a ideia de que alguém da casa tinha raízes alemãs. O impulso de Marysia de comprar suvenires alemães e exibi-los como arte folclórica os havia poupado da detenção, dos interrogatórios e talvez da morte. Apesar de tudo que optava por não ver, Antonina ainda guardava segredos valiosos (pessoas, locais, contatos), e o mesmo fazia Mikołaj, um engenheiro católico que, com a ajuda do Zegota, às vezes escondia judeus.

Por fim, todos foram se deitar e, na manhã seguinte, Antonina voltou para casa, onde os Hóspedes lhe asseguraram que, se ela e Jan podiam escapar por um triz com tanta frequência, é porque deviam viver “sob a influência de uma estrela benfazeja”, e não só de uma estrela louca.

Ao chegar a primavera, o zoológico em hibernação começou a palpitar de vida, as árvores desdobraram folhas novas, o solo se amaciou e chegaram muitos residentes urbanos, com ferramentas de jardinagem na mão, para trabalhar em suas pequenas hortas. Os Żabiński ofereceram refúgio a Hóspedes ainda mais desesperados, que se juntaram ao casarão no porão e em armários, ou se esgueiraram para dentro de pequenos galpões e jaulas. Sua falta de bens materiais, fotografias e relíquias de família entristeceu imensamente Antonina, que os descreveu em seu diário como “pessoas despojadas de tudo, exceto sua vida”.

Em junho, Antonina reafirmou o otimismo inelutável da vida, dando à luz uma menina chamada Teresa, que roubou a cena, apesar do cabo de guerra global. Ryś ficou fascinado com a recém-nascida, e Antonina escreveu ter-se imaginado de novo num conto de fadas sobre uma princesinha (a princesa Teresa, da casa real dos Jablonowski, nascera em 1910) para quem chegavam presentes todos os dias. Um berço de reluzente vime dourado, uma colcha de retalhos feita à mão, chapéus, suéteres e meias de tricô, numa época em que a lã era difícil de encontrar, tudo isso parecia um conjunto de “tesouros de valor inestimável, carregados de mágicos feitiços protetores”. Uma amiga muito pobre havia até bordado fraldas de pano com minúsculos desenhos de pérolas. Antonina apaixonou-se por esses símbolos, retirando-os do papel fino, tocando-os e admirando-os, para depois arrumá-los sobre sua colcha como se fossem ícones. Os casais procuravam não ter filhos durante a guerra, dadas as incertezas da vida, e esse bebê saudável representou um bom augúrio numa cultura das mais supersticiosas, especialmente no tocante à gravidez.

De acordo com o folclore polonês, por exemplo, as grávidas não se atreviam a olhar para aleijados, caso contrário, o bebê também poderia ficar aleijado. Olhar para o fogo durante a gravidez supostamente causava marcas de nascença vermelhas, e olhar por uma fechadura condenava o bebê ao estrabismo. Se uma grávida pisasse numa corda no chão ou passasse embaixo de um varal, o cordão umbilical se enrolaria na hora do parto. As futuras mães só deviam contemplar paisagens, pessoas e objetos bonitos, e poderiam produzir filhos felizes e sociáveis se cantassem e falassem muito. O desejo de alimentos azedos prenunciava um menino, o de doces, uma menina. Se possível, a mulher devia dar à luz num dia da semana e num horário de sorte, para garantir uma vida sempre afortunada, ao passo que um dia sinistro traria mau agouro. Embora a Virgem Maria abençoasse o sábado, quando qualquer recém-nascido escapava automaticamente do mal, as crianças nascidas no domingo poderiam desenvolver-se como místicos e videntes. Havia rituais supersticiosos para acompanhar o corte e o ressecamento do cordão umbilical guardado, o primeiro banho, o primeiro corte de cabelo, a primeira amamentação e assim por diante. Por assinalar o fim da primeira infância, o desmame tinha uma importância especial:

*As mulheres do interior tinham períodos específicos em que o desmame deveria ocorrer. Primeiro, ele não era feito na época em que os pássaros voavam para longe do inverno, por medo de que a criança crescesse rebelde e corresse para a floresta e os bosques. Se o desmame ocorresse na época em que as folhas caíam, a criança ficaria careca precocemente. Não se desmamava um filho durante a época da colheita, quando os grãos eram cuidadosamente escondidos, para que ele não se tornasse um indivíduo muito fechado.*

— Polish Customs, Traditions, and Folklore

Além disso, a gravidez deveria ser ocultada pelo maior tempo possível, e não divulgada, nem mesmo pelo marido, para que vizinhos invejosos não pusessem mau-olhado no bebê. Na época de Antonina, o mau-olhado, nascido da inveja para azedar e cobiçar a sorte, preocupava muitos poloneses, que acreditavam que os acontecimentos felizes atraíam o mal e que elogiar um recém-nascido lançava um feitiço ruim. “Que menino lindo!” tornava-se uma frase tão venenosa que, à guisa de antídoto, a mãe tinha que objetar com “Ah, é uma criança *muito* feia!”, e depois cuspir de nojo. Seguindo uma lógica similar, quando uma menina menstruava pela primeira vez, era costume a mãe esbofeteá-la. A eliminação do azar competia principalmente às mães, que salvavam seus filhos abrindo mão das demonstrações de felicidade e orgulho, e assim sacrificavam o que valorizavam muito pelo que mais valorizavam, porque, no momento em que uma pessoa amava alguém, esse outro tornava-se passível de perda. Enquanto, para os católicos, Satanás e seus asseclas estavam sempre no ar, os judeus também passavam por um “corredor polonês” diário de demônios, o mais conhecido dos quais talvez seja o *dybbuk*, com seu jeito de zumbi — o espírito de alguém que morreu e que volta para assombrar o corpo de uma pessoa viva.

No dia 10 de julho, Antonina finalmente levantou da cama, para comemorar o nascimento de Teresa com uma festinha de batismo. Tradicionalmente, serviam-se tranças de pão e também queijo nessa ocasião, para dissipar as forças maléficas. E lá vieram as carnes em conserva recheadas de toucinho, feitas das carcaças das gralhas que os alemães haviam abatido a tiros no inverno anterior. O Homem das Raposas preparou *waffles*, enquanto Maurycy aprontou uma bebida tradicional de vodca adocicada com mel, chamada *pepkowa* (umbigo). É claro que, aos olhos de Maurycy, a ocasião exigia a presença de seu *hamster*, de modo que Piotr participou da mesa e começou a catar côdeas de pão, como de hábito, verificando com cuidado todos os pratos e copos, levantando a cabeça e

farejando tudo, com seus bigodes trêmulos, até finalmente descobrir a fonte de um novo aroma que se elevava docemente dos copos vazios da bebida. Levantando entre as patinhas uma taça com a fragrância do mel, Piotr lambeu-a com prazer, depois foi para os outros copos e sorveu as sobras até ficar embriagado, o que fez os convivas darem risadas. Mas ele pagou caro pela bebedeira: na manhã seguinte, Maurycy encontrou seu companheiro caído no chão da gaiola, rígido e sem vida.



## Notas

<sup>7</sup> "Então, vá para casa." (N.T.)

<sup>8</sup> "Muito confortável" ou "muito aconchegante". (N.T.)

<sup>9</sup> Comodidade, aconchego. (N.T.)

## Capítulo 31

1944

Nada tinha mudado no rol de rotinas do casarão, mas havia um novo mal-estar pairando no ar, pensou Antonina, pois todos cuidavam de suas tarefas com um sorriso amistoso, mas tentavam esconder os nervos em frangalhos. As pessoas pareciam “distraídas” e “as conversas tropeçavam, interrompendo as frases no meio de uma palavra”. Em 20 de julho, uma bomba plantada pelo conde von Stauffenberg explodiu na *Wolfschanze* (Toca do Lobo), o quartel-general de Hitler na floresta prussiana, mas Hitler escapou com ferimentos leves, mais nada. Depois disso, aumentou o pânico na população alemã local, e colunas de soldados em retirada começaram a fluir por Varsóvia, explodindo prédios em sua fuga para o oeste. Os integrantes da Gestapo queimaram seus arquivos, expurgaram depósitos e despacharam pertences pessoais de volta para a Alemanha. O governador, o prefeito e outras autoridades alemãs fugiram em qualquer caminhão ou carroça que estivesse à mão, deixando para trás apenas uma guarnição de dois mil soldados. À medida que os alemães se retiravam às pressas, criando um vazio, muitos poloneses entraram correndo de vilarejos vizinhos, com medo de que os soldados que estavam para chegar saqueassem suas casas ou fazendas.

Convencido de que o Levante começaria a qualquer momento, Jan teve certeza de que levaria apenas alguns dias, no máximo, para que os 350 mil homens do Exército Nacional derrotassem os alemães restantes. Em tese, uma vez capturadas as pontes pelos poloneses, os batalhões dos dois lados do rio Vístula poderiam juntar forças e criar um único exército poderoso para libertar a cidade.

Em 27 de julho, quando as tropas russas chegaram ao Vístula, 105 quilômetros ao sul de Varsóvia (Antonina disse que chegou a ouvir o som dos canhões), o governador alemão Hans Frank convocou cem mil homens poloneses, entre 17 e 65 anos de idade, para trabalharem nove horas por dia construindo fortificações ao redor da cidade, se não quisessem ser fuzilados. O Exército Nacional exortou todos a ignorarem a ordem de Frank e começarem a se preparar para a batalha — uma convocação às armas que foi ecoada no dia seguinte pelos russos, que se aproximavam ainda mais e transmitiram pelo rádio, em polonês, a mensagem “Chegou a hora da ação!”. No dia 3 de agosto, quando o Exército Vermelho acampou a dezesseis quilômetros da área da margem direita que incluía o jardim zoológico, a vida ficou ainda mais tensa no casarão, e as pessoas começaram a perguntar: “Quando terá início o Levante?”

Houve uma mudança abrupta nas *dramatis personae* do zoológico. A maioria dos Hóspedes já partira para se juntar ao Exército, ou fugira para *melinas* mais seguras: o Homem das Raposas planejava mudar-se para uma fazenda perto de Grójec; Maurycy fora ao encontro de Magdalena em Saska Kępa; e, embora o advogado e sua mulher tivessem fugido para o outro lado de Varsóvia, suas duas filhas, Nunia e Ewa, decidiram ficar no casarão, porque, se acontecesse alguma coisa com Antonina, insistiram, a neném recém-nascida, Teresa, Ryś, a mãe de Jan, de setenta anos, e a empregada teriam que cuidar de tudo sozinhos, o que não seria viável. Apesar de os soldados terem começado a evacuar os civis das terras mais próximas do rio, Jan tinha esperança de que sua família pudesse permanecer no zoológico, pois era imprescindível que os soldados poloneses vencessem rapidamente o Levante, e porque o esforço de uma viagem poderia matar o bebê ou a mãe idosa de Jan. Em seu depoimento no Instituto Judaico, ele lembrou que, às sete horas da manhã de 1º de

agosto, chegou uma menina para convocá-lo para a batalha. Deve ter sido alguém como a mensageira do Exército Nacional Halina Dobrowolska (durante a guerra, Halina Korabiowska), que conheci numa tarde ensolarada de verão em Varsóvia. Agora uma senhora cheia de vida, na casa dos oitenta anos, ela era adolescente durante a guerra, e se lembrou do dia em que foi despachada de bicicleta e bonde numa jornada longa e perigosa aos subúrbios, para convocar os combatentes e avisar às famílias que o Levante estava prestes a começar. Ela precisava pegar um bonde e finalmente encontrou um, mas o motorneiro se preparava para ir embora, porque a maioria dos varsovianos já tinha abandonado o emprego e corrido para casa a fim de se preparar para a batalha. Prevendo justamente esse tipo de problema, a Resistência dera a Halina dólares norte-americanos, os quais o motorneiro aceitou, conduzindo-a nervosamente a seu destino.

Jan subiu correndo para o quarto onde Antonina dormia com Teresa e lhe contou a novidade.

— Ontem você teve uma informação diferente! — disse ela, ansiosa.

— Também não compreendo o que está havendo, mas tenho que ir lá fora descobrir.

Stefan Korboński, um amigo deles que também foi surpreendido pelo momento do Levante e não recebeu nenhum aviso, captou um pouco do fervor e da pressa das ruas do centro da cidade nesse dia:

*Os bondes estavam repletos de garotos. (...) Nas calçadas, duplas e trios de mulheres andavam com passo firme e visível pressa, carregando bolsas pesadas e trouxas. “Estão transportando armas para os pontos de encontro”, murmurei para mim mesmo. Uma fileira de bicicletas fluía pela rua. Garotos de botas de cano alto e agasalho pedalavam com toda a força das pernas. (...) Aqui e ali, via-se um alemão de uniforme ou uma patrulha alemã, seguindo seu caminho como se não vissem nada nem soubessem o que estava acontecendo a seu redor. (...) Passei por muitos homens de ar grave e deliberado, que se precipitavam em todas as direções e trocavam comigo olhares cheios de entendimento tácito.*

Quatro horas depois, Jan voltou ao casarão para se despedir de Antonina e de sua mãe, explicando que o Levante começaria a qualquer momento. Entregou a Antonina uma marmita de metal e disse:

— Há um revólver carregado aqui dentro, para o caso de aparecerem soldados alemães...

Antonina enregelou-se. “Fiquei paralisada”, escreveu, e disse a Jan:

— Soldados alemães? No que você está pensando? Esqueceu-se do que acreditávamos há poucos dias, que o exército da Resistência venceria? Você não acredita mais nisso!

Jan respondeu, em tom sombrio:

— Olhe, há uma semana, tínhamos uma boa chance de vencer essa batalha. Agora é tarde demais. Não é o momento certo para o Levante. Deveríamos esperar. Há 24 horas, nossos comandantes também pensavam assim, mas, ontem à noite, de repente mudaram de ideia. Esse tipo de indecisão pode levar a consequências muito ruins.

Jan não sabia que os russos, os supostos aliados, tinham seus próprios planos vorazes, e que Stalin, a quem fora prometido um pedaço da Polônia depois da guerra, queria que tanto os alemães quanto os poloneses fossem derrotados. Entrementes, recusou-se a permitir que os aviões dos Aliados que se dirigiam à Polônia pousassem em aeroportos russos.

“Dei um abraço apertado em Jan, comprimindo o rosto no dele”, rememorou Antonina. “Ele beijou meu cabelo, olhou para a neném e desceu correndo. Meu coração batia enlouquecido!” Ela escondeu a marmita com o revólver embaixo da cama e foi ver a mãe de Jan, a qual encontrou sentada numa poltrona, rezando o seu rosário, “com o rosto banhado em lágrimas”.

A mãe de Jan deve ter seguido o costume de fazer rapidamente o sinal da cruz na testa e pedir à Virgem que abençoasse a viagem de seu filho. Nossa Senhora do Exército Nacional (a Virgem Maria) foi a santa padroeira dos soldados durante o Levante, quando era possível encontrar altares erguidos às pressas para ela na cidade e santuários pelas estradas (a Polônia ainda tem muitos deles hoje em dia). Os soldados e suas famílias também rezavam para Jesus Cristo e, muitas vezes, levavam na carteira um santinho com a imagem de Cristo e a inscrição *Jezu, ufam tobie* (Jesus, confiamos em ti).

Não sabemos o que Antonina fez para afrouxar as tenazes da insegurança, mas, certa vez, Jan informou a um jornalista que ela fora criada como católica fervorosa e, visto que mandou batizar os dois filhos e sempre usava uma medalha no pescoço, o mais provável é que tenha rezado. Durante a guerra, quando todas as esperanças tinham evaporado e restavam apenas os milagres, até pessoas não religiosas recorriam comumente à oração. Alguns Hóspedes usavam a cartomancia para ajudar a levantar o moral, mas, como homem da razão autoproclamado e filho de um pai francamente ateu, Jan reprovava a superstição e a religião, o que significa que talvez Antonina e a mãe dele, devotamente católica, tenham guardado alguns segredos domésticos próprios.

Enquanto os aviões faziam voos baixos, metralhando a cidade, Antonina tentou adivinhar o que estaria acontecendo do outro lado do Vístula, e por fim subiu ao terraço, de onde vasculhou a crepitação luminosa dos tiros na margem oposta, interpretando cada disparo como um indício. Os

tiros soavam “separados, pessoais”, anotou ela, não como os ecos sucessivos de uma grande batalha militar.

Cabia a Antonina a liderança do pequeno feudo do jardim zoológico, percebeu ela, o qual incluía Ryś, Teresa, então com quatro semanas, as meninas Nunia e Eva, sua sogra, a empregada, o Homem das Raposas e seus dois ajudantes. O “fardo pesado de ser responsável pela vida de outras pessoas” sobrecarregou-lhe o corpo e invadiu sua mente como uma obsessão:

*A gravidade da situação não me deixava relaxar por um minuto. Querendo ou não, eu tinha que assumir a liderança de nossa casa (...), ficar sempre alerta, como me haviam ensinado em meus anos de bandeirante. E eu sabia que Jan tinha deveres muito mais difíceis. Tive a viva sensação de ser responsável por cuidar de tudo em casa, e carreguei obsessivamente essa ideia. (...) Era algo que eu simplesmente sabia que tinha de fazer.*

O sono rendeu-se à guerra e, durante 23 noites, ela se obrigou a permanecer acordada, apavorada com a possibilidade de cochilar e deixar de ouvir algum ruído, por menor que fosse, que indicasse perigo. De certa maneira, esse espírito de guardião não era novidade para Antonina, que se lembrava de como, nos bombardeios de 1939, havia protegido o filho pequeno com o próprio corpo. Era algo que vinha da ferocidade da maternidade, concluiu ela, esse instinto de batalhar, se necessário, para proteger a família.

Embora o campo de batalha ficasse do outro lado do rio, Antonina sentia o cheiro da morte, de enxofre e putrefação nas brisas que vinham do oeste, e ouvia o estrondo implacável dos canhões, dos projéteis e das bombas. Sem notícias nem contato com o resto da cidade, ela imaginou o casarão transformando-se “de arca num barquinho minúsculo no vasto oceano, irremediavelmente à deriva, sem bússola nem leme”, e esperou a queda de uma bomba a qualquer momento.

Postados no terraço, ela e Ryś esticavam o pescoço para ver os tiroteios na margem oposta do rio e adivinhar os acontecimentos. À noite, observavam centelhas luminosas de fogo — tiros isolados, não os ecos rápidos de uma batalha campal — e aviões que sobrevoavam a cidade, gemendo e assobiando, até as primeiras horas da manhã.

“O papai está lutando na pior parte da cidade”, repetia Ryś, apontando para a Cidade Velha. O menino passava horas de sentinela, vasculhando a batalha com os binóculos, procurando a silhueta do pai e se abaixando toda vez que ouvia uma bomba rosnar em sua direção.

Logo em frente à porta do quarto de Antonina, uma escada de metal fixada na parede levava ao telhado plano, e Ryś a subia com frequência, de binóculos na mão. Os alemães posicionados no parque Praski haviam tomado um pequeno parque de diversões perto da ponte, que incluía uma torre para saltos de paraquedas, e dela avistaram Ryś no telhado, espionando-os. Um dia, um soldado passou no casarão para ameaçar Antonina, dizendo que, se tornasse a apanhar Ryś lá em cima, iria fuzilá-lo.

Apesar das noites inquietas e insones e dos sustos diurnos, Antonina confessou ter sentido “arrepios de empolgação” com o Levante, “por ter imaginado esse dia durante os anos longos e macabros da ocupação”, ainda que só pudesse tentar adivinhar os acontecimentos. Na margem oposta do rio, no coração da cidade, a comida e a água eram escassas, mas havia muitos torrões de açúcar e vodca (roubados dos mantimentos alemães) para suprir o Exército Nacional, enquanto ele construía barricadas antitanque com as pedras do calçamento. Dos 38 mil soldados (quatro mil eram mulheres), apenas um quinze avos tinha armas adequadas; os demais usavam porretes, espingardas de caça, facas e espadas, na esperança de capturar armas inimigas.

Como os alemães ainda controlavam a telefonia, um corpo de valentes meninas mensageiras levava recados por toda a cidade, tal como tinha feito em segredo durante a ocupação. Quando Halina Korabiowska retornou a Varsóvia, rumou para o centro da cidade para ajudar a transmitir mensagens, montar cozinhas e hospitais de campanha e abastecer os combatentes.

— Havia barricadas em toda parte — contou-me Halina, com a voz entusiasmada. — No princípio, todos estavam felizes. Às cinco horas da tarde, começou o Levante, e pusemos nossas braçadeiras vermelhas-e-brancas. (...) Nas primeiras semanas do Levante, sobrevivemos com uma refeição por dia, feita de sopa e carne de cavalo, mas, no final, comíamos apenas ervilhas secas, cães, gatos e pássaros.

— Vi uma amiga minha, de quinze anos — continuou Halina —, segurando uma das pontas de uma maca em que havia um soldado ferido. Um avião nos sobrevoou, ela percebeu o medo nos olhos do soldado e se deitou em cima dele, sofrendo um grave ferimento no pescoço. Em outro dia, na minha ronda como mensageira, encontrei duas mulheres tirando sacolas pesadas de um edifício. Parei para indagar se precisavam de ajuda, e elas me disseram ter encontrado um suprimento escondido de remédios alemães e também um enorme saco de balas, algumas das quais me ofereceram. Enchi de balas os bolsos e as mangas da jaqueta e saí andando por entre os soldados, com os braços levantados para não deixá-las cair. Toda vez que me deparava com soldados, eu esticava os braços e deixava as balas caírem em suas mãos!

Com os alemães em retirada, todos puderam se deslocar e conversar livremente pela primeira vez em anos, os judeus puderam emergir de seus esconderijos, já que as leis racistas tinham evaporado,

e as pessoas hastearam a bandeira polonesa em suas casas, cantaram hinos patrióticos e usaram braçadeiras vermelhas-e-brancas. Feliks Cywiński comandou uma brigada de soldados que incluía Samuel Kenigswein, que chefiou seu próprio batalhão. A vida cultural de Varsóvia, reprimida durante muito tempo, começou a florescer: reabriram-se cinemas, revistas literárias ressurgiram subitamente, concertos brilharam em salas de estar elegantemente mobiliadas. Um serviço gratuito de correio emitiu selos — dirigido por escoteiros que entregavam as cartas de mão em mão. Uma fotografia de arquivo mostra uma caixa postal de metal decorada com uma águia e um lírio, para expressar que os escoteiros mais jovens arriscavam a vida para entregar a correspondência.

Quando a notícia do Levante chegou a Hitler, ele ordenou que Himmler enviasse seus soldados mais brutais, matasse todos os poloneses e pulverizasse a cidade inteira, quarteirão por quarteirão, bombardeando, incendiando e nivelando-a até deixá-la irrecuperável, como um aviso para o restante da Europa ocupada. Para essa tarefa, Himmler escolheu as unidades mais selvagens das SS, compostas de criminosos, policiais e ex-prisioneiros de guerra. No quinto dia do Levante, que ficou conhecido como “Sábado Negro”, os soldados das SS e da Wehrmacht de Himmler, endurecidos na batalha, entraram de assalto na cidade, trucidando trinta mil homens, mulheres e crianças. No dia seguinte, enquanto esquadrilhas de caças de mergulho *Stuka* bombardeavam Varsóvia — em filmes de arquivo, podemos ouvi-los zumbindo como mosquitos gigantes —, os poloneses, mal equipados e quase todos sem treinamento, lutaram ferozmente, enviaram mensagens a Londres por rádio, pedindo que fossem lançados alimentos e suprimentos por aviões, e imploraram aos russos que desferissem um ataque imediato.

Antonina escreveu em seu diário que dois soldados das SS abriram a porta, de revólveres em punho, e gritaram:

— *Alles rrrraus!*<sup>10</sup>

Apavorados, ela e os outros saíram da casa e aguardaram no jardim, sem saber o que esperar, mas temendo o pior.

— Mãos ao alto! — berraram os soldados. Antonina notou que seus dedos indicadores estavam colocados no gatilho das armas.

Segurando a neném no colo, ela só pôde levantar uma das mãos, e seu cérebro teve dificuldade “para registrar as frases vulgares e brutais” que eles berravam:

— Vocês vão pagar pela morte dos nossos heroicos soldados alemães que estão sendo trucidados por seus maridos e filhos. Suas crianças — disseram, apontando para Ryś e Teresa — sugam o ódio pelo povo alemão no leite materno. Até aqui, deixamos vocês se comportarem desse jeito, mas já chega! De agora em diante, mataremos mil poloneses por cada alemão morto.

“É o fim, com certeza”, pensou Antonina. Abraçando apertado a neném e com a cabeça em disparada, tentando conceber algum plano, ela sentiu o coração aprisionado nas costelas e as pernas pesadas demais para se mexer. Não foi a primeira vez que ficou literalmente paralisada de medo. Mas, nessa ocasião, mesmo não conseguindo se mexer, ela sabia que tinha que dizer alguma coisa, qualquer coisa, e manter a calma, falar com eles do jeito que costumava acalmar animais enfurecidos e conquistar-lhes a confiança. Sua boca encheu-se de palavras alemãs que ela nem pensava saber, e Antonina começou a falar de tribos antigas e da grandeza da cultura alemã. Enquanto apertava o bebê contra o peito, as palavras iam fluindo de sua boca e, num outro canto da mente, ela se concentrava com todas as forças em enunciar repetidas vezes a mesma ordem: *Acalmem-se! Abaixem as armas! Acalmem-se! Abaixem as armas! Acalmem-se! Abaixem as armas!*

Os alemães continuaram a gritar, o que Antonina não ouviu, e em momento algum abaixaram as armas, porém, num jato de pensamentos produzidos às pressas, ela continuou a falar, enquanto emitia suas ordens silenciosas.

De repente, um soldado olhou para o ajudante de quinze anos do Homem das Raposas e ordenou aos berros que ele fosse para trás do galpão do jardim. O menino começou a andar, seguido pelo outro homem das SS, que enfiou a mão no bolso e sacou um revólver, enquanto os dois desapareciam de vista. Um único disparo.

O outro alemão disse a Ryś:

— Agora é você!

Antonina viu o rosto do filho crispar-se de medo, o sangue esvair-se dele e os lábios se arroxearem. Não podia se mexer e correr o risco de ela e Teresa também serem mortas. Ryś levantou as mãos e começou a andar devagar, feito um robô, “como se a vida já tivesse abandonado seu corpinho”, lembrou-se ela, mais tarde. Olhando o filho até ele desaparecer, Antonina continuou a acompanhá-lo mentalmente: “Agora ele deve estar perto das malvas-rosas”, pensou; “agora está perto da janela do estúdio”. Um segundo tiro. Foi como “uma baioneta enterrada em meu coração... e ouvimos o terceiro tiro... não pude enxergar mais nada; minha visão ficou turva, depois escureceu. Senti-me tão fraca que por pouco não desmaiei”.

— Sente-se no banco — disse-lhe o soldado alemão. — É difícil ficar em pé com uma criança no colo.

No instante seguinte, o mesmo homem gritou:

— Ei, garotos! Tragam esse galo! Tirem ele da moita!

Os dois meninos voltaram correndo dos arbustos, trêmulos de medo. Ryś segurava pela asa seu franguinho morto, Kuba, e Antonina ficou olhando fixo, vendo as gotas grossas de sangue pingarem

dos ferimentos a bala do animal.

— Pregamos uma peça muito engraçada! — disse um dos soldados. Antonina viu os rostos marmóreos dos dois se afrouxarem numa gargalhada, enquanto eles se retiravam do jardim carregando o frango morto, e viu Ryś afastar-se furtivamente, fazendo muita força para não chorar, até que não adiantou e ele foi inundado pelas lágrimas. Que podia fazer uma mãe para consolar um filho, depois disso?

*Cheguei perto dele e sussurrei em seu ouvido: “Você é meu herói, você foi muito valente, meu filho. Agora, por favor me ajude a entrar, porque estou muito fraco.” Talvez a responsabilidade ajudasse a abrandar um pouco as emoções dele. Eu sabia como era difícil Ryś demonstrar seus sentimentos. E, de qualquer modo, precisava que ele me ajudasse a me equilibrar e a segurar a neném, porque minhas pernas tinham mesmo ficado bambas com o choque.*

Mais tarde, quando se acalmou, Antonina tentou diagnosticar a conduta dos soldados das SS — será que eles haviam mesmo pensado em fuzilá-los, ou teria sido, o tempo todo, um jogo doentio de poder e de medo? Eles certamente não sabiam da existência de Kuba, portanto, deviam ter improvisado durante o processo. Antonina não conseguiu decifrar a ternura repentina de um deles, insistindo em que ela se sentasse. Teria mesmo se preocupado com a possibilidade de ela cair, segurando a recém-nascida? “Se assim foi”, pensou ela, “talvez seus corações monstruosos contenham *algum* sentimento humano; e, se é assim, a maldade pura não existe realmente”.

Antonina tivera absoluta certeza de que os tiros haviam matado os meninos, de que Ryś estava caído no chão, com uma bala na cabeça. Nessas horas, o sistema nervoso de uma mãe descarrilha, e, apesar de todos haverem sobrevivido, ela se descobriu afundando numa depressão selvagem, pela qual se censurou duramente em seu diário: “Minha fraqueza me envergonhou”, exatamente na hora em que “eu precisava liderar meu grupinho”.

Nos dias subsequentes, ela também teve dores de cabeça, por causa da barulheira infernal do Exército alemão juntando fileiras de lança-foguetes, morteiros e artilharia pesada nas imediações do zoológico. Seguiram-se as explosões sísmicas das bombas, enquanto projéteis de todas as formas e calibres produziam seu próprio estardalhaço diabólico: assobios, estouros, estalos, pancadas, estrondos, rangidos, trovões. E então vieram as *mimis guinchantes*, uma gíria do Exército (inspirada nas moças francesas de nome Mimi) que designava um tipo de projétil alemão que produzia um ruído estridente em voo; com o tempo, o termo estendeu-se à fadiga de combate causada pela exposição prolongada ao fogo inimigo.

Os alemães também dispararam lança-minas conhecidos como “vacas berrantes”, que uivavam seis vezes seguidas, à medida que as minas se encaixavam na posição, antes de vir a série de seis explosões.

“Jamais esquecerei aquele som, até o fim dos meus dias”, escreveu Jacek Fedorowicz, que tinha sete anos na ocasião do Levante de Varsóvia. “Depois que elas se encaixavam, não havia nada que se pudesse fazer. Se a pessoa ouvia a explosão, isso significava que não tinha sido morta. (...) Eu tinha um bom ouvido para discernir os sons que distribuíam a morte.” Jacek conseguiu escapar com os “restos da fortuna de minha família (...) costurados dentro [do meu ursinho de pelúcia], sob a forma de ‘porquinhos’, ou moedas de ouro de cinco rublos. Afora isso, as únicas coisas que consegui resgatar, depois do Levante, foram um copo e um exemplar de *Dr. Dolittle*”.

Aviões bombardearam os combatentes na Cidade Velha; soldados metralharam cidadãos poloneses nas ruas; turmas de demolição incendiaram e bombardearam construções enormes. O ar se encheu de poeira, fogo e enxofre. Quando escureceu, Antonina ouviu um ribombo ainda mais assustador, vindo da direção da ponte Kierbedź: o ronco de uma gigantesca máquina. Algumas pessoas disseram que os alemães tinham construído um crematório para queimar os corpos dos mortos e proteger Varsóvia da peste, enquanto outros acharam que eles haviam soltado uma imensa arma radioativa. A água do rio refletiu uma luz fluorescente verde-pálido tão brilhante, que Antonina pôde ver pessoas em suas janelas do outro lado do rio, e, depois do pôr do sol, juntou-se ao ribombo do outro mundo o coro invisível de soldados bêbados, que cantaram até alta madrugada.

De acordo com Antonina, ela passou toda essa noite em claro, gelada de medo, consciente dos pequenos fios de cabelo arrepiados em sua nuca. Como depois se soube, a luz estranha foi muito menos sofisticada do que ela imaginara; no parque Praski, os alemães tinham instalado um gerador que alimentava refletores colossais, para ofuscar o inimigo.

Mesmo depois que a batalha se deslocou para fora do bairro do jardim zoológico, soldados o invadiram, decididos a espreitar e saquear. Um dia, apareceu uma gangue de soldados russos “de olhar desvairado”, que começou a vasculhar armários, paredes e pisos em busca de qualquer coisa que pudesse roubar, inclusive molduras de quadros e tapetes. Quando Antonina se aproximou deles e aguentou firme, em silêncio, sentiu os carneiros circulando à sua volta “feito hienas”, correndo pelos cômodos. “Se adivinhassem meu medo, eles me devorariam”, pensou. O líder do grupo, um homem de feições asiáticas e olhos gelados, chegou bem perto e a encarou, enquanto Teresa dormia num pequeno berço de vime logo ao lado. Antonina resolveu não desviar os olhos nem se mexer. De

repente, o soldado agarrou a medalhinha de ouro que ela sempre usava no pescoço “e arreganhou seus dentes brancos”. Devagar, delicadamente, ela apontou para o bebê e, desenferrujando o russo de sua infância, ordenou em voz alta e severa:

— Não permitido! Sua mãe! Sua esposa! Sua irmã! Compreende?

Quando ela pôs a mão no ombro do soldado, o homem pareceu surpreso, e Antonina viu a fúria maníaca dissipar-se em seus olhos e sua boca relaxar, como se ela tivesse alisado o tecido de seu rosto com um ferro quente. Seus sussurros mentais haviam funcionado mais uma vez, pensou ela. Em seguida, o soldado pôs a mão no bolso traseiro das calças e, por um instante terrível, ela se lembrou do soldado alemão com o revólver apontado para Ryś. Mas ele tirou a mão e a abriu, revelando um punhado de balas cor-de-rosa sujas.

— Para o bebê! — disse, apontando para o berço.

Quando Antonina lhe apertou a mão, agradecendo, o soldado lhe sorriu com admiração, olhou para suas mãos sem aliança, fez uma expressão de pena, tirou um anel do dedo e o ofereceu a ela:

— É para você — disse. — Pegue! Ponha no seu dedo!

O coração de Antonina “sacudiu” quando ela pôs o anel, porque a peça exibia uma águia de prata, um emblema polonês, o que significava que o homem provavelmente o havia arrancado do dedo de um soldado polonês morto. “De quem seria aquele anel?”, perguntou-se.

Depois, chamando seus soldados em voz alta, o homem ordenou:

— Larguem tudo que pegaram! Mato vocês como cães se não me obedecerem!

Surpresos, seus homens largaram todos os móveis e a pilhagem que haviam recolhido e tiraram pequenas peças dos bolsos.

— Agora, vamos. Não toquem em nada! — gritou ele.

Com isso, Antonina viu os soldados “se encolherem e saírem um por um, como cães de focinheira”.

Depois que os homens se foram, ela se sentou à mesa e tornou a olhar para o anel com a águia de prata, pensando: “Se palavras emocionadas, como *mãe*, *esposa* e *irmã*, têm o poder de modificar o espírito de um canalha e dominar seus instintos homicidas, talvez haja alguma esperança para o futuro da humanidade, afinal.”

De tempos em tempos, outros soldados visitaram o zoológico, sem maiores incidentes, e então, um dia, chegou um carro com vários funcionários alemães que administravam fazendas do Terceiro Reich para aproveitamento de peles de animais, e que conheciam o Homem das Raposas de seus tempos de Grójec. O Homem das Raposas informou que os animais ainda estavam vivos, com uma pelagem exuberante, e os homens lhe deram permissão para deslocá-los, junto com seus empregados, para a Alemanha. Embalar tantos animais levaria tempo, o que significava que todos poderiam permanecer um pouco mais no casarão, possivelmente, inclusive, até que o Levante triunfasse e os alemães abandonassem Varsóvia. E assim, ninguém teria que ir embora do jardim zoológico.

Enquanto isso, na tentativa de enfraquecer a Resistência, os aviões alemães continuavam a despejar bilhetes em que exortavam os civis a abandonarem Varsóvia antes que a cidade fosse arrasada. Pouco depois, o Exército alemão transportou uma artilharia ainda mais pesada para o parque Praski, escondendo-a entre as árvores e arbustos perto do rio. Acampados tão perto, era comum os soldados alemães passarem pelo casarão para tomar um copo d’água ou uma xícara de sopa, ou comer uma batata cozida. Uma noite, um oficial jovem e alto manifestou preocupação com o fato de haver civis morando tão perto do campo de batalha, e Antonina lhe explicou que ela e os outros administravam uma fazenda de peles de animais de alta prioridade para a Wehrmacht, e que não podiam deixá-la porque a época era desfavorável para os cães-guaxinins, cuja pelagem densa e macia se devia a eles fazerem a muda no verão e desenvolverem a pelagem de inverno durante setembro, outubro e novembro. Interferir nessa programação, colocando-os em caixotes, deixando-os nervosos e embarcando-os para um clima diferente, alertou Antonina, faria com que a valiosa pelagem do inverno demorasse a crescer. Isso pareceu satisfazer o oficial.

O trovão nunca havia assustado Antonina, escreveu ela — “Afinal, é apenas o som preenchendo o vazio criado pelos relâmpagos” —, mas a artilharia disparava sem descanso, o ar não ficava úmido, como prelúdio de um temporal, não caía chuva alguma, e aquele trovão seco lhe esfrangalhava os nervos. Uma tarde, houve uma pausa súbita no tiroteio e, nesse raro intervalo, as mulheres da casa deitaram-se para descansar, banhadas em silêncio. A mãe de Jan, Nunia e Ewa cochilaram em seus quartos, enquanto Antonina amamentava Teresa no térreo, num dia escaldante, com todas as portas e janelas abertas. De repente, a porta da cozinha rangeu e um soldado alemão entrou na sala. Quando ele parou por um momento, ao vê-la com a neném, e se aproximou um pouco mais, Antonina sentiu cheiro de álcool em seu hálito. Bisbilhotando de forma suspeita, ele perambulou até o gabinete de Jan.

— Ah! Um piano... e partituras! A senhora sabe tocar? — perguntou, animado.

— Um pouco — respondeu ela.

Folheando algumas partituras de Bach, ele parou e começou a assobiar uma fuga com perícia e muita afinação. Antonina imaginou que fosse músico profissional.

— O senhor parece ter um ouvido perfeito para música — ela comentou.

Quando o soldado lhe pediu que tocasse, Antonina sentou-se ao piano, embora lhe parecesse haver alguma coisa meio estranha. Tentada a pegar Teresa e fugir correndo, ela temeu que o homem lhe desse um tiro, se fizesse essa tentativa, e por isso preferiu começar a tocar “Ständchen”, uma canção romântica de Schubert, na esperança de que essa favorita alemã acalmasse o soldado com lembranças sentimentais.

— Não, essa não! Essa não! — gritou o homem. — Por que está tocando *isso*?

Os dedos de Antonina pularam do teclado. Obviamente, fora a escolha errada, mas por quê? Ela ouvira e tocara muitas vezes essa serenata alemã. Enquanto o soldado se aproximava da prateleira de livros para examinar as partituras, ela baixou de relance os olhos e leu a letra de “Ständchen”:

*Baixinho, pela noite, minhas canções te imploram:  
Vem comigo ao bosque sereno, minha amada;  
As copas esguias das árvores farfalham e murmuram ao luar.  
Não temas, querida, a bisbilhotice maldosa dos traidores.  
Estás ouvindo o chamado dos rouxinóis? Ah, eles te imploram,  
Com a doce música de suas notas, imploram que venhas para mim.  
Compreendem a ânsia no peito, conhecem as dores do amor,  
Sabem tocar em todos os corações sensíveis com seus tons prateados.  
Deixa que eles comovam também o teu coração; escuta-me, querida!  
Trêmulo, espero por ti; vem, dá-me o êxtase!*

Um coração desiludido, isso perturbaria qualquer um, pensou Antonina. De repente, o rosto do soldado se iluminou, quando ele abriu uma coleção de hinos nacionais e começou a procurar ansiosamente por algo, que enfim encontrou.

Pondo o livro aberto no piano, disse:

— Por favor, toque isso para mim.

Quando Antonina começou a tocar, o militar alemão cantou junto, pronunciando as palavras num inglês de sotaque carregado, e ela se perguntou o que pensariam os soldados do parque Praski ao ouvi-lo cantar bem alto “A bandeira estrelada”. De vez em quando, dava uma espiada nos olhos semicerrados do alemão. Quando ela terminou o hino, com um floreio, o militar a cumprimentou e saiu em silêncio do casarão.

Quem seria esse oficial tão fluente em música, ela se perguntou, e que história era aquela do hino norte-americano? “Será que ele estava brincando com outro alemão parado perto da casa?”, pensou. “Com certeza virá alguém me interrogar sobre essa música. Agora terei que me preocupar por provocar as SS.” Mais tarde, Antonina concluiu que o homem provavelmente pretendia aterrorizá-la, e, se assim era, tinha funcionado, porque a melodia gravou-se em sua cabeça e ficou se repetindo até uma rajada de tiros de canhão cortar a noite.

À medida que os alemães intensificaram seu ataque à Cidade Velha, Antonina continuou a esperar que o exército da Resistência saísse vitorioso, mas os rumores sobre a ordem de Hitler de demolir a cidade foram chegando aos poucos. Ela não tardou a saber que Paris tinha sido libertada pelas forças da França Livre e pelas norte-americanas e britânicas; e depois, Aachen, a primeira cidade alemã a cair, foi devastada por dez mil toneladas de bombas.

Antonina não tinha notícias vindas de Jan nem sobre ele, que se encontrava na Cidade Velha, onde o Exército Nacional, espremido à força num espaço menor, lutava de prédio em prédio e até de cômodo em cômodo nas casas ou catedrais. Muitas testemunhas falaram de combates que eclodiam subitamente no interior dos prédios e fluíam de um andar para outro, enquanto as pessoas do lado de fora enfrentavam uma chuva contínua de bombas e balas. Tudo que Antonina e Ryś podiam fazer era observar o fogo cerrado que ricocheteava pela Cidade Velha, e imaginar Jan e seus amigos deslocando-se por ruas de paralelepípedos que eles conheciam de cor.

Numa fotografia de arquivo tirada pelo repórter Sylwester “Kris” Braun no dia 14 de agosto, soldados poloneses exibem orgulhosamente um blindado alemão de transporte de pessoal que haviam acabado de capturar. Jan não está nessa foto, mas dificilmente há de ter sido por coincidência que, como diz a legenda, eles apelidaram o veículo elefantino de “Jaś”, o mesmo nome do elefante macho do Jardim Zoológico de Varsóvia morto no início da guerra.



## Nota

<sup>10</sup>O “*alles raus*” (todos para fora) alemão tem sua pronúncia enfatizada pela autora na repetição dos erres em *raus*. (N.T.)

## Capítulo 32

**E**m setembro, cinco mil soldados escaparam da Cidade Velha pelos esgotos, embora os alemães lançassem granadas e atexassem fogo com gasolina pelos tampões da rede. Em outros locais, os Aliados avançavam em todas as frentes: depois de libertarem a França e a Bélgica, os Estados Unidos e a Inglaterra aproximaram-se da Alemanha pela Holanda, Renânia e Alsácia e, embora o Exército Vermelho houvesse parado perto de Varsóvia, já tinha capturado a Bulgária e a Romênia, estava pronto para tomar Belgrado e Budapeste e planejava invadir o Reich pelos países do Báltico; os Estados Unidos haviam tomado Okinawa e bombardeavam o Pacífico Sul.

Um oficial alemão garantiu ao Homem das Raposas que, houvesse o que houvesse com os militares, o Terceiro Reich precisava de sua valiosa produção de peles, e ele devia preparar-se para colocar seus animais em caixotes bem arejados e deslocá-los para uma cidadezinha nos arredores, a bem da segurança. Quando os projéteis começaram a cair mais perto do zoológico, Antonina também se aprontou para transferir a família, e a cidadezinha de Lowicz, para onde se dirigia o Homem das Raposas, pareceu-lhe um refúgio fora do alcance da batalha, mas ainda suficientemente próximo da cidade. Antonina, Ryś, a mãe de Jan, as duas meninas, o Homem das Raposas e seus ajudantes planejaram viajar juntos, na esperança de que todos passassem por trabalhadores da fazenda de beneficiamento de peles. Escolher os animais de estimação a serem deixados para trás foi um tormento (o rato-almiscarado, Wicek, outros coelhos, o cachorro, a gata, a águia?), mas, no fim, eles decidiram arriscar-se a levar apenas Wicek e soltar os demais, deixando-os entregues a seus recursos na natureza.

Embora eles pudessem carregar consigo os objetos de casa que quisessem, parecia prudente viajar com pouca bagagem, de modo que eles embalsamaram apenas colchões, edredons, travesseiros, casacões de inverno, botas, recipientes de água, painéis, pás e outros objetos de uso prático. Qualquer coisa de valor teria que ser escondida das bombas e da pilhagem dos soldados; assim, eles puseram os casacos de pele, a prataria, a máquina de escrever, a máquina de costura, documentos, fotografias, bens de família e outros tesouros em caixotes grandes; o Homem das Raposas e seus meninos guardaram-nos prontamente no corredor subterrâneo que ia do casarão à Casa dos Faisões, e depois vedaram a entrada do túnel com uma parede de tijolos.

Em 23 de agosto, o dia da partida, Ryś viu um enorme projétil cair a uns cinquenta metros do casarão e se cravar no solo, mas sem explodir; pouco depois, apareceu um esquadrão de bombas, com um oficial que jurou que qualquer pessoa que ainda estivesse no casarão ao meio-dia seria fuzilada. Ryś correu à Casa dos Faisões e alimentou os coelhos com folhas de dentes-de-leão pela última vez, depois abriu todas as gaiolas e os soltou. Confusos com a nova liberdade, eles se recusaram a sair, de modo que Ryś os pegou pelas orelhas compridas, um de cada vez, e os levou para o jardim. Não havia nenhum predador à espreita nas moitas, nos lagos ou no céu, e os últimos bichos de estimação da família — a águia e o rato-almiscarado — tinham sido soltos na véspera.

— Vão, seus coelhos bobos, vão! — disse Ryś, enxotando-os. — Vocês estão livres!

Antonina viu aquelas bolotas de pelo de todos os tamanhos saltarem lentamente pela grama. Súbito, Balbina pulou dos arbustos e correu para Ryś, com a cauda empinada e ronronando alto. Com uma farejada da gata, os coelhos desapareceram, e Ryś pegou Balbina no colo.

— Ora, Balbina, você quer ir conosco? — disse ele, carregando-a para casa, mas a gata se debateu e se soltou. — Você *não quer* ir com a gente? Que pena — comentou, acrescentando com amargura: — Mas pelo menos *você* tem sorte, pode ficar aqui.

A gata escapuliu por entre os arbustos.

Ao ver essa cena da varanda, Antonina também sentiu um desejo intenso de permanecer em casa, acompanhado pelo desejo igualmente intenso de que chegasse o caminhão que os levaria à estação ferroviária, e consultou repetidamente o relógio, mas “os ponteiros se moviam sem a menor

clemência”. O impulso de se enfiar em algum esconderijo em Varsóvia passou-lhe pela cabeça, mas, para onde eles poderiam ir? Antonina estava apreensiva com a sogra adoentada, “que não conseguia andar nem um quilômetro”, e tinha medo de eles serem emboscados por alemães, que, segundo ela ouvira dizer, estavam prendendo todos os poloneses que encontravam e despachando todos para um campo de extermínio perto de Pruszków. No pé em que estavam as coisas, viajar para o oeste com os animais da fazenda de beneficiamento de peles era o mais sensato.

Por fim, às onze e meia da manhã, o velho caminhão do Homem das Raposas aproximou-se do casarão, chacoalhando, e eles carregaram prontamente a bagagem. Deixando o jardim zoológico, serpream por ruas estreitas até chegar à estação ferroviária, onde um vagão de frete os aguardava, já carregado com raposas, visons, nutrias, cães-guaxinins e Wicek. Antonina e os outros embarcaram; o trem não tardou a atravessar o rio, parou numa das estações para apanhar mais alguns passageiros e, por fim, seguiu viagem lentamente. Em Lowicz, eles receberam a instrução de descarregar seus caixotes e aguardar a chegada de animais de pele de outros pontos da Polônia, para que o estoque reunido pudesse viajar para uma grande fazenda na Alemanha. Antonina passou o dia passeando pelo vilarejo, impressionada com sua liberdade e com a calma inusitada de uma cidade que não tinha sinais de guerra. No dia seguinte, saiu em busca de ajuda e soube que Andrzej Grabski, filho do ex-primeiro-ministro polonês, estava na diretoria da empresa de peles alemã; quando ela explicou que tinha medo de levar os filhos pequenos para a Alemanha, Grabski arranhou-lhe um abrigo temporário na cidade. Seis dias depois, ela se despediu do Homem das Raposas (que teve de ficar em Lowicz com os animais), alugou uma carroça puxada a cavalo e seguiu para a aldeia de Marywil, a apenas 6,5 quilômetros de distância, mas numa “viagem longa e demorada, que pareceu durar uma eternidade”.

Quando eles finalmente chegaram a uma pequena escola numa antiga propriedade, uma mulher lhes ofereceu como dormitório uma salinha de aula cujas paredes tinham manchas de sujeira e cujo assoalho estava coberto de lama e palha. Teias de aranha pendiam do teto, todos os vidros das janelas estavam quebrados e pilhas de pontas de cigarro espalhavam-se pelo chão. Eles puseram a gaiola de Wicek ao lado de uma estufa de barro, e Antonina escreveu que os arranhões dele, pedindo para sair, criaram o único ruído numa abóbada de silêncio que pareceu bizarra, após semanas de explosões e disparos — não um silêncio tranquilizador, mas um silêncio vazio, antinatural e inquietante, “um incômodo para nossos ouvidos”.

— Esse silêncio é mal-assombrado — disse Ryś, abraçando o pescoço da mãe e apertando-a com força. Embora não quisesse vê-lo assustado nem sofrendo, ela escreveu que foi maravilhosa a sensação de ver o filho precisar de seu consolo. Durante os dias inseguros e violentos de agosto, ela o observara tentando agir como forte e crescido, mas, nesse momento, para seu alívio, “ele finalmente pôde se permitir ser criança”.

— Mamãe, sei que nunca mais vamos voltar para casa — disse o menino, entre lágrimas.

Ao se mudarem de uma grande e velha cidade em guerra para uma aldeota pacífica, onde não fazia sentido se instalarem para o que previam ser uma temporada curta, eles haviam perdido o contato com os amigos, os familiares e a Resistência, mas livraram-se também dos sustos causados pela artilharia. Assediada pela lembrança do sustentáculo distante de seu mundo, Antonina descreveu sentir-se “atingida por um desastre que [eu] não sabia denominar e não podia influenciar (...), irreal e flutuando” durante boa parte do tempo, embora jurasse reanimar Ryś.

Em busca de vassoura, esfregões e um balde, eles bateram à porta de um quarto em que moravam a sra. Kokot, a professora do lugar, seu marido, que era ferreiro, e os dois filhos do casal. Foram recebidos por uma mulher baixa e sólida, com covinhas no rosto e mãos calejadas pelo trabalho.

— Sinto não termos tido tempo de limpar a sala de aula antes de vocês se mudarem — disse a sra. Kokot. — Meu marido vai passar lá amanhã e instalar uma estufa adequada. Não se preocupem, vai dar tudo certo. Vocês logo se acomodarão e se sentirão em casa aqui.

Nos dias que se seguiram, a sra. Kokot lhes forneceu pão e manteiga, além de levar uma banheirinha de madeira e água quente para Teresa. Em pouco tempo, a vida já não pareceu tão aflitiva, mas Antonina preocupava-se com Ryś, que tinha “perdido tudo que conhecia (...) como um talinho de grama arrancado por um vento forte e carregado para longe de seu jardim”. Com “o terremoto de deixar Varsóvia, as preocupações com o pai”, de quem eles não tinham recebido notícias, “e com todas as incógnitas e a pobreza”, não era surpresa para ela que o filho estivesse deprimido e com o humor instável.

Mas, com o passar dos dias, Ryś aproximou-se mais da família Kokot, cuja rotina cotidiana gerava uma ordem e uma previsibilidade pelas quais ele andava ansioso. Antonina inquietava-se com o fato de, por ter agido mais como adulto do que como criança durante a maior parte da guerra, Ryś haver chegado a um ponto em que “se recusava peremptoriamente a aceitar a infância, e qualquer pessoa que o tratasse como criança provocava uma reação grosseira”. Mas os acontecimentos corriqueiros da vida da família Kokot, na qual as crianças frequentavam a escola e brincavam sem medo, revelaram-se um fortificante. Ao vê-los cuidarem de sua vida, observou Antonina, Ryś admirou seu jeito de trabalharem juntos, como uma família, e de também praticarem muitos atos caridosos — a sra. Kokot ia de bicicleta à aldeia para aplicar injeções em pessoas doentes, ou até a cidade para

buscar um médico; e seu marido consertava motores, máquinas de costura, rodas de borracha, relógios, abajures ou qualquer outro objeto *doente* para os vizinhos.

“O Ryś nunca deu muita importância aos intelectuais”, meditou Antonina; “concentrar-se em ideias abstratas lhe parecia uma bobagem. Ele admirava os conhecimentos práticos e, com isso, tinha um profundo respeito pelos Kokot, por seu talento, seu bom senso e seu trabalho árduo”. Seguindo o sr. Kokot o dia inteiro, como uma sombra, ele o ajudava a substituir vidraças quebradas, preencher frestas nas molduras de madeira das janelas com musgo e palha, e tapar buracos nas paredes com uma massa de palha para calafetar ou uma mistura de óleo de lamparina e areia.

Depois, Ryś fez uma coisa surpreendente. Num sinal supremo de amizade, deu seu amado coelho Wicek aos filhos dos Kokot, Jędrek e Zbyszek. Esse gesto extraordinário não alterou muito as condições de vida de Wicek, já que os meninos brincavam juntos o tempo todo, mas o privilégio de alimentá-lo e de decidir seu futuro trocou de mãos. No começo, observou Antonina, Wicek não entendeu o que estava acontecendo. Depois, ela ouviu Ryś dar-lhe uma explicação séria e detalhada sobre quem eram seus novos donos e onde ele passaria a dormir; depois disso, Wicek continuou tentando escapar furtivamente para o quarto de Ryś, mas era despachado de volta na porta.

— Agora você mora no apartamento do Jędrek e do Zbyszek, sua criatura boba! — dizia Ryś. — Por que não quer entender uma coisa tão simples?

Antonina observou o coelho ouvindo Ryś, mexendo as orelhas e olhando para o menino “como se entendesse perfeitamente”, mas, no minuto em que Ryś o levava para o corredor entre os apartamentos, colocava-o no chão e fechava a porta, Wicek começava a arranhar a porta para voltar.

A depressão tornou a abater Antonina, o que ela registrou em tom prosaico, sem alvoroço nem detalhes, como se fosse apenas mais uma mudança do tempo. A viagem tinha sido tão desgastante que, “como uma pessoa em transe”, ela se obrigara a arranjar comida e ajuda para sua pequena tribo de mulheres e crianças. De algum modo, conseguiu convencer uma mulher da aldeia a lhe fornecer batatas, açúcar, farinha e trigo; arranjou turfa para usar como combustível com um homem no fim da rua; e meio litro de leite por dia, do condado.

O corajoso Levante de Varsóvia desmoronou após 63 dias de combates ferozes rua a rua, com grande parte da cidade em ruínas, e o que restava do Exército Nacional rendeu-se, em troca da promessa de um tratamento humano como prisioneiros de guerra, e não como guerrilheiros. (Mesmo assim, a maioria dos sobreviventes foi despachada para campos de trabalhos forçados.) Hospitais repletos foram incendiados, com os pacientes ainda lá dentro, e mulheres e crianças foram amarradas a tanques, para impedir emboscadas de franco-atiradores. Hitler comemorou, ordenando que as igrejas da Alemanha repicassem os sinos por uma semana inteira.

As estradas ficaram coalhadas de refugiados à procura de abrigo nas imediações de Lowicz e Marywil, uma zona rural pontilhada de propriedades feudais, inclusive com casas senhoriais, pequenas fazendas para indigentes, aldeotas que os proprietários ajudavam a sustentar e muitos residentes locais empregados nos solares. Dia após dia, enxames humanos inundaram a região, até que os lavradores, sobrecarregados com a simples massa de pessoas famintas e assustadas que ia parar em seus campos ou à sua porta, imploraram às autoridades locais que os transferissem para outro lugar.

Ao chegarem originalmente à escola, Antonina e seus familiares tinham procurado manter uma postura discreta, para o caso de a Gestapo estar em seu encalço, mas, com o sereno passar dos dias, começaram a relaxar e, após algumas semanas, em Marywil, depois da capitulação de Varsóvia, tentaram obter notícias sobre familiares e amigos. Antonina aguardou notícias de Jan, convencida de que um dia ele apareceria magicamente, “depois de mover céus e terras” para encontrá-la, como tinha feito em 1939, com a ajuda do dr. Müller. Ela nada sabia sobre o estranho destino de Jan nos primeiros dias do Levante, quando ele levava um tiro no pescoço e fora conduzido às pressas ao hospital da rua Chmielna, apenas para morrer, segundo achavam todos, já que era quase impossível uma bala perfurar o pescoço de uma pessoa sem atingir o esôfago, a coluna vertebral, veias ou artérias. Anos depois, Antonina conheceu o médico que o havia tratado. “Se eu o tivesse anestesiado”, lembrou o dr. Kenig com espanto, “e *tentado* recriar a trajetória daquela bala, não conseguiria!” Depois de os alemães capturarem o hospital, Jan fora mandado para um campo de prisioneiros de guerra reservado para oficiais, onde se recuperara do ferimento a bala, para depois batalhar com a fome e a exaustão.

Antonina mandou uma carta a um amigo da família, que concordou em transmitir recados para ela; e Nunia, que, em vez de ir ao encontro dos pais, tinha ficado com Antonina e Ryś para ajudar a cuidar das coisas e atuar como mensageira, levantou-se antes do alvorecer, uma manhã, passou horas esperando a carroça puxada a cavalo que servia de “ônibus” e viajou para Varsóvia via Lowicz. Ao longo de todo o trajeto, foi prendendo pedacinhos de papel que indagavam sobre Jan Żabiński e forneciam o endereço de Antonina; prendeu-os em árvores, postes de eletricidade, cercas, prédios e muros de estações de trem, no que se havia transformado num balcão público de achados e perdidos. Stefan Korboński lembrou que,

*nas cercas de todas as estações, havia centenas de bilhetes e endereços de maridos à procura de esposas, pais procurando filhos, e pessoas em geral anunciando onde estavam. Grandes aglomerações se formavam diante desses “serviços de encaminhamento”, de manhã à noite.*

Antonina logo começou a receber cartas trazendo pistas: de uma enfermeira do hospital em que Jan fora tratado do ferimento no pescoço, de um carteiro da praça Warecki, de um guarda do Museu Zoológico da rua Wilcza. Todos escreveram para falar de Jan e para lhe dar esperanças, e, quando soube que ele fora mandado para um campo alemão de prisioneiros de guerra, ela e Nunia escreveram dezenas de cartas a todos os campos que detinham oficiais, em busca de pistas.

## Capítulo 33

DEZEMBRO DE 1944

Com a chegada do inverno, as intermináveis poças de lama congelaram e o solo voltou a ficar firme e fibroso sob uma espessa camada branca, enquanto Antonina preparava um Natal que diferia completamente dos anteriores à guerra. Na noite de Natal, era tradicional os poloneses servirem um jantar sem carne com doze pratos, antes da troca de presentes, e o Natal do jardim zoológico costumava incluir um bônus especial. Antonina lembrou que “entrava no zoológico uma carroça cheia de árvores de Natal que não tinham sido vendidas; era um presente para os animais do zoo: os corvos, os ursos, as raposas e muitos outros animais gostavam de mastigar ou bicar a casca aromática ou as carumas dos pinheiros. As árvores de Natal iam para diferentes aviários, jaulas ou unidades de animais, e as Festas se iniciavam oficialmente no Jardim Zoológico de Varsóvia”.

Durante a noite inteira, cometas produzidos pelas luzes das lanternas orbitavam pelo terreno: um homem guardava zelosamente o setor dos animais exóticos, verificando o aquecimento dos prédios e acrescentando carvão aos aquecedores; vários empregados levavam feno extra para os celeiros e os abrigos abertos; outros punham mais palha nos aviários dos pássaros tropicais, que se afundavam nela para se manter aquecidos. Era um cenário de refúgio e luzes dançantes.

Nessa véspera de Natal de 1944, ao se dirigir ao bosque com Zbyszek, Ryś anunciou a Antonina que “as crianças precisam se divertir um pouco”. Mais tarde, os meninos voltaram arrastando dois pinheirinhos.

Seguindo os costumes rurais, as árvores eram decoradas durante o dia e acendidas quando surgia o primeiro planeta (em homenagem à Estrela de Belém), e depois servia-se o jantar, com lugares extras à mesa para os familiares ausentes. Antonina escreveu sobre ter montado a árvorezinha num banco, onde a neném Teresa a considerou uma fonte de prazer que a levou a bater palmas, balbuciando enquanto a família adornava os galhos brilhantes com “três maçãzinhas, alguns pães de mel, seis velas e vários enfeites de palha imitando penas de pavão, feitos por Ryś”.

Durante as Festas, Genia surpreendeu Antonina com uma visita; arriscando-se a ser presa, por causa de suas atividades na Resistência, ela pegou o trem e andou mais de seis quilômetros no frio, sob as rajadas de vento, para levar dinheiro, alimentos e recados dos amigos. Antonina e Ryś ainda não tinham recebido notícias de Jan. Um dia, a sra. Kokot foi ao correio de bicicleta, como de hábito, e os dois a viram retornar, como de hábito: uma figurinha que ia aumentando e se tornando mais definida à medida que se aproximava, pedalando. Dessa vez, ela agitava uma carta. Ryś correu a seu encontro em mangas de camisa, pegou a carta e disparou para dentro de casa, com a sra. Kokot atrás dele, sorrindo. “Até que enfim”, foi tudo que ela disse.

Depois de Antonina e Ryś lerem a carta várias vezes, o menino foi correndo compartilhar a notícia com o sr. Kokot; segundo Antonina, ele raramente falava do pai-fantasma, o qual, nesse momento, pôde enfim arriscar-se a mencionar.

No arquivo do moderno zoológico de Varsóvia, ao lado de fotografias doadas pela família, há uma curiosidade maravilhosa: um cartão que Jan lhes enviou do campo de prisioneiros de guerra, sem nada escrito além do endereço. No verso, uma boa caricatura de Jan usa um uniforme frouxo, com duas estrelas em cada ombreira, e um cachecol escuro, amarrado com um nó no pescoço e descendo

até abaixo da cintura. Ele se captou com a barba por fazer, olhos empapuçados e cílios longos, a testa muito franzida, três fios de cabelo espetados na calva, uma guimba de cigarro pendurada na boca e uma expressão de tédio e desdém no rosto. Nada escrito, nada incriminador, apenas um desenho situado em algum ponto entre a tragédia e o humor, retratando-o como abatido, mas não derrotado.

O Exército Vermelho finalmente entrou em Varsóvia no dia 17 de janeiro, muito depois da rendição da cidade e tarde demais para ajudar. Em tese, os russos deveriam expulsar os alemães, mas, por razões políticas, estratégicas e práticas (entre elas, a perda de 123 mil homens no caminho), eles haviam acampado na margem leste do Vístula e assistido complacentemente ao derramamento de sangue por dois meses inteiros, enquanto milhares de poloneses eram massacrados, outros milhares eram despachados para campos de concentração e a cidade era extinta.

Halina, sua prima-irmã Irena Nawrocka (uma campeã olímpica de esgrima que viajara muito antes da guerra) e outras três meninas mensageiras foram presas pelos alemães, e receberam ordens de marchar com uma grande horda maltrapilha de guardas e prisioneiros de Varsóvia para um campo de trabalhos forçados em Ożarów. Disparando subitamente dos campos, alguns lavradores entregaram às meninas roupas de trabalho para vestir e ferramentas para carregar, e depois as retiraram da multidão por entre as fileiras de linho, antes que os guardas exaustos notassem. Misturando-se com os trabalhadores rurais, elas fugiram para Zakopane (no maciço de Tatra), onde se esconderam por vários meses, até o fim da guerra.

## Capítulo 34

1945

**B**andos de gralhas descreveram círculos no céu antes de pousar nos campos cobertos de neve, numa daquelas manhãs pegajosas e mornas de janeiro em que os galhos escuros das árvores cintilam na neblina e o simples ato de respirar traz a sensação de se inalar algodão. A manhã fervilhava de sinais. Antonina ouviu o rugir surdo de caminhões com armas pesadas, o ronco dos aviões e explosões distantes, e depois, pessoas gritando: “Os alemães estão fugindo!” Logo a seguir apareceram os Exércitos polonês e soviético, caminhando juntos, e, à medida que uma longa caravana de tanques soviéticos veio se arrastando, os habitantes içaram rapidamente bandeiras vermelhas, para dar as boas-vindas aos libertadores. Súbito, um enorme bando de pombas brancas alçou vôo e pairou acima dos soldados, tornou a se reunir como uma única nuvem e se elevou ainda mais alto. “A escolha do momento foi perfeita”, escreveu Antonina. “Com certeza, algum diretor de cinema providenciou essa cena simbólica.”

Mesmo alimentando esperanças de que Jan fosse solto, ela resolveu passar o resto do inverno em Marywil, porque viajar para Varsóvia com crianças pequenas parecia arriscado. Mas as crianças do lugar estavam ansiosas por retornar às aulas, a seus horários pessoais, e isso significava que o grupo de Antonina teria de trocar a escola por outro abrigo temporário. Quando seu dinheiro para a comida acabou e foi preciso comprar leite para a neném, a casa senhorial apiedou-se dela e lhe mandou mantimentos. Por sorte, ela havia guardado alguns “porquinhos” (rublos) para comprar as passagens de volta para Varsóvia, uma viagem que Antonina sabia que poderia custar caro. Mais uma vez, os refugiados entupiram as estradas, dessa vez aflitos para voltar para casa, mesmo tendo ouvido dizer que seus apartamentos estavam destruídos. Nunia correu à frente para investigar e voltou com a notícia de que tinha encontrado amigos que ainda moravam no bairro do zoológico, com quem eles poderiam se hospedar, e informou que o casarão, apesar de bombar-deado e saqueado, ainda estava de pé.

Necessitada de um caminhão grande, o que era uma mercadoria escassa, Antonina convenceu uns soldados que iam para o leste, levando uma carga de batatas, a transportar seu grupo por parte do trajeto. No dia da viagem, fazia -18°C, e apenas a neném, embrulhada num pequeno edredom de penugem, não tiritou de frio enquanto o caminhão seguiu aos solavancos, fazendo paradas frequentes para ser revistado por soldados em patrulha. Deixados em Włochy, eles conseguiram carona com um piloto russo, que concordou em compartilhar seu caminhão aberto, no qual o grupo se amontoou.

Quando eles finalmente entraram nos limites de Varsóvia, uma onda de neve e areia imundas respingou nas laterais do caminhão; a neve fedia, a areia irritava os olhos e eles se encolheram para se manter aquecidos. O que Antonina viu deixou-a “zonga e nauseada”, escreveu ela, porque, a despeito dos rumores, das advertências e dos relatos de testemunhas oculares, não estava preparada para uma cidade em frangalhos. As fotografias e filmes de arquivo mostram molduras chamuscadas de portas e janelas erguendo-se como portais, edifícios comerciais altos reduzidos a colmeias feitas de células abertas, prédios de apartamentos e igrejas com partes ruídas como geleiras, todas as árvores derrubadas, parques com montes de entulho e ruas surreais, ladeadas por fachadas finas como lápides. Em algumas fotos, um sol hibernal pálido e doentio escorre pelas



frestas de prédios esburacados e banha cabos de metal desencapados, além de tubulações e ferragens estranhamente retorcidas. Com 85 por cento de suas construções destruídas, a cidade antes requintada parecia um monturo e um cemitério colossais, onde tudo se resumia em suas moléculas constitutivas, onde todos os palácios, praças, museus, bairros e marcos históricos tinham sido reduzidos a desleigantes montes de detritos. As legendas das fotos dizem: “cidade morta”, “deserto de ruínas”, “montanhas de escombros”. Por mais frio que estivesse o dia, Antonina escreveu que começou a transpirar, e, nessa noite, atolados no choque e no esgotamento, eles ficaram na casa dos amigos de Nunia.

Depois do café, na manhã seguinte, Antonina e Ryś apressaram-se a ir ao jardim zoológico, onde o menino saiu correndo na frente, fazendo meia-volta em seguida, com as bochechas coradas de frio.

— Mamãe, nossa casa sobreviveu! — exclamou ele, empolgado. — Quem disse que ela estava destruída mentiu para nós! Ela foi danificada, não tem portas nem pisos, e todas as nossas coisas foram roubadas, mas ela tem teto e paredes, mamãe! E escadas!

Uma camada de neve mascarava o solo e quase todas as árvores tinham sido podadas por projéteis, mas alguns galhos escuros e delicados ainda se desenhavam contra o céu azul, assim como a Casa dos Macacos, o casarão e as ruínas de várias outras construções. Um dos quartos do segundo andar do casarão havia desaparecido por completo, e faltavam todas as peças de madeira do térreo — portas, armários, esquadrias das janelas, pisos; Antonina presumiu que tivessem sido queimadas durante o inverno, para fornecer calor. O corredor subterrâneo que ligava o porão à Casa dos Faisões, onde eles haviam guardado seus objetos de valor, havia não apenas desmoronado, mas se desmaterializado (e não há nenhuma informação de que alguém o tenha desencavado depois da guerra). O chão estava coberto por uma pasta grossa de papéis e páginas de livros úmidos, nos quais eles não puderam deixar de pisar, triturando-os ainda mais. Juntos, os dois escavaram o sedimento, recolhendo pedaços de documentos sujos e fotos amareladas, que Antonina guardou cuidadosamente na bolsa.

Apesar do frio, eles inspecionaram o jardim, esburacado por bombas e projéteis, e examinaram o terreno do zoológico — um cenário de barricadas, profundas valas antitanque, pedaços de ferro, arame farpado e projéteis que não haviam explodido. Ela não quis se aventurar mais longe, por medo de minas terrestres.

A aparência e o cheiro faziam pensar que “a guerra acabou de sair deste lugar”. Enquanto Antonina planejava reformas, Ryś “testou sua memória” do casarão em que havia crescido, cotejando-a com o mundo estéril com que deparou nesse momento. Antonina verificou o lugar em que eles haviam plantado legumes no ano anterior e, num pedaço minúsculo em que o vento soprara para longe uma cobertura de neve, ela viu um pequeno morangueiro junto ao chão. “Um prenúncio de vida nova”, pensou. Nesse momento, uma coisa se mexeu numa janela do porão.

— Um rato? — sugeriu Ryś.

— É grande demais para ser um rato — retrucou Antonina.

— Um gato! — gritou Ryś. — Correu para os arbustos e está olhando para nós!

Um gato cinzento magro agachava-se num canto, desconfiado, e Antonina se perguntou se teriam tentado capturá-lo para levá-lo à panela.

— Balbina? Minha velha gatinha! Minha gata querida! Venha cá, Balbina! — chamou Ryś, rastejando para perto e chamando repetidamente o nome dela, até que ela se acalmou e, de repente, pareceu lembrar-se, voando para Ryś como uma flecha peluda e pulando em seus braços abertos.

— Mamãe, a gente tem que levá-la para a casa da rua Stalowa! — implorou Ryś. — Não podemos deixar que fique aqui! Por favor!

Mas, quando Ryś se encaminhava para o portão, a gata se debateu para descer.

— É como no verão passado — entristeceu-se o menino. — Ela está fugindo!

— Deixe-a ir — disse Antonina, baixinho. — Ela deve ter uma razão importante para ficar, uma razão que não entendemos.

Ryś soltou a gata, que correu para uma moita, parou e olhou para trás, com o rosto magrelo e meio faminto. Ela miou, o que Ryś traduziu como: “*Eu vou voltar para casa. E você?*”

Para Antonina, não havia como voltar à vida de antes. Fora-se o tempo dos bandos de gansos, dos mergulhões estridentes, das gaivotas chorosas, dos pavões que abriam suas caudas iridescentes passeando ao sol, dos rugidos dos leões e tigres, capazes de derrubar a muralha de Jericó, dos macacos que davam trinados ao balançar nos cipós, dos ursos polares mergulhados em sua piscina, das roseiras e jasmineiros em flor e das duas “lontrinhas meigas e contentes que fizeram amizade com nossos lincos — em vez de dormirem em seu cesto (...), cochilavam no pelo macio dos lincos, chupando as orelhas deles”. Fora-se o tempo em que filhotes de lincos, lontras e cachorros viviam todos dentro de casa e faziam intermináveis brincadeiras de perseguição no jardim. Ela e Ryś celebraram um ritual particular — prometeram formalmente a todos os objetos quebrados e abandonados que “se lembrariam deles, e voltariam logo para ajudar”.

## Capítulo 35

### DESFECHO

Enquanto ainda estava escondida, Magdalena Gross casou-se com Maurycy Fraenkel (Paweł Zieliński) e, depois do Levante de Varsóvia, os dois se mudaram para a cidade de Lublin, no leste, onde artistas e intelectuais se reuniam no Café Paleta. Lá ela conheceu o mundo artístico vanguardista da cidade, que incluía muitos teatros sem palavras: teatro de música, teatro de dança, teatro de desenho, teatro de sombras sobre tela e teatros que exibiam trajes de papel, trapos ou pequenas fogueiras. A longa tradição polonesa do subversivo e politizado teatro de marionetes desfizera-se durante a guerra, mas, em Lublin, Magdalena associou-se a entusiastas que sonhavam criar o primeiro teatro de marionetes para a nova Polônia, e eles a convidaram a criar as cabeças dos bonecos. Em vez de moldá-las com as tradicionais feições ousadas de papel machê, ela resolveu criar nuances faciais da vida real e adornar os bonecos com seda, pérolas e contas. A primeira apresentação realizou-se em Lublin em 14 de dezembro de 1944.

Em março de 1945, Magdalena e Maurycy retornaram à recém-libertada Varsóvia, que não tinha eletricidade, gás nem transportes, e cujas poucas casas sobreviventes se inclinavam de lado, sem janelas. Ansiosa por voltar a esculpir animais, ela perguntou a Antonina, em tom queixoso:

— Quando é que você terá animais? Preciso esculpir! Já perdi tempo demais!

Na falta dos flamingos, marabus e outras aves exóticas de sua preferência, ela começou a esculpir o único modelo disponível, um filhote de pato, e, como era uma artista lenta, teve de modificar a peça várias vezes, à medida que o filhote se transformou numa ave adulta. Mesmo assim, foi sua primeira escultura depois da guerra, e motivo de comemorações.

A Varsóvia que eles haviam conhecido antes da guerra abrigava um milhão e meio de pessoas; no início da primavera de 1946, outro visitante, o dr. Joseph Tenenbaum, registrou “meio milhão, no máximo. Nas condições vigentes, não vi espaço para a vida de um décimo desse número. Muitos ainda moravam em criptas, cavernas, porões e abrigos subterrâneos”, mas ele ficou sumamente impressionado com o moral da população:

*Em parte alguma do mundo as pessoas são tão descuidadas com o perigo, de modo geral, quanto em Varsóvia. Há na cidade uma vitalidade incrível e um espírito contagiante de ousadia. A pulsação da vida bate num ritmo incrivelmente rápido. As pessoas podem estar malvestidas, com o rosto desgastado e visivelmente subnutridas, mas não desanimam. A vida é tensa, mas não desolada, e até alegre. As pessoas se acotovelam, apressadas, cantam e riem, com uma fisionomia admiravelmente confiante. (...)*

*Há em tudo ritmo e romantismo, e uma altivez de tirar o fôlego. (...) A cidade parece uma colmeia. Toda ela trabalha, demolindo ruínas e construindo novas casas, destruindo e criando, limpando e preenchendo. Varsóvia começou a se erguer dos destroços no exato momento em que o último soldado nazista se retirou de seus arredores. E tem estado assim desde então, construindo, reformando e restaurando, sem esperar por planos, verbas ou material.*

Em toda a cidade, Tenenbaum ouviu uma ária de A. Harris, a “Canção de Varsóvia”, uma espécie de hino não oficial, ser assobiada, cantada e berrada pelos alto-falantes das praças centrais, enquanto as pessoas trabalhavam. Sua letra apaixonada prometia: “Varsóvia, minha amada, és o objeto dos meus sonhos e anseios. (...) Sei que já não és o que foste, (...) que atravessaste dias sangrentos, (...) mas eu te reconstruirei e te devolverei a tua grandeza.”

Jan voltou do campo de prisioneiros na primavera de 1946 e, em 1947, deu início aos trabalhos de limpeza e reforma, bem como à construção de novos prédios e cercados para um zoológico revitalizado, que teria apenas trezentos animais, todos espécies nativas doadas pela população de Varsóvia. Alguns animais do zoológico foram encontrados, inclusive Borsunio, o texugo, que escavara um túnel em sua jaula durante o bombardeio e fugira a nado pelo Vístula (os soldados poloneses o devolveram num grande barril de pickles). Magdalena esculpiu *Galo*, *Coelho I* e *Coelho II*, já em ritmo mais lento, por causa da saúde precária (“prejudicada pela guerra”, depreendeu Antonina), e faleceu em 17 de junho de 1948, no mesmo dia em que concluiu o *Coelho II*. Seu sonho sempre fora criar esculturas volumosas para o jardim zoológico, e Antonina e Jan desejaram que ela tivesse tido essa oportunidade, especialmente porque o zoo oferecia um cenário ideal para grandes obras de arte. No zoológico atual, os portões principais recebem os visitantes com uma zebra em tamanho natural, que usa barras de ferro no lugar das costelas listradas e protuberantes. Algumas esculturas de Magdalena hoje enfeitam o escritório do diretor do zoológico, bem como o Museu de Belas-Artes de Varsóvia, como Antonina e Jan haviam desejado.

Um dia antes da reinauguração do Jardim Zoológico de Varsóvia, em 21 de julho de 1949, Jan e Antonina puseram duas esculturas de Gross, *Pato* e *Galo*, perto da escada de uma grande fonte por onde era certo os visitantes passarem. Naquele ano, o dia 21 de julho caiu numa quinta-feira, e é possível que eles tenham querido evitar a inauguração na sexta-feira, 22, porque as pessoas ainda associavam essa data infausta à eliminação do Gueto de Varsóvia, em 1942.

Decorridos mais dois anos, Jan aposentou-se repentinamente da administração do zoológico, embora tivesse apenas 54 anos. A Varsóvia do pós-guerra, sob dominação soviética, não prestigiava as pessoas que haviam combatido na Resistência e, desentendendo-se com autoridades do governo, é possível que ele tenha se sentido obrigado a se aposentar. Norman Davies assim captou o clima da época:

*Qualquer um que se atrevesse a enaltecer a independência de antes da guerra, ou a reverenciar os que haviam lutado durante o [L]evante para recuperá-la, era julgado como alguém que dizia absurdos perigosos e subversivos. Mesmo na intimidade, as pessoas falavam com cautela. Havia informantes da polícia em toda parte. As crianças estudavam em escolas de estilo soviético, onde se declarava que denunciar os amigos e os pais era uma coisa admirável.*

Ainda precisando sustentar sua família e dedicado à zoologia, Jan concentrou-se em seus textos e produziu cinquenta livros, com esclarecimentos sobre a vida dos animais e um apelo à conservação; também teve um programa de rádio muito popular sobre os mesmos temas, e deu continuidade a seus esforços na Sociedade Internacional de Preservação do Bisão-europeu, que dava grande valor a seu pequeno rebanho de bisões na floresta de Białowieża.

Curiosamente, esses animais sobreviveram, em parte, graças aos esforços de Lutz Heck, que, durante a guerra, mandou de volta muitos dos trinta bisões que havia roubado para a Alemanha, junto com similares de auroques e tarpans produzidos por retrocruzamento, a fim de que eles fossem soltos em Białowieża, o local idílico em que ele imaginara ver o círculo íntimo de Hitler caçando depois da guerra. Posteriormente, quando os Aliados bombardearam a Alemanha, os rebanhos-matrizes desses animais foram mortos, deixando os de Białowieża como a melhor esperança de sua espécie.

Em 1946, na primeira reunião da Associação Internacional de Diretores de Jardins Zoológicos realizada no pós-guerra, em Roterdã, a reativação do Livro de Registro de Pedigree do Bisão-europeu coube a Jan, que começou a levantar a origem de todos os animais que tinham sobrevivido à guerra, inclusive os das experiências de reprodução da Alemanha. Sua pesquisa documentou linhagens de antes, durante e depois da guerra e devolveu aos poloneses o programa e a vigilância do *pedigree*.

Enquanto Jan escrevia para adultos, Antonina escreveu livros infantis, criou seus dois filhos e se manteve em contato com a família extensa dos Hóspedes, que tinham viajado para terras diferentes. Entre os que Jan havia retirado pessoalmente do Gueto (pelo edifício da Superintendência do Trabalho) estavam Kazio e Ludwinia Kramsztyk (primos do renomado pintor Roman Kramsztyk), o dr. Hirszfeld (especialista em doenças infecciosas) e a dra. Roza Anzelówna e sua mãe, que passaram um breve período no casarão e depois se mudaram para um pensionato na rua Widok, recomendado por amigos dos Żabiński. Após alguns meses, entretanto, elas foram presas pela Gestapo e mortas — as únicas Hóspedes do casarão que não sobreviveram à guerra.

Os Kenigswein sobreviveram à ocupação e recuperaram seu filho mais novo no orfanato, mas, em 1946, Samuel morreu de infarto e Regina e os filhos emigraram para Israel, onde ela voltou a se

casar e trabalhou num *kibutz*. Nunca se esqueceu do período que passou no jardim zoológico. “A casa dos Żabiński era a Arca de Noé”, disse Regina a um jornal israelense, vinte anos depois da guerra, “com inúmeras pessoas e animais escondidos”. Rachela “Aniela” Auerbach também se mudou para Israel, depois de viajar a Londres, onde entregou o relatório de Jan referente à sobrevivência dos bisões-europeus a Julian Huxley (diretor do Jardim Zoológico de Londres antes da guerra). Irena Mayzel reinstalou-se em Israel e lá recebeu os Żabiński depois da guerra. Genia Sylkes também se mudou para Londres, depois para Nova York, onde passou muitos anos trabalhando na biblioteca do Instituto Científico Iídiche.

Capturada pela Gestapo e brutalmente torturada, Irena Sendler (que tirava crianças do Gueto) fugiu, graças a amigos da Resistência, e passou o resto da guerra escondida. Apesar das pernas e pés quebrados, trabalhou na Polônia como assistente social e defensora dos deficientes físicos. Durante a guerra, Wanda Englert ainda se mudou muitas vezes; seu marido, Adam, foi detido em 1943 e confinado na prisão de Pawiak, depois em Auschwitz e Buchenwald. Espantosamente, sobreviveu ao presídio e aos campos de concentração, reuniu-se posteriormente com a mulher e os dois se mudaram para Londres.

Halina e Irena, as duas meninas mensageiras, ainda moram em Varsóvia e se mantêm em estreito contato, amigas íntimas há mais de 82 anos. Na parede do apartamento de Irena, junto com suas medalhas de esgrima, há fotografias dela com Halina quando jovens, nas quais elas aparecem com penteados elaborados, deslumbrantes e com todo o futuro pela frente — retratos de estúdio, tirados por uma vizinha durante a guerra.

Sentada com Halina no restaurante ao ar livre do hotel Bristol, em meio a mesas lotadas de turistas e executivos, com um bufê de iguarias em longas mesas do lado de dentro, logo adiante das portas abertas, observei seu rosto trocar as estações de rádio da memória e, em seguida, ela cantou baixinho uma música que ouvira sessenta anos antes, contada por um belo e jovem soldado ao vê-la passar:

*Ty jeszcze o tym nie wiesz dziewczyno,  
Ze od niedawna jesteś przyczyna,  
Mych snów, pięknych snów,*

*Ja mógłbym tylko wziąć cię na ręce,  
I jeszcze więcej niż dziś,  
Kochać cię.*

*[Ainda não sabes, minha menina,  
Que nestes tempos tens sido a causa  
De meus sonhos, lindos sonhos.*

*Ah, se eu te pudesse erguer em meus braços  
E, ainda mais que hoje,  
Amar-te.]*

O rosto de Halina enrubesceu um pouco, por causa desse belo coquetel da memória armazenado entre imagens mais trágicas, como frequentemente ocorre com as lembranças de guerra, que têm seu sistema de arquivamento especial, sua ecologia própria. Se outros fregueses ouviram, não deram nenhum sinal, e, quando corri os olhos pelo arquipélago de mesas, percebi que, das cerca de cinquenta pessoas presentes, Halina era a única com idade suficiente para abrigar lembranças da guerra.

Ryś, que é engenheiro civil e também pai, mora hoje no centro de Varsóvia, num prédio de oito andares sem elevadores, sem nenhum bicho de estimação.

— Um cachorro não conseguiria subir as escadas! — explicou-me, ao subirmos com esforço de um patamar para outro. Alto e esguio, na casa dos setenta anos, ele parece em ótima forma, com toda essa subida de escadas, amistoso e hospitaleiro, mas também meio desconfiado, o que não chega a surpreender, dadas as lições de guerra impregnadas desde tenra idade.

— Vivíamos de momento em momento — disse ele, sentado em sua sala, observado por fotografias dos pais, muitos livros deles, um desenho emoldurado de um bisão-europeu e um esboço de seu pai. A vida no jardim zoológico não lhe parecera nada incomum quando menino, explicou-me, porque “era a única que eu conhecia”. Falou-me de ter visto uma bomba cair perto do casarão e de ter percebido que estava tão perto que teria sido morto, se ela houvesse explodido. Lembrou-se de ter posado para Magdalena Gross, sentado por longas horas enquanto ela afagava a argila, existia nela, na verdade, e Ryś se deleitava com suas atenções efusivas. Por ele eu soube que, no calor, sua mãe

enchia o terraço no alto do casarão com caixas transbordantes de flores, que tinha uma predileção especial pelos amores-perfeitos, as flores de rosto pensativo (do francês *pensée*),<sup>11</sup> e que preferia a música de Chopin, Mozart e Rossini. Não há dúvida de que Ryś achou estranhas algumas de minhas perguntas — eu esperava saber sobre o perfume de sua mãe, seu jeito de andar, seus gestos, seu tom de voz, sua forma de usar o cabelo. A todas essas indagações, ele respondeu com termos como “médio” ou “normal”, e logo percebi que esses eram traços de memória que ele não frequentava, ou não queria compartilhar. Sua irmã Teresa, nascida mais para o fim da guerra, é casada e mora na Escandinávia. Convidei o Ryszard adulto a visitar o casarão comigo, e ele fez a gentileza de me atender. Ao explorarmos a casa de sua infância, passando com cuidado pelos alizares de portas com soleiras em formato de bigorna, fiquei admirada com sua maneira de testar a memória, muitas vezes comparando o que existe com o que existira antes, exatamente do jeito que Antonina descreveu seu comportamento quando menino, ao voltarem para o zoológico bombardeado no fim da guerra.

Numa dessas guinadas da sorte que dão tempero à história, o Jardim Zoológico de Berlim foi duramente bombardeado, assim como acontecera com o de Varsóvia, o que atingiu Lutz Heck com muitas das mesmas apreensões e dificuldades que ele impusera aos Żabiński. Em sua autobiografia, intitulada *Animals — My Adventure*, ele escreveu de maneira comovente sobre seu zoo perdido de morte. Ao contrário dos Żabiński, ele sabia exatamente a devastação que devia esperar, por tê-la testemunhado em primeira mão em Varsóvia, o bombardeio de cujo zoológico Lutz nunca menciona. Seus animais dos safáris, a grande coleção de fotografias e os numerosos diários sumiram no fim da guerra. Quando o Exército soviético avançou, Lutz saiu de Berlim, para não ser preso por ter saqueado os zoológicos ucranianos, e passou o resto da vida em Wiesbaden, fazendo viagens ao exterior para caçar. Morreu em 1982, um ano depois de seu irmão Heinz. O filho de Lutz emigrou para a cordilheira de Catskill<sup>12</sup> em 1959, onde dirigiu um jardim zoológico famoso por sua manada de cavalos Przywalski, descendentes dos que tinham sido cuidados por Heinz Heck durante toda a guerra. Em determinado momento, o Jardim Zoológico de Munique havia reunido o maior rebanho de cavalos Przywalski fora da Mongólia (alguns deles roubados do zoológico de Varsóvia).

Ao todo, cerca de trezentas pessoas passaram pela estação intermediária do Jardim Zoológico de Varsóvia, a caminho do resto de suas vidas nômades. Jan sempre achou, e o disse publicamente, que a verdadeira heroína dessa saga foi sua mulher, Antonina. “Ela temia as possíveis consequências”, disse a Noah Kliger, que o entrevistou para o jornal israelense *Yediot Aharonot*, “tinha pavor de que os nazistas procurassem vingar-se de nós e do nosso filho, tinha pavor da morte, mas guardava tudo isso consigo, me ajudava [em minhas atividades na Resistência] e nunca, nunca me pediu para parar”.

“Antonina era dona de casa”, disse Jan a Danka Narnish, de outro jornal israelense; “não se envolvia em política nem na guerra, era tímida, e no entanto, apesar disso, desempenhou um papel fundamental no salvamento de outras pessoas, e não se queixou do perigo nem uma única vez”.

“A confiança dela era capaz de desarmar até os seres mais hostis”, disse ele a um repórter anônimo, acrescentando que a força de Antonina provinha de seu amor aos animais. “Não era apenas que ela se identificasse com eles”, explicou Jan, “e sim que, de vez em quando, parecia despir seus traços humanos e se *transformar* numa pantera ou numa hiena. Assim, capaz de adotar o instinto de luta desses animais, ela se ergueu como uma defensora destemida de sua própria espécie”.

Ao repórter Yaron Becker, Jan explicou: “Antonina teve uma criação católica muito tradicional, mas isso não a reprimiu. Ao contrário, reforçou sua determinação de ser fiel a si mesma, de seguir seu coração, muito embora isso significasse suportar muitos sacrifícios pessoais.”

Intrigados com a personalidade dos salvadores de outras pessoas, Malka Drucker e Gay Block entrevistaram mais de cem deles, e constataram que eles compartilhavam certos traços de personalidade fundamentais. Os salvadores tenderam a se mostrar decididos, rápidos no raciocínio, dispostos a correr riscos, independentes, aventureiros, francos, rebeldes e de uma flexibilidade incomum — capazes de mudar de planos, abandonar hábitos ou alterar rotinas arraigadas de um minuto para outro. Tenderam a se mostrar inconformistas e, apesar de muitos respeitarem princípios solenes pelos quais valeria a pena morrer, não se viam como heróis. Tipicamente, diziam, como disse Jan: “Só cumpro o meu dever; quando se pode salvar a vida de uma pessoa, tem-se o dever de tentar.” Ou então: “Fizemos isso porque era o certo.”

## Notas

<sup>11</sup>No inglês, elas se chamam *pansies*, denominação bem próxima do *pensée* (pensamento) francês. (N.T.)

<sup>12</sup>Parte dos montes Apalaches, no estado de Nova York. (N.T.)

## Capítulo 36

### I

BIAŁOWIEŻA, 2005

Nos limites de uma floresta primitiva no nordeste da Polônia, o tempo parece evaporar-se, enquanto duas dúzias de cavalos pastam a grama do charco sob pinheiros colossais e um deslumbrante céu azul. Nas manhãs geladas, eles vagam por dentro de bolhas de vapor e deixam um odor adocicado de couro ao passar. O vapor do corpo viaja com eles, mas seu aroma pode persistir durante horas, como uma nuvem invisível acima da confusão de marcas de cascos, e às vezes, numa alameda de cascalho ou numa trilha coberta de folhas, onde não há essas reveladoras marcas dos cascos, entra-se num bolsão de ar com cheiro de caça e se é cercado, subitamente, por uma essência de cavalos selvagens.

Da primavera ao outono, os cavalos vivem sem a ajuda de seres humanos, andando nas águas de lagoas rasas e comendo arbustos, ramos de árvores, algas e capim. A neve cai em meados de outubro e permanece até maio. No inverno, famintos, eles batem com as patas na neve para desenterrar capim seco ou maçãs apodrecidas, e os homens da Guarda Montada às vezes fornecem feno e sal. Abençoados com uma musculatura feita para correr e saltar, os cavalos têm pouca gordura para lhes servir de isolante nos dias gelados e, por isso, cresce neles uma pelagem longa, que se embaraça com facilidade. É nessa época que eles mais se assemelham aos cavalos pintados nas paredes das cavernas de locais pré-históricos em todo o Vale do Loire.

Como é espantoso deixar de lado o aqui-e-agora e observar o que seriam cavalos antiquíssimos alimentando-se nas campinas à beira da floresta, como faziam os seres humanos milênios atrás! São criaturas de uma beleza notável: castanho-acinzentados, com uma listra negra no dorso e com a crina escura (de vez em quando, nasce um potro com o rosto e a parte posterior da articulação da quartela pretos e com uma ou duas pernas zebreadas). Apesar de terem orelhas compridas e o pescoço grande e grosso, eles são velozes e de compleição leve. Ao contrário dos cavalos domésticos, tornam-se brancos no inverno, como os arminhos e as lebres-do-ártico, mesclando-se com a paisagem. Depois, o gelo endurece feito bolas de gude nas crinas e caudas rústicas e, quando eles se deslocam, seus cascos constroem plataformas de neve. Mesmo assim, eles vicejam no clima inóspito e com uma dieta precária; e, embora os garanhões travem combates ferozes, arreganhando os dentes e batendo com o pescoço, curam-se depressa, como que pelo feitiço de um xamã. “É num mundo mais antigo e mais completo que o nosso que eles se movem”, escreveu Henry Beston sobre os animais selvagens, em *The Outermost House*, “dotados de ampliações dos sentidos que perdemos ou nunca alcançamos, vivendo segundo vozes que jamais ouviremos”.

Em Białowieża, também podemos encontrar auroques recriados — uma caça favorita de Júlio César, que os descreveu a seus amigos, nos idos da Roma antiga, como touros negros selvagens, “pouco menores do que os elefantes”, fortes e velozes. “Eles não poupam o homem nem os animais”, escreveu. “Não há como fazê-los suportar a visão dos homens nem como domá-los, mesmo que sejam capturados quando pequenos.” Aparentemente, os homens da Floresta Negra eram rigorosamente treinados para caçar os machos (as fêmeas eram reservadas para a procriação), e os “que matam um grande número deles — sendo os chifres exibidos em público para comprovar o fato — alcançam grandes honrarias. Os chifres (...) são muito procurados e, depois de receberem um acabamento de prata na borda (...), são usados como recipientes para bebidas nos grandes

banquetes”. Alguns desses chifres de borda plateada ainda existem em museus. Mas, em 1627, o último auroque verdadeiro foi morto.

Em Białowieża, porém, tarpans, bisões e auroques parecem pastar, vagando pela reserva natural rigorosamente vigiada na fronteira da Polônia com a Bielorrússia, que tem sido uma favorita da realeza desde o século XV, um reino de magia e monstros que inspirou muitos contos de fadas e mitos europeus. O rei Casimir IV achava-a tão encantadora, que passou sete anos (1485-1492) morando no pavilhão simples de um couteiro e dirigindo os assuntos de Estado em sua residência silvícola.

Que há nessa paisagem que inspira tanta reverência, a ponto de ela haver enfeitado pessoas de muitas culturas e eras, inclusive Lutz Heck, Göring e Hitler? Para começar, ela tem carvalhos de quinhentos anos, além de gigantescos pinheiros, píceas e olmos que se erguem como cidadelas, com dezenas de metros de altura. Gaba-se de contar com doze mil espécies de animais, desde protozoários unicelulares até mamíferos de grande porte, como javalis, lincos, lobos e alces; e, é claro, existem seus bandos de auroques, tarpans e bisões produzidos por retrocruzamento. Castores, martas, doninhas, texugos e arminhos deslizam pelos charcos e fontes, enquanto águias-pomarinhas dividem o céu com morcegos, açores, corujas-do-mato e cegonhas-negras. Num dia qualquer, é provável encontrar mais alces do que seres humanos. O ar recende a bálsamo e carumas, esfagno e magriça, frutas silvestres e cogumelos, prados pantanosos e turfeiras. Não admira que a Polônia tenha escolhido a reserva como seu único monumento nacional natural, e que ela também mereça a honra de ser considerada Patrimônio da Humanidade.

Como a reserva é fechada a caçadores, lenhadores e qualquer tipo de veículo motorizado, ela é o último refúgio de uma flora e fauna singulares e, por essa razão, os guardas florestais guiam pequenos grupos de excursionistas por trilhas previamente designadas, nas quais é proibido jogar lixo, fumar ou falar acima de um sussurro. Nada pode ser retirado, nem mesmo uma folha ou uma pedra como souvenir. Todos os vestígios de humanidade, especialmente o ruído, são desestimulados, e quando um guarda precisa levar alguma coisa para o parque, ele a transporta numa carroça com pneus de borracha, puxada por um cavalo; se precisar retirar uma árvore caída, terá que usar uma serra manual e uma junta de burros de carga.

No que é conhecido como “reserva estrita da natureza”, veem-se muitas árvores caídas, mortas e em decomposição, as quais, curiosamente, criam a espinha dorsal e a grande força da floresta, razão por que os ativistas defendem vigorosamente a madeira morta. As árvores derrubadas pelo vento, ou que caem naturalmente e apodrecem, proporcionam um lar para uma multiplicidade de criaturas: três mil espécies de fungos, 250 espécies de musgos, 350 espécies de líquen e 8.791 espécies de insetos, mamíferos e aves. Os guias e um museu com dioramas ensinam a ecologia e a história do parque, mas poucos visitantes se dão conta do quanto ele atraiu o racismo e o romantismo nazistas.

Quando chega o crepúsculo nos charcos de Białowieża, centenas de estorninhos alçam voo de uma só vez e criam um grande funil; depois, o bando desce em busca de abrigo durante a noite, em meio ao capim dos lagos. Isso me fez lembrar o amor de Antonina pelos estorninhos, “O Estorninho” de Magdalena, e também Lutz Heck, que gostava do “pequeno estorninho verde-iridescente e lustroso [que] trinava sua cançãozinha com o bico escancarado, e cujo corpo literalmente sacudia sob a força de suas notas”. No fim, ironicamente, a eugenia e os experimentos de reprodução que vicejaram com as ambições de Heck, a paixão de Göring pela caça e a filosofia nazista ajudaram a salvar um sem-número de plantas raras e animais em risco de extinção.

Compreensivelmente ressentidos dos laços e motivações nazistas dos irmãos Heck, alguns patriotas poloneses se apressaram (e ainda se apressam) a dizer que esses animais podem assemelhar-se a seus antigos ancestrais, mas que, apesar disso, constituem falsificações em termos técnicos. Não havia clonagem na época dos irmãos Heck, caso contrário, eles certamente a teriam dominado. Alguns zoólogos, que preferem chamá-los de “quase tarpans” e “quase auroques”, associam esses animais a projetos políticos. Os cavalos, “embora não sejam realmente selvagens, são criaturas grandes e exóticas cuja história é colorida pelo drama, pela dedicação e pela trapaça”, declararam o biólogo Piotr Daszkiewicz e o jornalista Jean Aikhenbaum em *Aurochs, le retour... d'une supercherie nazie* [Auroques, o retorno... de um embuste nazista] (1999). Eles pintaram os Heck como vigaristas que montaram uma colossal fraude nazista — criando uma nova espécie, e não ressuscitando uma espécie extinta. Herman Reichenbach, numa crítica ao livro desses autores na *International Zoo News*, contrapôs que a obra de Daszkiewicz e Aikhenbaum carece de fatos e é, essencialmente, “o que os franceses chamam de *polémique* (...) e os norte-americanos, de ‘depredação’ (...), [mas] [t]alvez os irmãos Heck o mereçam; depois da guerra, eles ficaram longe de ser francos a respeito de sua associação com a ditadura nazista. (...) [R]ecriar um antigo ambiente germânico (dentro das fronteiras do parque) foi uma ideologia tão nazista quanto a retomada da Alsácia”.

No entanto, Reichenbach discerne um papel importante das criações dos irmãos Heck: “Eles ainda podem ajudar a preservar um meio ambiente natural composto de uma mescla de florestas e pradarias. (...) E, como tipo feroz de gado, talvez os auroques também possam favorecer o conjunto genético de um animal doméstico que empobreceu geneticamente nas últimas décadas. Tentar reproduzir os auroques por retrocruzamento pode ter sido uma tolice, mas não foi um crime.” O professor Z. Pucek, da Reserva Natural de Białowieża, denunciou o gado dos Heck como “a maior



trapaça científica do século XX". E assim, a controvérsia continua, debatida em periódicos e na internet, com uma passagem frequentemente citada do norte-americano C. William Beebe. Em *The Bird: Its Form and Function* [As aves: sua forma e função] (1906), Beebe escreveu: "A beleza e o talento de uma obra de arte podem ser reconcebidos, ainda que sua primeira expressão material seja destruída; uma harmonia perdida pode voltar a inspirar o compositor; mas, quando o último indivíduo de uma raça de seres vivos deixa de respirar, não de passar outro céu e outra terra antes que ele possa tornar a existir."

Há muitas formas de obsessão, algumas diabólicas, outras fortuitas. Passeando pela massa de vida de Białowieża, é impossível imaginar o papel que ela desempenhou nas ambições de Lutz Heck, no destino do Jardim Zoológico de Varsóvia e no oportunismo altruísta de Jan e Antonina, que tiraram partido da obsessão dos nazistas com animais pré-históricos e uma floresta primitiva para salvar centenas de vizinhos e amigos ameaçados de extinção.

## II

Hoje, Varsóvia é uma espaçosa cidade verde, com vastas extensões de céu, na qual avenidas arborizadas descem em direção ao rio, as ruínas se misturam com novas tendências e, em toda parte, árvores antigas e altas proporcionam perfume e sombra. No bairro do jardim zoológico, o parque Praski ainda é coalhado de tílias enjoativamente doces e, no verão, abelhas fazendo mel; e, na outra margem do rio, onde um dia ficou o Gueto judaico, um parque de castanheiras cerca uma praça e um monumento de ar severo. Depois da derrota do comunismo em 1989, os poloneses, com humor característico, transformaram a antiga sede da Gestapo no Ministério da Educação, a antiga sede da KGB no Ministério da Justiça, a sede do Partido Comunista na Bolsa de Valores, e assim por diante. Mas a arquitetura da Cidade Velha é um hino visual, reconstruído depois da guerra no gótico do Vístula, com base em antigos desenhos e quadros do veneziano seiscentista Bernardo Bellotto — uma proeza organizada por Emilia Hizowa (que inventou as paredes do Zegota que deslizavam ao apertar de um botão). Alguns prédios mostram escombros reciclados da cidade bombardeada inseridos em suas fachadas. Dezenas de estátuas e monumentos enfeitam as ruas de Varsóvia, porque a Polônia é um país parcialmente submerso em seu passado de maciças invasões sofridas, impulsionado pelo progresso, mas sempre meio de luto.

Refazendo o percurso de Antonina, a partir do apartamento no centro da cidade onde ela se alojou com parentes durante o cerco de Varsóvia, andei até a rua Miodowa, atravessei o antigo fosso e passei pelas decrépitas paredes de tijolos que cercam a Cidade Velha. Ao se entrar num mundo de fileiras de casas densamente compactadas, os sapatos deslizam nas pedras do calçamento e o corpo se equilibra continuamente, pouco a pouco, até que as pedras se tornam maiores, alisadas por séculos de passadas. Ao reconstruir a cidade depois da guerra, os planejadores usaram o maior número possível das pedras originais, e, em *The Street of Crocodiles* [A rua dos crocodilos], um contemporâneo de Antonina, Bruno Schulz, descreveu o mesmo mosaico colorido que existe hoje no chão: "Algumas [pedras] no tom rosa pálido da pele humana, outras douradas, umas azul-acinzentadas, todas planas, mornas e aveludadas ao sol, como relógios de sol pisoteados a ponto de se obliterarem num nada abençoado."

Nessas ruas estreitas, postes de luz elétrica (antes iluminados a gás) brotam de prédios de esquina, e as janelas de painéis duplos mantêm-se abertas como um calendário adventista. Calhas pretas de chaminés ressaltam os telhados de terracota, e algumas paredes de estuque pintado descascaram, revelando os alicerces de tijolos cor de sangue.

Entrei na Ulica Piekarska (rua dos Padeiros), onde as pedras do calçamento se abriam em leque e descreviam círculos, como um leito de riacho petrificado, depois virei à esquerda na Piwna (rua da Cerveja) e passei por um santuário num nicho do segundo andar de uma fachada, ocupado por um santo de madeira ladeado por oferendas de flores. Em seguida, passei pelo Karola Beyera, o clube dos colecionadores de moedas, por três portinhas de madeira que se abriam para pátios, virei à esquerda na parede piramidal de um edifício de esquina e, por fim, entrei na grande praça do Mercado a céu aberto. Nos primeiros dias da guerra, quando Antonina fazia compras ali, poucos vendedores se arriscaram a montar suas barracas, as lojas de âmbar e antiguidades ficaram

fechadas, as residências aristocráticas trancaram suas portas, e em parte alguma se via o papagaio que lia a sorte na década de 1930.

Saindo da praça, caminhei em direção às antigas fortificações, para visitar a fonte mais próxima, acompanhando uma parede de tijolos fuliginosos que descreve uma curva até as torres medievais, com suas vigias de topo afinado e as ameias estreitas que um dia esconderam arqueiros. No verão, as laranjeiras de imitação ao longo desse passeio cobrem-se de flores brancas, visitadas por gordas pegadas de coloração preta e branca. Pairando acima do muro, as copas das macieiras disputavam o sol. Na Rycerka (rua do Cavaleiro), cheguei a uma pracinha e a uma pilastra preta adornada por uma sereia brandindo uma espada — o símbolo de Varsóvia. Trata-se de uma quimera com a qual penso que Antonina se identificaria: uma defensora que é metade mulher, metade animal. Dos dois lados da pilastra, um deus barbudo jorra água da boca, e é fácil imaginar Antonina arriando sua cesta, inclinando uma jarra sob uma das fontes e esperando a vida brotar borbulhando da terra.

## Detalhes

### Capítulo 2

**Os roubos eram outra fonte de preocupação (clique aqui):** Alguns anos antes, ladrões tinham invadido o aviário do Jardim Zoológico de Varsóvia e furtado várias corujas, um corvo e um condor, e os funcionários presumiram que eles tinham roubado as corujas e o corvo para criar pistas falsas, pois seu verdadeiro alvo seria o condor, cujo valor no mercado negro tinha disparado. Noutra ocasião, um ladrão levou um filhote de pinguim. Sequestros em jardins zoológicos acontecem em todo lugar, em geral encomendados por criadores ou laboratórios, mas, às vezes, por colecionadores individuais. Digna de nota foi uma linda cacatua furtada do Jardim Zoológico de Duisburg e posteriormente encontrada morta e empalhada no apartamento de um casal, que a havia recebido como presente pelo aniversário de casamento.

**um birmanês inventou (...) animais saltadores (clique aqui):** os *pogo sticks*, uma barra vertical com suportes para os pés e as mãos e uma mola potente, que estiveram no auge da moda na década de 1920, na verdade foram patenteados pelo norte-americano George Hansburg.

**com seus joelhos vermelhos curvados para trás (clique aqui):** os flamingos parecem ter os joelhos de trás para frente, mas, na verdade, esses são seus tornozelos. Os joelhos ficam mais acima, escondidos pela plumagem.

### Capítulo 3

**A casa de campo dos Żabiński [em Rejentówka] (clique aqui):** muitos desses detalhes vieram de Helena Boguszevska, dona de uma propriedade vizinha.

### Capítulo 4

**sem que se gravassem em sua memória as cenas dos mortos e agonizantes (clique aqui):** as recordações de Antonina equiparam-se às de Wiktor Okulicz-Kozaryn, um engenheiro aposentado que assistiu à mesma cena quando menino e se lembra dos “aviões alemães sobrevoando a multidão a uma altitude baixa, alvejando e matando muitas pessoas (...) [e] de dois aviões poloneses atacando um bombardeiro alemão acima de uma campina, do avião pegando fogo e de um paraquedas descendo perto de umas árvores”.

**“O que não mata fortalece” (clique aqui):** Friedrich Nietzsche, *Crepúsculo dos ídolos* (1899).

## Capítulo 5

**recém-inventado jukebox (clique aqui):** as vitrolas automáticas foram inventadas na década de 1930, para oferecer música em *jooks* situados em estradinhas de terra — um termo da língua crioula dos estados da Carolina do Norte e do Sul, usado para designar locais que eram uma combinação de prostíbulo, casa de jogo e pista de dança.

## Capítulo 6

**“Ao lhes dirigir a palavra neste momento, vejo-a pela janela em toda a sua grandeza e glória” (clique aqui):** Stefan Starzyński, citado em *Warsaw and Ghetto*. Varsóvia: B.M. Potyralsey, 1964.

**“Confio em que a população de Varsóvia (...) aceite a entrada das tropas alemãs” (clique aqui):** Rommel, citado em Israel Gutman. *Resistance: The Warsaw Ghetto Uprising*. Nova York: Houghton Mifflin, 1994, p. 12.

**“explorar implacavelmente essa região como zona de guerra e país a ser saqueado” (clique aqui):** *Proceedings of the Trial of the Major War Criminals Before the International Military Tribunal, Nuremberg*, v. 290, ND 2233-PS; citado em Anthony Read, *The Devil's Disciples: Hitler's Inner Circle*. Nova York: W.W. Norton, 2004, p. 3.

**num período de cinco anos (clique aqui):** Adam Zamoyski. *The Polish War: A Thousand Year History of the Poles and Their Culture*. Nova York: Hippocrene Books, 1994, p. 358.

**“Desde o começo estive ligado ao Exército Nacional” (clique aqui):** Jan Żabiński, citado num jornal israelense em iídiche, por ocasião da homenagem prestada aos Żabiński por Yad Vashem como “Justos Entre as Nações”. Reportagem jornalística fornecida por Ryszard Żabiński.

## Capítulo 7

**diretor do Jardim Zoológico de Munique (clique aqui):** Heinz Heck tornou-se diretor do Jardim Zoológico Hellabrunn, em Munique, em 1928, lá permanecendo até 1969.

**esperanto (clique aqui):** o esperanto foi inventado em 1887, em Białystok, pelo dr. Ludovic Lazar Zamenhof, um oftalmologista que escolheu o pseudônimo de “Doktoro Esperanto” (dr. Esperança). Imerso no mundo poliglota de Białystok, o médico observou quanto da desconfiança e dos mal-entendidos entre os grupos étnicos provinham das barreiras linguísticas, e por isso concebeu uma língua franca neutra.

## Capítulo 8

**“A fogueira bruxuleando à minha frente” (clique aqui):** Lutz Heck, *Animals — My Adventure*. Londres: Methuen, 1954, p. 60.

**tinham iniciado o projeto de retrocruzamento (clique aqui):** Embora o cientista polonês Tadeusz Vetulani houvesse tentado o mesmo processo de retrocruzamento alguns anos antes, sem obter sucesso, Heck roubou suas pesquisas e acabou roubando também trinta animais, os quais mandou para a Alemanha, instalando-os depois em Rominten e, mais tarde, na floresta de Białowieża.

**os objetivos biológicos do movimento nazista (clique aqui):** por mais que Hitler defendesse publicamente uma raça ariana vigorosa e atlética, Goebbels tinha um pé torto, Göring era obeso e viciado em morfina, e o próprio Hitler parece ter sofrido do terceiro estágio da sífilis ao final da guerra, além de ser viciado em estimulantes e tranquilizantes e, muito possivelmente, vítima do mal de Parkinson. Seu médico, Theo Morell, um renomado especialista em sífilis, acompanhava-o por toda parte, tendo à mão seringas e vitaminas embrulhadas em papel dourado. Alguns filmes raros mostram Hitler usando a mão direita, que era firme, para cumprimentar uma fileira de meninos, enquanto a esquerda, escondida nas costas, mostra o tremor característico da doença de Parkinson. O que vinham a ser suas chamadas vitaminas? Segundo o criminologista Wolf Kemper (*Nazis on Speed: Drogen im 3. Reich* [2002]), a Wehrmacht encomendava um conjunto de drogas capazes de aumentar a concentração, a energia e a disposição de correr riscos, ao mesmo tempo reduzindo a dor, a fome e a fadiga. Entre abril e julho de 1940, os soldados receberam mais de 35 milhões de doses de três miligramas das anfetaminas Pervitin e Isophan, ambas viciadoras e determinantes de alterações no estado de ânimo.

Numa carta datada de 20 de maio de 1940, Heinrich Böll, de 22 anos, então lotado na Polônia ocupada, apesar de sua “insuperável (e ainda não superada) aversão aos nazistas”, escreveu a sua mãe, em Colônia, pedindo-lhe que se apressasse a lhe mandar doses adicionais de Pervitin, que os civis alemães compravam sem receita nas farmácias, para uso próprio (Leonard L. Heston e Renate Heston. *The Medical Casebook of Adolf Hitler*. Londres: William Kimber, 1979, p. 127-129).

**Josef Mengele (clique aqui):** Josef Mengele cresceu numa família de industriais da Baviera e, em formulários oficiais, declarou-se de religião católica (em vez de “crente em Deus”, como preferia o nazismo). As anormalidades genéticas o fascinavam, e o “dr. Auschwitz”, como passou a ser conhecido, dispôs de um amplo sortimento de crianças com as quais fez experiências que, mais tarde, o tribunal de Frankfurt viria a denunciar como “crimes hediondos”, cometidos “com deliberação e sanguinolência”, que muitas vezes incluíam a vivisseção ou o assassinato. “Ele era brutal, mas de uma forma cavalheiresca, depravada”, relatou um prisioneiro, e outros o descreveram como “muito brincalhão”, “uma espécie de Rodolfo Valentino”, sempre recendendo a água-de-colônia. (Citado em Robert Jay Lifton. *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*. Nova York: Basic Books, 1986, p. 343.) “Ao selecionar para a morte, ou ao matar ele mesmo as pessoas, a essência de Mengele estava no desapego ostentoso — dir-se-ia até desinteresse — e na eficiência”, concluiu Lifton (p. 347).

Quando chegavam novos prisioneiros, os guardas marchavam para cima e para baixo ao longo das filas, chamando “*Zwillinge, Zwillinge!*”, à caça de gêmeos com que Mengele pudesse fazer experimentos repulsivos. Alterar a cor dos olhos tornou-se sua linha de pesquisa favorita e, numa parede de seu consultório, ele exibia um sortimento de olhos cirurgicamente removidos, espetados como uma coleção de mariposas.

**“política racial deliberada e de base científica” (clique aqui):** Konrad Lorenz, citado em Ute Deichmann. *Biologists Under Hitler*. Cambridge. Mass.: Harvard University Press, 1996, p. 187.

**“muitas vezes, o corpo volkish [étnico, popular] saudável não ‘nota’ como está sendo permeado por elementos de decadência” (clique aqui):** Konrad Lorenz, “Durch Domestikation verursachte Störungen artewigen Verhaltens”. In *Zeitschrift für angewandte Psychologie und Charakterkunde*, v. 59, 1940, p. 69.

**Hermann Göring (clique aqui):** como integrante do círculo íntimo de Hitler, ele ascendeu rapidamente ao cargo de “Marechal do Ar”, bem como aos de “Mestre da Caça” e “Mestre das Florestas Alemãs”. Mais do que um mero caçador voraz — certa vez, mandou que lhe enviassem de avião para a França um veado de sua propriedade rural, para poder persegui-lo e matá-lo —, Göring identificava a caça com a vida no castelo de sua meninice, e sonhava devolver à Alemanha sua grandeza perdida (“Nossa hora tornará a chegar!”, proclamava). Passava os fins de semana em florestas e, aproveitando qualquer pretexto para combinar a política e a caça, oferecia banquetes suntuosos ao promover caçadas. Hitler não caçava, embora muitas vezes usasse trajes de caçador, especialmente em seu chalé nos Alpes, como se, a qualquer momento, pudesse soltar um falcão ou pular numa sela e perseguir um veado com uma galhada em forma de candelabro. Fascinado pela caça ao javali, Göring dava grande valor a uma lança de 1,30m, feita por encomenda, com uma lâmina de aço em forma de folha, punho de mogno escuro e um cabo de aço com duas esferas ocas e rugosas, que chacoalhavam para assustar a presa, fazendo-a sair da vegetação rasteira. Göring fez dezenas de caçadas com amigos, dignitários estrangeiros e membros do alto-comando alemão, entre meados da década de 1930 e o final de 1943, e os documentos mostram que, mesmo em janeiro e fevereiro de 1943, enquanto a Alemanha perdia a guerra na frente russa, Göring estava em seu castelo, caçando javalis e cervos-reais prussianos em Rominten. (Durante esse mesmo período, ele também introduziu aulas de dança de salão para oficiais da Luftwaffe.)

## Capítulo 9

Tantos livros excelentes foram escritos sobre a vida cotidiana no Gueto, as capturas de judeus e os horrores dos campos de extermínio, que não me detenho neles. Um relato particularmente vivido do Levante do Gueto de Varsóvia que me vem à lembrança é *A Fragment of the Diary of the Rubbish Men*, de Leon Najberg, que lutou ao lado dos soldados armados que ficaram para trás, em meio às ruínas, até o fim de setembro.

**Livro de Registro do Bisão-europeu (clique aqui):** esse registro continua a ser o único até hoje, embora atualmente seja editado na Polónia. Não se mantém nenhuma informação sobre o *pedigree* do bisão selvagem, no qual os guardas florestais simplesmente ficam de olho, fazendo sua contagem. Para boas discussões sobre o assunto, ver Piotr Daszkiewicz e Jean Aikhenbaum. *Aurochs, le retour... d'une supercherie nazie*. Paris: HSTES, 1999; e Frank Fox. “Zagrozone gatunki: Żydzi i żubry” [Espécies ameaçadas: judeus e búfalos]. In *Zwoje*, 29 de janeiro de 2002.

**“Muita gente tem me perguntado isso” (clique aqui):** Heck, *Animals*, p. 89.

## Capítulo 10

**qualquer doença que mate um animal ameaça acabar com todos os outros (clique aqui):** essa maldição das espécies muito uniformes também se aplica a nossas vacas leiteiras, que hoje quase são clones umas das outras; uma doença que mate uma é capaz de matar todas.

**Um estudo de 2006 sobre o DNA mitocondrial (clique aqui):** “The Matrilineal Ancestry of Ashkenazi Jewry: Portrait of a Recent Founder Event”, de Doron M. Behar, Ene Metspalu, Toomas Kivisild, Alessandro Achilli, Yarin Hadid, Shay Tzur, Luísa Pereira, António Amorim, Luís Quintana-Murci, Kari Majamaa, Corinna Herrnstadt, Neil Howell, Oleg Balanovsky, Ildus Kutuev, Andrey Pshenichnov, David Gurwitz, Batsheva Bonne-Tamir, Antonio Torroni, Richard Villems e Karl Skorecki. *American Journal of Human Genetics*, março de 2006.

**alguns dizem ter sido um homem, outros, uma mulher (clique aqui):** essa pessoa não vivia inteiramente sozinha no planeta; trata-se apenas de que a prole de nenhuma outra sobreviveu.

**“O crime da Alemanha é o maior que o mundo já conheceu” (clique aqui):** Pierre Lecomte du Noüy. *La Dignité humaine*, 1944.

**servia à Resistência, cuja base no distrito de Praga, nessa época, chegava a noventa pelotões com seis mil soldados (clique aqui):** Norman Davies. *Rising '44: The Battle for Warsaw*. Londres: Pan Books, 2003, p. 183.

## Capítulo 11

**Hitler dera ordens a seus soldados (clique aqui):** de uma transcrição lida no julgamento de Nuremberg, relatada em “The Fallen Eagles”, *Time*, 3 de dezembro de 1945.

**todos os poloneses eram passíveis de punição (clique aqui):** De sua população de 36 milhões de habitantes, antes da guerra, a Polônia perdeu 22 por cento, mais do que qualquer outro país da Europa. Depois da guerra, a Yad Vashem, em Jerusalém — Autarquia Nacional para a Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto —, detalhou parte dos suplícios da Polônia cristã, informando que, além dos seis milhões de judeus mortos, três milhões de católicos perderam a vida, “mas, o que é ainda pior, o país perdeu especialmente suas classes instruídas, seus jovens e qualquer elemento que, no futuro, pudesse opor-se a um ou outro dos dois regimes totalitários. (...) Segundo o plano alemão, os poloneses deveriam tornar-se um povo sem instrução, escravo dos senhores alemães”.

## Capítulo 12

**“clamor tenso e constante” (clique aqui):** Michał Grynberg (org.). *Words to Outlive Us: Eyewitness Accounts from the Warsaw Ghetto*. Londres: Granta Books, 2003, p. 46.

Em certa ocasião, Himmler pediu a Werner Heisenberg que criasse um instituto para estudar as estrelas glaciais, porque, segundo a cosmologia da *Welteislehre* [teoria do mundo gelado, ou do gelo cósmico], baseada nas observações do austríaco Hanns Hörbiger (autor de *Glazial-Kosmogonie* [1913]), a maioria dos corpos do sistema solar, inclusive nossa Lua, compunha-se de *icebergs* gigantescos. Como engenheiro de refrigeração, Hörbiger estava convencido disso, em função do brilho da Lua e dos planetas à noite, e também da mitologia nórdica, segundo a qual o sistema solar teria emergido de uma colisão gigantesca entre o fogo e o gelo, saindo este último vitorioso. Hörbiger morreu em 1931, mas sua teoria popularizou-se entre os cientistas nazistas, e Hitler jurava que os invernos inusitadamente frios da década de 1940 comprovavam a realidade da *Welteislehre*. Nicholas Goodrick-Clarke, em *The Occult Roots of Nazism*, explorou a influência de lunáticos do magnetismo como Karl Maria Wiligut, o “Mago Particular de Heinrich Himmler”, cujas doutrinas influenciaram a ideologia, a lógica e as cerimônias das SS, bem como a imagem de seus membros como modernos Cavaleiros Templários e matéria-prima para a futura reprodução da utopia ariana que viria. Com esse objetivo, Himmler fundou o Ahnenerbe, um instituto para o estudo da pré-história, da arqueologia e da raça alemãs, cuja equipe usava uniformes das SS. Himmler também adquiriu o castelo de Wewelsburg, na Vestfália, a ser imediatamente usado para a educação e as cerimônias pseudo-religiosas das SS, e remodelado num futuro projeto muito mais ambicioso: “a criação de um Vaticano das SS, em escala gigantesca, no centro do milenar Grande Reich Germânico”.

**“Em Varsóvia, o Gueto já não passava de uma forma organizada de morte” (clique aqui):** Michael Mazor. *The Vanished City: Everyday Life in the Warsaw Ghetto*. Nova York: Marsilio Publishers, 1993, p. 19.

**“a simples menção de uma ameaça” (clique aqui):** Grynberg. *Words to Outlive Us*, p. 46-47.

## Capítulo 14

**“apenas para facilitar as suas investigações [e] informá-los do que pensamos de vocês” (clique aqui):** *After Karski*, p. 267, citado em Davies, *Rising '44*, p. 185.

## Capítulo 15

**Danglu Leist, o presidente alemão de Varsóvia (clique aqui):** o presidente equivalia ao prefeito de uma cidade.

**qualquer pretexto para visitar os amigos, “para manter seu moral elevado e entrar clandestinamente com comida e notícias” (clique aqui):** ver Rostal, “In the Cage of the Pheasant”.

**“período de repressão política, censura e violação das liberdades pessoais” (clique aqui):** Milton Cross. *Encyclopedia of the Great Composers and Their Music*. Doubleday, 1962, p. 560-561.

**Superintendência do Trabalho do Gueto de Varsóvia (clique aqui):** os trabalhadores deportados para a Alemanha pela Arbeitsamt tinham que usar um *P* roxo na manga, e seus interesses religiosos e culturais lhes eram negados, assim como o transporte público. As relações sexuais com alemães eram puníveis com a morte. (Davies, *Rising '44*, p. 106.)

**“quando ele viu os lindos besouros e borboletas, esqueceu-se do resto do mundo” (clique aqui):** *Polacy z pomocą Żydom* [Poloneses ajudam poloneses]. 2. ed. Cracóvia: Wydawnictwo Znak, 1969, p. 39-45.

**“A criação, a existência e a destruição do Gueto” (clique aqui):** Philip Boehm, introdução de Grynberg, *Words to Outlive Us*, p. 3.

**“Frankenstein era um homem baixo, com pernas de touro e aparência repulsiva” (clique aqui):** Jack Klajman, com a colaboração de Ed Klajman. *Out of the Ghetto*. Londres: Vallentine Mitchell, 2000, p. 21-22.

## Capítulo 16

**“Tive vontade de dizer ao Jan: ‘Vamos sair correndo.’” (clique aqui):** Lonia Tenenbaum. In *Polacy z pomocą Żydom* [Poloneses ajudam poloneses].

**aproximadamente metade da coleção completa, que Jan disse a um jornalista que chegava a quatrocentas caixas (clique aqui):** Jan E. Rostal. “In the Cage of the Pheasant”. *Nowiny i Courier*, 1º de outubro de 1965.

## Capítulo 17

**“doutrina do sangue e da terra” (clique aqui):** Karl Friederichs, citado em Deichmann, *Biologists Under Hitler*, p. 160.



**Epidemics Resulting from Wars (clique aqui):** Friedrich Prinzing. *Epidemics Resulting from Wars*. Oxford: Clarendon Press, 1916.

**“O anti-semitismo é exatamente igual ao despiolhamento” (clique aqui):** discurso aos oficiais das SS, 24 de abril de 1943, Cracóvia, Ucrânia; reproduzido em United States Office of Chief of Counsel for the Prosecution of Axis Criminality [Escritório da Promotoria dos Estados Unidos sobre a Criminalidade dos Países do Eixo].

*Nazi Conspiracy and Aggression*. Washington, D.C.: United States Government Printing Office, 1946, v. 4, p. 572-578, 574.

**o lema “JUDEUS — PIOLHO — TIFO” (clique aqui):** informação de Ludwig Fischer, citada em Gutman. *Resistance*, p. 89.

**foi “tomado pelo desejo de não ter rosto” (clique aqui):** Hannah Krall, *Shielding the Flame: An Intimate Conversation with Dr. Marek Edelman, the Last Surviving Leader of the Warsaw Ghetto Uprising*. Nova York: Henry Holt, 1977, p. 15.

**“depois que os três cavaleiros do Apocalipse” (clique aqui):** Stefan Ernest, citado em Grynberg. *Words to Outlive Us*, p. 45.

**“Ao comer e beber” (clique aqui):** Alexander Susskind, citado em Daniel C. Matt (org.). *The Essential Kabbalah: The Heart of Jewish Mysticism*. São Francisco: HarperCollins, 1995, p. 71.

**“Ouve-se a voz [do Ensino]” (clique aqui):** Nehemia Polen. *The Holy Fire: The Teachings of Rabbi Kalonymus Kalman Shapira, the Rebbe of the Warsaw Ghetto*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1994, p. 163.

**Como escreveu um habitante do Gueto (clique aqui):** Marek Edelman em Krall, *Shielding the Flame*. Depois da guerra, Edelman tornou-se cardiologista e comentou que, “quando se conhece a morte tão bem, tem-se uma responsabilidade maior pela vida”.

## Capítulo 18

**“a personalidade dos animais se desenvolve...” (clique aqui):** entrevista feita depois da guerra por Danka Harnish, em Israel, com a Lorraine and Jack N. Friedman Commission for Jewish Education [Comissão Lorraine e Jack N. Friedman em Prol da Educação Judaica], West Palm Beach, Flórida, abril de 2006.

**“Composta de 28 mil judeus...” (clique aqui):** Gunnar S. Paulsson. *Secret City: The Hidden Jews of Warsaw, 1940-1945*, New Haven, CT: Yale University Press, 2002, p. 5.

**“Os moradores visitavam uns aos outros” (clique aqui):** Alicja Kaczyńska. *Obok piekła*. Gdańsk: Marpress, 1993, p. 48; citado em Paulsson. *Secret City*, p. 109-110.

## Capítulo 20

**“Titio está planejando (Deus nos guarde) realizar o casamento” (clique aqui):** de Ruta Sakowska (org.). *Listy o Zagladzie* [Cartas sobre o extermínio]. Varsóvia: PWN, 1997. Jenny Robertson, *Don't Go to Uncle's Wedding: Voices from the Warsaw Ghetto*. Londres: Azure, 2000.

**“bairro dos amaldiçoados” (clique aqui):** Janusz Korczak. *Ghetto Diary*. New Haven, CT: Yale University Press, 2003, p. x.

**“aderências, dores, rupturas e cicatrizes” (clique aqui):** *Ghetto Diary*, p. 9.

**“Obrigado, Senhor Misericordioso” (clique aqui):** *Ghetto Diary*, p. 8.

**“Quando eu mesmo recolho a louça” (clique aqui):** *Ghetto Diary*, p. 107.

**cujas almas puras possibilitam a salvação do mundo (clique aqui):** Betty Jean Lifton, introdução a *Ghetto Diary*, p. vii.

## Capítulo 21

**“As pessoas do Zegota não eram apenas idealistas, mas militantes, e os militantes, por natureza, são pessoas que conhecem pessoas.” (clique aqui):** Irene Tomaszewski e Tecia Werbowski. *Zegota: The Rescue of Jews in Wartime Poland*. Montreal, Canadá: Price-Patterson Ltd., 1994.

**Ainda assim, 70 mil a 90 mil pessoas em Varsóvia (clique aqui):** extraído de Gunnar S. Paulsson. *Secret City: The Hidden Jews of Warsaw 1940-1945*. New Haven, CT: Yale University Press, 2002, p. 163.

**um pote gigantesco que, em certa época, Jan tinha usado num estudo sobre baratas (clique aqui):** Jan Żabiński. “The Growth of Blackbeetles and of Cockroaches on Artificial and on Incomplete Diets”. *Journal of Experimental Biology*. Cambridge, Reino Unido: Company of Biologists, v. 6 (1929), p. 360-386.

## Capítulo 23

**Surpreendentemente, o tosco serviço telefônico continuou a funcionar (clique aqui):** Emanuel Ringelblum. *Polish-Jewish Relations During the Second World War*. Nova York: Howard Fertig, 1976, p. 89-91.

**“uma casca ou uma carapaça que cresceu em torno de uma centelha de santidade, mascarando sua luz” (clique aqui):** Michael Wex. *Born to Kvetch: Yiddish Language and Culture in All of Its Moods*. Nova York: St. Martin's Press, 2005, p. 93.

**aqueles famosas maldições em iídiche (...) “Que você urine vermes verdes!” (clique aqui):** Wex, *Born to Kvetch*, p. 117, 132, 137.

**“Aqui reina uma depressão terrível” (clique aqui):** Judit Ringelblum. *Beit Lohamei ha-Getaot*. Haifa, Israel: Berman Archives, citado em Paulsson, *Secret City*, p. 121.

#### Capítulo 24

**“Por ele eu faria qualquer coisa”, disse a um amigo, certa vez. “Acredite, se Hitler me dissesse para fuzilar minha mãe, eu o faria e me sentiria orgulhoso por sua confiança.” (clique aqui):** Otto Strasser. *Mein Kampf*. Frankfurt am Main: Heinrich Heine Verlag, 1969, p. 35.

**“Ali perto, do outro lado do muro, a vida corria como de hábito” (clique aqui):** Cywia Lubetkin. *Extermination and Uprising*. Varsóvia: Instituto Histórico Judaico, 1999, citado em Robertson, *Don't Go to Uncle's Wedding*, p. 93.

**“os alemães retiraram, assassinaram ou queimaram vivos dezenas de milhares de judeus” (clique aqui):** Stefan Korboński. *Fighting Warsaw: The Story of the Polish Underground State, 1939-1945*. Nova York: Hippocrene Books, 2004, p. 261.

#### Capítulo 25

**“Lá eu vi uma dúzia de senhoras seminuas” (clique aqui):** Do relato feito por Władysław Smólski. In Władysław Barloszewski e Zofia Lewin (orgs.). *Righteous Among Nations: How Poles Helped the Jews, 1939-1945*. Londres: Earls Court Publications Ltd., 1969, p. 255-259.

**operavam homens poloneses para restaurar seu prepúcio (clique aqui):** Schultheiss, Dirk, M.D., et al. “Uncircumcision: A Historical Review of Preputial Restoration”. In *Plastic and Reconstructive Surgery*, v. 101, nº 7 (junho de 1998), p. 1990-1998.

**“O sofrimento apoderou-se de mim como um feitiço” (clique aqui):** reminiscência pessoal depositada no Instituto Histórico Judaico depois da Segunda Guerra Mundial, e publicada em *Righteous Among Nations*, p. 258.

#### Capítulo 27

**“...o Homem, receptor e transmissor sensível” (clique aqui):** Goodrick-Clark. *The Occult Roots of Nazism*, p. 161.

#### Capítulo 28

**“São os perigos imaginários, [a] suposta observação pelo vizinho, porteiro, gerente ou transeunte na rua” (clique aqui):** Ringelblum, *Polish-Jewish Relations*, p. 101.

**“Um quadro caindo da parede” (clique aqui):** Sophie Hodorowicz Knab. *Polish Customs, Traditions, and Folklore*. Nova York: Hippocrene Books, 1996, p. 259.

**peças “que andam em areia movediça” (clique aqui):** Janina em *Righteous Among Nations*, p. 502.

**“Tenho sorte... posso fazer maravilhas” (clique aqui):** Rachela “Aniela” Auerbach, depoimento no pós-guerra incluído em *Righteous Among Nations*, p. 491.

**“a eterna protetora dos oprimidos” (clique aqui):** Basia em *Righteous Among Nations*, p. 498.

**Numa entrevista concedida no pós-guerra ao *White Eagle-Mermaid* de Londres (clique aqui):** 2 de maio de 1963.

### Capítulo 29

**“Quando guardo silêncio sobre meu segredo” (clique aqui):** Arthur Schopenhauer. *Parerga and Paralipomena*. Nova York: Oxford University Press, 2000, v. 1, p. 466 (cap. 5, “Counsels and Maxims”).

### Capítulo 30

**um bombardeio concentrado sobre as cidades alemãs, inclusive Dresden (clique aqui):** na tempestade de fogo que se seguiu, a contagem das vítimas tornou-se impossível, mas hoje se estima que 35 mil pessoas tenham perecido em Dresden. Os manuscritos raros do compositor setecentista italiano Tomaso Albinoni, cujo Adágio em Sol Menor tornou-se sinônimo de tristeza, também desapareceram nas chamas.

**numa cultura das mais supersticiosas (clique aqui):** muitos poloneses acreditavam em sinais e na feitiçaria. Houve época em que era comum os varsovianos lerem a sorte nas cartas (de baralhos comuns, não de tarô) ou preverem o futuro, especialmente o casamento, derretendo cera numa colher e derramando-a lentamente numa tigela com água fria. A forma assumida pela cera supostamente revelava o destino — uma forma de martelo ou capacete dizia, sobre os meninos, que eles logo se tornariam soldados, e sobre as meninas, que elas se casariam com ferreiros ou com militares. Se uma moça pingasse a cera e obtivesse uma forma parecida com um armário ou outro móvel, ela se casaria com um carpinteiro; se a forma se assemelhasse mais ao trigo ou a uma carroça, ela se casaria com um lavrador. Um violino ou uma corneta significava que a pessoa se tornaria musicista.

De acordo com o folclore polonês, a Morte aparece diante dos seres humanos como uma anciã de mortalha branca que segura uma foice, e os cães conseguem detectá-la facilmente. Por isso, pode-se vislumbrar a morte “pisando na cauda de um cachorro e olhando entre suas orelhas”.

### Capítulo 31

**“Os bondes estavam repletos de garotos” (clique aqui):** Stefan Korboński. *Fighting Warsaw: The Story of the Polish Underground State, 1939-1945*. Nova York: Hippocrene Books, 2004, p. 352.

**“Jamais esquecerei aquele som” (clique aqui):** Jacek Fedorowicz, citado em Davies, *Rising '44*, p. 360-361.

**uma gangue de soldados russos (clique aqui):** os soldados russos de olhar desvairado, conhecidos como “Wlasowcy”, eram os do general Wlasow, que colaborava com o Terceiro Reich.

#### Capítulo 32

**“nas cercas de todas as estações” (clique aqui):** Korboński, *Fighting Warsaw*, p. 406.

#### Capítulo 34

**As legendas das fotos dizem: “cidade morta”, “deserto de ruínas”, “montanhas de escombros” (clique aqui):** fotografias de arquivo reproduzidas em Davies, *Rising '44*.

#### Capítulo 35

**“meio milhão, no máximo” (clique aqui):** Joseph Tenenbaum. *In Search of a Lost People: The Old and New Poland*. Nova York: Beechhurst Press, 1948, p. 297-298.

**“Qualquer um que se atrevesse a enaltecer a independência de antes da guerra” (clique aqui):** Davies, *Rising '44*, p. 511.

**“Só cumpri o meu dever” (clique aqui):** Rostal, “In the Cage of the Pheasant”.

#### Capítulo 36

**“pequeno estorninho verde-iridescente e lustroso” (clique aqui):** Heck, *Animals*, p. 61.

**“o que os franceses chamam de *polémique*” (clique aqui):** Herman Reichenbach. *International Zoo News*, v. 50/6, nº 327 (setembro de 2003).

**“algumas [pedras] no tom rosa pálido da pele humana, outras douradas, umas azul-acinzentadas, todas planas” (clique aqui):** Bruno Schulz. *The Street of Crocodiles*. Nova York: Penguin Books, 1977, p. 27-28.

Em 2003, *Galinha*, uma escultura de Magdalena Gross, foi leiloadada pela Fundação Piasecki para ajudar a levantar fundos para as pesquisas sobre o autismo na Polônia.

## Bibliografia

- ALY, Götz; CHROUST, Peter; PROSS, Christian. *Cleansing the Fatherland: Nazi Medicine and Racial Hygiene*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1994.
- BARTOSZEWSKI, Wladyslaw; LEWIN, Zofia (orgs.). *Righteous Among Nations: How Poles Helped the Jews, 1939-1945*. Londres: Earls Court Publications Ltd., 1969.
- BEEBE, C. William. *The Bird: Its Form and Function*. Fotografias de Beebe, Nova York: Henry Holt, 1906.
- BLOCK, Gay; DRUCKER, Malka. *Rescuers: Portraits of Moral Courage in the Holocaust*. Prólogo de Cynthia Ozick, ed. revista, Nova York: TV Books, 1998.
- CALASSO, Roberto. *The Marriage of Cadmus and Harmony*. Nova York: Vintage Books, 1994.
- COOPER, David A., rabino. *God Is a Verb: Kabbalah and the Practice of Mystical Judaism*. Nova York: Riverhead Books, 1998.
- CORNWELL, John. *Hitler's Scientists: Science, War, and the Devil's Pact*. Nova York: Penguin Books, 2004.
- DAVIES, Norman. *God's Playground: A History of Poland, v. 1, The Origins to 1795*. Nova York: Oxford University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Heart of Europe: The Past in Poland's Present*. Nova York: Oxford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Rising '44: The Battle for Warsaw*. Londres: Pan Books, 2004.
- DAVIS, Avram. *The Way of Flame: A Guide to the Forgotten Mystical Tradition of Jewish Meditation*. Nova York: HarperCollins, 1996.
- DEICHMANN, Ute. *Biologists Under Hitler*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1996.
- Discurso aos oficiais das SS, 24 de abril de 1943, Cracóvia, Ucrânia, reproduzido em United States Office of Chief of Counsel for the Prosecution of Axis Criminality [Escritório da Promotoria dos Estados Unidos sobre a Criminalidade dos Países do Eixo], *Nazi Conspiracy and Aggression*. Washington: United States Government Printing Office, 1946, v. 4, p. 572-578, 574.
- FICOWSKI, Jerzy (org.). *Letters and Drawings of Bruno Schulz: With Selected Prose*. Nova York: Harper & Row, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Regions of the Great Heresy: Bruno Schultz, a Biographical Portrait*. Nova York: W.W. Norton, 2003.
- FOGELMAN, Eva. *Conscience and Courage: Rescuers of Jews During the Holocaust*. Nova York: Anchor Books, 1994.
- FOX, Frank. "Zagrożone gatunki: Żydzi i żubry" [Espécies ameaçadas: judeus e búfalos]. *Zwoje*, 29 de janeiro de 2002.
- GLASS, James M. "Life Unworthy of Life": Racial Phobia and Mass Murder in Hitler's Germany. Nova York: Basic Books, 1997.
- GOODRICK-CLARK, Nicholas. *The Occult Roots of Nazism: Secret Aryan Cults and Their Influence on Nazi Ideology*. Nova York: New York University Press, 2004.
- GREENFIELD, Amy Butler. *A Perfect Red: Empire, Espionage, and the Quest for the Color of Desire*. Nova York: HarperCollins, 2005.
- GRYNBERG, Michal (org.). *Words to Outlive Us: Eyewitness Accounts from the Warsaw Ghetto*. Londres: Granta Books, 2003.
- GUTMAN, Israel. *Resistance: The Warsaw Ghetto Uprising*. Nova York: Houghton Mifflin, 1994.
- HALE, Christopher. *Himmler's Crusade: The Nazi Expedition to Find the Origins of the Aryan Race*. Hoboken, NJ: Wiley, 2003.
- HECK, Lutz. *Animals — My Adventure*. Londres: Methuen, 1954.
- HESTON, Leonard L.; HESTON, Renate. *The Medical Casebook of Adolf Hitler: His Illnesses, Doctors and Drugs*. Londres: William Kimber, 1979.
- HOFFMAN, Eva. *Lost in Translation: A Life in a New Language*. Nova York: Penguin Books, 1990.

- IRANEK-OSMECKI, Kazimierz. *He Who Saves One Life*. Prefácio de Joseph Lichten. Nova York: Crown, 1971.
- KATER, Michael. *Doctors Under Hitler*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1989.
- KISLING, Vernon; ELLIS, James. *Zoo and Aquarium History: Ancient Animal Collections to Zoological Gardens*. Boca Raton, FL: CRC Press, 2001.
- KITCHEN, Martin. *Nazi Germany at War*. Nova York: Longman Publishing, 1995.
- KLAJMAN, Jack; KLAJMAN, Ed. *Out of the Ghetto*. Londres: Vallentine Mitchell, 2000.
- KNAB, Sophie Hodorowicz. *Polish Customs, Traditions, and Folklore*. Nova York: Hippocrene Books, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Polish Herbs, Flowers & Folk Medicine*. Ed. revista. Nova York: Hippocrene Books, 1999.
- KORBONSKI, Stefan. *Fighting Warsaw: The Story of the Polish Underground State, 1939-1945*. Nova York: Hippocrene Books, 2004.
- KORCZAK, Janusz. *Ghetto Diary*. Introdução de Betty Jean Lifton. New Haven, CT: Yale University Press, 2003.
- KRALL, Hanna. *Shielding the Flame: An Intimate Conversation with Dr. Marek Edelman, the Last Surviving Leader of the Warsaw Ghetto Uprising*. Nova York: Henry Holt, 1986.
- KÜHL, Stefan. *The Nazi Connection: Eugenics, American Racism, and German National Socialism*. Nova York: Oxford University Press, 1994 (*Times Literary Supplement*, 5 de agosto de 1994).
- LEMNIS, Maria; VITRY, Henryk. *Old Polish Traditions: In the Kitchen and at the Table*. Nova York: Hippocrene Books, 2005.
- LIFTON, Robert J. *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*. Nova York: Basic Books, 1986 (*New York Times Book Review*, 25 de setembro de 1986).
- LORENZ, Konrad. "Durch Domestikation verursachte Störungen artewigenen Verhaltens". In *Zeitschrift für angewandte Psychologie und Charakterkunde*, 1940, v. 59, p. 2-81.
- MACRAKIS, Kristie. *Surviving the Swastika: Scientific Research in Nazi Germany*. Nova York: Oxford University Press, 1993.
- MATALON LAGNADO, LUCETTE; COHN DEKEL, SHEILA. *Children of the Flames: Dr. Josef Mengele and the Untold Story of the Twins of Auschwitz*. Nova York: William Morrow, 1991.
- MAZOR, Michel. *The Vanished City: Everyday Life in the Warsaw Ghetto*. Nova York: Marsilio Publishers, 1993.
- MIŁOŚZ, Czesław (org.). *Postwar Polish Poetry*. 3. ed. Berkeley, CA: University of California Press, 1983.
- OLINER, Samuel P.; OLINER, Pearl. *The Altruistic Personality: Rescuers of Jews in Nazi Europe*. Nova York: Free Press, 1988 (*New York Times Book Review*, 4 de setembro de 1988).
- PAULSSON, Gunnar S. *Secret City: The Hidden Jews of Warsaw, 1940-1945*. New Haven, CT: Yale University Press, 2002.
- POLEN, Nehemia. *The Holy Fire: The Teachings of Rabbi Kalonymus Kalman Shapira, the Rebbe of the Warsaw Ghetto*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1994.
- PROCTOR, Robert. *Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1988 (*New York Times Book Review*, 21 de agosto de 1988).
- READ, Anthony. *The Devil's Disciples: Hitler's Inner Circle*. Nova York: W.W. Norton, 2005.
- ROBERTSON, Jenny. *Don't Go to Uncle's Wedding: Voices from the Warsaw Ghetto*. Londres: Azure, 2000.
- ROSTAL, Jan E. "In the Cage of the Pheasant". *Nowiny i Courier*, 1º de outubro de 1965.
- SCHULZ, Bruno. *The Street of Crocodiles*. Nova York: Penguin Books, 1977.
- SLIWOWSKA, Wiktoria (org.). *The Last Eyewitnesses: Children of the Holocaust Speak*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2000.
- STYCZNSKI, Jan. *Zoo in Camera*. Londres: Murrays Sales and Service Co., s.d.
- SZYMBORSKA, Wisława. *Miracle Fair: Selected Poems of Wisława Szymborska*. Nova York: W.W. Norton, 2001.
- TEC, Nechama. *When Light Pierced the Darkness: Christian Rescue of Jews in Nazi-Occupied Poland*. Nova York: Oxford University Press, 1986.
- TENENBAUM, Joseph. *In Search of a Lost People: The Old and New Poland*. Nova York: Beechhurst Press, 1948.
- TOMASZEWSKI, Irene; WERBOWSKI, Teczka. *Zegota: The Rescue of Jews in Wartime Poland*. Montreal: Price-Patterson Ltd., 1994.
- ULRICH, Andreas. "Hitler's Drugged Soldiers". *Spiegel on-line*, 6 de maio de 2005.
- WEX, Michael. *Born to Kvetch: Yiddish Language and Culture in All of Its Moods*. Nova York: St. Martin's Press, 2005.
- WIEDENSAUL, Scott. *The Ghost with Trembling Wings: Science, Wishful Thinking, and the Search for Lost Species*. Nova York: North Point Press, 2002.
- WIESEL, Elie. *After the Darkness: Reflections on the Holocaust*. Nova York: Schocken Books, 2002.
- ŻABIŃSKA, Antonina. *Ludzie i zwierzęta* [Pessoas e animais]. Varsóvia: Czytelnik, 1968.
- \_\_\_\_\_. "Rysie", em *Nasz dom w ZOO* [Nossa casa no zoológico]. Varsóvia: Czytelnik, 1970.
- ŻABIŃSKI, Jan. "Relacja..." [Relatório... uma reminiscência pessoal do dr. Jan Żabiński depositada no Instituto Histórico Judaico depois da Segunda Guerra Mundial], nº 5704, s.d. Reproduzido no

*Biuletyn Żydowskiego Instytutu Historycznego w Polsce* (Warszawa), 1968, nr 5, p. 65-66.  
ZALOGA, Steven J. *Poland 1939: The Birth of Blitzkrieg*. Oxford: Osprey Publishing, 2002.  
ZAMOYSKI, Adam. *The Polish Way: A Thousand Year History of the Poles and Their Culture*. Nova York: Hippocrene Books, 2004.



DIRETOR EDITORIAL  
*Omar de Souza*

EDITORA  
*Clarissa Melo*

REVISÃO DE TRADUÇÃO  
*Hugo Langone*

REVISÃO  
*Guilherme Semionato*  
*Lucas Nunes*  
*Ana Peicher*

DIAGRAMAÇÃO E CAPA  
*Desenho Editorial*

PRODUÇÃO DO EBOOK  
*Ranna Studio*